

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Andréa da Silva Vilanova

Um corpo se escreve: do traço à trama

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da PUC-Rio como parte dos requisitos parciais para obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica.

Orientador: Prof. Marcus André Vieira

Rio de Janeiro

Junho de 2013



Andréa da Silva Vilanova

Um corpo se escreve: do traço à trama

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Marcus André Vieira

Orientador

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Ana Maria de Toledo Piza Rudge

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Nuria Malajovich Munoz

Universidade Federal Fluminense - UFF

Prof. Domenico Cosenza

Università di Pavia - Itália

Prof. Roberto de Assis Ferreira

Departamento de Pediatria - UFMG

Profa. Denise Berruezo Portinari

Coordenadora Setorial de Pós-Graduação
e Pesquisa do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 14 de junho de 2013.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da autora, do orientador e da universidade.

Andréa da Silva Vilanova

Graduada em psicologia pela Federação das Faculdades Celso Lisboa. Residência em Psicologia Clínico - Hospitalar, Hospital Universitário Pedro Ernesto/ UERJ. Residência em Reabilitação Psicossocial - Instituto Philippe Pinel - SMS. Mestrado em Ciências da Saúde, área de concentração - Psicanálise, Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro IPUB - UFRJ. Doutorado em Psicologia Clínica PUC - Rio. Experiência em saúde mental, prática hospitalar, ambulatorial. Docente e supervisora do Curso de Especialização em Clínica Psicanalítica IPUB/UFRJ. Atualmente investiga, a partir da abordagem psicanalítica orientada por Freud e Lacan, a experiência do corpo na clínica contemporânea, com ênfase nas anorexias e bulimias, além dos fenômenos psicossomáticos.

Ficha Catalográfica

Vianna, Alexandra de Gouvêa

As toxicomanias na clínica psicanalítica / Alexandra de Gouvêa Vianna; orientador: Marcus André Vieira. – 2013.

241 f. ; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2013.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Sujeito. 3. Corpo. 4. Objeto a. 5. Gozo. 6. Letra. 7. Reiteração e escrita. I. Vieira, Marcus André. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Ao Davi, que renova em mim o mistério do saber do corpo,
com a poesia dos olhos que vêem o mundo pela primeira vez.

Agradecimentos

Ao Marcus André Vieira pelas marcas que sua transmissão continua deixando em minha formação. E pelo acolhimento desta escrita que virou tese, sob sua orientação.

À Escola Brasileira de Psicanálise do Campo Freudiano, especialmente à Seção Rio da Escola Brasileira de Psicanálise, pelo encontro com a orientação lacaniana que dá a direção do meu percurso ao longo de todos esses anos.

A Stella Jimenez, pelo que se escreve na vida através da análise.

À *Comunità La Vela* – equipe, pacientes e especialmente ao Prof. Domenico Cosenza – pela generosidade com que me acolheram e permitiram uma aproximação em sua experiência, com o que não se compartilha, mas se transmite.

Ao Carlo Viganò [*in memoriam*] pelas preciosas indicações de leitura e pelas perguntas que não esperaram resposta.

Ao *Istituto Freudiano della Scuola Lacaniana di Psicoanalisi* de Milão, por acolher minha inscrição e pelo acesso aos seus grupos de trabalho.

À Direção do IPUB, pela aposta decidida da Prof. Maria Tavares que carimbou meu passaporte para a Itália e à Prof. Ana Cristina Figueiredo, diretora de ensino, amiga querida, convicta do valor da psicanálise aplicada ao trabalho nas instituições, pelo convite ao trabalho que se renova há tantos anos junto ao Curso de Especialização em Clínica Psicanalítica.

Ao IPUB, que se encarna sem cessar em novos laços, novas inquietações, novas demandas, novos sorrisos e novos sofrimentos, reiterando o convite ao trabalho.

À PUC – Rio pelos novos encontros, pelo acolhimento do Departamento de Psicologia aos meus projetos vinculados à trajetória do doutorado. E também à Marcelina, pela gentileza e pela paciência.

Aos meus amigos, pelo que cada um me oferece. Sei que saberão se reconhecer.

Aos que se arriscam

E aos que moderam

Aos que têm medo

E se espantam

Aos que mudam de rota

Que pausam

Aos que preferem poesia

E que enxugam o pranto

Aos que tem preguiça.

Aos que tocam

Cantam

Dançam

Pintam

E bordam

A Maria Clara que me recebeu na sua vida e que tanto me ensina.

A Ana Maria e Lilian que me mostram como é possível conectar-se, fazendo vibrar a magia da vida atravessada pelo segredo da morte.

A Cristina Bezerril, amiga de infância, pelo auxílio luxuoso de um pandeiro.

A Cristina Frederico, amiga de fé, pela parceira na construção do cotidiano na instituição e fora dela, pelos murinhos que ainda atravessaremos, ou sobre os quais voaremos.

Núria Malajovich, amiga querida e leitora crítica, por acolher com entusiasmo o meu texto.

A Ivone Segade, irmã que a vida me deu, pela retaguarda e pelo que ainda está por se escrever.

A Daniela Bursztyn, querida amiga, por abrir as portas de sua casa em Milão e estimular com seu entusiasmo meus planos de viagem de formação.

A Irene, Isadora e Florzinha, pelo pouso no meu retorno, pelo repouso, pela generosidade, pela companhia e pelo carinho, pela justa medida que me permitiu

fazer sua casa também minha e, então, encontrar serenidade para o trabalho de escrita.

A Costanza Lunare por me ajudar a abrir minha porta de entrada na língua que tão longe me levou na minha própria língua e por tudo mais, outras portas, outras línguas.

A Tatiane Grova a quem confiei cegamente a revisão da tese, por acolher o produto de uma escrita livre, alienada. Mas, um tanto insubmissa às regras da ABNT.

A Vania Gomes, Magda Delecave, Aline Vilanova, Gilbert Souza e Simone Ravizzini, pelo que cada uma me ofereceu neste caminho da preparação da tese.

À velha guarda – Selma, Ana Maria, Ana Paula, Marcelo, José Luiz e Solange –, também aos novos velhos integrantes, Natarelli e Denise, pela fé na taba.

A minha mãe, Celina, aos meus irmãos, André Luiz e Aline e a minha primeira sobrinha, Rebeca. Por me acompanharem de perto e de longe, temperando com o aconchego e a lembrança de seu fuzuê, minhas andanças. A toda minha família, pelo carinho.

A te che mi tieni...

Resumo

Vilanova, Andréa da Silva; Vieira, Marcus André (Orientador). **Um corpo se escreve: do traço à trama**. Rio de Janeiro, 2013. 241p. Tese de Doutorado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O dispositivo analítico, tal como circunscrito por Freud e Lacan não opera sem o corpo. Mas de que corpo se trata? Com o nascimento da ciência moderna introduz-se no mundo o sujeito sem substância. Enquanto a ciência o foraclui, a psicanálise nasce neste mesmo ponto, recolhendo-o. Da imagem com todos os seus efeitos de captura sobre o vivente, passando pelo corpo que encontra sua homologia com o inconsciente, a partir dos furos que ressoam entre eles, veremos o objeto *a* vir colocar em jogo a substância que dá esteio ao sujeito lógico. A teoria do significante constitui os contornos da superfície sobre a qual operamos definida em torno do furo, efeito de traço. Mas a clínica nos confronta com manifestações que colocam situações que exigem um passo a mais em relação à superfície definida em torno do furo, do Outro e do resto. Destacando do significante a dimensão da letra, Lacan nos conduzirá a uma retomada dessas operações que lança novas balizas de orientação e implica em um novo aparato de leitura. Para concluir, exploramos as possibilidades da teorização da letra na clínica, a partir de um caso clínico que conjuga o objeto como causa, mas a partir do qual investigamos as possibilidades da perspectiva da reiteração do gozo como fundamento da escrita de que se trata na psicanálise.

Palavras-chave

Sujeito; corpo; objeto *a*; gozo; letra; reiteração e escrita.

Résumé

Vilanova, Andréa da Silva; Vieira, Marcus André (Orientador). **Um corps s'écrit: du trace à la trame.** Rio de Janeiro, 2013. 241p. Thèse de doctorat – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Le dispositif analytique, tel que circonscrit par Freud et Lacan ne fonctionne pas sans le corps. Mais qu'est que c'est un corps? La naissance de la science moderne introduit dans le monde le sujet sans substance. Tandis la science le forçait, la psychanalyse le prends dans ce même point. De l'image avec tous ses effets de capture sur le vif, à travers le corps qui trouve son homologie avec l'inconscient, dans les trous qui résonnent entre eux, nous voyons l'objet d'entrer en jeu pour mettre la substance qui donne au sujet logique son support. La théorie du signifiant dessine la surface défini autour du trou sur laquelle on fonctionne. Mais la clinique nous confronte aux manifestations qu'exigent un'autre pas au de là de la surface définie autour du trou, du reste et de l'Autre. Lacan va conduire à une reprise de ces opérations, détachant la dimension de la lettre, à partir du signifiant, ce qui jette des nouvelles balises d'orientation et ausse implique un nouvel appareil pour la lecture. Pour conclure nous explorons les possibilités de théorisation de la lettre dans la clinique, à partir d'un cas qui prend l'objet petit *a* comme une cause, mais aussi ouvre la voie de la recherche autour de la réitération de la jouissance comme fondement de l'écriture dans la psychanalyse.

Mots clés

Sujet; corps; objet petit a; jouissance; lettre; réitération; écriture.

Sumário

1. Introdução	15
2. A linguagem faz furo	20
2.1. O livro da natureza	20
2.2. O sujeito como furo lógico	23
2.3. Descobrindo o corpo	31
2.3.1. Que corpo?	31
2.3.2. O corpo-imagem	39
2.3.3. Uma imagem, dois espelhos	44
2.3.4. Entre o furo e o falo	48
2.3.5. O furo faz corpo: uma introdução	55
3. A positividade do furo	64
3.1. Uma substância	64
3.2. Uma superfície	68
3.3. Satisfação: uma colagem surrealista	72
3.4. A função da borda	79
3.4.1. As zonas erógenas	79
3.4.2. A libido como borda	82
3.5. Objeto <i>a</i>	85
3.5.1. O objeto que escapa à forma	
3.5.2. Um objeto fora de foco	92
3.6. Fé na imagem	96
3.7. Impasse da teoria do resto-zona erógena	103
Entreato: La Vela	107
1. A clínica interroga	107
2. <i>La Vela</i> – uma superfície <i>ad hoc</i>	110
3. Novas parcerias	113
4. Para além da disciplina do caso	115
4. A letra deduzida de seus efeitos	118
4.1. No princípio era o verbo	118
4.2. Do sentido à significação	122
4.3. No princípio era o traço	127
4.3.1. Da materialidade do significante	127
4.3.2. A via freudiana: o traço	133
4.3.3. A indução significante	139
4.3.4. Holófrase	141
4.3.5. Re-anunciando o corpo	148
4.3.5.1. Abertura ao escrito	148
4.5. Eloquência da letra	154
4.5.1. Da arte da caligrafia	154
4.5.2. Lituraterra	160

5. A escrita do gozo	167
5.1. No principio era o ato	167
5.2. Saber ler	171
5.3. O aparelhamento do dito pelo escrito e vice versa	177
5.4. A experiência do passe	187
5.4.1. Análise: uma experiência de corpo	187
5.4.2. Desenho animado	189
5.4.3. Encarnada	191
5.4.4. Um caso na porta de entrada	192
5.4.5. O imaginário do corpo: o furo e a trama	201
5.4.6. O corpo e a trama	204
6. Considerações finais	212
7. Referências bibliográficas	219
8. Anexos	226

Lista de figuras

Figura 1	41
Figura 2	46

Lista de anexos

1. Página de introdução do Livro “Baudolino” de Eco, H. (2001) 226
2. Artigo “Fé na imagem” - publicado na Revista Latusa, EBP - Rio 227
3. Texto: “Dalla presentazione di una lesione all’enunciazione: un’esperienza clinica” - apresentado na Seção Clínica do Instituto de psicanálise da Scuola Lacaniana di Milano. 236

Atravessei em claro
meu espanto.
Nas muletas das palavras,
apoei meu corpo
até sarar o pensamento.

Vilanova, A. (2013)

Introdução

Esta tese é fruto de anos de prática e de interrogações renovadas, na experiência analítica privada e na instituição, sobretudo no Instituto de Psiquiatria da UFRJ, IPUB, de onde extraímos o caso que foi o ponto de partida para esse trabalho. Cabe aqui registrar que no percurso de elaboração desta tese se inscreve também o encontro com a prática da Comunidade Terapêutica *La Vela*, na Itália, instituição na qual se experimenta a orientação psicanalítica num dispositivo muito particular, uma espécie de internação, mas que se mantém em permanente interrogação acerca do trabalho diante de cada caso. Tanto o caso quanto a experiência na comunidade trazem para a elaboração aqui presente a marca do limite de nossa ação, não pela impotência que o confronto com casos graves possa produzir, mas pelo que no limite somos convidados a inventar.

A linha de investigação que pretendemos percorrer toma as relações da psicanálise com a ciência como ponto de partida, por duas razões: interrogar em Lacan o que ele formula com a categoria de sujeito e retomar com Freud o corpo sob uma perspectiva conceitual presente desde o nascimento da psicanálise, quando inventa um modo de fazer dentro da própria clínica, ouvindo nas paralisias históricas algo para além de determinações neurológicas. A partir de Freud, o corpo passa a falar nas manifestações que atestam os efeitos de linguagem pelas rupturas associativas marcadas na sua superfície, que o conduzirão à formulação do inconsciente.

Em Freud, o próprio inconsciente é deduzido, portanto, desses efeitos de interrupção do fluxo associativo, como abordaremos. Se, por um lado evidenciam-se lacunas no discurso, por outro, manifesta-se um registro desta ruptura na superfície do próprio corpo, onde se inscreve a impossibilidade dessas associações. O que se escreve no corpo desse encontro com a palavra, senão a própria impossibilidade que a fala apresenta em seu destino de representar? Essa interrogação constitui para nós a abertura a uma via de investigação que orientará nossa escrita, ou seja, a experiência da palavra para além da representação.

Tributária dessa interrogação, a elaboração possível acerca do corpo constituirá um modo de interrogar a própria prática clínica a partir da psicanálise. De que corpo se trata na psicanálise? À primeira vista, nos deparamos com duas perspectivas, uma que poderia ser tomada como epistemológica, na via de elaboração de um saber sobre o corpo, e outra, digamos dirigida à terapêutica, tomando os exemplos que interrogaremos aqui. Mas será nossa resposta clínica e teórica a partir de Freud e Lacan que dará o tom de nossa elaboração, buscando no apoio da clínica a articulação que esses dois campos encontram sob a orientação da psicanálise.

Nessas experiências clínicas que recolhemos e que pretendemos apresentar, recortamos a presença do corpo manifesta através de sintomas que são, em princípio, dirigidos à medicina. Sabemos que a psicanálise nasce do encontro do médico neurologista Freud com o corpo da histérica. Ele faz do que não se formula em torno das paralisias motoras seu ponto de partida para uma investigação que nos conduzirá a uma apreensão inédita do corpo. Estamos sob os contornos de um método que conjugará investigação e tratamento inaugurando uma perspectiva ética, na qual o clínico não está fora de seu campo de intervenção.

No primeiro capítulo, tomaremos apoio no conceito de falha epistemossomática que Lacan nos apresenta em sua conferência “Psicanálise e medicina”, de 1966, como uma indicação que parte daquilo que se configura entre dois campos, como o título da conferência aponta. Veremos como esse conceito constitui a ruptura que a psicanálise introduz na leitura da clínica. Pois nos incita a uma discussão fundamental acerca da realidade do corpo vivo que a experiência analítica permite circunscrever e o faz de modo original. Na conferência, Lacan deixa evidente que em relação ao corpo há uma dimensão de saber que não cabe no próprio saber e que nos orienta em nossa experiência de vivente na linguagem.

Interrogaremos as articulações das palavras com os corpos, explícitas já em Freud, mas que encontrarão em Lacan o tom de uma elaboração que coloca em primeiro plano a dimensão que essa experiência fundamental constitui para o ser falante. Pretendemos demonstrar como Lacan nos oferece acesso à realidade que se constitui, a partir do encontro das palavras e do corpo, no que cada um coloca

de si na língua que fala. Veremos como é aí que podemos encontrar o mais singular de cada um, como a investigação em torno da satisfação do sujeito nos permite localizar a partir da clínica.

Não é por acaso que não encontramos nem em Freud, nem em Lacan uma formulação conceitualmente bem acabada sobre o corpo. O corpo resiste ao conceito. Esta é a nossa pista fundamental. Para além de um saber acabado ou de qualquer terapêutica, estamos às voltas com o corpo a ser decantado da prática e na prática analítica, no fazer que enlaça analista e analisante. Na psicanálise não partimos do corpo como algo já dado, não nos apoiamos apenas na forma do corpo, ainda que, como veremos, esta dimensão implique em mecanismos fundamentais para pensarmos a experiência humana, fundada na presença do corpo.

Tomá-lo como questão é, antes, antecipar que o corpo resiste ao sentido, ainda que paradoxalmente o encontro das palavras com os corpos constitua a sede de registros fundamentais para uma existência. Veremos como os vértices conceituais que estabelecem, por um lado, os contornos do corpo tomado como organismo submetido à fisiologia e à morfologia, dentro do saber médico; por outro, como o suporte de um registro histórico-antropológico, não compreendem o aspecto subversivo que a psicanálise confere à leitura que introduz na clínica.

Um corpo não se define, vive-se, goza-se dele, dirá Lacan no *Seminário 20*. A direção que se evidencia, portanto, está para além de interrogar o que é um corpo. Afinal, como afirma Lacan no *Seminário 22*, um computador, ou uma máquina podem ser tomados como corpo, mas a diferença fundamental é que não é óbvio que haja vida aí. Em nosso percurso pretendemos interrogar esta vida que anima os corpos e que não cabe na cadaverização que o discurso da ciência prescreve como abordaremos.

No primeiro capítulo, desenvolveremos uma discussão apoiada na elaboração lacaniana que nos oferece a gênese da categoria de sujeito sob as coordenadas do nascimento da ciência moderna. A partir de sua leitura de Koyré, Lacan instrumentaliza uma discussão na qual formaliza a pertinência da categoria de sujeito ao discurso da ciência, mas circunscrevendo que se a ciência promove o nascimento do sujeito, não o reconhece. É neste ponto que elaboraremos as

articulações da psicanálise com a ciência, a partir da leitura de Lacan. Mas esse capítulo também constituirá o ponto de inserção do que corresponde a uma verdadeira subversão quanto à leitura que orienta a prática na clínica, pois da medicina à psicanálise encontramos uma defasagem, quanto ao modo de abordar a vida.

Pretendemos, no segundo capítulo, realizar um recenseamento da pulsão freudiana, destacando a problemática introduzida a partir da libido na discussão iniciada com a formalização do sujeito lógico. Desenvolveremos a perspectiva do objeto, a partir da introdução do objeto pequeno *a* em Lacan, que constitui um acréscimo fundamental à leitura da pulsão, pelo efeito de desimaginarização que a leitura de Lacan promove. Circunscreveremos a concepção teórica que orienta a clínica psicanalítica, apoiada nas categorias de furo lógico do sujeito, Outro da linguagem e objeto resto. Mas destacaremos os limites dessa concepção a partir de uma experiência clínica recortada do encontro com a prática desenvolvida em *La Vela*, que nos conduzirá a novas interrogações e novas formulações.

Introduziremos um ponto de passagem a que chamaremos entreato, como uma elaboração orientada pela experiência em *La Vela*, destacando a leitura que realizamos a partir da prática que nos conduziu a interrogações fundamentais acerca dos limites com os quais nos deparamos na clínica. Veremos como a comunidade produz respostas orientadas por um modo de conceber a tensão entre o coletivo e o singular que permite uma invenção sempre renovada. Buscaremos circunscrever o que os operadores nos transmitiram sobre seu modo de viver esta tensão que anima um modo particular de promover a própria orientação lacaniana na prática institucional.

O capítulo seguinte será para nós uma oportunidade de experimentar clinicamente o que encontramos em Lacan sob os contornos da letra, uma concepção tributária dos impasses que a teoria do significante encontrará diante dos efeitos que a palavra produz, fora da perspectiva da representação. E, neste ponto, introduziremos algumas reflexões acerca do fenômeno psicossomático que constitui para nós uma chave de leitura acerca da letra. Este capítulo será também o ponto de nossa elaboração no qual pretendemos introduzir uma discussão acerca do método na psicanálise, destacando o que se passa entre leitura e escrita na

abordagem da experiência na clínica. Buscaremos apoio na arte para desenvolver nossa reflexão. Escolhemos para tanto o filme *The pillow book*, dirigido por Peter Greenaway em 1996, como apoio a nossa investigação em torno da letra.

E, por fim, o capítulo quatro será o momento de interrogar o caso que deu origem à tese, confrontando-o com o dispositivo do passe, introduzido por Lacan na formação do analista. Trata-se de um artifício que serve fundamentalmente à transmissão da psicanálise a partir da experiência de análise, que poderíamos resumir como aquilo de que o analista dá testemunho em sua passagem de analisante à analista, como veremos. Cotejar estas duas dimensões da experiência clínica – a entrada e a saída de uma análise – foi a solução encontrada para interrogar e sublinhar a dimensão da letra na prática psicanalítica, apontando para novas perspectivas quanto aos ensinamentos que se pode extrair dos testemunhos daqueles que levam suas análises a termo.

O caso que orienta a tese foi acompanhado nos moldes de um acompanhamento individual, realizado ao longo de seis anos no ambulatório do Instituto de Psiquiatria. Interrogaremos o tratamento dessa paciente, que se apresenta a partir de um diagnóstico médico, compreendido dentro da medicina como uma doença psicossomática, o que constitui um campo bastante controverso, de contornos nada fáceis de cernir. Não nos deteremos nesta discussão. Pretendemos apresentar os efeitos do encontro de Linda com o dispositivo analítico, no que este se compõe do encontro com uma presença que encarna para o sujeito uma interrogação sobre seu modo de satisfação. O modo através do qual Linda estabelece seus laços com a vida nos revela as aparas com as quais faz corpo, escrevendo-o e reescrevendo-o, a partir das modalizações do gozo no curso do seu tratamento.

2

A linguagem faz furo

É a linguagem que cria *hsing*, a natureza [...] do ser falante.

(Lacan, 1971/2009, p. 54)

2.1

O livro da natureza

O campo da experiência humana não pode ser pensado fora da perspectiva de que estamos num universo discursivo. Encontramos nas bases do que se denomina o corte epistemológico entre o conhecimento clássico e a episteme moderna a via de elaboração fundada numa perspectiva de leitura que circunscreveremos com Alexandre Koyré, uma referência fundamental à elaboração lacaniana. Trata-se de uma referência submetida por Lacan a “fins que lhe são alheios”, como afirma Milner (1995/1996, p. 9), pelos efeitos de uma leitura que conduzirá nossa discussão. Como veremos, Lacan tomará Koyré como apoio para introduzir uma leitura do conceito de sujeito que funda uma homologia entre a ciência e a psicanálise. Destacamos desde já que o eixo fundamental do pensamento de Koyré (1953/1991) que orienta a *démarche* lacaniana é o corte que incidirá sobre o modo de apreensão do mundo. A operação de matematização que Galileu introduz designará ao universo um novo desenho, cuja perspectiva introduzirá a leitura como via de acesso aos fenômenos.

A ruptura com o conhecimento antigo, baseado na imaginarização do universo, concebido em termos de modelos mentais desde Aristóteles, dá lugar a uma hipótese fundamental que orientará a ciência a partir de então: a natureza deve ser lida como um texto escrito em caracteres matemáticos. Como efeito dessa reorientação fundamental da leitura do mundo, a física-matemática produziu a possibilidade de uma abertura do mundo e de seus fenômenos às equações matemáticas, introduzindo uma exigência de leitura que se liga à pura abstração. A operação da ciência esvazia de significação todo o universo, introduzindo o vazio de sentido onde antes uma cosmologia fundada em características essenciais

dava suporte a um mundo fechado, submetido a modelos representativos. Trata-se de um deslocamento da dimensão qualitativa para uma análise quantitativa dos fenômenos, a partir da qual a álgebra, a partir da matematização, forja a natureza dos próprios fenômenos.

“Com efeito, se uma experiência científica – como Galileu tão bem exprimiu –, constitui uma pergunta formulada à natureza, é claro que a atividade cujo resultado é a formulação dessa pergunta é função da elaboração da linguagem na qual essa atividade se exprime” (Koyré, 1953/1991, p. 272). Será a linguagem matemática a fornecer à ciência o próprio substrato de sua operação: a fórmula. A ciência moderna como fruto da renúncia à atribuição de qualidades imaginárias ao movimento dos corpos celestes encontra-se fundada na imputação da matemática como a linguagem falada pela natureza. A experiência do mundo obedecerá, a partir de então, às exigências de uma matriz discursiva, que prescreverá modos de leitura das fórmulas que encarnariam a própria linguagem dos fenômenos naturais. Koyré (1973/1979) situa o pensamento científico moderno através de seus traços fundamentais: a substituição de um espaço homogêneo, mas abstrato, por outro concretamente calculável, geometricamente concebido. A operação galileana designará a fórmula como matriz de leitura para os elementos em que se constituem os fenômenos da natureza, mas por colocar o número como presente na própria natureza.

Galileu talvez seja o primeiro espírito a acreditar que as *formas matemáticas* eram efetivamente realizadas no mundo. Tudo o que existe no mundo está submetido à forma geométrica; todos os movimentos são submetidos a *leis matemáticas*, não só os movimentos regulares e as formas regulares que, talvez, sejam absolutamente inexistentes na natureza, mas também *as formas irregulares*. (Koyré, 1953/1991, p. 54)

Uma vez que essa matematização dos fenômenos da natureza revelasse suas leis de funcionamento, permitindo uma leitura do mundo, não se trataria mais de tomar modelos ideais e eternos, de um mundo fechado. Do mundo esférico, finito, concebido dentro de uma composição fixa, a partir de imagens rígidas, ao universo infinito, estamos diante de uma ruptura. No livro em que a própria natureza se converte, aberto a quem souber ler e desvendar, encontra-se o saber que é suposto habitar o próprio universo, convertido em caracteres matemáticos. Na perspectiva de Koyré (*Ibid*), as premissas fundamentais do corte entre a

episteme antiga e a moderna são, portanto, “a geometrização do espaço e a expansão infinita do universo”, com a “redução do real ao geométrico” (*Ibid*, p. 53).

Pela transposição da realidade sensível, a partir da formulação das leis matemáticas, inaugura-se uma inteligibilidade nova no acesso aos fenômenos, definida como acesso ao real em si. Na época clássica, a forma primava sobre a fórmula e, a partir da física matematizada, promove-se uma conversão de perspectiva que permitirá a introdução do infinitamente calculável, a despeito de um suporte sensível, o que permite lidar com o que só se pode alcançar pela ruptura com a própria experiência imediata. A ciência moderna fez operar, portanto, leis que, ao prescindirem dos corpos celestes, delimitam a razão de suas trajetórias no espaço, tendo no cálculo sua fundamentação.

Trata-se de tomar este discurso pela perspectiva de uma eficácia do número, na medida em que a realidade é tomada como já dada, restando ao homem de ciência a tarefa de revelar o que já está na natureza em termos numéricos, e não mais sob a forma de imagens. Dizer que as leis que regem os fenômenos são extraídas do real faz notar que a ciência moderna prescreve uma posição específica diante do próprio real da experiência, o que corresponde a uma capacidade de leitura, mas o que não significa que a ciência traduza os fenômenos da natureza. Não se trata de pensar a operação que funda a ciência reduzindo-a a um recobrimento simbólico do mundo real. A operação da ciência instaura um novo mundo, ela vem “substituir o mundo real da experiência cotidiana por um mundo geométrico hipostasiado” (Koyré, 1953/1991, p. 184).

Do cosmos fechado ao universo infinito, a inteligibilidade que está em jogo adquire, portanto, através do número, a base que instaura a própria potência operativa da ciência formulada enquanto um discurso fundado na própria natureza algébrica dos fenômenos. Como propõe Lacan (1971/2009), a ciência se esquece de sua própria natureza discursiva e engendra toda uma operação de leitura vinculada ao número, que figura como a presença dos significantes no real.

A operatividade que a ciência consegue realizar através da matemática repousa em última instância na íntima correspondência ou no co-pertencimento entre número e ente objetivado, e a única condição é que o ente objetivado seja idêntico a si mesmo, seja o ente cujas diferenças qualitativas sejam reduzidas à indiferença

quantitativa. Só como idêntico a si mesmo o ente pode ser objeto de cálculo. (Focchi, 2012, p. 197)

Estamos num plano em que a fórmula falaria por si mesma. A operatividade que está em questão na ciência apoia-se em seu modo de tomar o número como o próprio real. O que está em jogo é a verdade que supostamente existiria em estado latente nos fenômenos: a fórmula seria a transcrição sem resto do que já está dado no mundo e não depende de ninguém. No entanto, o real faz seu retorno excedendo aos contornos discursivos engendrados pela matematização do universo. E será neste campo que escapa aos contornos designados pelos protocolos científicos que o próprio discurso da ciência sofrerá a fratura da qual emergirá o pensamento freudiano. Prosseguiremos nos apoiando na leitura de Koyré por Lacan, que introduz, a partir da perspectiva do corte epistemológico, toda a complexidade do que se trata quanto à ideia de uma articulação entre psicanálise e ciência, o que ressoará na releitura de Freud por Lacan.

2.2

O sujeito como furo lógico

A perspectiva da fórmula, da cifra matemática, introduz um modo de acesso próprio ao mundo das coisas que não se limita a tomá-lo pela medida, mas a partir de uma operação de leitura. Circunscreveremos aqui esse requisito fundamental da ciência moderna a partir da leitura de Milner (2003), que define uma série de práticas científicas, denominadas por ele galileanas, nas quais se inclui a linguística estrutural. Guardadas as devidas consequências do fato de que Lacan faz um uso próprio do que se formula nos termos de um parentesco da psicanálise à ciência, o que não desenvolveremos extensamente aqui, nos limitaremos a destacar o pressuposto de que é a partir da linguística que ele aparelha seu ensino. Podemos afirmar que a linguística que interessa a Lacan se sustenta fundamentalmente, como propõe Milner, no “funcionamento de um sistema ao qual se supõe a menor quantidade possível de propriedades específicas” (*Ibid.*, p. 145).

Considerar um elemento mínimo qualquer apenas deste ângulo das propriedades mínimas que o convertem em elemento de um sistema: esta é a ordem determinante que o nome *significante* estenografa em Lacan. O nome é tomado, evidentemente e conscientemente, da lingüística, mas não é utilizado como se faz nesta. (*Ibid.*, p. 146 – grifos do autor, tradução livre)

A doutrina do significante nasce sob a pena de Lacan a partir de sua incursão pelas veredas do estruturalismo. Mas, percorrendo-as de um modo próprio, ele a sustenta essencialmente a partir da perspectiva de um sistema em que se conjugam elementos mínimos, que só se definem a partir de sua articulação. Assim, a concepção de significante em Lacan estará estritamente vinculada à concepção de cadeia significante, lugar de articulação entre esses elementos, cuja própria articulação produziria um efeito inédito.

Paradoxalmente, encontramos, a partir dessa perspectiva introduzida pela algebrização da natureza, a emergência de um efeito que, rechaçado pelo discurso da ciência, encontrará em Freud, assim como Lacan o *lê*, seu lugar de emergência. Vimos que o modo de acesso ao real que inaugura a ciência moderna introduz no campo da experiência um modo de apreensão da própria experiência que dá lugar ao saber enquanto desencarnado. Serão as fórmulas supostamente encontradas na própria natureza que encarnarão o saber, a despeito de qualquer outro suporte. E é nesse contexto que a psicanálise fez sua aparição, pelo ato de Freud, capaz de recolher o que se apresentava como descontinuidade, como excedente, efeito da própria operação discursiva.

Nossa definição do significante (não existe outra) é: um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante. Esse significante, portanto, será aquele para o qual todos os outros significantes representam o sujeito: ou seja, na falta desse significante todos os demais não representariam nada. Já que nada é representado senão para algo. Ora, estando a bateria dos significantes, tal como é, por isso mesmo completa, esse significante só pode ser um traço que se traça por seu círculo, sem poder ser incluído nele. Simbolizável pela inerência de um (-1) no conjunto dos significantes. (Lacan, 1966/1998, p. 833)

É o sujeito definido como ruptura, descontinuidade, falha no discurso, que Lacan, em “A ciência e a verdade” (1966/1998), designará como ponto foracluído do discurso da ciência, por subverter a linearidade frente à suposição de uma leitura inequívoca. Encontramos na concepção de sujeito, tal como forjada por Lacan, a designação do ponto de disjunção com o discurso que o instaura. A própria definição do significante vem, portanto, incluir a emergência do sujeito,

definindo a matriz fundamental de leitura para os fenômenos recolhidos por Freud e que o conduzirão à sua formulação do inconsciente. Retomado por Lacan em termos de cadeia significante, o inconsciente estruturado como linguagem se inscreverá como ruptura, distante das concepções pós-freudianas que mais o aproximaram de uma dimensão inefável, ou mesmo de um depósito de verdades escondidas.

Lacan, ao reintroduzir a discussão aberta por Freud quanto ao lugar da psicanálise na ciência, o faz abrindo uma via inédita. Ao efetuar o enlace entre psicanálise e linguística, sustenta uma ruptura com a própria linguística, como destacamos com Milner (2003). Aí se constituirão as bases para interrogar os laços da psicanálise com a ciência como condição para o advento do saber novo que a psicanálise faz incidir sobre a leitura do mundo. A ciência, com sua crença no número como elemento do próprio real, faz repercutir a ideia de que seria possível o acesso direto ao real em sua operação.

Entretanto, o que a leitura de Freud introduz é a possibilidade de recolher no lugar de emergência desse efeito disruptivo, a construção de possibilidades narrativas que incluirão variações da realidade, colocando em xeque a própria ideia de realidade concebida como factual. Para acolher essa estranheza que curtcircuita o saber tomado como verdade última, Freud faz recurso à ciência positivista do século XIX, introduzindo, ao seu modo, artifícios conceituais que, se não podem ser absolutamente absorvidos pelo discurso da ciência, também não poderão ser ignorados, por darem lugar a formulações acerca do que não cabe na matriz estrita de leitura de sua época.

Vemos com a leitura de Lacan a introdução de novos pressupostos a partir da linguística, que lhe permitirão outros recursos para transitar pelos territórios entre a ciência e a psicanálise. Lacan empreende sua leitura de Freud apoiando-se em suportes epistemológicos que lhe permitirão estabelecer um novo modo de acesso ao pensamento freudiano, resguardando seu caráter de ineditismo e restaurando a dimensão radical em jogo neste campo, separando-o de qualquer perspectiva humanística.

Freud, com relação à ciência, não podia escapar da dicotomia entre espiritualismo e positivismo. [...] A articulação da psicanálise com a ciência se constitui em clareza e distinção, e não em mimetismo e obscuridade. Somente foi preciso descobrir que a matematização da ciência não passa pela medida, senão pelo literal – tradução livre. (*Ibid.*, p. 150)

Vemos aí um modo de apreender a própria possibilidade de formalização do saber que se constitui na invenção freudiana, a partir de pressupostos que vão além das coordenadas sobre as quais se fundam as condições de possibilidade para seu advento. Destacamos, a partir da leitura de Lacan que a psicanálise é tributária da operação que funda a ciência, por não prescindir de suas coordenadas. No entanto, com Freud encontramos um modo inédito de leitura frente aos efeitos de sujeito.

Como nos apresenta Milner (*Ibid.*), trata-se, em Lacan, de um modo próprio de “apreender a estrutura como ponto de enodamento entre a psicanálise e a ciência moderna” (*Ibid.*, p. 152). Nisso vemos que o retorno de Lacan a Freud funda-se na perspectiva de que a emergência da ciência como discurso não se sustenta na medida, mas na perspectiva de uma literalidade concedida pela linguagem. Partir da premissa de que a fórmula está na natureza, por um lado, designa um modo de apreensão dos fenômenos a partir da perspectiva de um valor intrínseco, por outro, abre uma dimensão que inclui na estrutura o vazio, o furo como efeito determinante dessa articulação linguística. Como veremos no decorrer de nossa elaboração, o real é avesso à linearidade e ao cálculo, ainda que não possamos abordá-lo fora dos contornos da linguagem.

Vemos aqui que a dimensão que a matematização galileana introduz, exerce sobre os fenômenos o impacto de reduzi-los à experiência inteligível. Prescindir da experiência sensível abre uma via que transpõe os limites imaginários do pensamento clássico, introduzindo o saber como fruto da formalização, relegando ao plano da crença outras formas de construção de sentido. Mas, não se pode deixar de fora que, também na ciência, estamos às voltas com um ato de fé, no seu ponto inaugural. Descartes, como destaca Lacan (1964/1988) isolará o *Cogito*, apoiando-se na garantia divina. O “penso, logo sou”, axioma fundamental em Descartes, ao mesmo tempo em que designa ao existente uma base de sustentação garantida nas verdades eternas, resulta de uma experiência de despojamento frente ao saber. O método da dúvida hiperbólica submete suas premissas até que elas se

esvaziam, reduzindo o pensamento ao próprio ato de pensar. Não está em questão alguém que pensa, pois é o próprio pensamento que o determina. É importante destacar que Descartes não funda no *Cogito* a identidade do “eu”, o sujeito cartesiano é muito diferente do “eu” síntese da psicologia. A identidade específica aí em questão é diferente de qualquer representação da esfera psíquica.

O que Lacan extrai do *Cogito* é, portanto, a própria noção de sujeito declinada a partir deste esvaziamento lógico que o reduzirá ao vazio de qualificações, o sujeito sem qualidades, como formula Milner (1995/1996). Esse sujeito que a psicanálise recolhe na experiência não pode ser reduzido a uma individualidade psíquica ou somática. “Não é mortal nem imortal, puro nem impuro, não tem nem si, nem reflexividade, nem consciência” (*Ibid.*, p. 33). O próprio sujeito, reduzido à equação “penso, logo sou”, se revela como esse vazio de representação, fundamento da ruptura que o pensamento, de modo acéfalo, introduz. Se o sujeito freudiano não é outro senão o sujeito cartesiano, Freud nos oferece – como destaca Lacan (1964/1988) ao localizar nesse pensar sem centro, sem qualidades o próprio lugar do sujeito – o inconsciente onde o sujeito é apreendido como intervalo, ruptura, na articulação significante.

Foi Freud quem nos revelou a incidência de um saber tal que, ao se subtrair à consciência, nem por isso deixa de se denotar estruturado, digo eu, como uma linguagem; mas articulado a partir de onde? Talvez de parte alguma em que seja articulável, já que é apenas um ponto de falta, impensável de outra maneira que não através dos efeitos pelos quais é marcado, e que torna precário que alguém se entenda dele. (Lacan, 2001/2003, p. 423)

Mais precisamente, na medida em que *isso fala* e ao falar evidencia um *isso falha*, há um sujeito que se define exatamente por sua posição de exclusão frente à cadeia significante. Um sujeito que advém nas brechas deixando entrever sua posição, sua alienação ao discurso inconsciente, do qual pode ser tomado como puro efeito.

A categoria do pensamento introduz a partir de Freud, lido por Lacan, o pensamento pensando no próprio sujeito, já que este se distingue do indivíduo, ou mesmo da concepção de uma consciência pensante. “Um pensamento está lá, pensamento que é inconsciente, o que quer dizer que se revela como ausente. É a este lugar que ele chama, uma vez que lida com outros, o *eu penso* pelo qual vai

revelar-se o sujeito” (Lacan, 1964/1988, p. 39). Em Lacan trata-se da emergência deste sujeito desvinculada de qualquer atributo ontológico, o que oferecerá o esteio conceitual para a sedimentação da lógica significante, ao mesmo tempo em que deixará lugar para aquilo que não cabe na própria formalização. “Com efeito, se algo é instituído pelo *cogito*, é o registro do pensamento, no que ele é extraído de uma oposição à extensão – estatuto frágil, mas estatuto suficiente na ordem da constituição significante” (*Ibid.*, p. 134).

Vemos que, para efeito de formalização, Lacan extrai da operação cartesiana o fundamento do sujeito da psicanálise, processando ao longo do seu ensino o que fica de fora dessa formulação baseada na prevalência simbólica. Aqui cabe afirmar que, “se o significante é exigido como sintaxe anterior ao sujeito para o advento desse sujeito [...] sua própria presença constitui-se mais do significante que do corpo [...]” (Lacan, 2001/2003, p. 190). O sujeito como operador conceitual vem dar consistência lógica a manifestações que, recolhidas no âmbito individual, na experiência, atestam que se trata de um efeito fundamental de furo no próprio saber, impossível de ser abordado sob a conversão da natureza em fórmulas preditivas.

[...] penso onde não sou, logo sou onde não penso. Palavras que, para qualquer ouvido atento, deixam claro com que ambigüidade de jogo-do-anel escapa de nossas garras o anel do sentido no fio verbal. O que cumpre dizer é: eu não sou lá onde sou juguete de meu pensamento; penso naquilo que sou lá onde não penso pensar. (Lacan, 1966/1998, p. 521)

Fazer do *cogito* cartesiano a base de sustentação da categoria de sujeito para a psicanálise implica numa subversão fundamental, como podemos encontrar nas formulações subsidiárias desse ato fundador em Lacan, que se serve do sujeito lógico a que ele mesmo dá existência conceitual ao introduzir seu ensino a partir da primazia do simbólico. “*Penso, logo existo (cogito ergo sun)* não é somente a fórmula em que se constitui, com o apogeu histórico de uma reflexão sobre as condições da ciência, a ligação da afirmação existencial do sujeito com sua transparência transcendental” (*Ibid.*, p. 519). Lacan se apropria da fórmula cartesiana para desdobrá-la até extrair daí a lógica que serve ao propósito de tomar o inconsciente pela estrutura da linguagem: “penso onde não sou, logo sou onde não penso” (*Ibid.*, p. 521). Vemos que trata-se aí de situar o sujeito do

inconsciente definido por não ocupar lugar, senão como falta-a-ser, a partir da enunciação, como a análise permite recolher. Trata-se de uma perspectiva que concede ao sujeito lógico um atributo de existência coerente com o corte epistemológico que o viu nascer.

No campo freudiano, apesar das palavras, a consciência é um traço tão caduco, para basear o inconsciente em sua negação (esse inconsciente data de São Tomás), quanto o afeto é incapaz de desempenhar o papel de sujeito protopático, uma vez que esse é um cargo que não tem titular ali. O inconsciente, a partir de Freud, é uma cadeia de significantes que em algum lugar (numa outra cena, escreve ele) se repete e insiste, para interferir nos cortes que lhe oferece o discurso efetivo e na cogitação a que ele dá forma. (*Ibid.*, p. 813)

É o inconsciente freudiano que faz emergir o ponto no qual é revelada a falha que barra o sujeito de forma irreversível, que Lacan (*Ibid.*) articula como real, na báscula do “eu penso” ao “eu sou”. Daí procede toda a cadeia significativa que é desdobrada, desenvolvida pelo sujeito, mas que ao mesmo tempo desdobra e promove o próprio sujeito. “O que essa estrutura da cadeia significativa revela é a possibilidade que eu tenho, justamente na medida em que sua língua me é comum com outros sujeitos, isto é, em que essa língua existe, de me servir dela para expressar algo completamente diferente do que ela diz” (*Ibid.*, p. 508). Do universal da estrutura extrai-se, como efeito da própria articulação do discurso, esse sujeito que revela um pensar que não depende de nenhuma individualidade, é puro efeito do pensamento. Mas, caberá a cada um o trajeto que a palavra faz no dizer.

Lacan sustentará, quando se trata do real, que a linguagem não é capaz de recobri-lo. Essa hipótese implica em dizer que se, por um lado, a ciência moderna determina um modo específico de constituição do sujeito, como efeito da articulação discursiva, por outro, sua emergência como furo no saber, ruptura na linearidade do discurso, o torna dispensável às manobras da ciência, que se define como “uma ideologia da supressão do sujeito” (Lacan, 2001/2003, p. 436), exatamente por não comportar nenhuma descontinuidade na coerência lógica de suas fórmulas. A operação da ciência não precisa do sujeito, prescindindo do furo que ele constitui, movimenta o universo de proposições lógicas que formam a base de seu modo de apreensão da realidade. A dimensão do sujeito recolhida pela psicanálise introduz o vazio no coração da leitura do mundo, um outro modo de

apreensão da realidade. E configura um campo rechaçado pelo método científico, permitindo a elaboração de uma concepção de saber que não se define pelos contornos da razão, da consciência, e funda o saber que se sabe que não se sabe e, mesmo sem que se saiba, opera.

Para introduzir o saber na base da estrutura fundamental da concepção de mundo, ao modo de uma materialização do próprio saber, a ciência opera a transposição dos fenômenos naturais em fórmulas matemáticas, o que se aplica também à abordagem do humano. Podemos afirmar, a partir da leitura de Lacan com Koyré, que a ciência moderna cria uma natureza que implica um furo, efeito da operação galileana, que circunscreve a emergência do sujeito, isolado pela operação cartesiana, no *Cogito*.

No entanto, enquanto a psicanálise lida com o furo no simbólico, a ciência lida com o simbólico sem furo. Mas, no passo seguinte, Descartes, ao promover a dualidade fundamental entre pensamento e corpo, *res cogitans* e *res extensa*, vai recuperar o sujeito qualificado, enquanto uma figura do pensamento materializado, definido por suas qualidades (Vieira, 2001). Essas substâncias nos informam que já não estamos mais na esfera da ciência, tal como vínhamos abordando. Verificamos que na instauração dessa dualidade, ao modo cartesiano, pode-se tomá-la como tributária do nascimento da ciência, mas, por outro lado, vale lembrar que a disjunção entre psíquico e somático já está presente na tradição do pensamento ocidental muito antes da incidência da operação galileana.

O que nos interessa destacar aqui é o que chamamos com Lacan de *efeito sujeito* elidido entre essas duas substâncias, o furo irrepresentável introduzido pela própria simbolização do universo. A dimensão de vazio presente no coração da experiência dentro do universo tornado discursivo não pode ser reduzida nem ao psíquico, nem ao corporal. Trata-se, portanto, na dualidade cartesiana, de uma separação que, além de não poder ser tomada como efeito da operação discursiva que funda a ciência moderna, é insuficiente para nos permitir alcançar o efeito fundamental que a operação de literalização do mundo, reduzido às formulas, terá sobre o corpo.

2.3

Descobrimdo o corpo

2.3.1

Que corpo?

A transformação fundamental na relação com o saber promoveu a possibilidade de sua articulação fora de qualquer determinação natural, em termos empíricos. É uma inversão de perspectiva fundamental, sem a qual jamais teríamos testemunhado o impensável progresso da ciência médica, que, sob a técnica, mostra-se sem limites, a oferecer soluções e novos problemas à existência.

Em agosto de 1993, Joseph Jerningan, texano condenado à morte, foi executado com uma injeção letal. Alguns anos depois, a National Library of Medicine dos Estados Unidos concluiu o trabalho de escanear seu corpo, batizado de “O projeto do Homem Visível”. O cadáver de Jerningan foi cortado em fatias de espessura mínima e cada uma delas teve sua imagem digitalizada. Ao seriar essas fatias, um programa de visualização pode exibir uma imagem animada em 3D de praticamente qualquer parte ou função do cadáver, como se houvesse vida. (Vieira, 2008, p. 47)

Como abordamos, a dupla operação, engendrada por Galileu e Descartes, promoveu uma articulação na qual a operação simbólica anuncia um novo mundo. Prescindir da materialidade empírica promoveu a abertura do discurso da ciência ao infinito, nos termos de Koyré (*Ibid.*), e dissolveu qualquer distância entre a realidade e a ficção, que estará sempre, a partir de então, no horizonte da própria realidade. Vemos a partir do “Projeto do Homem Visível”, uma experiência paradigmática, o efeito fundamental de uma efetiva transposição do real para o virtual. Mas, não podemos esquecer que a possibilidade de acesso ao cofre negro dos corpos, inaugurada como método no nascimento da ciência moderna, como desenvolve Foucault (1977/1980), está na base dessa profunda subversão da

relação com o saber¹ que anunciamos.

O efeito fundamental dessa operação sobre o corpo é a abertura do mistério da encarnação ao discurso de natureza científica, que fará do corpo suporte de toda sorte de intervenções, instituindo-o campo de intervenção para a medicina científica. Aberto à investigação anatomo-fisiológica, instituído como objeto para o olhar, o corpo constituirá um todo visível ao esquadramento científico. Mas, trata-se de destacar que à dimensão do olhar conjuga-se o efeito discursivo que a transposição do mundo em fórmulas instaura. O olhar aqui ganha a densidade que a própria operação de simbolização do mundo lhe prescreve. Podemos destacar que nasce com Descartes o corpo-máquina, como um complexo jogo de engrenagens, sobre o qual repousam os efeitos de sua dessacralização, mas sua transformação em superfície de intervenção é tributária da operação fundamental que promoveu uma reversão de perspectiva fundamental quanto àquilo de que se trata quando tomamos a dimensão do corpo.

Como destaca Vieira, “na geladeira dos cadáveres da ciência, Jerningan marca uma ruptura” (*Ibid.*, p. 47). A cadaverização da vida, operação fundamental no nascimento da clínica médica, com o advento do método anatomo-patológico, a partir do qual a anatomia prescreve ao corpo seu funcionamento, sua fisiologia e morfologia, não encontrará mais limites. Da abertura dos corpos ao olhar da dissecação à operação preditiva e calculável das intervenções, vemos que não basta tomar apenas a perspectiva do campo de visibilidade que o método introduz, mas cabe ressaltar, sobretudo, isso que destacamos como a virtualização da própria vida, sem corpo. Mais do que “mimetizar o vivo, [...] a conjunção entre as imagens e a certeza” nos confronta com uma “estranha realidade” (Idem) que nos permite afirmar que a ciência opera prescindindo dos corpos.

O advento do discurso da ciência, portanto, ao introduzir a matematização dos fenômenos, subverte a relação do homem com seu corpo. Como manobra de

¹ Tema desenvolvido na dissertação de mestrado “Do corpo finito ao infinito no corpo – considerações sobre a psicanálise e a medicina” (Vilanova, 1998). A partir de Foucault (1977/1980) investigou-se as coordenadas estabelecidas a partir do surgimento de um discurso que ergue as bases de leitura que orientarão o olhar na medicina, o nascimento da clínica médica.

leitura, podemos afirmar que a matematização do mundo, como elabora Koyré (1953/1991), a partir de Galileu, corresponde a emergência do olhar, como nos apresenta Foucault (*Ibid.*). Temos ao mesmo tempo a introdução do corpo, objeto do olhar, como materialidade anatômica, e também o que poderíamos chamar de sua reinvenção como organismo anatomizável no discurso, cujas consequências serão incalculáveis. Como nos apresenta Miller (2004), as consequências dessa operação nos conduziram à definição da biologia no século XX como um estudo dos algoritmos do corpo, que há muito deixara de ser a sede da vida. É a postulação do corpo-máquina que produz o olhar do cientista, um olhar que prescinde do próprio corpo.

O mal-estar e o sofrimento ganham uma matriz de leitura que permite o cálculo da intervenção na formulação de protocolos reprodutíveis na infinidade dos casos. No entanto, essa leitura não permite o acesso ao que escapa à montagem do quadro clínico, tomado a partir de uma matriz que prescreve ao corpo modos de funcionamento. Como efeito de discurso, submetido à leitura, sob a virtualização fragmentada nos saberes que pulverizaram a clínica, a variedade de especialidades médicas oferece novas respostas para males outrora sem solução, além de refletir o próprio esfacelamento do corpo. No corpo-a-corpo da clínica cotidiana, os protocolos evidenciam essa brecha que vem sustentando nossa discussão.

Aquilo que a ciência tem que forcluir para operar, ela não tem como enunciar. A psicanálise, por outro lado, se erige exatamente por recolher as manifestações que atestam isso que a ciência precisa rejeitar. Serão estes restos, idiosincrasias manifestas no encontro com os pacientes, que constituirão em Freud seu ponto de partida frente ao saber incompleto que virá promover sua posição original diante da clínica. De uma conduta expectante na clínica clássica, onde a intervenção do médico encontrava em sua própria palavra a encarnação da eficácia de sua prática. Vemos hoje, como já anunciara Lacan (1966/1988), a dissolução da figura do médico e a eficácia intrinsecamente associada à tecnologia.

O fato é que o império do olhar calculador encontra seus limites, mas remetendo para o futuro a solução de seus impasses. Aplicar sobre a vida um

saber recolhido a partir da inércia da morte não é sem consequências. O corpo comporta dimensões que, escapando à verificação *in loco*, não escapam às soluções conceituais que se sucedem sob o olhar preditivo da ciência. Assim, no contexto de investigação das chamadas lesões funcionais, Freud encontra-se com Charcot, na *Salpêtrière*, no centro dos debates que se colocavam acerca do substrato anatomo-fisiológico das doenças nervosas.

Tomadas como uma categoria que não caberia efetivamente no paradigma da lesão anatomo-patológica, não escapavam ao pressuposto do corpo como objeto para o olhar – como as clássicas apresentações das histéricas exibiam –, mas interrogavam a natureza das lesões em jogo, promovendo a introdução do paradigma funcional (Cf. Allouch, 1994). As paralisias histéricas constituirão uma abertura a esse novo e enigmático substrato, propondo novas questões acerca do mecanismo que opera para produzi-las². O que há de novo, então, nesse encontro de Freud com o que as investigações de Charcot evidenciam? Digamos que a novidade é introduzida por Freud no modo de abordar o que se dá a ver nas paralisias. Ao recolher o que as pacientes diziam sobre suas manifestações, Freud se depara com novos contornos para o corpo que não cabem no que o olhar como fundamento do método introduziu. Freud fará ressoar o estranhamento, a bizarrice que as palavras portam, equivocando a concepção de um corpo afeito aos contornos que o método anatomo-patológico havia prescrito. Como veremos no próximo capítulo, trata-se em Freud de um outro modo de implodir as fronteiras do corpo anatomizado.

A extensão cartesiana sofrerá uma fratura fundamental a partir de Freud, que introduz no saber da clínica um corpo rebelde aos protocolos. São as

² Encontramos um interessante desdobramento da questão sobre a causalidade nos quadros mentais no volume dos *Escritos* (1966/1998), com o texto “Formulações sobre a causalidade psíquica”, de 1946, onde Lacan estabelece uma discussão com Henri Ey, a partir da alternativa que este dá às formulações da causalidade determinada em termos de organicidade. Lacan responderá ao *organodimanismo* de Henri Ey e sua concepção de uma causalidade propriamente psíquica, com uma concepção que coloca o pensamento psicanalítico na esteira da linguagem a partir do signo: “O hábito e o esquecimento são os *sinais* da integração no organismo de uma relação psíquica: toda uma situação por se haver tornado no sujeito simultaneamente desconhecida e tão essencial quanto seu corpo, manifesta-se normalmente sem efeitos homogêneos ao sentimento que ele tem de seu corpo” (Lacan, 1966/1998, p. 183).

manifestações avessas à operação preditiva da ciência que, recolhidas por Freud, permitirão reintroduzir o corpo a partir do enigma. O saber obediente ao método eclipsa a complexidade que implica a existência corpórea para uma espécie que vive às voltas com a interrogação sobre sua própria existência e experimenta diante dos mecanismos da reprodução de sua espécie um exílio absoluto frente a qualquer garantia dada pelo saber natural do corpo, ou prescrição de comportamento. Por outro lado, o saber que se revela a partir de Freud inscreve o corpo na linguagem para além da mortificação que o discurso instaura sobre a vida dos corpos.

Quer seja pela anatomia fantástica das histéricas, ou pelo imperativo dos rituais obsessivos que tornam o pensamento não menos fantástico e, também, não menos encarnado, vemos que há uma dimensão que mobiliza pensamento e corpo, mas a partir de um elemento estranho, não contabilizável. O corpo que o discurso oferece a partir da leitura que o psicanalista engendra com seu modo de operar é um corpo que não se sabe e não se pensa, é um corpo que se satisfaz e cuja satisfação materializará o próprio corpo, além dos contornos do corpo próprio, como veremos. A novidade freudiana será responsável por introduzir na leitura do mundo uma subversão quanto à experiência do mundo, no sentido em que evidenciará na experiência do corpo o lugar de coisas antes impensáveis.

Será Lacan, no entanto, que nos introduzirá na dimensão propriamente estruturalista do pensamento freudiano formulado *avant la lettre*. Ele destaca que apesar de não ter tido contato com as formulações de Ferdinand De Saussure, em torno do signo e de Roman Jakobson, em torno da metáfora e da metonímia, Freud foi capaz de elaborar as bases do processo primário a operar no inconsciente de forma homóloga aos mecanismos linguísticos (cf. Lacan, 1966/1998, p. 813-814). E mais, ao nos permitir, a partir do inconsciente, designar o sujeito vazio da enunciação, mantém a interrogação acerca do que daria significação a esse sujeito. Nada da concepção do corpo-máquina poderia nos ajudar nesse terreno, ainda que, como sublinha Miller (2004) haja um saber do corpo, mas corrompido, como demonstram as manifestações em que as funções orgânicas são subvertidas em torno de uma satisfação que não mantém qualquer relação com a manutenção da vida do corpo.

Freud nos fará ver que entre psíquico e somático não há uma correspondência direta e integral que negaria em absoluto a disjunção cartesiana. Por outro lado, não se trata de pensar o psíquico como o duplo do somático. Vemos como a operação da ciência faz do córtex cerebral virtualizado o lugar e a origem de mecanismos psíquicos, além de tomar os genes como o texto fundamental da existência. Na ciência, não há preocupação frente a determinantes de outra ordem que não seja essa realidade virtualmente material. Fica a cargo da filosofia e outros humanismos as discussões que comportariam uma dimensão de articulação entre matéria e transcendência, entre corpo e alma³.

A divisão ressoará sempre, com outros nomes, pois é estrutural tomar a dualidade entre a coisa e a ideia, entre a natureza e o espírito. A fenomenologia, como reação ao efeito cartesiano, como sugere a leitura de Zenoni (1999/2000), recobrirá essa dualidade, com seu projeto de uma instância transcendental mais originária do que a consciência, “um estrato da experiência na qual aquilo que o dualismo cartesiano ensinou a distinguir artificialmente será profundamente reunificado” (p. 272). Ao funcionamento maquínico do corpo, reduzido à forma e aos seus mecanismos em oposição à consciência, a fenomenologia:

[...] redescobre a sua unidade ao nível de um transcendental muito mais amplo e originário que o ego. A percepção, a motricidade e o sentido encontram-se misturados inextrincavelmente. O corpo e o conhecimento, a percepção e a emoção e o raciocínio são apenas momentos, abstratamente distintos, com uma totalidade dinâmica, organizada e organizadora, na qual cada aspecto ou momento da experiência comporta a totalidade desta. Colhido, ou melhor ainda, vivido neste nível originário, o corpo (*Leib* em alemão) se apresenta de saída como irreduzível a si mesmo, como sempre ‘em excesso’ em relação a si mesmo. Mas este excesso, o chamamos ‘psíquico’, do corpo, também ao nível das idéias e do sentido, é profundamente radicado no corpo (*Loc. cit.*) [tradução livre]

A fenomenologia encontra, portanto, uma solução própria frente ao dualismo através da unidade da alma com corpo, mas também estabelece seu

³ Vale destacar que o termo *soma* em grego tem uma longa história filosófica, assinalada pela distinção entre o sensível e o inteligível. Será a mortalidade do organismo físico, submetido à corrupção dos corpos a encontrar na imortalidade da alma, definida pela imortalidade da eternidade das ideias e, portanto, da verdade (cf. Mondazin, 2011).

contraponto às concepções empiristas que reduzem radicalmente o corpo aos processos físico-químicos como as neurociências se apresentam. O ponto de partida de Freud nos apresenta um corpo, de saída, envolvido nos mecanismos que a palavra enuncia, como atestam as paralisias histéricas. Como afirma Zenoni (*Ibid.*) retomando Lacan no *Seminário 20*, a psicanálise parte do ponto em que se interroga como os neuróticos fazem amor.

Podemos afirmar, portanto, que a psicanálise parte de outros pressupostos, ou melhor, Freud respondeu com a etiologia sexual à realidade que o corpo impõe, afastando definitivamente de sua seara a problemática da dualidade, quer seja nos termos da fenomenologia, ou das neurociências. Freud, ao colocar a sexualidade em campo define com a psicanálise um novo estatuto para o corpo, em dissonância radical com a herança da dualidade cartesiana, ou com a dualidade fenomenológica. Mas Freud sofrerá leituras que farão de sua descoberta um simulacro da própria dualidade à qual a psicanálise, em sua radicalidade, faz obstáculo. É o que se forjará como o campo da medicina psicossomática. Trata-se aí da conjugação da medicina com um certo modo de ler a própria psicanálise.

A cisão cartesiana é perpetuada nesse campo a partir do modo pelo qual são abordados determinados casos refratários às coordenadas do método clínico tradicional. O psiquiatra alemão J. C. Heinroth criará, em 1818, o termo psicossomática como elaboração da integração de aspectos físicos e anímicos no processo de adoecimento (Mello Filho *et al.*, 2010). As duas grandes vias de leitura que orientam esse campo propõem, por um lado, que todas as doenças são psicossomáticas, pois os fatores emocionais influenciam os processos fisiológicos pelas vias nervosas e humorais (Alexander apud Mello Filho *et al.*, 2010); por outro, afirmam uma falha simbólica no psiquismo que resultaria em respostas disfuncionais ao nível do organismo (Marty, 1998). Mas não é disso que se trata em Freud, quanto às articulações da existência com o fato da linguagem.

Por um lado, a linguagem não é mais reduzida a uma dimensão mental ou psíquica ‘interior’, mas é concebida como realidade autônoma, lugar da implicação do sujeito em um campo trans-individual que o constitui [o autor faz referência em nota de rodapé ao fato de que o corpo depende da imagem do outro em sua constituição, o que abordaremos nesse capítulo]. Por outro, o corpo é recolhido na própria ‘parte’ que se subtrai da união do corpo com a alma, por causa da linguagem, isto é ao nível do sexo. [...] O significante entrando no mundo através da polaridade sexual, contemporaneamente a dessexualiza: uma vez instaurada a

oposição significante, a estrutura diacrítica do significante, o enganche com o sexual se rompe, a relação com o sexual é abolida. No lugar desta relação há daí em diante um furo e o sexual introduz uma falha na unidade epistemo-somática do vivente. (Zenoni, *Ibid.*, p. 275)

É exatamente o que Lacan (1964/1988) nos apresenta ao promover os efeitos do encontro da linguagem com o vivo do corpo como uma experiência traumática. A sexualidade é a realidade do inconsciente, trata-se de tomar os enigmas da sexualidade a partir de sua afinidade com o significante para apreender que à realidade sexual corresponde um furo no saber. Encontraremos a própria pulsação do inconsciente ligada à realidade sexual como o “ponto nodal” de que se trata, apreensível na experiência da análise (*Ibid.*, p. 146). Vemos como o sexual corresponderá a partir de Freud ao fator causal que põe em jogo o corpo. Não estamos numa abordagem que dissocie mental e somático, tentando juntá-los.

Freud introduz um outro plano, a despeito de toda a imaginarização que marca as abordagens pós-freudianas. Trata-se de uma dimensão situada no coração da cadeia dos acontecimentos que compõe a experiência vivida a partir do furo introduzido pela própria linguagem. “E se consideramos a alma como o saber do corpo podemos dizer que o sexo corresponde a uma zona ‘inanimada’, uma zona sem saber” (Zenoni, *Ibid.*). Operando com essa falta de saber, Freud sustenta a abertura de uma investigação que o conduziu à leitura inaugural da psicanálise. Incluir na leitura o que não está na fórmula introduz uma outra perspectiva. A ciência como um campo de saber infinito se desenrola forcluindo o furo que a move.

Como já destacamos a dimensão do número, como nos apresenta a operação de matematização do universo faz calar os fenômenos. Com Freud é a eloquência do furo que falará mais alto, como veremos no próximo capítulo, com a positividade que a libido acrescenta ao sujeito. Prosseguiremos examinado aqui esse corpo, suporte puro das fórmulas para a ciência, no qual Freud lê aquilo que a visibilidade discursiva da ciência não comporta, o que não pode ser reduzido a uma perspectiva de impotência da ciência frente ao corpo. Se a sexualidade pode se definir como esse lado obscuro do corpo, como cernir o claro do corpo?

2.3.2

O corpo-imagem

A forma do corpo é o que faz o “filhote do homem” dependente de uma função que o ligará irremediavelmente ao seu semelhante (Lacan, 1966/1998, p. 97). Os deslocamentos operados a partir de determinadas condições experimentais levarão Lacan a extrair de um certo uso da geometria o suporte para suas formulações em torno da ilusão, cujos efeitos reais ecoarão no percurso de seu ensino, dado o valor fundante da imagem para as relações do sujeito com o mundo. Estamos aqui no nível do que se elabora como o estádio do espelho, no qual a alienação especular ao outro determinará uma identificação “no espelho, no sentido de que o sujeito se identifica em seu sentimento de si, com a imagem do outro, e de que a imagem do outro vem cativar nele esse sentimento” (Lacan, 1966/1998, p. 183). Afinal, desta ainda, “o primeiro efeito que aparece da *imago* do ser humano é um efeito de *alienação* do sujeito. É no outro que o sujeito se identifica e até se experimenta a princípio” (p. 182).

Como afirma Lacan “cremos poder designar na *imago* o objeto da psicologia, exatamente na mesma medida em que a noção galileana do ponto material inerte fundou a física” (*Ibid.*, p. 189), com sua geometrização hipostasiada do mundo, como abordamos. Como uma “evidência obscura”, Lacan articula essa *imago* à ideia de um “espaço inextenso, isto é indizível” (*Ibid.*). Em seu escrito “O estádio do espelho como formador da função do eu”, de 1949, Lacan formalizará a dimensão alienante do sujeito no outro. O estádio do espelho reunirá, portanto, suas reflexões já efetivamente presentes também no texto de 1936, “De nossos antecedentes”, onde expõe que “o que se manipula no triunfo da assunção da imagem do corpo no espelho é o mais evanescente dos objetos, que só aparece à margem: a troca dos olhares manifesta na medida em que a criança se volta para aquele que de algum modo a assiste, nem que seja apenas por assistir a sua brincadeira” (Lacan, 1966/1998, p. 75). O olhar da mãe, o olhar do outro cumpre aqui a função de furo num primeiro tempo da elaboração lacaniana, antes da formulação da categoria de sujeito, que coloca o registro do simbólico em primeiro plano.

O lugar determinante do semelhante para a assunção da imagem de si constitui-se da fonte de inúmeros fenômenos, a contar o fato de que “a criança adquire essa consciência de seu indivíduo que sua linguagem traduz, vocês sabem, na terceira pessoa, antes de fazê-lo na primeira” (Lacan, 1966/1998, p. 181). Além disso, destaca outras situações exemplares, como o fato de que “a criança pode participar, num transe completo, do tombo de seu colega, ou igualmente lhe imputar, sem que se trate de mentira, ter recebido dele o golpe que lhe aplicou” (*Ibid.*, p. 182).

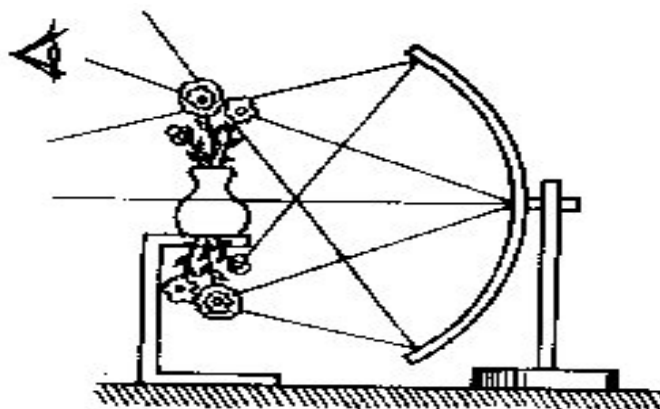
Será com a noção de agressividade que Lacan (1966/1998) circunscreverá a dialética eu-outro a partir da alienação imaginária, afirmando a agressividade como “a tendência correlativa a um modo de identificação a que chamamos narcísico, e que determina a estrutura formal do eu do homem” (*Ibid.*, p. 112). Essa estrutura formal vem incidir sobre o que Lacan destaca como uma relação específica do homem com seu corpo próprio, marcada pelas imagos que vêm figurar para o sujeito o que Lacan agrupa sob a rubrica do corpo despedaçado, como figura nas brincadeiras infantis a “experiência da boneca desmantelada”, onde “arrancar a cabeça e furar a barriga são temas espontâneos” (*Ibid.*, p. 109).

Entretanto não são apenas as experiências infantis que permitirão acesso a esta imago do corpo despedaçado, forjada na experiência primitiva do homem com seu corpo, fonte de estímulos endógenos que a unidade da imagem do outro permite recobrir, sob determinadas condições, ainda que jamais esteja verdadeiramente perdida para o sujeito. A clínica da psicose inunda de exemplos esta dimensão bem recoberta pela experiência da neurose que vela, a partir da alienação narcísica, essa dimensão estrutural na relação com o corpo, o que já em Freud (1923/2006) se destacava nos termos em que o ego se define como projeção de uma superfície, o que nos conduz a pensar o próprio ego a partir dos contornos do corpo com Lacan (1966/1998), que sublinhará o valor estrutural e estruturante da imagem suportada pela forma unificada do corpo.

Tomando apoio nos experimentos da física, elabora num primeiro esquema óptico a montagem que se constitui a partir de um espelho esférico que reproduz o objeto situado em determinado ângulo de sua curvatura. A produção de uma imagem simétrica ao objeto, que será chamada imagem real, pode ser alcançada

pelo olhar em sua realidade. Essa montagem corresponde ao experimento do buquê invertido de Bouasse, um experimento sobre ótica no qual se vê o buquê real escondido dentro da caixa, e surpreendentemente parece surgir para o olho acomodado no vaso que fica sobre a caixa.

Figura 1:



Como destaca Miller (1997), “há as imagens do campo perceptivo onde domina o visual, cuja pregnância de certas imagens foi estudada pela psicologia da forma – a *Gestalt psychology*. Demonstrou a presença, em certas imagens perceptivas, de uma formalização que opera de forma espontânea na percepção visual” (*Ibid.*, p. 577). Veremos com Lacan, especialmente no que nos apresentará no *Seminário 11*, onde dialoga com a fenomenologia a partir do texto de Merleau-Ponty, que a percepção não se realiza sem determinadas condições que atestam um saber do corpo operando, mas não serão essas condições, digamos, naturais, que explicarão a relação estrutural que o ser falante estabelece com a forma de seu corpo.

A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio de *infans* parecer-nos-á, pois manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o eu se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua no universal, sua função de sujeito. (Lacan, 1966/1998, p. 97)

Como introduzido por Lacan, a natureza em questão na espécie humana é determinada de fato pela sua existência concebida inexoravelmente dentro do universo discursivo. Essa especificidade que marcará a relação com o corpo a partir de uma dimensão excluída do próprio saber, revelará uma perspectiva que convoca a uma formalização que não cabe exatamente na fórmula, mas não prescinde de uma formalização. Esse é o esforço que vemos em Lacan com seu recurso a inúmeros saberes para poder sustentar o que não se sabe sem saber, mas fora de qualquer perspectiva cognitiva. Assim, para além de todos os fenômenos de transitivismo, como formula a psiquiatria, destacamos com Lacan que, quanto à função constituinte da imagem, estamos num campo que a clínica evidencia a partir de situações limite, “nas quais o sujeito está suspenso numa reação especular ao outro” (Lacan, 1953-1954/1983), das quais a clínica da psicose nos oferece a estrutura.

É importante notar que Lacan destaca logicamente o júbilo articulado intrinsecamente à unidade que a forma imaginária oferece. Aqui ainda estamos às voltas com uma razão orgânica, a experiência do corpo vivo como impotência, sobre o qual se precipitará a imagem unificadora e apaziguadora diante deste caos original. Mas, o que exatamente opera quando se trata de tomar o corpo no ponto em que sua fragmentação, como efeito da imaturidade neurológica, é recoberta por uma precipitação da imagem? Lacan responde que o júbilo da criança diante de sua imagem unificada sob o testemunho do outro, ao mesmo tempo em que lhe concede sua imagem pela alienação à forma do corpo do semelhante, é uma manifestação que em nada pode ser qualificada pela perspectiva do desenvolvimento que a psicologia designa a partir de progressos, na aquisição de novas capacidades.

O afeto do júbilo assinala o ponto em se evidencia o investimento libidinal na imagem que remete a um si mesmo desde fora. “Pois a forma total do corpo pela qual o sujeito antecipa numa miragem a maturação de sua potência só lhe é dada como *Gestalt*, isto é numa exterioridade em que decerto essa forma é mais constituinte do que constituída, mas em que, acima de tudo, ela lhe aparece num relevo de estatura que a congela e numa simetria que a inverte” (*Ibid.*, p. 98). Essa antecipação do eu pela assunção da imagem unificadora, vivida como a

precipitação de uma unidade frente à experiência do corpo neurologicamente fragmentado corresponde à nova ação psíquica que Freud (1914/2006) formula. “Estamos destinados a supor que uma unidade comparável ao ego não pode existir desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido. Os instintos auto-eróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo” (*Ibid.*, p. 93).

Veremos com Lacan no capítulo três, aquilo que tenta circunscrever como o tempo zero do sujeito, ponto em que toma corpo, anterior à própria operação que lhe concede um corpo a partir da imagem. Mas, cabe destacar que quanto ao júbilo do estágio do espelho, segundo Lacan, estamos num ponto em que a ideia de uma maturação súbita do aparelho perceptivo, para além de qualquer perspectiva de desenvolvimento, surpreende o sujeito, capturado na miragem da imagem, “matriz de sua *Urbild* do Eu” (Lacan, 1966/1998, p. 181). Se neste momento de suas elaborações, Lacan (*Ibid.*) toma apoio no vivo do corpo como imaturidade neurológica, também se trata aí da abertura à entrada de uma dimensão que não se enquadra em nenhum suporte biológico, e que ao mesmo tempo desmascara a redução do *eu* a uma síntese das experiências vividas, acumuladas numa dimensão que estaria presente no vivente desde sempre, diferenciando-o do mundo ao seu redor. A leitura de Freud e Lacan nos conduz a afirmar que nem o *eu*, nem a imagem do corpo constituem entidades inatas, e o mundo não se constitui fora da relação com o corpo próprio.

[...] o estágio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito tomado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. (Lacan, *Ibid.*, p. 100)

Lacan (1966/1998) insiste desde muito cedo quanto “à evidência enganosa de a identidade para consigo mesmo, que se supõe no sentimento comum do eu” (*Ibid.*, p. 73). O que o júbilo revela, segundo Lacan, é que se trata de “um momento que não é de história, mas de *insight* configurador, razão por que o designamos como estágio, ainda que tenha emergido numa fase” (*Loc. cit.*). Destacamos como sublinha Lacadée (1990/1994), que a divisão do sujeito já se

manifesta neste afeto, já que Lacan teria reconhecido aí a dimensão de uma subjetivação surpreendente frente à angústia ligada às tensões diante da desagregação primordial.

Assim, “a noção do estágio do espelho repousa sobre uma hiância, sobre uma discordância, sobre uma insatisfação de reconhecimento, testemunha da separação entre a experiência vivida do corpo e sua forma” (*Ibid.*, p. 30). Nisso, podemos ver uma primeira versão do que se manterá ao longo do ensino de Lacan como uma divisão intransponível, constituinte do vivente na linguagem, efeito da subtração fundamental que assinalamos como seu ponto de entrada no mundo, e que constituirá seu mundo, dentro dos contornos de uma dimensão que nos informa sobre o que do corpo escapa à sensibilidade, inaugurando uma dimensão inaudita na relação do homem com o corpo.

Da montagem que resulta no corpo próprio definido como imagem, a experiência do júbilo, o afeto manifesto pela criança diante de sua imagem, nos informa sobre a impossibilidade de reduzirmos o corpo ao reflexo especular ou à sua dimensão sensível. Uma vez que “é apenas pelas articulações simbólicas que a [a imagem] enredam a um mundo inteiro que a percepção adquire seu caráter de realidade” (Lacan, 1966/1998, p. 394). Vemos com Freud e Lacan como a unificação da imagem suportada pelo furo que o olhar do outro representa, nos introduz no que a psicanálise tem a dizer sobre o corpo, cuja unidade é concedida exatamente pelo que não está presente, um furo que não pode ser exatamente localizado no esquema lacaniano. O júbilo nos mostra, portanto, como a unidade do corpo é artificial, um passe de mágica que pode se desfazer, que vacila mais ou menos. Essa unidade só é alcançada pela presença desse elemento que se conjugará como a intimidade mais estranha, que aqui designamos pelo olhar do outro.

2.3.3

Uma imagem, dois espelhos

A experiência clínica e nosso percurso teórico, até o momento, nos permitem afirmar que a unificação dada pelo olhar constitui exatamente aquilo

que escapa ao que as fórmulas podem circunscrever do corpo. Insistiremos na abertura ao que na própria imagem se sustentará a partir do furo que o olhar do outro imprime como hiância. A fusão do narcisismo freudiano com a aplicação lacaniana de esquemas nos permite reter o fundamental da operação: a miragem desenhada pela totalidade do corpo se antecipa ao corpo real, aqui ainda definido entre o registro de suas funções e essa outra espécie de real que a libido freudiana introduz, como desenvolveremos no próximo capítulo. A imagem especular testemunha que não há corpo sem imagem do corpo, e a introdução do espelho plano no esquema de Lacan vai permitir um desdobramento fundamental na montagem do modelo óptico, por produzir uma conjugação entre imaginário e simbólico na dimensão em que se realiza a apreensão da experiência do corpo próprio.

Ao introduzir o Outro, Lacan dará um passo essencial na direção de estabelecer pressupostos simbólicos para a função da imagem, conduzindo-nos pela perspectiva de que o que de fato nos interessa quanto à percepção será subsumido pela ação da própria estrutura, com uma absorção progressiva da imagem na função significante. Se Lacan (1966/1998) vai afirmar que “o drama do sujeito no verbo é que ele experimenta ali sua falta-a-ser” (*Ibid.*, p. 661), acrescentará que a imagem vem recobrir esta hiância, instalando-se no coração do ser, mas para “apontar um furo” (*Ibid.*, p. 662). Faz-se necessário o passo do que se passa com relação à assunção de uma imagem, que se precipita pelo aparelhamento do olhar pela linguagem⁴.

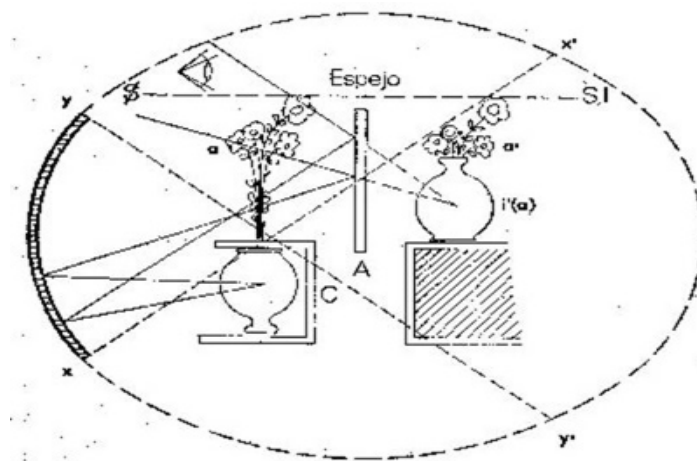
Lacan situa o aparelho que se concebe numa “afinidade com os efeitos de refração condicionados pela clivagem entre simbólico e imaginário” (*Ibid.*, p. 679). O advento da forma do *eu* (*moi*) não é sem correspondência com o *Eu* (*je*)

⁴ Como destaca Mandil (2008) a atenção dada por Lacan à ideia que alguém tem de si como corpo faz parte de um percurso teórico que encontra seus extremos, tomando como ponto de partida a postulação do estádio do espelho, com a construção da identidade de um sujeito apoiada nos efeitos especulares no campo da imagem unificada de seu próprio corpo e, como ponto de chegada, a escrita do ego em Joyce, postulada por Lacan com o *Seminário 23* (1975-1976/2007) a partir de uma reorientação fundamental no seu ensino quanto à própria ideia de estrutura. Trata-se de um intervalo que percorre quase toda a obra de Lacan, e que escandiremos a partir das formulações em torno do objeto *a*.

da enunciação, ainda que este último se configure como o elemento mais efêmero, cernível apenas no próprio ato de fala, o próprio sujeito da ciência, tal como abordamos anteriormente. Como destaca Lacan (*Ibid.*), o encontro do sujeito-furo com sua imagem narcísica não se efetua harmonicamente. A imagem não é uma garantia de esteio para o sujeito, pois está inscrita em sua própria origem “uma função de desconhecimento” (*Ibid.*, p. 675), já que a montagem da imagem não está fora dos efeitos que o inconsciente estende sobre o *eu*. “Foi inclusive para afirmá-lo expressamente que Freud introduziu sua teoria das relações entre o Eu e o Isso – logo, para ampliar o campo de nossa ignorância, e não de nosso saber” (*Ibid.*).

A primeira versão de seu modelo, ordenada sob o traçado de uma projeção estritamente submetida aos preceitos do campo da física, restringe o efeito de imagem que o espelho côncavo oferece a uma duplicação do corpo em imagem real do corpo, como no citado experimento de Bouasse. Mas, a introdução do espelho plano promoverá a duplicação da montagem, sob os efeitos de virtualização que a linguagem prescreve à experiência, “o que é concebível sem forçar as leis da óptica” (*Ibid.*, p. 681).

Figura 2:



Optamos por reproduzir esse modelo que Lacan apresenta em sua discussão nos *Escritos*, com suas “Observações sobre o relatório de Daniel Lagache”, a fim de demonstrar a passagem fundamental que a inclusão do espelho plano introduz

na elaboração acerca da imagem do corpo. Se a imagem real no primeiro plano, o do espelho côncavo, decorre de uma subjetivação *grosso modo* “como representando numa imagem alguma função global do córtex” (Lacan, 1966/1998, p. 682), atravessando o espelho plano, encontraremos – $i'(a)$ – a imagem virtual, na qual se conjugará a ação da linguagem com o efeito cativante da imagem, através da imagem como objeto, corroborando a formulação freudiana do narcisismo instaurado a partir do corpo tomado no campo do objeto.

O modelo destacado aqui, com a introdução do espelho do Outro, a linguagem e o furo que ela produz, transforma-se para dar consistência à montagem que fará dele um “modelo teórico” (*Ibid.*, p. 680), no qual o valor fundamental será dado à imagem virtual que se desprende do jogo entre o espelho côncavo do experimento original e o espelho plano introduzido por Lacan, para figurar a presença da linguagem como alteridade fundamental a introduzir o próprio sujeito como furo. Se o espelho é o ponto de partida para a subjetivação humana, a partir de uma primeira apreensão de si como imagem, a partir do outro, estamos no ponto em que a estabilização dessa imagem só será efetivamente possível a partir do furo. O lugar da linguagem nessa montagem é o que permite distinguir a dupla incidência em questão, a do imaginário e a do simbólico.

As relações entre $i'(a)$ [imagem virtual] e $i(a)$ [imagem real], em nosso modelo, não devem ser tomadas à letra de sua subordinação óptica, mas como sustentando uma subordinação imaginária análoga. Em $i'(a)$, com efeito, não há somente o que o sujeito do modelo espera dela, porém já uma forma do outro que sua pregnância [...] introduz como um princípio de falso domínio e de alienação intrínseca, numa síntese que requer uma adequação bem diferente. (*Ibid.*, 682)

“Seria um erro acreditarmos que o Outro maiúsculo do discurso possa estar ausente de alguma distância tomada pelo sujeito em sua relação com o outro.” (*Ibid.*, p. 683). Veremos como as manifestações do aparelhamento do corpo pela linguagem, apesar de encontrarem apoio nas funções somáticas, subvertem qualquer tentativa de redução da experiência do corpo à experiência sensível do corpo, como abordaremos no próximo capítulo.

É que o Outro em que o discurso se situa, sempre latente na triangulação que consagra essa distância, não o é a tal ponto que não se exponha até mesmo na relação especular em seu momento mais puro: no gesto pelo qual a criança diante do espelho, voltando-se para aquele que a segura, apela com o olhar para o testemunho que decanta, por confirmá-lo, o reconhecimento da imagem, da

assunção jubilatória em que por certo ela já estava. Mas isso já não nos deve enganar no que concerne à estrutura da presença que é aqui evocada como terceiro: ela não deve nada à anedota do personagem que a encarna. (*Ibid.*, p. 685)

A introdução do Outro nos permite constatar que se a linguagem tem um papel fundamental na operação que concede ao sujeito uma imagem, terá o papel, não menos fundamental, de separá-lo dela, fazendo obstáculo ao congelamento do sujeito na imagem. Mas como? O lugar do sujeito se define na elisão significativa, como as coordenadas do discurso determinam, conforme abordamos a partir do significante que representa o próprio sujeito para outro significante. Lacan localizará numa interface do simbólico com o imaginário, do sujeito lógico com a imagem, a relação entre a miragem do *Eu Ideal* e o lugar do *Ideal do Eu*, como “uma formação que surge nesse lugar simbólico [...] que se prende às coordenadas inconscientes do Eu” (*Ibid.*, p. 684), que também operam na constituição da imagem do corpo, na medida em que é o próprio furo que a estabiliza. Destacará a função da ilusão realizada na imagem virtual, tal como produzida no modelo, como o único lugar onde o sujeito pode apreender-se como corpo, já que o real do corpo estará perdido para o sujeito, como o vaso no interior da caixa, inacessível, apagado, mas ainda assim uma espécie de suporte, como demonstra Lacan. Resta a questão sobre como se orquestram as relações do sujeito com o campo do Outro encarnando, para além da imagem, o próprio corpo.

2.3.4

Entre o furo e o falo

A relação do sujeito com a imagem que o espelho lhe confere não é exatamente harmônica. Além disso, não podemos afirmar que o corpo-imagem configure uma solução teórica que responda em consonância com os efeitos que o furo, concebido nos termos da lógica lacaniana, inscreve no coração do existente. A composição que Lacan propõe, articulando o espelho, a linguagem e o corpo, tomado como um conjunto diagramado no modelo ótico, não serve à teorização do corpo de que se trata na psicanálise, mas permite introduzir uma teorização do corpo que evidencia o corpo a que temos acesso na experiência do corpo. Lacan faz do narcisismo freudiano uma montagem a partir da geometria, localizando a

energia freudiana, a libido, nos termos desta matematização. A libido, definida imaginariamente neste primeiro tempo do ensino de Lacan, está fora de acesso, localizada no corpo a que não se tem acesso, o vaso dentro da caixa, como nos mostra o referido esquema.

Vimos que não é possível uma transcrição integral do corpo nos termos que a linguagem permite circunscrever, incluindo aí os limites da imagem. Afinal, as imagens não se definem fora de uma relação com a linguagem. Como afirma Miller (1997), “as imagens se significantizam: podem se transformar em significantes e podem ser tomadas como significantes. Nem que seja porque as imagens, como as próprias coisas, só são nomeáveis pelas palavras” (*Ibid.*, p. 576). Mesmo sem a psicanálise, podemos afirmar o poder das imagens na experiência humana. Em torno disso, Miller (*Ibid.*) propõe a formulação em termos de “imagem rainha” para designar as imagens que dominam no imaginário, apesar da psicanálise introduzir-se como “modalidade do dizível” (p. 577).

Na verdade, na psicanálise não há nada a ver e há muito a dizer. E mesmo se ela se faz face-a-face, é sempre um convite ao sujeito para se abstrair da inevitável modalidade do visível e renunciar à imagem pelo significante. Nesse naufrágio da imagem, entretanto, algumas subsistem. Pela seguinte razão: concentram-se aí os ditos do paciente ou as deduções do analista. [...] Essas imagens, que sobrevivem do naufrágio do mundo da imagem na psicanálise, podemos chamá-las as ‘imagens rainha’ da psicanálise. Encontro três, não mais. Há o próprio corpo, o corpo do Outro, e o falo. (*Ibid.*, p. 578)

Quanto ao corpo, situamos na imagem virtual a versão lacaniana do narcisismo freudiano. A imagem do corpo do Outro, constitui-se pela experiência imaginária da castração, como Freud nos introduz frente ao confronto com a castração materna. À “castração ótica” (*Ibid.*) corresponde uma concepção bastante controversa em Freud. Ao afirmar que a anatomia é o destino, Freud (1924/2006) já introduz uma disjunção frente à anatomia científica, conduzindo-nos “a uma formalização significativa, pois é suporte de uma presença e de uma ausência – precisamente o que Lacan sublinha com a terceira imagem rainha” (Miller, *Ibid.*, p. 578-579).

Na base da operação que faz da imagem do corpo próprio um objeto para o sujeito, a partir da imagem do corpo do Outro, o falo opera, como uma

significação fundamental apoiada na imagem, a nova ação psíquica, que franqueará ao sujeito sua entrada no jogo dos investimentos objetais, como concebe Freud. É nisso que a análise “revela que o falo tem a função de significante da falta-a-ser que determina no sujeito sua relação com o significante” (Lacan, 1966/1998, p. 717). Com Freud, a dimensão do objeto concorre vivamente para o que se define como a realidade para o sujeito, sob o efeito fundamental do que Freud apresenta como o complexo de castração, mas, destaca Lacan, é preciso separar o inconsciente de toda a “mistificação do símbolo” (*Ibid.*, p. 716), pois na psicanálise não se trata de interpretar imagens.

A análise nos mostrou que é com imagens que cativam seu eros de indivíduo vivente que o sujeito vem a provar sua implicação na sequência significante. É claro que o indivíduo humano não deixa de apresentar uma certa complacência com esse despedaçamento de suas imagens – e a bipolaridade do autismo corporal favorecido pelo privilégio da imagem especular [com o fundamento biológico dado à prematuração], dado biológico, se prestará singularmente a que essa implicação de seu desejo no significante assuma a forma narcísica. (*Ibid.*, p. 718)

Lacan (2001/2003) destaca como registro fundamental para o pensamento de Freud, o lugar do objeto perdido, formulando-o como “a causa da posição do sujeito que é subordinada pela fantasia” (*Ibid.*, p. 197). Será a fantasia, no que ela se formula na balança entre sujeito e objeto no campo do Outro, a conceder ao sujeito seu esteio.

A realidade sexual conduzirá Freud à descoberta da prevalência fálica na sexualidade infantil (Freud, 1905), na qual a dialética entre ter e não ter o falo, sob a castração, para ambos os sexos, macho e fêmea, indicará uma perspectiva para as elaborações em torno da perda fundamental que inscreve a sexualidade como causa na experiência humana. Para Freud (1925/1996), a percepção da diferença anatômica entre os sexos, sob a prevalência fálica, marcada por um jogo de presença-ausência, determinará, dentro da estrutura do Édipo, sob a castração, a dimensão simbólica que o falo, enquanto símbolo privilegiado, encarna, metaforizando a própria relação com o corpo pela perspectiva do ideal (Freud, 1914/1996).

Com Lacan, o falo será definido em termos de função, fruto da operação que promoverá uma transformação, por que não dizer, uma metamorfose do órgão em símbolo, sob o efeito da linguagem. Trata-se de uma operação fundamental para

apreendermos a própria realidade psíquica, pois a castração, tal como a definiu Freud, constitui uma operação simbólica primordial que determina a *Spaltung* do sujeito, a divisão psíquica irreversível, que dará lugar ao próprio inconsciente (Freud 1912/1996, e 1915/1996). Vemos em Lacan (1966/1998) a função do falo se definir a partir da lógica significante, na relação com o inconsciente estruturado como linguagem, onde o falo é designado como o significante da falta, aquele que serve de véu para a castração, uma falta recobrando outra, mais radical. Uma vez que “o complexo de castração inconsciente tem uma função de nó” (Lacan, 1966/1998, p. 682), vemos com Lacan que se trata em Freud de uma amarração que conjuga o inconsciente, o corpo-imagem e a castração, através de seu corolário, o falo.

O objeto condiciona a relação com o semelhante, num fluir e refluir de libido que ora coloca o sujeito no lugar de objeto, ora o outro, mas também, ora se o tem, ora não, sob a roupagem fálica. Se o falo é designado, desde Freud, por uma subversão de sua natureza, tornado-se o símbolo da própria castração, como impossibilidade de acesso ao gozo do objeto primeiro, ele também designa o estofado da imagem à qual o sujeito se ancora no desejo do Outro: o lugar de onde o sujeito se vê passível de ser amado, o Ideal do eu, constituído enquanto uma “constelação de insígnias”, marcas derivadas do traço fundamental do significante (*Ibid.*, p. 687). A falta fálica (*-phi*) constituirá “uma constante da própria articulação simbólica”, ao fazer “girar toda a teoria do objeto ao redor de (*-phi*), escritura eleita para o complexo de castração” (Miller, 1997, p. 460). Como apreendemos com Lacan, ao furo do sujeito vem responder a imagem falicizada do corpo próprio dentro da economia do desejo.

Lacan arma ao redor da idéia da falta de objeto, um tabuleiro que todos nós conhecemos – castração, privação, frustração. Cada um destes termos está localizado quanto ao Simbólico, ao Imaginário e ao Real, com um agente distinto, que os coloca na vaga do objeto faltante. (*Ibid.*, p. 462)

Esta metáfora fundamental em que o falo se converte, ordena os efeitos do desvio da necessidade pelo que se define na demanda como aquilo que é alienado das necessidades, o desejo. Dito de outro modo: “O desejo não é, portanto, nem o apetite de satisfação, nem a demanda de amor, mas a diferença que resulta da subtração do primeiro à segunda, o próprio fenômeno de sua fenda (*Spaltung*)”

(Lacan, *Ibid.*, p. 689). Com a dimensão do sujeito, tal como define Lacan, como efeito de uma operação lógica, articulada aos efeitos da constatação de que só há um acesso ao corpo pela imagem, como apresentamos, o efetivo acesso ao vivo do corpo está definitivamente perdido, sob a barra do recalque, ou a barra do signo que separa significante e significado, pela a ação da linguagem. O desejo será, portanto, esse ponto em que o sujeito é aspirado, articulável em torno do furo, diante de sua satisfação impossível, o que Freud desenhou sob o império da castração.

Mas de onde virá a causa do desejo, senão do lugar do Outro, na medida em que aí encontramos a própria falta-a-ser do sujeito velada na dialética do ser/não ser o falo do Outro, a mãe, segundo o romance edípico? “Digamos que essas relações girarão em torno de ser e de ter que, por reportarem a um significante, o falo, têm o efeito contrário de, por um lado, dar realidade ao sujeito nesse significante e, por outro, irrealizar as relações a serem significadas” (*Ibid.*, p. 701). Vemos nisso como nos domínios do recalque se estrutura um modo de estabelecer a própria realidade em que o sujeito como furo encontra na consistência imaginária o apoio que lhe concede a operação da metáfora, que inaugura um registro no qual podem coexistir dimensões contraditórias, como as que encontramos na experiência.

É como significante fálico, um significante paradoxal, por conjugar simbólico e imaginário a partir de sua homologia com o órgão do corpo, que o falo se constituirá como o véu que revestirá o corpo pela imagem daquilo que o sujeito não é na relação com o Outro. Sua função de símbolo da castração, pela negatização da libido em jogo nessa operação, o “predestina a dar corpo ao gozo na dialética do desejo” (*Ibid.*, p. 836). Pelo que a imagem, no que ela se reveste do Ideal, é capaz de oferecer à inconsistência do sujeito e funcionar como suporte ao desejo. Ao intercambiar-se com o objeto, vemos o falo revelar-se uma ferramenta, empregado “como um algoritmo” (*Ibid.*, p. 700), desvencilhando dos excessos imaginários que se encontram na base das formulações pós-freudianas.

O falo é aqui esclarecido por sua função. Na doutrina freudiana, o falo não é uma fantasia, caso se deva entender por isso um efeito imaginário. Tampouco é, como tal, um objeto (parcial, interno, bom, mau etc.), na medida em que esse termo tende a prezar a realidade implicada numa relação. E é menos ainda o órgão, pênis ou

clitóris, que ele simboliza. E não foi sem razão que Freud extraiu-lhe a referência do simulacro que ele era para os antigos. Pois, o falo é um significante, um significante cuja função, na economia intra-subjetiva [...] destinado a designar, em seu conjunto, os efeitos de significado [...] (Lacan, 1966/1998, p. 697)

Trata-se de tomar o sujeito do inconsciente a partir de sua articulação ao corpo, a partir da realidade que o falo instaura, ao se interpor entre a carne e a palavra, definindo um universo de significação que reveste o vivente de um sentimento de vida que sempre lhe escapa. Como encontramos a partir da leitura de Lacan, a significação que o falo introduz é portadora da própria matriz que permite ao sujeito jogar o jogo da linguagem sem ser aspirado pelo que se desvela como inconsistência da própria linguagem.

O falo, na neurose, ao ditar a regra do jogo, recobre o que na psicose é vivido como uma experiência de invasão pelo significante, com seus fenômenos corporais, pois a ausência da solução metafórica constituída a partir da significação fálica deixa o vivente desamparado, numa espécie de deriva imaginária, com o risco de ser engolfado pela avalanche em que a linguagem se constitui, e que atravessa o vivente evidenciando o que na psicose se manifesta como uma “desordem provocada na junção mais íntima do sentimento de vida no sujeito”, como destaca Lacan (Lacan, 1966/1998, p. 565). O falo metaforiza o encontro traumático do sujeito com a linguagem e recobre de brilho o furo insuportável que a linguagem instaura – vivido como caos na psicose, onde há que se construir ancoragens para que se possa localizar um sujeito atrelado a um modo de satisfação que não o demita da vida.

Trata-se, portanto, dentro da lógica fálica, de uma montagem que corresponderá ao que desde Freud é designado como fantasia, este quadro fundamental que flagra um instante perenizado, onde o sujeito é capturado na posição do objeto que foi para o Outro, em sua “ereção de vivente” (Ibid., p. 689). Trata-se de uma construção do sujeito, feita a partir de restos que se imprimem desse tempo imemorial, no curso de uma análise. A cena fantasmática encontrará sua transcrição gramatical em Freud, expondo o caráter significante de tudo que concerne ao sujeito do inconsciente.

Miller (1997) sublinhará nessa montagem que o que está em questão para cada sujeito é sua relação com a falta, mas a falta que se inscreve no Outro, assim

“o determinante para cada sujeito é a relação da mulher, sua mãe, com sua própria falta” (*Ibid.*, p. 462). Lacan se serve da imagem – $i(a)$ – para dar suporte a esse sujeito no campo do Outro, inscrevendo-a como imagem–suporte do próprio desejo do Outro. Vemos que $i(a)$ se funda sobre a castração, no que é suportada pela função – ϕ , a negatização do falo, como efeito de simbolização produzido neste ponto de báscula entre o corpo e o significante, onde um órgão privilegiado do corpo, por suas características, se presta especialmente a demonstrar “como se atam, precisamente, a relação especular e a relação com o grande Outro” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 48).

Tomada pelo seu poder de captura, a imagem se inscreve sob a operação que assujeita o vivente à linguagem. Se a captura imaginária pode ser reconhecida como um fenômeno amplo na escala animal, como demonstram os estudos de etologia, no humano, por outro lado, sua submissão a uma alienação significativa dará aos efeitos imaginários um caráter próprio. Como vimos, a imagem do corpo se introduz na economia do sujeito dentro da estrutura da linguagem. Há uma função significativa que se conjuga na constituição da própria imagem para a produção de efeitos de significação, recolhidos na narrativa do sujeito em análise, mas também como o que permite toda a produção de sentido que sustenta o mundo.

Verificamos que à falha que marca a presença lógica do sujeito, que comparece introduzindo rupturas no tecido a linguagem, corresponde uma imagem feita de furo que faz véu à impossibilidade estrutural que a linguagem introduz. A imagem do corpo, narcisicamente concebida, é o que franqueia ao sujeito o acesso possível ao corpo próprio, que se compõe num intrincado entre simbólico e imaginário. Mas, como o narcisismo não responde como uma formulação absoluta sobre o corpo, a psicanálise introduzirá algo mais neste cenário, conjugando uma nova e necessária concepção de espaço para dar conta do que se introduz quanto à formulação do corpo que excede os contornos da imagem, como abordaremos no próximo capítulo.

2.3.5

O furo faz corpo: uma introdução

Lacan vai nos conduzir, como vimos anteriormente, pelo caminho aberto quando da entrada do número no universo, mas será em torno do que não cabe na matriz de leitura estabelecida pela ciência que centrará sua abordagem. Como incluir na nova ordem do mundo um regime de saber que, se por um lado, é subsidiário da operação galileana, por outro, se sustenta sob outros pressupostos? Se a presença do número no real introduz uma matriz de leitura ancorada nas fórmulas, como pensar os efeitos dessa dimensão da cifra a partir da experiência psicanalítica, que não deixa de fora essa dimensão material da linguagem? As práticas galileanas, ao erigirem o paradigma do número, nos informam sobre sua natureza tomada como atributo, o que coloca a cifra matemática fora do campo da representação, como afirma Sautoy, M. (2008), pois “independentemente da mente humana, existe uma realidade matemática crua e imutável” (*Ibid.*, p. 16).

Vimos que Lacan extrai do discurso da ciência a própria condição para o advento do sujeito, não o faz identificando o sujeito ao indivíduo fisicamente palpável, mas o propõe como efeito lógico, dentro da formulação de uma natureza matematizada. Não se trata, portanto, de tomar o seu sujeito lógico como uma coisa em si, mas tomá-lo como efeito do furo que o simbólico faz incidir sobre o real. Invertendo um pouco nossa argumentação até o momento, podemos afirmar que ao furo produzido pelo simbólico, correspondem respostas do real que, neste ponto de abertura do ensino de Lacan sobre o corpo, encontram na dimensão da imagem o suporte para a presença do sujeito no mundo. Como Lacan (1954-1955/1985) demonstra, a composição do corpo-imagem faz vigorar no vivo os efeitos que a imagem é capaz de suscitar, tomando a etologia como campo para sua homologia entre o real do corpo e o imaginário, mas não se trata de tomarmos as relações entre o real e o imaginário a partir de uma coincidência pura e simples entre esses registros quando se trata da espécie humana.

Os sujeitos vivos animais são sensíveis à imagem de seu tipo. Ponto absolutamente essencial graças ao que a criação viva toda não é uma imensa suruba. Mas o ser humano tem uma relação especial para com a imagem que lhe é própria – relação de hiância, de tensão alienante. É aí que se insere a possibilidade da ordem da presença e da ausência, ou seja, da ordem simbólica. A tensão entre o simbólico e o

real está aí subjacente. Ela é substancial, se consentirem em dar ao termo substância seu sentido puramente etimológico. (*Ibid.*, p. 403)

Com sua montagem a partir da relação do imaginário com o simbólico, vemos em Lacan a emergência de uma imagem furada. Mantendo-se fiel às formulações freudianas, Lacan nos apresenta este ego-corporal a partir da inteireza da forma, mas também a partir de suas hiâncias. Uma vez que se trata de localizar o sujeito na duplicidade fundadora que a representação introduz, tal como Lacan apresenta com a bateria significante mínima ($S_1 - S_2$), “o sujeito encontra desde logo o regato secreto por onde flui antes de brotar, veremos por qual fenda” (Lacan 1966/1998, p. 667).

Trata-se entre imaginário e simbólico, como vimos, de uma conjunção na qual “o sujeito passa para além desta vidraça onde sempre vê, amalgamada, sua própria imagem”. (Lacan, 1954-1955/1985, p. 223). Vale destacar que ele só o faz porque é sustentado nessa travessia, ao mesmo tempo em que a vidraça-imagem só se sustenta porque o sujeito em sua travessia atravessa seus ideais, com o uso de certos instrumentos. Sem esquecer que o paradigma aqui é a neurose, consideramos importante sublinhar que na psicose esquizofrênica, a experiência em geral é de estilhaçamento da vidraça, já que o ego-imagem só encontraria sua estabilidade nesses efeitos de furo ausentes aqui. Por outro lado, na paranoia, como apresenta Miller (2004), ao discutir o caso do presidente Schreber a partir do estádio do espelho, evidencia-se o caráter mortífero da imagem totalizada, sem furo.

Vale destacar, com Miller (*Ibid.*), que é pela rearticulação do imaginário que Schreber consegue fazer de seu mundo um lugar vivível, mas os fenômenos psicóticos que afetam o corpo de Schreber, como podemos circunscrever estão reservados à independência do imaginário e as conseqüências disso para o sujeito resumem-se na perene ameaça de dissolução do corpo-mundo, agregando aí as soluções que a leitura de Freud e Lacan permitiram recolher como paradigmáticas e ao mesmo tempo tão singulares em Schreber. “O corpo e o que se passa nele é assim assinalado tanto nos momentos de dilaceramento de que testemunha o

sujeito, como nos momentos que merecem ser qualificados como de uma certa restauração deste corpo” (p. 58)⁵.

A inércia da imagem encontra no enlace com o furo do sujeito, a partir dos efeitos de metáfora, uma possibilidade de alojar o corpo entre a imagem e o furo. Já não podemos definir o corpo como pura forma, nem mesmo podemos reduzir a experiência psicanalítica a manobras retóricas em torno de um sujeito sem corpo. Qual seria, então, o objeto da prática psicanalítica? “O ser e o objeto [...] não é de maneira nenhuma a mesma coisa. O ser, do ponto de vista científico, nós não o podemos apreender, bem entendido, já que ele não é de ordem científica” (Lacan, *Ibid.*, p. 137). A trama é bastante justa, mas conseguimos atravessar em alguns pontos para situar com Lacan que não é possível reduzir a psicanálise às balizas fenomenológicas que, como abordamos, encontram na disjunção entre transcendência e imanência, entre ser e corpo, seu campo de investigação.

Mas, também não é nada óbvio sustentar o enlace da psicanálise com a ciência. Se o fazemos com alguma margem de manobra, partindo da teoria do significante, esbarramos nos impasses diante do que se trata quanto ao objeto. Nosso percurso até o momento permite afirmar que o sujeito lógico, base do enlace da psicanálise com a ciência, é esse vazio que só se torna alguma coisa quando encarnado num corpo que se, por um lado, depende da forma para fazer-se consistência pela imagem, por outro, também não entra na vida pela inércia da forma.

Até que ponto o sujeito barrado, por definição, é capaz de responder por uma natureza de satisfação, como as formações do inconsciente levam a supor, desde Freud? Ou o que a natureza discursiva do sujeito revelaria sobre o que, não cabendo na representação, na forma, insiste? É em torno destas questões que a

⁵ As *Memórias de um doente dos nervos*, escritas por Schreber constituem desde Freud um texto de referência fundamental para a leitura da psicose. Neste livro, Schreber relata sua experiência de mundo mediante fenômenos que serão lidos por Freud e Lacan no contexto das relações do sujeito com o mundo, a partir do que os fenômenos psicóticos revelam sobre o modo particular como se arranjam na existência, fora dos parâmetros da castração, com seu testemunho de um imaginário mortífero abandonado a si mesmo, onde a libido deixa de ser atraída e circunscrita na significação fálica, que aqui não opera. Destacamos sobre o tema a elaboração que Lacan propõe em seu texto: “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1966/1998).

presença do corpo concorre para conjugar esse “algo mais”, que é requisitado para dar peso clínico à própria teoria e para responder pelo peso clínico dos fenômenos manifestos na clínica. Aí entramos no terreno da disjunção entre a psicanálise e a ciência. A partir da matematização do universo, axioma fundamental da operação da ciência galileana, o real é tomado como matematizável, o que transforma em fórmulas os signos do *pathos*, fazendo incidir sobre o corpo a operação do cálculo e da predição. O efeito de entrada da dimensão discursiva que a ciência moderna inaugura traz para o saber médico consequências fundamentais sobre o modo de conceber o corpo, sobretudo, por reduzir-lo apenas a objeto para o olhar: o corpo cadaverizado no símbolo e inerte na forma.

Vimos que a introdução do falo, com seu efeito de transcrição do corpo pela significação, não dá conta efetivamente de todos os fenômenos que atestam o corpo na clínica. O que faz corpo para um sujeito? Quais seriam as relações que poderíamos estabelecer entre o ego, incluindo aqui sua dupla face consciente-inconsciente, e o sujeito? “Eu diria que o caráter não apreensível da consciência, irreduzível com relação ao funcionamento do vivente, é na obra de Freud algo tão importante de se apreender quanto o que ele nos trouxe sobre o inconsciente” (Lacan, *Ibid.*, p. 151). É neste ponto que a composição ego-imagem-corpo, real perdido para o sujeito, é convocada para além da forma do corpo, e convoca o furo a inscrever algo mais aí. É assim que Lacan nos introduz efetivamente na face de disjunção entre psicanálise e ciência, concebida por Freud, preservando necessariamente o caráter de furo do sujeito, mas estendendo o furo ao corpo.

Lacan inaugura um modo radicalmente novo de conceber o sujeito, modo que vai nos introduzir na dimensão de um objeto particular, como será abordado no próximo capítulo. Será a estrutura da linguagem que funcionará como suporte para o advento do sujeito, abrindo uma problemática fundamental em Lacan acerca do que excede os contornos da lógica e insiste em Lacan como uma pergunta sobre essa dimensão que, escapando à formalização, dá ao existente seu lastro. Veremos como Lacan situa conceitualmente este algo mais como objeto *a*.

A criança no espelho espera um signo, um gesto, uma resposta, um reconhecimento que o terceiro que se encarna no Outro lhe responde; ela espera da presença do Outro alguma coisa que lhe abre para o que está por vir, que coloca seu ser em perspectiva, isto a partir da constituição do ideal do eu para poupá-lo ‘de sua

inefável e estúpida existência'. Mas também aí encontra um novo impasse; não todo seu ser será poupado da miséria de sua existência pelo significante do Outro. 'Não tudo é significante, se tudo é estrutura'. (Lacadée, *Ibid.*, p. 31)

Uma vez que é o próprio significante que instaura o lugar do sujeito como um lugar vazio, puro efeito lógico, também é a partir do significante que uma dimensão de excesso, no sentido de uma insistência impossível de ser absorvida pelo uso da palavra, tomará lugar. A categoria de sujeito, tal como Lacan propõe, um efeito de discurso, configura-se no seu ensino como uma formulação que, portanto, não vem sozinha. O sujeito representado por um significante para outro significante é veiculado em seu ensino como uma formalização necessária para reencontrar o rigor que sua leitura atribui ao texto de Freud. Se a formalização ocupa em Lacan esse lugar privilegiado, não menos importante será o esforço para contemplar no seu ensino aquilo que não cabe dentro de uma formalização, nos moldes que o discurso científico prescreve. Veremos a dimensão do objeto continuando a pontuar a temática do corpo no ensino de Lacan, mas de modo inédito.

Como abordaremos ao longo da tese, quanto ao corpo, trata-se de uma presença bastante controversa, pois sua densidade não se reduz nem a sua forma, nem à carne, nem aos nomes dados às suas partes. Se as fórmulas da ciência prescindem dos corpos para operar, na psicanálise, por outro lado, a formalização não pode operar sem levar em conta a presença do corpo, mas como uma experiência que evidencia que o acesso ao real não se faz sem um véu: o fato do corpo tomado no discurso. Trata-se, nesta investigação, de buscar estabelecer a estrutura da superfície corporal, os contornos desta superfície, deste espaço que inclui um fora do espaço comum, deste território que se definirá mais por suas margens, como veremos.

Para tanto, interrogar o corpo constitui nosso método, o fio de nossa investigação. Percorrer o traçado do corte que a experiência analítica permite ler na clínica é uma tarefa que dependerá de saída, de tomadas de posição que determinarão o caminho a percorrer. O que a psicanálise nos permite ler é, portanto, um sujeito ancorado num corpo que se encarna a partir do objeto – do falo freudiano ao objeto *a* lacaniano –, uma experiência que lhe concede toda a sua realidade possível.

Pela abordagem que lhes preparamos, reconheçam na metáfora do retorno ao inanimado, do qual Freud reveste todo o corpo vivo, a margem para-além da vida que a linguagem assegura ao ser pelo fato de ele falar, e que é justamente aquela em que esse ser investe na posição de significante não somente o que se presta a isso em seu corpo, mas esse próprio corpo. Onde se evidencia então que a relação do objeto com o corpo não se define, de modo algum, como sendo uma identificação parcial que devesse totalizar-se nele, uma vez que, ao contrário, esse objeto é o protótipo da dotação de sentido do corpo como pivô do ser. (Lacan, 1966/1998, p. 817)

Nessa passagem, Lacan nos deixa entre o falo e seu objeto *a*, às margens da formulação que nos permitirá abordar o furo que não se confunde com a falta, conferida pela castração. Trata-se aqui de um passo fundamental que introduzirá o que há de único na abordagem psicanalítica. Os efeitos da introdução de um discurso de natureza científica no campo do saber sobre a vida e a morte deixam de fora o que Lacan (1966), falando aos médicos em uma conferência no *Collège de Médecine*, na Salpêtrière, destacará com a falha epistemo-somática. Nestes termos ele nomeia a hiância que vem indicar o que fica excluído do discurso da medicina sob os efeitos do discurso da ciência, que promovem avanços no conhecimento sobre o organismo, ao mesmo tempo em que praticamente aboliram a dimensão ética frente à abordagem do corpo.

Resta à medicina o organismo, na esteira do mesmo discurso responsável pela “promoção, por Bichat, de um olhar que se fixa sobre o campo do corpo, no curto espaço de tempo em que ele subsiste rendido à morte, isto é, o cadáver” (Lacan, *Ibid*, p. 37). É aí que Lacan insiste sobre o corpo, mas diferentemente do corpo concebido no registro purificado da medicina, apontando que à medicina escapa aquilo de que se trata quanto ao vivo, que se manifesta além da vida do corpo e não pode ser circunscrito por um saber acabado. E destaca, ainda, a vacilação na própria posição do médico, frente às exigências que a ciência e o mercado impõem. Lacan chega, portanto, a pontuar aí um declínio da função do médico, que perde sua posição de prestígio.

Dissipando o mistério que incluía o destino dado por Deus à demanda de amor, a medicina ‘desmilagrizou’ [*démiraculisé*] a cura muito mais do que a secularizou. Deste modo, a medicina separou do desejo do Outro esta demanda e não permite mais que as questões do sujeito sobre a justificação da sua existência, sobre o seu lugar e seu destino sejam respondidas pelo que a medicina fornece. (Leguil, 1997, p. 35)

Como a clínica demonstra, nesta falha de saber frente ao corpo, verificamos o retorno do vivo que não pode ser subsumido dentro dos contornos nem da imagem, nem do suposto organismo. O vivo de que se trata faz seu retorno sob formas idiopáticas na clínica médica, nos quadros inclassificáveis, e mesmo naqueles em que intervém uma dimensão que excede o próprio enquadre, onde algo, digamos, mais subjetivo – o que não significa subjetivado – vem interferir nos protocolos de tratamento médico. Não há lógica que possa comportar essa vida “que arde sem se ver” e que não encontra no funcionamento mecânico do organismo o seu suporte.

A “problemática da função da presença na linguagem” (Lacan, 2001/2003, p. 191), que o levará a fazer do objeto olhar um primeiro paradigma para o seu objeto *a*, no campo que nos conduzirá ao avesso do objeto imagem visível do corpo, sem que se trate do campo do invisível quanto a este objeto inédito. Lacan, a partir da função da ilusão, extraída de seu recurso à geometria, como nos experimentos do buquê invertido de Bouasse e, posteriormente, pelo recurso à topologia, como veremos, introduz um modo particular de abordar o que a geometria euclidiana baseada na bidimensionalidade não é capaz de cernir. Seu diálogo com a leitura fenomenológica de Maurice Merleau-Ponty, a partir de sua obra sobre o visível e o invisível (cf. Lacan, 1964/1988), contribuirá significativamente para a elaboração dessa margem de vida que buscamos circunscrever.

Se a presença do número no real introduz uma possibilidade de leitura do mundo, quando estamos na perspectiva da psicanálise algo se coloca em suspenso, como abordaremos no terceiro capítulo. Podemos afirmar que a possibilidade de formalização que a operação científica instaurou é corroborada por uma operação de leitura aparelhada pela produção de sentido, pela lógica que orienta o modo como se recolhem os elementos aí depositados. Mas, quanto ao que a psicanálise introduz, a formalização operada pelo recurso de Lacan à ciência matemática destaca o que se apresenta aí como rupturas diante da exigência de coerência e exatidão que a ciência proclama.

A distinção entre os modos de leitura da ciência e da psicanálise introduz a perspectiva de que à formalização não corresponde uma exigência de sentido, mas

de transmissão, como podemos depreender das formulações lacanianas. O passo fundamental da ciência é o passo que segundo Lacan (1966/1998) “introduzimos na psicanálise ao distinguir o simbólico do imaginário na relação de ambos com o real” (p. 728):

Distinção que se impôs por provir da prática, através da crítica da intervenção, e por se revelar erística para o edifício teórico. Distinção metódica, portanto, e que nem por isso constitui – deixemo-lo claro, já que o erro se oferece a nós – nenhum limiar no real. Se a estruturação simbólica, com efeito, encontra seu material ao desvincular o imaginário do real, ela se faz tão mais atuante para desvincular o próprio real quanto mais se reduz à relação do significante com o sujeito, ou seja, a um esquematismo que, numa primeira abordagem, é avaliado pelo grau de decadência que impõe ao imaginário. (*Loc. cit.*)

O passo inaugural da ciência abre o furo por onde a psicanálise se inscreve como modo de leitura do *pathos* humano, introduzindo um novo registro, cujo efeito fundamental pode ser circunscrito pela matriz de leitura introduzida com as categorias imaginário, simbólico e real, mas não se trata de reduzir estas categorias “a nada mais que um *vademecum*” (*Loc. cit.*). Como abordaremos com Lacan, a lógica interna que ordena os efeitos do encontro do humano com a linguagem permite estabelecer que em termos de leitura, na psicanálise trata-se de outro registro, pois diferentemente do que a ciência prescreve o nosso real, se é que podemos dizer assim, não é o traçado que a álgebra matemática imprime. Incluímos o que se exclui sem cessar, em qualquer tentativa de apreensão.

Trata-se numa primeira visada da psicanálise de uma leitura na clínica que se fará a partir das marcas depositadas numa superfície, como nos ensina Lacan, a superfície do discurso, a se compor entre o corpo e o saber inconsciente, como desenvolveremos no próximo capítulo. Se, por um lado, Lacan prescinde do corpo para dar existência ao sujeito, extraído da lógica, por outro, será a própria lógica a restituir-lhe o corpo, mas um corpo tomado a despeito do corpo próprio como um mero duplo orgânico do sujeito. Ao sujeito representado por um significante para outro significante, Lacan conjugou o corpo, a partir do objeto, como veremos, tomando-o como um correlato do próprio sujeito no campo da experiência, para além da imagem do corpo.

Na falha que se instaura pela condição mesma do advento da ciência no campo da clínica, a psicanálise inscreve a perspectiva de um objeto que não se

deixa capturar pela representação, que não se encarna exatamente no corpo e que inaugura um outro modo de presença no mundo, exigindo a introdução de novas ferramentas conceituais que o acolham. Como vimos como a elaboração do sujeito é essencial para dar consistência à montagem do mundo que se comporá entre sujeito, imagem e resto, e que chamaremos superfície, pois o que nos interessa destacar é que o vivo do corpo, aquilo que nos dá mostras da satisfação em jogo na experiência subjetiva, não está na imagem, nem no real do corpo, perdido para o vivente na linguagem desde sempre. Estamos às voltas com aquilo que não se transmite pela via do sentido, aquilo que a linguagem não é capaz de articular, mas subsiste de modo operante. Interrogaremos ao longo de nossa elaboração aquilo que, escapando à formalização, marca uma presença inaudita e determinante para o modo de operar na psicanálise.

3

A positividade do furo

Mi sveglio in forma e mi deformato attraverso gli altri.

Alda Merini⁶

3.1

Uma substância

O caminho percorrido até agora nos introduziu num universo matematizado, de onde a psicanálise se extrai recolhendo na malha do discurso o furo, efeitos de sujeito. Freud nos fez vislumbrar nisso a matéria de nossos sonhos, através do trabalho do inconsciente, com sua operação de leitura e deciframento, mas não sem incluir na formulação de seu método o que não é dócil à leitura e que Freud introduzirá pela via do sexual. Distinguimos com Lacan o sujeito da psicanálise, o próprio sujeito do *cogito* cartesiano, cuja existência lógica está baseada no pensamento, tomado a partir da articulação algébrica fundamental que prescreve ao universo uma natureza discursiva. Na operação da ciência o pensamento é matéria sem corpo, num universo de fórmulas, mas Freud sublinhará nisso que fala e pensa o próprio sujeito, o apoio que toma nas funções somáticas.

Veremos neste capítulo a formulação de uma perspectiva inédita para a abordagem do corpo, tal como introduzida por Freud a partir da concepção da realidade sexual, como aquilo que fica de fora da representação, furando a superfície definida pela forma, para fazer vigorar aí uma outra face do furo, que não se define sob os contornos da falta. Nosso percurso até o momento nos permitiu destacar que, apesar do corpo-imagem se introduzir a partir das coordenadas da extensão cartesiana, ele não se faz fora dos efeitos de implosão do corpo sob o ilimitado da operação galileana. Mas a novidade da psicanálise foi introduzir junto à imagem o que não cabe no campo do visível, o que não quer

⁶ “Desperto em forma, e me deformato através dos outros.”

dizer que se trate aí do invisível.

Ao tomarmos o corpo-imagem a partir da visibilidade, nos deparamos com o limite da leitura na clínica. Para efeito desta tese, portanto, assumiremos que a imagem é sempre visível e que se trata, quanto às articulações do corpo com a linguagem, de algo mais. A partir da determinação que a teoria do significante introduz na leitura da clínica, a montagem que aqui designaremos corpo-superfície, ou apenas superfície, não se faz sem a inscrição do traço e seus efeitos de furo que recolhemos desde Freud. O espelho e o véu fálico constituíram até o momento nossos instrumentos de manipulação da realidade, num cenário determinado pelo jogo entre o sujeito, a imagem e a linguagem, no campo do visível, com margem aos efeitos de elisão introduzidos pela própria operação significante, a matematização.

Como desenvolvemos anteriormente, a experiência na linguagem é marcada pela perda da relação com as coisas. Partindo dessa premissa discursiva, vimos constituir-se na psicanálise a significação fálica como a metáfora fundamental que ordena o mundo sob a castração simbólica. Acompanhando Lacan em sua leitura de Freud e mais além, veremos a leitura daquilo que proporciona o ordenamento do mundo para alguém balizar-se sob pressupostos que circunscreveremos com Lacan fora dos domínios da castração. Vemos que a formalização em Lacan corresponde a um exercício muito particular que permite composições inauditas. Partindo do sujeito sem qualidades, efeito de pura lógica, Lacan justapõe a dimensão do vivo, que exige soluções sempre incompletas quanto à formalização, pois, de outro modo, não poderíamos falar em algo vivo.

A formalização em Lacan nos ensina sobre o modo de acolher algo do vivo, diversamente da representação, impotente diante do gozo, sempre impotente para abordar o vivo. A própria concepção do vivo em um enlace possível com a estrutura ganhará, com Lacan, novos contornos ao nos permitir abordar a experiência da existência para além das prerrogativas de um mundo todo visível, focando nos furos que sustentam o mundo como suas linhas de força. Fazemos aqui uma alusão à afirmação de Lacan quanto à composição das linhas de fuga como linhas de força que sustentam a armação de um quadro, “onde a imagem encontra seu estatuto” (1964/1988, p. 106).

Vimos que a concepção de uma falta fundamental põe em movimento toda a estrutura, a falta do referente, abolido pela função significante; por outro lado, ela não permite dar conta do que na satisfação ganha consistência como objeto, uma consistência que se define efetivamente como a presença de uma substância muito particular. À anulação, ao apagamento introduzido pelo significante, vem conjugar-se uma substância que encontrará sua manifestação nos vãos da imagem, furando o imaginário⁷. Diante do vazio do sujeito, veremos erigir-se uma dimensão preenchida pelo objeto, mas um objeto particular, cujo estatuto poderá ser cernido apenas com a formalização, que permite apreender o sem sentido que a lógica comporta, um passo diverso da representação.

Fora das coordenadas do campo do visível que, insistimos, não será tomado pelo invisível, esse objeto põe em cena, mas como um elemento fora-da-cena, uma dimensão de presença que não cabe nem no espelho, nem sob o véu. Do jogo fálico extraído de Freud, Lacan nos conduzirá ao que não entra no jogo, revelando uma dimensão da satisfação em que o sujeito se satisfaz, e isso não é pouca coisa se considerarmos o paradigma da castração freudiana, fundado na falta. O objeto como algo perdido, libra de carne, que o sujeito cede ao entrar na linguagem, faz retorno sobre a experiência e prescreve ao sujeito seu modo de satisfação e seu assombro⁸.

No capítulo anterior, introduzimos o sexual como a emergência da própria ruptura que a linguagem introduz na experiência do vivente no mundo a partir de seu corpo. Vimos que ao sujeito, categoria lógica recolhida por Lacan no ponto de sua forclusão no discurso que o instaura, Freud conjugará fenômenos que atestam uma dimensão excluída da representação, mas colhida no próprio furo. Aqui abordaremos, portanto, a libido freudiana, cuja definição em termos energéticos, como algo volátil, não impede de portar todo o peso clínico que esta concepção

⁷ Este registro não se limita a uma apreensão apenas a partir da inércia da forma ortopédica. Sabemos que Freud estabelece uma correlação entre a forma do corpo e a instância egóica, mas não sem relacionar seus aspectos conscientes e inconscientes.

⁸ Fica registrado aqui o efeito da leitura sobre o objeto *a* em Lacan a mim proporcionado pela escrita de Marcus André Vieira.

faz vigorar na teoria.

A partir da leitura de Lacan, veremos como se forjará um objeto inédito capaz de corroborar a invenção freudiana, oferecendo um suporte inédito para a elaboração da libido. Será o objeto pequeno *a* capaz de promover a formalização num campo até então destinado à mitologia e às imagens fantásticas. Freud ao chamar de libido a energia da pulsão, um nome para a própria realidade sexual, atestará ao funcionamento do aparelho psíquico um excedente que conduzirá à formulação do além do princípio do prazer, o gozo lacaniano, aquilo que excede ao princípio do prazer por não se regular pela perda.

Essa dimensão da libido se apresenta como aquilo que resiste à transcrição e constitui em Lacan a positividade do gozo. Essa dimensão vem responder teoricamente em Freud nos termos do além do princípio do prazer e encontrará sua formulação no objeto pequeno *a*, como um suporte conceitual muito particular que permite articular o que se passa fora dos contornos regulados pela lógica da castração, e consente o engendramento do que não é falta e não se define pelo vazio. Veremos com Lacan no *Seminário 11* o sujeito lógico, como abordamos no capítulo anterior, ganhar sua consistência com a formulação desse objeto inédito que encarnará a libido freudiana, mas como um órgão fora do corpo. Trata-se de uma dimensão em que o vazio se configura como matéria e o insubstancial da existência se apóia na lógica. Com esses elementos damos um passo a mais em nossa investigação, tomando distância da superfície que configura o corpo pela forma.

Fundada sobre uma inacessibilidade estrutural à coisa, a operação significante, como vimos, introduz a dimensão do referente negativizada pelo próprio efeito de discurso e faz tudo parecer resolver-se em termos significantes, na palavra. A subversão na experiência humana, com relação à concepção de uma realidade biologicamente orientada, como no mundo animal, introduz um novo modo de pensar a experiência do corpo e a própria experiência do significante, como veremos com Lacan. Uma vez que a leitura do mundo não se dará apenas a partir do modo como a ciência prescreve, apoiada na literalidade tomada pela via de uma transcrição integral, o estruturalismo lacaniano inscreve no universo o que insiste como hiância, fazendo obstáculo à operação sem furo da ciência que se

define ao hipostasiar em fórmulas o real.

3.2

Uma superfície

Como anunciamos, neste capítulo nos deteremos em torno da superfície que se configura entre o sujeito, o Outro e o que resta. O estatuto desta superfície não entra exatamente em contradição com a montagem do espelho, mas nos expõe uma superfície em que localizamos o sujeito e o Outro atravessados pelo furo, por onde veremos entrar o objeto na teoria de um modo novo, não mais como $i(a)$. Com a introdução do objeto pequeno a , Lacan nos propõe considerar que ao vazio do sujeito responde um objeto esvaziado de imagem. Veremos que, por causa de sua natureza marcada pela lógica, ele resta à margem da representação, o que levará Lacan a abordá-lo e elaborá-lo com seu recurso à lógica. Veremos como se introduz na costura lacaniana o viés de satisfação introduzido pelo objeto a , um contraponto, ou melhor, uma dimensão que transpõe os limites da castração e da operação psicanalítica definida em termos de simbolização. Além disso, a dimensão do vazio mobilizada aí nos informa sobre um vazio habitado, um vazio preche, o vazio que interessa a Lacan, com suas raízes matemáticas, mas também referido à tradição Zen budista (Lacan, 1962-1963/ 2005).

A topologia presente, desde o início do ensino de Lacan, indica de saída uma nova perspectiva. “A topologia é introduzida com o significante” (Miller, 1996, p. 79), mas não podemos reduzir por isso, como aqui sublinha Miller (*Ibid.*), todo o campo da psicanálise ao significante. Como Lacan (1964/1988) nos apresenta, com o recorte dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise, trata-se de considerar que não se pode reduzir a complexidade em jogo, pois se trata de abordar a articulação entre a teoria da pulsão e a teoria do significante. Isto implica em manter abertas as vias pelas quais Freud introduziu um novo modo de ler os fenômenos na clínica.

A determinação linguageira faz do humano um ser separado de seu gozo, uma realidade onde a pulsão freudiana, como veremos aqui, por não ter o objeto fixo natural, se inscreve como o mito fundamental que desinscreve o humano da

fantástica evolução das espécies darwiniana, e onde os efeitos mortificantes do significante determinam para o sujeito um exílio com relação ao vivo de seu corpo, o sexual que o corrompe (cf. Zenoni, 1999-2000, p. 275). Aí Freud circunscreve a dimensão traumática inerente à condição do vivente na linguagem. “Não é notável que, na origem da experiência analítica, o real seja apresentado na forma do que nele há de inassimilável – na forma do trauma, determinando toda a sua seqüência e lhe impondo uma origem na aparência acidental?” (Lacan, 1964/1988, p. 57).

A dimensão traumática, retomada por Lacan como o ponto inassimilável, constituirá uma chave de leitura para localizar a heterogeneidade entre real e simbólico. Lacan (*Ibid.*) destaca a presença do real desde a origem da experiência analítica, aqui apresentado na forma do que há de inassimilável na experiência, o que expõe algo que o discurso do analisante não chega a formular e que funcionará como um pólo de atração e de irradiação para o próprio discurso. Trata-se de tomá-lo como a manifestação do impasse fundamental que constitui a própria marca de que há uma dimensão da linguagem, ou melhor, engendrada pela linguagem, que não cabe na palavra.

A satisfação possível se produzirá em soluções sempre parciais, a partir de objetos que condensarão o que pode ser extraído como satisfação recortada, redesenhada, perfurada, definindo uma superfície. Aí se introduzirá a teoria do objeto *a* de Lacan, como veremos, colocando em evidência a espessura de que se trata na própria experiência engendrada pela palavra, que o espaço pensado em duas dimensões não comporta.

Não há que tomar as coisas ao pé da declaração do sujeito – na medida em que aquilo com que precisamente temos que trabalhar é com esse tropeção, esse fígamento, que reencontramos a todo instante. É este o modo de apreensão por excelência que comanda a nova decifragem que demos das relações do sujeito com o que faz sua condição. (Lacan, 1964/1988, p. 56)

O furo do sujeito constitui uma subversão fundamental, mas, como vimos, ele não basta para abordarmos a complexidade que o ato de Freud introduz na leitura da experiência do vivente na linguagem. A extensão que liga o sujeito ao Outro se forja na imagem e configura um campo que oferece à experiência do corpo próprio contornos que se definem mais pelas hiências, pelos furos do corpo,

pontos de reviramento entre o dentro e o fora do corpo. Trata-se de pontos que concentrarão desde Freud a experiência da sexualidade, o vivo do corpo separado do corpo pela ação da estrutura.

Nessas zonas obscuras, pontos de reviramento da superfície entre o dentro e o fora, Freud fará incidir a pulsão como interface entre o psíquico e o somático, não como fronteira entre estes campos, e sim entre a satisfação ligada ao princípio do prazer, que assegura o bem-estar e a sobrevivência, e uma outra satisfação que não tem nenhuma relação com a preservação da vida do corpo. Mas que superfície seria essa afinal, como definir um campo exatamente a partir de seus furos, que espacialização está em jogo? É o que Lacan buscará formular a partir de seu recurso à topologia.

A topologia comparece desde o início do ensino de Lacan não como um simples uso metafórico do termo. Como destaca Miller, o uso da topologia é intrínseco em Lacan aos movimentos de seu próprio pensamento, “só tem utilidade imersa em seu ensino, não é uma disciplina *sui generis*” (1996, p. 77). A topologia é uma resposta de Lacan à imaginização do pensamento freudiano, tal como é tratado pelos teóricos pós-freudianos. Ela só existe dentro do pensamento da clínica, fora da aplicação resta pura abstração. Em lugar de imagens fantásticas, Lacan recorre a ela, encontrando em sua lógica particular um modo de obter formulações que permitam algum contorno daquilo que da experiência não se dá à leitura.

Desde o momento em que se renuncia a esse esforço, a experiência analítica se volta para uma prática que se imaginaria autônoma e que poderia simplesmente não ser nada mais que a fascinação do indizível. A topologia de Lacan participa, portanto, por escolha, desse esforço de matematização, isto é, do esforço para destacar as relações que estão em causa entre os termos que participam da experiência psicanalítica. (*Ibid.*)

Como abordamos, a definição lacaniana dos laços da psicanálise com a ciência em termos de exclusão interna nos conduz a este espaço que comparece no ensino de Lacan desde o início de sua transmissão, como destaca Miller (*Ibid.*). Destacamos aqui a dimensão topológica do pensamento lacaniano para sublinhar a importância de seu esforço de formalização. A topologia participa do esforço de matematização, e, como queremos ficar próximos à experiência mais sensível,

escolhemos não tomar a topologia como referência fundamental, o que exigiria um desvio que não cabe na proposta desta tese.

Desde a década de 50, encontramos essa espacialização particular que apresenta o paradoxo de um ponto que pode ao mesmo tempo ser interior e exterior. “Do que se trata? [...] Temos aqui, de um modo muito simples, essa posição de ‘exclusão interna’ que é reencontrada em todos os níveis da experiência analítica e da teorização que Lacan faz dos fenômenos ao longo de seu ensino” (Miller, *Ibid.*, p. 75). Uma vez que o significante recorta o corpo, a designação de suas partes, umas fora das outras, diferentes das outras, recortam porções do corpo que não ocupam o mesmo lugar e, ao mesmo tempo, inscreve seus segredos.

A extensão do corpo está num espaço não todo recoberto pelo olhar, escapando à forma do corpo, com suas propriedades estáticas, tomado como o corpo objeto da cirurgia, o corpo reduzido ao objeto para o olhar. “É no que algo no aparelho do corpo é estruturado da mesma maneira, é em razão da unidade topológica das hiências em jogo, que a pulsão tem seu papel no funcionamento do inconsciente” (Lacan, 1964/1988, p. 172). A superfície que se define por seus furos ocupará nossa elaboração neste capítulo, ao interrogarmos a pulsão com Freud e Lacan. Veremos como do nascimento do sujeito no Outro da linguagem, a partir do furo também se constituirá a borda na qual o objeto virá alojar-se.

Evidencia-se uma origem que se marca pela falta, pela dimensão de um inassimilável que esvaziará a própria origem, mas será encontrada como objeto, resto. Este capítulo tratará do estatuto deste resto, contrapartida da incompletude inscrita no campo do Outro, na linguagem, onde o sujeito nasce com o surgimento do próprio significante. Nesta incompletude, vimos que se descortina sua castração, a castração do próprio Outro, como um limite à inscrição do sujeito como ser sexuado. O inassimilável, o real como esse ponto internamente exterior à articulação com o simbólico e o imaginário, determinará que “no psiquismo não há nada pelo que o sujeito se pudesse situar como ser de macho ou ser de fêmea.” [...] e “[...] o que se deve fazer, como homem ou como mulher, o ser humano tem sempre que aprender, peça por peça, do Outro” (*Ibid.*, p. 194).

3.3

Satisfação: uma colagem surrealista

Esta superfície que se define a partir do sujeito, do Outro e do resto nos introduz numa concepção do corpo que comporta a imagem, mas não se define apenas por ela. Como o jogo de espelhos no modelo óptico nos apresentou, a imagem cumpre funções significantes. A partir do esquema ótico, tal como Lacan o formula no seminário *A angústia*, nos deparamos com o que não se transpõe do corpo para a imagem e resta articulado ao efeito da inscrição significativa que o fragmenta (cf. Mandil, 2008).

Da castração velada em Freud, Lacan nos introduz, a partir do além do princípio do prazer freudiano, na dimensão em que a castração não é absoluta, pois restará ao sujeito, numa certa medida, sua articulação com o que seu corpo lhe impõe a partir da vida que o agita. Frente ao gozo proscrito pela ação da linguagem, a separação do gozo do corpo, com a mortificação que introduz a tradução lacaniana da castração freudiana, Lacan colocará no circuito um objeto que não entra no circuito das trocas. O objeto, de forma sempre parcial, encarna o corpo fora dos contornos da imagem, partes do corpo que não entram no jogo ideal do desejo marcado sob um fundo de ausência, nos domínios da falta fálica.

Por causa da existência do inconsciente, podemos ser esse objeto afetado pelo desejo. Aliás, é na condição de ser assim marcada pela finitude que nossa própria falta, sujeito do inconsciente, pode ser desejo, desejo finito. Na aparência ele é indefinido, porque a falta, que sempre participa de algum vazio, pode ser preenchida de várias maneiras, embora saibamos muito bem, por sermos analistas, que não a preenchemos de mil maneiras. (Lacan, 1962-1963/2005, p. 35)

Ao introduzir algo que resta como inabsorvível dentro do jogo do desejo com a falta, Lacan demonstra o que se satisfaz para além do interdito da castração e retira do vetor do desejo o peso clínico fundamental para designá-lo a partir desta perspectiva em que quanto ao gozo, não se trata mais de um absoluto, como dado pela *coisa* freudiana e sim de fragmentos do Outro, do corpo, do corpo do outro. Encontramos na exortação de Lacan (1966/1998), que afirma o gozo como “aquele cuja falta tornaria vão o universo” (*Ibid.*, p. 834), o valor intrínseco à articulação que revela a dimensão em que se sustentaria o que se revela como o mais si próprio de alguém, a intimidade mais exterior, mais estranha.

[...] vale frisar que, para Lacan, para que seja possível ter uma idéia de si, é necessário que essa idéia se sustente sobre algo que não seja apenas a “desordem de pequenos (a)”. A passagem do corpo fragmentado para a imagem do corpo unificado é, pois, o ponto de apoio sobre o qual o ego se constitui enquanto idéia de si mesmo como corpo. Em termos libidinais, esta é a passagem do auto-erotismo para o gozo narcísico. (Mandil, *Ibid.*)

A elaboração de Lacan em torno da evidência quanto ao que não corresponde na lógica da satisfação a uma experiência de compartilhamento percorre todo o seu ensino, mas com faces diferentes. Como nos adverte Miller (2000), o gozo originalmente é tomado por Lacan a partir de uma vertente imaginária, onde “o gozo imaginário não é intersubjetivo, mas intra-imaginário” (*Ibid.*, p. 88). No ponto de abertura das elaborações lacanianas, o gozo recebe as atribuições da libido freudiana, tomada então, por uma perspectiva não dialética, inerte, imaginária. Vale destacar que a dimensão de uma satisfação arraigada no corpo, mas como fora do corpo, tomará corpo a partir do objeto *a*, sob outros pressupostos. Vimos como na montagem do espelho não entra exatamente em cena o vivo do corpo, pois o que o agita é de outra ordem.

Com a primazia do campo da fala e da linguagem em Lacan, o desejo entra no jogo, articulado como desejo do Outro, o sujeito encontrará sua consistência lógica no lugar do Outro, e o objeto virá responder no lugar da falta que o próprio significante instaura. Em Freud, o Pai mítico conjuga a Lei e a proibição, interditando o acesso ao gozo primeiro, a mãe como objeto de desejo. No bojo de sua leitura estruturalista, Lacan (1959-1960/1991) reintroduzirá *das Ding*, a Coisa freudiana, designando-a como o Outro em sua alteridade radical, a Mãe. Mas, a partir de um acesso impossível à satisfação mítica, o gozo se revelaria inacessível àquele que fala.

No entanto, as elaborações que introduzem o objeto *a*, para além da suplência à imagem narcísica no modelo ótico do início dos anos 60, nos revelarão uma perspectiva diferente. A concepção da castração como uma perda fundamental e fundante passa a incluir a introdução de uma formalização que introduz nas elaborações promovidas pela psicanálise este objeto que evidencia o retorno de gozo no corpo, o gozo recuperado nas bordas do corpo. Há efeito de castração na incidência da linguagem sobre o vivo, mas se há perda de gozo será o objeto pequeno *a* a nos informar sobre a recuperação de gozo que também está em

questão para o ser falante.

Com a definição da pulsão em termos de montagem, guardando todas as consequências de que se trata de um operador que permite conjugar corpo e linguagem, Lacan (1964/1988) nos introduzirá a partir de sua desmontagem numa questão crucial, pois “o uso da função da pulsão não tem para nós outro valor, senão o de pôr em questão o que é da satisfação” (*Ibid.*, p. 158). Partindo de uma interrogação acerca do objeto da pulsão, Lacan destaca que ele é totalmente indiferente.

Com Freud (1915/2006) e seus quatro termos: impulso, fonte, objeto e alvo, Lacan (*Ibid.*, p. 167-170) imagina um circuito que se fecha no ponto de onde partiu, reiterando a prevalência da pulsão como uma força constante, que nada tem a ver com uma energia cinética. Sua satisfação encontra-se exatamente no circuito, partindo da fonte, fazendo um giro e retornando sobre a fonte, o corpo, no ponto de satisfação, o que vislumbramos muito bem com a imagem da boca que se beijaria a si mesma (Freud, 1905/2006).

A pulsão atinge seu alvo, há satisfação, a despeito de qualquer objeto, nos adverte Lacan. Isto porque, deixando o terreno do prazer, como Freud (1920/2006) nos conduziu, “as formas de arranjo entre o que funciona bem e o que funciona mal constituem uma série contínua. O que temos diante de nós, em análise, é um sistema onde tudo se arranja e que atinge seu tipo próprio de satisfação” (Lacan, 1964/1988). A pulsão aparece no texto freudiano desde o início de suas elaborações em torno dos modos de satisfação que a experiência humana revela como expressão da ruptura que a linguagem introduz.

É com “A perturbação psicogênica da visão” que Freud (1910/2006), nos dá a ver, a partir de um quadro de cegueira histérica, a manifestação de um fenômeno que funciona como evidência do corpo tomado na linguagem, operando uma desnaturalização de funções fisiológicas. Vemos com as históricas, a partir de Freud, a evidência de um corpo que, disjunto de sua satisfação, é eloquente nas manifestações em que se insinua a partir de fenômenos que oferecem um traço comum às palavras e ao corpo, marcando essa satisfação como alheia.

A pulsão, ao esgueirar-se das determinações que operam nas funções orgânicas, permite deslocamentos cujo percurso vai desenhando um corpo para

além da forma, mas não sem ela.

A montagem da pulsão é uma montagem que, de saída, se apresenta como não tendo pé nem cabeça – no sentido em que se fala de montagem numa colagem surrealista. Se aproximarmos os paradoxos que vimos definir no nível de *Drang* [impulso] ao do objeto, ao do fim da pulsão, creio que a imagem que nos vem mostraria a marcha de um dínamo acoplado na tomada de gás, de onde sairia uma pena de pavão que vem fazer cócegas no ventre de uma bela mulher que lá está incluída para a beleza da coisa. A coisa começa, aliás, a se tornar interessante pelo seguinte, que a pulsão define segundo Freud, todas as formas pelas quais se pode inverter um tal mecanismo. (Lacan, 1964/1988, p. 161)

A imagem que Lacan nos oferece é bastante *sui generis*, não apenas pelo aspecto divertido que a ideia empresta, mas porque mostra a satisfação a partir de uma montagem em que uma parte do corpo está acoplada a uma máquina pela sutileza de uma pena de pavão em movimento. Não estamos, portanto, no terreno de uma relação entre os corpos, mas de partes do corpo e algo mais.

Como o próprio Freud (1915/2006) nos indica, quanto à pulsão não é possível cerni-la por um conceito, exatamente pelo que define como sua localização entre o psíquico e o somático. Este modo de apreensão quanto ao que se passa no descompasso ao nível das funções a que o corpo dá suporte revelará uma subversão, abrindo uma interrogação fundamental sobre o que é um corpo recortado pela palavra. Neste ponto de nossa elaboração em que os destinos para a pulsão, suas vicissitudes constituem caminhos pelos quais o circuito pulsional se desenha. Vemos que entre a barriga da bela mulher e a pena de pavão algo se dá, sem forma, a princípio sem nome, mas é ali que alguma satisfação brota. “Corpo e linguagem estão do mesmo lado com relação ao gozo ‘fora do corpo’ que é causa de desejo” (Zenoni, 1999/2000, p. 276 - tradução livre).

O jogo com esse objeto estranho a qualquer enquadre prévio que tentemos estabelecer é o que revelará o profundo paradoxo que a pulsão introduz ao subverter a dimensão da necessidade e introduzir um prazer a mais no que deveria atender a uma finalidade de conservação do próprio indivíduo. Como destaca Zenoni (*Ibid.*), a pulsão assinala o efeito da própria operação universalizante do discurso da ciência sobre o corpo e destaca que quanto mais a clínica toma “consistência como reação a partir da matematização científica do corpo” (*Ibid.*), mais encontraremos perturbações que incidirão nas ditas funções naturais do corpo.

Todo o deslocamento operado na elaboração disto que fora do corpo faz corpo encontra na conjunção do simbólico com o real sua determinação. Se na montagem do espelho, a conjunção em questão era entre o real e o imaginário, será o objeto *a* a incitar aqui um deslocamento fundamental, fazendo girar a composição entre os registros. Lacan despoja a própria ideia de objeto na psicanálise do visgo imaginário com seu empuxo a emprestar forma à ideia do objeto: alimento, fezes, etc. Assim, por exemplo, a boca que se abre no registro da pulsão oral não se satisfaz com o alimento, “ela não faz outra coisa senão encomendar o menu” (Lacan, 1964/1988, p. 156).

Freud nos introduz agora à pulsão numa via das mais tradicionais, fazendo uso, a todo momento dos recursos da língua, e não hesitando em se fundar em algo que só tem pertinência a certos sistemas lingüísticos, as três vias ativas, passivas e reflexivas. Mas é apenas um invólucro. Devemos ver que uma coisa é essa reversão significativa, outra coisa é isso com que ele a veste. O que é fundamental, no nível de cada pulsão, é o vaivém em que ela se estrutura. (*Ibid.*, p. 168)

A dimensão do vivo se inscreverá a partir desta satisfação como subversão, a *deriva* como destaca Lacan (*Ibid.*), ao retomar na concepção freudiana de pulsão, aquilo que oferece o fundamento para a leitura das mais profundas contradições humanas. A revelação freudiana quanto às vicissitudes, os destinos para isso que se revela no ato mesmo de satisfação, se oferece à leitura no caráter gramatical que a experiência de satisfação comporta com suas reversões que põem em jogo o caráter circular, não dialetizável. O que se configura nas formas gramaticais em que a reversão escreve um circuito, conclui-se no ponto de onde partiu.

Da entrada do vivo na linguagem resta o corte, resultado contingente de “seu artifício gramatical” (Lacan, 1966/1998, p. 831) que revelaria “o status subjetivo da cadeia significativa no inconsciente” a partir da “função que sustenta o sujeito do inconsciente” (*Ibid.*), a própria função de corte. É o que chamamos até aqui de inscrição de um furo. O corte operado pela linguagem traça novas coordenadas para o corpo e determina a superfície sobre a qual operamos na psicanálise: a superfície do discurso, mas também pelo que ela veicula do próprio do corpo. “A pulsão é precisamente essa montagem pela qual a sexualidade participa da vida psíquica e uma maneira que se deve conformar com a estrutura de hiância que é a do inconsciente” (Lacan, 1964/1988, p. 167). Veremos, então,

uma nova porta de entrada para o corpo na teoria, transpondo os limites da imagem, a partir desse enigmático objeto da pulsão, que designa nessa discussão que embrulha corpo e linguagem no registro da sexualidade, aquilo que a pulsão “apenas representa” (*Ibid.*, p. 168) como uma noção forjada.

Lacan (*Ibid.*) destaca do texto freudiano os quatro elementos que compõem a montagem pulsional: *Drang*, impulso; *Quelle*, a fonte; *Objekt*, objeto e *Ziel*, alvo. Mas propõe uma distinção quanto ao alvo, definindo-o entre *Goal* e *Aim*, a partir de uma interrogação acerca do alvo da satisfação. E nos indica que efetivamente a pulsão “atinge sua satisfação sem atingir seu alvo” (*Ibid.*, p. 169), o que reitera a perspectiva introduzida quanto à dimensão do objeto em questão. A distinção que Lacan estabelece entre *Aim*, o trajeto, e *Goal*, “ter acertado o tiro e assim atingido o alvo”, lhe serve para transmitir que a satisfação da pulsão, além de separar-se de qualquer tentativa de pensar em uma “totalização biológica da função”, nos informa sobre este “retorno em circuito” (*Ibid.*, p. 170), mas Lacan destaca que não basta distinguirmos aí, nesse circuito, um simples auto-erotismo.

Esta teoria está presente em Freud. Ele nos diz em algum lugar que o modelo ideal que poderia ser dado de auto-erotismo, é o de uma só boca que se beijaria a si mesma – metáfora luminosa, resplandescente mesmo, como tudo que se encontra em sua pena, e que só exige ser completada por uma questão. Será que, na pulsão, essa boca não é o que e poderia chamar uma boca flechada? – uma boca cosida, em que vemos, na análise, apontar ao máximo em certos silêncios, a instância pura da pulsão oral. (*Loc. cit.*)

A boca flechada introduz aqui a metáfora do arqueiro que perpassa essa argumentação quanto ao circuito da pulsão e reitera o interesse de Lacan (1966/1998) pelo *Zen*, muito presente desde o início de seu ensino. E nisso vemos que “a técnica designada pelo nome de zen, e que é aplicada como meio de revelação do sujeito na ascese tradicional de certas escolas no Extremo Oriente” (p. 317). “O que a pulsão integra de saída em toda a sua existência, é uma dialética do arco, diria mesmo do arco e da flecha. Por aí podemos situar seu lugar na economia psíquica” (Lacan 1964/1988, p. 168). Ou seja, Lacan nos conduz por essa metáfora para nos fazer reconhecer, a partir dessa arte em que o arqueiro torna-se a própria flecha, que a própria “boca flechada” nos faz ver que “o alvo é o próprio retorno em circuito” (*Ibid.*, p. 170).

É preciso distinguir a volta em circuito de uma pulsão do que aparece – mas também por não aparecer – num terceiro tempo. Isto é, o aparecimento de *ein neues Subjekt* que é preciso entender assim – não que ali já houvesse um, a saber, o sujeito da pulsão, mas que é novo ver aparecer um sujeito. (*Ibid*, p. 169)

O curso da pulsão cavaria, portanto um vazio no Outro, durante seu trajeto, fazendo ver como o somático não vem sem o psíquico, como o sujeito pode estar ali na boca, como no exemplo. Estamos, portanto, distantes do corpo-imagem como unidade e vemos essa superfície que se dá a ver nessa montagem que se compõem de fragmentos, em espaços habitáveis para o próprio sujeito, nessa substância que se amolda a manifestações episódicas, tomando emprestados pedacinhos de corpo. Sem pé nem cabeça encontramos o sujeito, esse furo que não se diz, mas pode ser colhido na articulação significativa como objeto.

O que lhe dá corpo se monta através da única substância que resiste à mortificação significativa, este referente sem referência anterior diante da novidade que a psicanálise introduz no mundo. Como abordamos, trata-se, dentro da leitura psicanalítica, de uma operação que se desenrola dentro de um quadro que se compõe a partir de lugares definidos nesta montagem que dá lugar ao não-lugar do sujeito freudiano. A partir da perspectiva introduzida pelo circuito da pulsão, encontramos o sujeito definido pelos efeitos de *fading*, “sua ocultação por um significativo”, mas ao que acrescentamos com Lacan, onde “a elisão é tão mais alusiva ao esconder em sua toca a presença” (Lacan, 1966/1998, p. 815).

É na “toca” que o significativo cava no campo do Outro – com alusão às zonas erógenas pelo que fazem presente o corpo que está fora dos contornos da imagem – que podemos situar o sujeito. Será a partir da marca da falta, que ao descompletar o Outro permite o advento do sujeito, que encontraremos o furo simbólico em contiguidade com as hiências do corpo. Neste ponto de suas elaborações, Lacan dá ao vivo do corpo o peso de um contraponto aos efeitos mortificantes do significativo e aloja o objeto *a* no excedente de libido que marca certas zonas do corpo, mas também se volatiliza encarnando o próprio corpo nos objetos do mundo, e encarnando o mundo para um sujeito nos objetos que elege.

Para que não seja vã nossa caçada, a nós analistas, convém reduzir tudo à função de corte no discurso, sendo o mais forte aquele que serve de barra entre o significativo e o significado. Ali se surpreende o sujeito que nos interessa, pois, ao

se vincular à significação, ei-lo no mesmo barco que o pré-consciente. Pelo que chegaríamos ao paradoxo de conceber que o discurso na sessão analítica só tem valor por tropeçar ou até se interromper: como se a própria sessão não se instituisse como ruptura num discurso falso, digamos, naquilo que o discurso realiza ao se esvaziar como fala, ao não ser mais do que a moeda de efígie desgastada de que fala Mallarmé, passada de mão em mão ‘em silêncio’. (*Loc. cit.*)

O silêncio aqui, como contraponto da fala, ainda não comporta o que Lacan desenvolverá ao avançar na perspectiva de que “a essência da teoria psicanalítica é um discurso sem fala” (Lacan, 1968-1969, p. 11, 2008). Ao silêncio das pulsões, Lacan fará corresponder o eco do dizer, que para além da fala, nos adverte sobre o que a teoria do significante comporta em termos de escrita, como pretendemos desenvolver no próximo capítulo.

3.4

A função da borda

3.4.1

As zonas erógenas

A clínica demonstra que há passagens entre a palavra e este campo desenhado pela pulsão, como testemunham as áreas da superfície do corpo que Freud denominou zonas erógenas, no que exibem sobre o corpo pontos cuja eloquência não se reduz ao sentido. Estas partes privilegiadas da superfície nos introduzem neste universo além da forma e do sentido que comportam. As interrogações de Freud (1905/2006) em torno da etiologia das neuroses que o conduzem à formulação da etiologia sexual, dentro do registro da fantasia, constituem o ponto de subversão que designará à experiência corporal propriedades que nos revelarão uma constituição corporal bizarra frente às prescrições da medicina, que se apóiam sobre um organismo estático, em cuja inércia não cabem os insólitos desvios que as partes dos corpos encarnam em nome da satisfação.

Freud nos apresenta em seu texto um corpo fragmentado, destacando em sua superfície zonas particulares afeitas a estas manifestações estranhas às funções orgânicas previstas, mas que nelas se apóiam. Com destaque, desde suas primeiras

formulações sobre o tema, sobre a experiência de prazer que o bebê experimenta ao sugar a chupeta, neste texto encontramos um retrato da articulação íntima da satisfação como um certo modo de conceber aquilo que se registra a partir da própria experiência e que estaria na determinação dessas áreas privilegiadas do corpo.

No entanto, a satisfação aí envolvida encontrará manifestações que não obedecem a qualquer protocolo ou padrão. Além disso, podem vir juntar-se a estes pontos privilegiados na experiência áreas que, a princípio, não teriam nenhuma função em particular, mas podem servir, a cada caso, a essa montagem que abordamos. Pois bem, o que facultaria a essas zonas específicas do corpo um caráter tão fundamental à composição de um corpo para um sujeito não pode ser determinado apenas pelas funções somáticas em que se apóiam. Se as zonas erógenas oferecem ao nosso pensamento sua cota de materialidade, ao nos apoiarmos no que o aspecto, digamos somático da experiência concede, nestes mesmos pontos nos deparamos com o que é sem contorno, sem limites precisos. Por um lado, esses furos do corpo nos advertem sobre toda esta subversão da realidade orgânica, mas também configuram travessias entre a necessidade e a contingência da demanda e do desejo.

Segundo Freud (1914/2006), as primeiras experiências de satisfação se imprimirão sobre o corpo como traços, a partir dos cuidados sobre o corpo do bebê, o que o ensinará a amar. Mas, como o romance freudiano nos apresenta o drama, os conflitos e o desamparo constituirão boa parte daquilo que o sujeito pode narrar de sua existência na análise. Sob um fundo de impossibilidade, determinado pelo efeito de subtração que a linguagem inaugura, o vivente se inscreverá no mundo a partir de um novo registro. É este o sujeito a que a psicanálise autoriza, rechaçado pelos protocolos da ciência, que virá habitar esses pontos de passagem que dão à existência seu caráter paradoxal, inaugurando um espaço fora do plano bidimensional que estabelece uma distinção entre um dentro e um fora.

Freud, ao recolher no discurso o corpo designado por uma anatomia fantástica, introduz o discurso do inconsciente, não como avesso à consciência, mas como o registro capaz de comportar toda a sorte de contradições, numa

atemporalidade que eterniza momentos, pereniza o tempo, para além de qualquer escansão temporal, e faz valer uma realidade cujos determinantes podem estar ou não em consonância com uma realidade compartilhada. Assim, no que a pulsão corrobora este novo registro, vemos a inscrição disto que subverte a própria função orgânica que ela habita: “[...] algo do aparelho do corpo é estruturado da mesma maneira que o inconsciente” (Lacan, 1964/1988, p. 172).

Lacan apreende o furo como efeito dessa incidência do significante, furando a carne, furando o real. “As zonas erógenas estão ligadas ao inconsciente, porque é lá que se amarra a presença do vivo” (*Ibid.*, p. 188), onde se localiza o órgão da libido, como denomina Lacan, esse excedente indestrutível, incorporal, arraigado às bordas do corpo, cuja função antecipa-se frente aos órgãos do corpo, afinal “a maravilha é que de seu órgão, o organismo pode fazer qualquer coisa” (*Ibid.*, 100). É a função da borda e o gozo que ela circunscreve que inauguram uma nova abordagem conceitual para a superfície corporal.

Estamos às voltas com uma superfície que se monta, introduzindo uma nova espacialização, e que se materializa como articulação entre imagem e o que escapa à forma, entre ego/eu e sujeito, ou ainda entre consciente e inconsciente, e que pode se apreender de muitas maneiras pela teoria freudiana da zona erógena, ou pela teoria lacaniana do objeto. Ambas nos informam que a forma aqui exige outra imaginarização que só a perspectiva que a escrita introduz nos permitirá alcançar, como abordaremos no próximo capítulo.

Podemos afirmar que, com a teoria das zonas erógenas, todo um outro mundo descortina-se ao exigir um forçamento dos conceitos para permitir alguma aproximação com o que a experiência impõe, tal como recolhemos na clínica. Esse espaço fora do plano bidimensional introduz uma superfície capaz de alojar o sujeito como furo, dentro dos contornos imagéticos do universo, onde o gozo constitui a única substância sem a qual não poderíamos falar nem em furo, nem em imagem, e que constitui a própria manifestação disso que não pode ser designado pela função de representação na linguagem e, entretanto, insiste clínica e conceitualmente.

3.4.2

A libido como borda

A concepção da pulsão evidencia este campo fora da regulação fálica onde algo resta irreduzível à operação significativa, tal como postulada a partir do discurso científico. Temos aqui a marca de uma heterogeneidade que percorrerá o ensino de Lacan enquanto concebe a linguagem como a estrutura que atravessa o vivente. A libido que já não cabe mais no registro do imaginário como pura inércia, frente à dinâmica simbólica, se condensa em resíduos que restam do efeito da passagem da linguagem pelo vivo e dão ao gozo um novo lugar na teoria, a partir do que se passa nos domínios da pulsão.

O mito da lamela, presente no texto “Posição do inconsciente” (1966/1998), permite vislumbrar o assombro provocado por esta libido que excede e não é absorvida pelo jogo significativo. Trata-se do mesmo aspecto abordado por Lacan (1962-1963/2005) quanto aos invólucros corporais que se separam no nascimento e que perduram como uma espécie de duplo fantasmático do sujeito.

A integração da sexualidade à dialética do desejo passa pelo jogo daquilo que, no corpo, merecerá que designemos com o termo de aparelho – se vocês quiserem mesmo entender com isso aquilo que, em relação à sexualidade, o corpo pode aparelhar-se, a se distinguir daquilo com que os corpos se podem emparelhar. (Lacan, 1964/1988, p. 168)

É de um corpo aparelhado por uma ruptura com o saber que se trata em nossa superfície. Esta ruptura se inscreve em Freud nos termos da libido, anunciando sempre o que não cabe na via da representação, assinalando que o corpo se define, portanto, pela imagem atravessada por seus furos. São estes pontos determinados, pontos privilegiados para cada sujeito, que dão testemunho daquilo que resta do próprio encontro do sujeito com o Outro, do vivente com a linguagem, indicando o que do vivo não se subsume à operação de mortificação da linguagem.

As propriedades da libido freudiana encontram em Lacan diferentes modos de abordagem, de acordo com o momento de elaboração, ao longo de seu ensino. Se em Freud a metáfora energética vai permitir manipular o campo da experiência, concentrando sua abordagem em termos de mobilidade e estagnação,

constituindo circuitos que desenham o trânsito desta energia entre o sujeito e seus objetos, com Lacan encontraremos outro suporte para a abordagem deste entre que se manifesta designando o próprio campo da experiência.

Como vimos, a teoria freudiana das zonas erógenas encontra na topologia lacaniana um recurso mais apropriado, que permitirá a concepção desse espaço definido a partir do plano, mais exatamente pelos furos que determinam a própria superfície. A estrutura da linguagem prescreverá ao vivente a experiência disso que, não cabendo na palavra, convocará o corpo fazendo ressoar aí a própria palavra, fora do sentido. Vemos que o sujeito em sua dependência significativa ao lugar do Outro, ganhará sua consistência a partir da perspectiva introduzida como a “função topológica da borda” (Lacan, 1964/1988, p. 196), como um desdobramento do que Lacan designou originalmente pela função de corte, como afirma.

Como podemos recolher no texto de Lacan, a borda inaugura esse outro modo de espacialização que a leitura lacaniana das zonas erógenas escreve. De maneira inédita, Lacan conjuga nos furos do corpo o que não cabe no corpo, e que ao mesmo tempo permite que um corpo se constitua dentro dos contornos de um universo discursivo. Lacan (*Ibid.*) destaca que em Freud encontramos a todo instante “o salto, sem transcrição” (p. 161), como o artifício que orienta sua leitura do que se passa ao nível da pulsão, designado pelas referências gramaticais, nas quais sujeito e objeto se apresentam como se fossem “funções reais” (*Ibid.*). E afirma que, quanto ao que se trata de demonstrar com a referência à linguagem, não é exatamente disso que se trata.

“Trata-se então, para nós, no *Drang* da pulsão, de algo que é, e que só é conotável na relação à *Quelle*, na medida em que a *Quelle* inscreve na economia da pulsão essa estrutura de borda” (*Ibid.*, p. 162). E complementa afirmando que “É justamente na medida em que as zonas anexas, conexas, são excluídas, que outras tomam sua função erógena, que elas se tornam fontes específicas para a pulsão” (*Ibid.*, p. 163). Ora, o que encontramos aqui, portanto, é o efeito da linguagem para além da sintaxe, o que Lacan destaca para circunscrever a borda como o que constitui o ponto de interseção no qual se inscreverão as manifestações que nos permitirão entrever o próprio corpo para além do suporte

somático com suas funções prescritas.

Fora do registro puramente somático as funções se apresentam intercambiáveis e recobertas eroticamente, ou seja, aparelhadas pela libido.

Mas não há nenhuma razão para se estender este fato à relação entre as outras pulsões parciais. Não há nenhuma relação de engendramento de uma das pulsões parciais à seguinte. A passagem da pulsão oral à pulsão anal não se produz por um processo de maturação, mas pela intervenção de algo que não é do campo da pulsão – pela intervenção, o reviramento, da demanda do Outro (Lacan, *Ibid.*, p. 171).

É a concepção de borda que permite a Lacan conjugar o sujeito e o Outro, fazendo da pulsão a montagem que coloca, de saída, a perspectiva de que não se trata de pensar numa anterioridade da linguagem frente ao vivo. O aparelhamento do corpo pela libido, além de erotizar funções orgânicas, extrai o próprio corpo das funções orgânicas subvertidas, ou mesmo calibradas pelo efeito de libidinização nessas zonas que atestam a interface, de onde se depreendem o próprio sujeito e o Outro. “Esta articulação nos leva a fazer da manifestação da pulsão, o modo de um sujeito acéfalo, pois tudo aí se articula em termos de tensão, e não tem relação ao sujeito senão de comunidade topológica” (*Loc. cit.*).

Ao furo do sujeito, o furo lógico introduzido pela entrada do significante no universo, Lacan conjuga as hiências do corpo. A concepção desta subjetivação acéfala é a chave de leitura em Lacan para reintroduzir a pulsão freudiana, com destaque para a função libidinal que será redefinida nos termos desta borda, contorno do próprio furo. Para tanto, Lacan destaca que “[...] – a libido não é algo de fugaz, de fluido, ela não se reparte, nem se acumula, como um magnetismo, nos centros de focalização que lhe oferece o sujeito” (*Ibid.*, p. 177). Com Lacan, a libido ganha uma consistência que a própria topologia permite situar, exatamente por permitir escrever, a partir da lógica, como se articulam as relações dos termos que se conjugam nesta superfície.

O sujeito e o campo do Outro – o inconsciente estruturado como linguagem – se inscreverão, portanto, a partir desta subtração que a zona erógena representa, esta borda escavada pelo significante, de cuja operação Lacan extrai a própria libido como resto, este “órgão, nos dois sentidos do termo, órgão-parte do organismo e órgão-instrumento” (*Ibid.*). A este órgão volátil, mas não menos parte do corpo por isso, Lacan designará a função de aparelhamento do próprio corpo,

como destacados, concebido como esta superfície que permite depreender o sujeito do campo do Outro, concedendo-lhe alguma consistência através do objeto, como veremos.

3.5

Objeto a

3.5.1

O objeto que escapa à forma

Diferentemente da transcrição sem resto que a matematização operada pelas práticas galileanas inscreve, a psicanálise evidencia que a operação da linguagem deixa restos que se articulam com os furos instaurados pelo próprio efeito de discurso. A leitura que se define, com Lacan, a partir da ideia de um banho de linguagem em que o vivo é apanhado e que determinará um outro modo de estabelecer as coordenadas do que se passa na relação do sujeito com o semelhante e com seu corpo, não constitui a sua perspectiva definitiva.

Como veremos, no decorrer desta investigação, a leitura lacaniana nos conduzirá a uma destituição desta ideia de uma linguagem prévia a determinar por meio de artifícios semânticos e gramaticais o modo de presença do vivente a partir da linguagem. Algo se imprime para o sujeito no seu encontro com a experiência que lhe desvela o caráter sempre parcial da satisfação, a impossibilidade estrutural de encontro com o seu complemento, a impossibilidade de fazer Um com o outro. Digamos que é a própria defasagem, hiato que instaura um outro modo de leitura do existente no mundo, que escreve do encontro com o impossível inscrito no próprio saber, o corpo que não se sabe, não se pensa.

A pouca fisiologia que sustenta a elaboração do sujeito do inconsciente, estruturado a partir da linguagem, para além de todas as metáforas biológicas empregadas por Freud, lastreará a própria subversão da leitura do corpo que inaugura o campo de intervenção da psicanálise. Lacan, ao designar o inconsciente como lugar do Outro, dotado de um viés discursivo, não exclui o fato de que a figura do Outro, em muitos momentos, ganhe uma tonalidade

corporificada nos diferentes tempos da investigação lacaniana.

Para dar conta do peso clínico da descoberta freudiana, Lacan (1962-1963/2005) escreverá uma nova versão da captura narcísica, ao introduzir no seu esquema ótico um objeto que, por fim, designará apenas uma função, sem que possa ser inscrito no simbólico ou no imaginário, por guardar sua articulação ao real. E é justamente sobre as bases de uma libido extra-corpo, como o *Seminário 11* nos apresenta, que se definem como extra-corpo os objetos *a*, que no plural trazem a marca desse real que convoca o traçado da pulsão desenhado pelos objetos naturais do corpo. Se, com Lacan evidencia-se a função de captura que a imagem especular exerce e as consequências do fato de que só se tem acesso ao corpo pela sua forma imaginária, é também com Lacan que se constituirá para o sujeito uma dimensão extra-corpo que dará consistência ao próprio corpo.

A ruptura que o simbólico introduz na experiência do corpo é verificada na extração de gozo que instaura o desamparo fundamental em relação à satisfação, mas esta operação também introduz o elemento em que se encarna o gozo que é recuperado pelo sujeito. “É preciso que se diga que ficamos aí, nesse plano. Ficamos na idéia de que o corpo, mortificado pelo significante, deixa lugar para exceções, restos suplementares que escapam à mortificação” (Miller, 2000, p. 88). Trata-se, a partir da formulação do objeto *a*, de um salto conceitual que permitirá a abordagem do corpo a partir de propriedades que permitirão circunscrever a substância em questão na satisfação, dissociada do útil e do bem.

Há satisfação, portanto, alguma positividade não pode ser negativizada, como destacamos com Miller (*Ibid*). Restavam, portanto, propriedades da libido freudiana, o que teve incidências na formalização do objeto *a*, tal como podemos ler no *Seminário 10*. Trata-se, portanto, de um objeto que se distingue, sobretudo, por se tratar de um elemento não significante, essencialmente resto da operação simbólica. A inclusão desse objeto vem marcar um lugar para aquilo que da satisfação não cede aos efeitos de significação, aquilo que não encontra sob a organização fálica o destino da representação, introduzindo efetivamente o corpo de que se trata na psicanálise.

Presença, como resto da operação simbólica, o objeto *a* introduzirá na teoria o que na economia da satisfação não obedece à perspectiva da solução

interpretativa, no campo da fala e da linguagem. Lacan vai incluir, portanto, um núcleo cego, a partir de uma redistribuição do gozo. De um lado o gozo perdido, ou a perda de uma relação direta entre o objeto e a satisfação, a impossibilidade da complementariedade entre homem e mulher, inscrevendo o impossível da relação sexual, encontrará sob o véu fálico o recobrimento da beleza da forma, o último véu (cf. Lacan, 1959-1960/1991). Por outro lado, é naquilo que se experimenta propriamente como satisfação, a recuperação possível diante desta perda, que se encarnará na parcialidade da satisfação alcançada nos objetos *a*, mas exatamente porque nem tudo é linguagem.

O objeto introduzido por Lacan “Pode ser interpretado, mas nunca inteiramente, pois seu núcleo é feito daquilo que da vida não encontra significação” (Vieira, 2008, p. 129).

Traço comum a esses objetos em nossa elaboração: eles não têm imagem especular, ou, dito de outra maneira, alteridade. Isso é o que lhes permite serem o ‘estofo’, ou melhor dizendo, o forro, sem no entanto serem o avesso, do próprio sujeito tomado por sujeito da consciência. Pois esse sujeito, que acredita poder ter acesso a si mesmo ao se designar no enunciado, não é outra coisa senão um objeto desse tipo. Perguntem ao angustiado com a página em branco, e ele lhes dirá quem é o excremento de sua fantasia. É a esse objeto inapreensível no espelho que a imagem especular dá sua vestimenta [...]. (Lacan, 1966/1998, p. 832)

Vemos como a dimensão do objeto se erige a partir de uma perda de relação do corpo com o gozo, mas não sem articulação com a dimensão de uma função que opera, ela própria, como objeto, encarnando as diferentes manifestações de *a*, ancoradas no corpo. Com o corte introduzido pelo significante, a dialética do desejo inscreverá uma dimensão de falha que alojará a falta como objeto, mas será além do princípio do prazer que esta falta se recobrirá como as manifestações episódicas do objeto *a*: seio, fezes, voz e olhar, que permitem resguardar essa dimensão particular que Lacan designa ao objeto, tanto mais próxima de um vazio quanto mais modulável (Lacan 1962-1963/2005).

Por comportar essa propriedade inédita, o objeto formulado por Lacan (1964/1988) dá um passo a mais, um passo fundamental em relação à concepção onírica do umbigo do sonho em Freud, ao atestar que não se trata de reduzi-lo ao “umbigo anatômico que o representa” (*Ibid.*, p. 28), mas alojá-lo no furo lógico que, por escapar à representação, é capaz de comportar toda espécie de

manifestação em que este objeto possa se encarnar. Estamos aqui às voltas com o objeto reduzido ao mínimo possível de representação formulada até o momento, como a ponta formal que permite ler neste objeto o próprio infinito que se instaura sobre aquele que fala, a partir de sua eleição singular quanto às modalidades de satisfação. O objeto *a* não é corpo, mas está aí para fazer corpo.

A introdução do significante no mundo introduz a fenda onde Lacan localiza um sujeito que só responde por sua presença no mundo a partir do objeto que o encarna. Nas diversas incidências em que *a* se demonstra, trata-se de tomá-lo como o lugar de onde se extrai o estofa da própria realidade para um sujeito, o modo como se monta certo enquadramento do mundo, onde sujeito e objeto compõem o núcleo da fantasia, o enquadramento do ponto em que o sujeito se erigiu como objeto para o Outro (Lacan, 1962-1963/2005). No ponto em que o objeto responde por sua presença, ou nos momentos em que obtura a falta, com sua presença onde deveria faltar, quando podemos reconhecer o fenômeno da angústia, vemos “a manifestação mais flagrante deste objeto” (*Ibid.*, p. 98).

Extraímos da relação do sujeito ao falo a dimensão do ideal narcísico, mas é o objeto *a* que advém no ensino de Lacan para dar corpo ao que escapa à junção do simbólico com o imaginário, introduzindo o real nesta conjugação. É esse objeto que sustenta a relação do sujeito com o que ele não é, ou seja, o falo, diante do Outro. Estamos no nível de $i(a)$ que dá à imagem este caráter de suplemento, onde falta o próprio sujeito como significação, como abordamos no capítulo anterior. O objeto adequado jamais será encontrado, já que efetivamente a satisfação da pulsão não dependerá propriamente de um objeto, mas do circuito que seu trajeto chega a traçar, como abordamos, contornando a própria falta de objeto. O objeto perdido em Freud, além de inaugurar esta perspectiva inédita, lança esta dimensão de ausência operante que conduzirá Lacan à formulação de um objeto especial.

O campo de forças freudiano, o campo libidinal, se escreve como um circuito desenhado em torno do objeto pulsional, ou melhor, da queda desses objetos, no que são separados do corpo. Em “As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal” Freud (1917/2006) nos apresenta o modelo da operação em que algo que se separa do corpo faz corpo sob o investimento

libidinal que converterá o produto do metabolismo do corpo em objeto pulsional. Uma referência ao objeto, em sua relação com o corpo, mas extraído dele, entra em cena de modo peculiar, dando mostras de que os contornos do corpo transcendem os contornos de sua forma. Trata-se de destacar como a dimensão da demanda do Outro incide sobre o somático subvertendo sua natureza, aqui exemplificada com a constatação, em Freud, de que “A defecação proporciona a primeira oportunidade em que a criança deve decidir entre uma atitude narcísica e uma atitude de amor objetal” (*Ibid.*, p. 163).

Lacan (1962-1963/2005) introduzirá um passo a mais na concepção em jogo, articulando a ideia de objeto a elementos que pouco se prestam a uma imaginarização a partir da forma, tais como a placenta, ou as membranas corporais, além, é claro, de fazer incidir com a inclusão da voz e do olhar à lista freudiana, uma dimensão efetivamente evanescente, que põe em cheque a própria substância do objeto em jogo na experiência, mantendo seu caráter paradoxal, adequado ao que ele vem introduzir. A entrada do objeto *a* na teoria encontra em Lacan (*Ibid.*) sua primeira formulação efetiva como elemento circunscrito por suas propriedades efetivas. “A queda, o *niederfallen*, é típica da aproximação de um *a* que, no entanto, é mais essencial para o sujeito do que qualquer outra parte dele” (*Ibid.*, p. 185).

De que lado está o seio: do lado daquele que suga, ou do lado do que é sugado? Há nisso uma ambiguidade da qual, vez por outra, a teoria analítica foi levada a falar a propósito do seio e da mãe, apontando, é claro, que não se trata da mesma coisa. Será que qualificar o seio de objeto parcial é mesmo tudo? Quando digo *amboceptor*, destaco que é tão necessário articular a relação do sujeito materno com o seio, quanto a relação do lactente com o seio. O corte não se dá para os dois no mesmo lugar. (Lacan, 1962-1963/2005, p. 185)

O objeto em Lacan (1964/1988) é formulado essencialmente a partir das bordas do corpo que se configuram como continentes de libido, como manifestações que conjugam mais uma função do que propriamente a ideia de objeto no sentido comum. Ao acrescentar o olhar e a voz, Lacan nos dá acesso ao “cadinho de real” que se pode ter acesso aí (Vieira, 2008). O que faz série e articula os objetos, segundo Lacan, encontra seu fio de articulação na função que ele destaca de qualquer referência a uma manifestação fenomênica.

A própria notação “*a*” corresponde a um modo de nomeá-lo, conseguindo escapar dos efeitos metafóricos intrínsecos ao significante, ao uso da palavra. “Tal notação algébrica tem sua função. Ela é como que um fio destinado a nos permitir reconhecer a identidade do objeto nas diversas incidências em que ele nos aparece” (Lacan, 1964/1988, p. 98). Com Lacan, a própria concepção da falta de objeto, o furo, veiculará uma concepção que acolherá as formas episódicas nas quais se manifestará o caráter particular do objeto *a*, que se conjuga entre o discursivo e o corporal, entre o significante e o gozo. Essa positividade se encarna tomando um apoio somático, mas também tomando apoio nos objetos do mundo investidos pelo sujeito.

Como destaca Miller (2007), Lacan extrapola a encarnação da libido para os objetos do mundo a partir da mais-valia marxista, tomada como valor suplementar. “O mais-de-gozar aparece justamente nessa homologia como uma relação, uma função à qual se presta o objeto *a*. Temos como pano de fundo, o gozo.” (*Ibid.*, p. 28). Partindo do ponto em que a psicanálise rompe com uma pretensa objetividade, como crê o discurso da ciência, vemos a abertura que conduz ao que Lacan designará como objetividade, um modo de definir o enlace do sujeito com a existência, onde o objeto ganha contornos que permitirão ao sujeito encontrar aí sua própria consistência. Isto porque o objeto *a* “é certamente apropriado para designar a função geral da objetividade, mas aquilo de que temos que falar mediante o termo *a* é, justamente, um objeto externo a qualquer definição possível da objetividade” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 99).

Trata-se, portanto, de um objeto ao qual não se tem um acesso direto, mas como demonstra Lacan (*Ibid.*), a partir de suas elaborações em torno da angústia, este objeto se revela não por se dar a ver, mas pelos efeitos que sua aparição produz. O afeto de angústia atesta, portanto, com seu caráter eminentemente corporal, a manifestação da presença do objeto, onde deveria faltar, evidenciando o que do corpo não se encontra sob os contornos da forma. É nisso o objeto *a*, efeito do encontro do vivente com a linguagem, mas como aquilo que a linguagem não comporta e que configura uma espécie de furo, que faz ressoar o próprio furo lógico, como localizamos a partir do sujeito.

Conforme abordamos, a interrogação de Lacan reiterada nas passagens e reviramentos de seu ensino conduz, a cada vez, a localizar o que a experiência da psicanálise produz. Se nossa prática recolhe os restos do discurso da ciência, dando lugar ao que, rechaçado, insiste como fantasmas no armário, isso não basta para definir o que faz um psicanalista. Graças a uma ética que vincula o sofrimento à satisfação, escapamos de uma redução de nossa posição a funcionários da companhia de limpeza na cidade da clínica. Recolhemos os restos, mas não para a reciclagem que conduziria à eliminação do próprio resto. De todo modo, a operação analítica não pode ser reduzida a uma reciclagem, pois não se trata de dar forma nem destino útil ao lixo, uma retroalimentação do discurso capitalista, versão contemporânea do discurso da ciência (cf. Vieira, 2008).

Mas, nos interrogamos como pensar fora dos contornos da norma fálica, no que ela permite erigir a ficção de um corpo-imagem, que corpo pode-se compor? Como pensar a constituição do corpo fora do estádio do espelho? O que circunscrevemos até o momento é que o estatuto do objeto *a* cumpre na teoria de Lacan a função de nos advertir de modo muito preciso acerca do que se trata quanto ao corpo que excede porque se subtrai ao corpo-imagem. Aí o objeto *a* cumpre sua função, deixando margem para um quê de ficção na construção da própria imagem, que, como vimos, jamais será um retrato fiel. Para além da evidência de que a imagem especular não dá conta do que se trata quando interrogamos o corpo e a satisfação aí implicados, vemos que quanto ao objeto, “seu status é tão difícil de articular, que foi por aí que entraram todas as confusões na teoria analítica” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 50).

Como depreendemos da leitura de Lacan, se o sujeito dividido depende do lugar do Outro não é por tratar-se aí de uma instância prévia, tesouro dos significantes, como introduzido inicialmente em seu ensino, mas por instaurar-se como quociente de uma operação que o fará incidir sua divisão a partir do resto que se constituirá “prova e garantia” da própria alteridade do Outro, no que se constitui objeto *a* (*Ibid.*, p. 36). Lacan explicita o que designa em termos lógicos com a precedência do objeto *a* em relação ao sujeito, pois, como vimos, trata-se de uma cessão na base da experiência subjetiva, de onde a extração que faz o corte original introduz o próprio sujeito em torno desse movimento em que se fixa a

libido, designando o corpo, não a partir da forma, mas da substância.

Os objetos cedíveis, fragmentos do corpo, encontram seus equivalentes em objetos fabricados pelo homem, como bem exemplifica o objeto transicional registrado por Winnicott, como destaca Lacan (1962-1963/2005). O sujeito se experimenta em sua posição frente à queda desse objeto que, por ter o caráter de ser precedente, faz função de suplemento do sujeito. “A função do objeto cedível como pedaço separável veicula, primitivamente, algo da identidade do corpo, antecedendo ao próprio corpo quanto à constituição do sujeito” (*Ibid.*, p. 341).

O objeto *a*, como abordamos, marca a divisão do campo do Outro ao fazer-se presença do próprio sujeito, mas a partir de sua extração que permite o enquadramento do mundo. A cena do mundo se monta e se estabiliza com esta subtração (cf. Vieira, 2008)⁹. Com Lacan, define-se, portanto, com o objeto *a*, uma função encarnada nestes fragmentos que apresentam o sujeito ao significante, quando alguém encontra um psicanalista.

3.5.2

Um objeto fora de foco

Vimos que quanto ao objeto *a*, trata-se de uma construção que, ancorada no significante, retira suas consequências da antinomia entre órgão e função cujo revestimento libidinal, erótico, nos termos de Freud, colocará em jogo modulações inauditas para o objeto. Para efeito de elaboração a partir do exemplo clínico que abordaremos neste capítulo, consideramos importante nos determos no objeto olhar. Teremos, portanto, no exemplo paradigmático da introdução deste objeto destacado por Lacan no *Seminário 11*, a visão disjunta do olhar, como já anunciara Freud (1910/2006), mas ainda sem se deter especialmente sobre a

⁹ Na psicose não encontramos esse sujeito dividido pelo objeto, não verificamos a extração que é elaborada por Lacan (1964/1979) ainda no contexto de referência à castração simbólica, à norma fálica. Ficamos com a interrogação colocada a partir das soluções que na psicose podem nos orientar pelos atalhos frente à solução típica da extração, indicando, outros modos de fazer com o gozo que permitirão colocar o corpo em cena, animar as formas e fazer girar o mundo.

perspectiva do objeto, tal como desenvolve Lacan.

A partir dos estudos de Merleau-Ponty sobre a percepção, coloca em evidência um objeto que não tem qualquer relação com o que a visão permite alcançar, pois “a ilusão adquire aqui valor por se conjugar com a função de significante que descobrimos no avesso de sua operação [da ciência]” (Lacan 1964/1988, p. 191). É o objeto olhar que se destaca do campo da visão, promovendo a abertura dos contornos do mundo, geometricamente estabelecidos. Entra em cena o que para ser circunscrito não depende do foco da visão, mas depende da posição lógica do sujeito no campo do Outro. Não há mais espaço para considerarmos um objeto no campo da percepção, um objeto objetivamente concebido, como propõe a fenomenologia ao se orientar pela distinção entre sujeito e objeto.

Lacan colocará em cena uma dimensão em que entre sujeito e objeto a distinção, quando se delimita, é submetida aos contornos estabelecidos a partir do campo do Outro, onde o próprio sujeito se inscreve. E, ao objeto que resta da operação significante, será conferido por Lacan o estatuto de causa. Mas, como o resto pode ser causa? É com a complexidade da posição do analista que Lacan proporá indicações frente a este enigma, nos informando sobre o que apenas a partir da topologia, com sua designação de um espaço que permite interfaces, é possível localizar. Pois é referido à causa que Lacan (*Ibid.*) vai dar a este objeto o estatuto de colocar em causa a dimensão do desejo e, portanto, configurar-se como o lugar de onde o analista coloca em ação sua própria posição, o lugar de onde é possível acionar o sujeito em análise.

O objeto *a* é efeito do discurso analítico e, nessas condições, o que digo dele é apenas esse próprio efeito. Será que isso significa que ele não passa de um artifício criado pelo discurso analítico? É esse o ponto que estou designando, e que é compatível com o fundo da questão, tal como a formulo a propósito da função do analista. Não haveria discurso analítico nem revelação da função do objeto *a*, se o próprio analista não fosse efeito, ou, eu diria mais, o sintoma que resulta de uma certa incidência na história, que implica a transformação da relação do saber, como determinante para a posição do sujeito, com o fundo enigmático do gozo. (Lacan 1968-1969/2008, p. 45)

A linguagem, dentro do escopo estruturalista, que orienta Lacan na primeira metade de seu ensino, oferece suporte para as interrogações em torno do que se ordenaria pelo jogo significante, mas não sem produzir arestas que não podem ser

subsumidas pela linguagem, senão em seus confins. A presença do analista comparece no mesmo momento em que Lacan elabora seu objeto, como encontramos no ponto de partida das formulações do *Seminário 11*, quando Lacan introduz efetivamente seu objeto *a*.

Neste seminário, a posição do analista aparece desde sua vinculação com o ato inaugural de Freud, num determinado momento da história, como abordamos no capítulo anterior, ao ato que cada analista reitera no cotidiano de sua clínica, fazendo vigorar um modo de abordagem dos fenômenos que engendra o próprio discurso analítico. Lacan (1964/1988) ao tomar apoio na leitura em torno das elaborações de Maurice Merleau-Ponty acerca da percepção para elaborar seu evanescente objeto que evidenciará a substância da qual se trata no discurso analítico.

Lacan vai interrogar: “o que é da alçada do significante ao se articular na mancha, nos ‘pequenos azuis’ e ‘pequenos marrons’ [...] por encontrar neles aquilo com que o pintor pretendia tornar mais eloqüente sua pintura.” (2001/2003, p. 191). Decididamente as imagens rainhas evanescem diante desta nova perspectiva para a imaginarização. Lacan destacará do texto de Merleau-Ponty que “a vacilação marcada em todo esse texto, do objeto ao ser, e o passo dado com vistas ao invisível mostram bem que é para outro lugar que não o campo da percepção que aqui se avança” (*Ibid*).

Em sua leitura do texto *O visível e o invisível*, de Merleau-Ponty, Lacan (1964/1988) destacará o passo que a partir da fenomenologia permite introduzir uma esquizo entre o olho e o olhar que constituirá o próprio campo escópico no qual vemos emergir esse objeto que se caracterizará por introduzir uma visibilidade particular. “Em nossa relação às coisas, tal como constituída pela via da visão e ordenada nas figuras da representação, algo escorrega, passa, se transmite, de piso para piso, para ser sempre nisso em certo grau elidido – é isso que se chama o olhar” (Lacan, 1964/1988, p. 74).

Lacan nos conduz nesse seminário pela sua incursão na arte para nos fazer ver a função que o objeto olhar detém, nos permitindo apreender que quanto à satisfação que o sujeito experimenta na dimensão narcísica, trata-se mais de um dar-se a ver do que de um exercício de contemplação do mundo. Trata-se de uma

inversão fundamental que faz do sujeito o objeto no olhar.

Não é preciso de modo algum nos reportarmos a não sei que suposição da existência de um vidente universal. Se a função da mancha é reconhecida em sua autonomia e identificada a do olhar, podemos procurar sua inclinação, seu fio, seu traço, por todos os estágios da constituição do mundo no campo escópico. Perceberemos então que a função da mancha e do olhar é ali ao mesmo tempo o que comanda mais secretamente e o que escapa sempre à apreensão dessa forma da visão que se satisfaz consigo mesma imaginando-se como consciência. (*Ibid.*, p. 75)

A pulsão escópica é destacada por Lacan como aquela que permite depreender de modo mais fino aquilo de que se trata quanto à castração, por poder vir a simbolizar a falta central de que se trata. Lacan promove um deslocamento fundamental da posição de uma consciência que olha para tomar a questão a partir de um ponto em que sou olhado pelo próprio objeto, um ponto que me olha. “O olhar se torna, portanto, esse objeto puntiforme, esse ponto de ser evanescente, com o qual o sujeito confunde seu próprio desfalecimento” (*Ibid.*). Trata-se, portanto de um olhar que atravessa o campo do visível, e que encontrará na estrutura da anamorfose, como Lacan propõe, introduzindo, através de um efeito de deformação da imagem alcançado, a partir da manipulação das leis da perspectiva, uma visibilidade que não tem a ver com o que a boa forma prescreve.

A visão se ordena de um modo que podemos chamar, em geral, a função das imagens. Esta função se define por uma correspondência ponto a ponto de duas unidades no espaço. Quaisquer que sejam os intermediários óticos para estabelecer sua relação, quer seja uma imagem virtual, quer seja real, a correspondência ponto a ponto é essencial. Tudo que é do modo da imagem no campo da visão é, portanto redutível a este esquema tão simples que permite estabelecer a anamorfose, quer dizer, à relação a uma imagem enquanto que ligada a uma superfície, com um certo ponto que chamaremos ponto geometral. (*Ibid.*, p. 85)

A anamorfose nos permite depreender do campo da visão, dentro da dimensão geometral, o que só se revelará como furo na imagem, entre o sujeito e o próprio enquadre designado pela articulação ao Outro. Pois, como destaca Lacan, “o sujeito tem que se discernir como tal” (*Ibid.*, p. 98) no quadro, que, com sua estrutura, a partir de suas linhas, suporta a imagem. A função de mancha, incompatível com a manutenção da imagem narcísica, “é a mancha de onde deriva o radar, que o corte do olho oferece à extensão” (Lacan, 2001/2003, p. 202). Lacan (1964/1988) nos faz ver que é o próprio exercício da função que apreende o

sujeito: no trajeto da pulsão, o sujeito, que é a própria flecha dirigida ao alvo da satisfação, não pode ser situado em nenhum outro lugar. Uma vez que é elidido no ato de ver, o olhar retorna sobre o sujeito, mas como objeto separado dele, o que podemos recolher na clínica, como veremos a seguir.

3.6

Fé na imagem¹⁰

A partir do acompanhamento de um caso dentro das atividades de um grupo terapêutico e das discussões em equipe¹¹, recolho fragmentos clínicos para relançar a discussão em questão neste capítulo. Trata-se de elementos que corroboram nossa discussão acerca do valor da imagem para um sujeito, mas não se detém aí. Veremos as vias de subjetivação de um caso acompanhado dentro de um dispositivo coletivo, orientado pela psicanálise, para tratamento de casos em que as manifestações clínicas atestam, a partir de determinados modos de satisfação, a irrupção de um gozo não regulado pela norma fálica, e pelo gozo de borda ou de resto que ela impõe. A partir do caso, como pensar as modulações desta superfície que se compõe como um Outro coletivamente constituído, no qual se põe em cena um ego, se inscreve um sujeito e se localiza um objeto como resto? Que estabilização de uma superfície se pode alcançar nestes termos?

Ao longo de alguns meses de permanência na comunidade terapêutica, onde está em acompanhamento, Chiara fala pela primeira vez no grupo sobre sua experiência de entrada no tratamento, o que não corresponde efetivamente à data de sua admissão na comunidade. Convivendo há vários anos, desde a adolescência, com manifestações de uma grave anorexia associada a episódios de bulimia e ingestão excessiva de álcool, refere-se a um momento em que passou a “perceber alguma coisa que não percebia antes”. Essa mudança de percepção é a

¹⁰ Uma primeira versão sobre o tema foi publicada na revista *Latusa*, 2012, cf. texto em anexo.

¹¹ *Comunità Terapeutica La Vela*, Moncrivelo, Itália. O trabalho desenvolvido na instituição é orientado pela psicanálise, sob a direção científica de Domenico Cosenza, psicanalista da *Scuola Lacaniana di Psicoanalisi* – AMP.

manifestação de um novo modo de conceber seu próprio corpo, como veremos. Apresentaremos a seguir uma das sessões do grupo¹².

Cristina fala de sua vontade permanente de desaparecer e diz que isso está se intensificando. O coordenador aquiesce a sua fala com uma expressão que a convidaria a falar mais: “Bem...” (“*Bene...*”). Ela retoma a palavra e exclama visivelmente irritada: “bem por que? Estou mal!” Ele acrescenta palavras que a convidam a falar de seu sofrimento, reiterando a função de acolhimento do grupo para o que quer que seja dito e que estamos todos ali para ouvi-la. Trata-se de uma reação inusitada, visto que sempre se mostrou muito gentil.

Marta diz sentir-se mal: “mal do corpo, mal de amor, mal... Tudo é sempre assim na minha vida, nunca alguém correspondeu ao meu amor...” Fala de suas tentativas de encontrar algum sinal de amor nos outros, e diz que pode entender Cristina quando diz que não quer continuar a existir, quer desaparecer.

Francesca diz a Marta que não a vê assim e que suas palavras não correspondem à imagem que ela passa aos outros, destacando uma diferença entre ela e Cristina, que frequentemente se mostra deprimida.

Benedetta comunica que decidiu permanecer na comunidade, e diz: “é por causa da minha mãe”. O coordenador chama atenção para o fato de tratar-se de uma mudança poder permanecer na comunidade por causa de outra pessoa e não mais por ser obrigada a fazê-lo (essa paciente cumpria uma determinação da justiça que a obrigava a comparecer ao tratamento). Todas se entreolham, ela sorri e diz que ainda se sente extremamente ligada aos sacos nutricionais (inúmeras vezes foi internada no hospital clínico para alimentação parenteral – *sacchetti nutrizionali*). As outras participantes falam de sua recusa em mudar, de fazer qualquer coisa a mais, identificando nela toda a recusa que diz respeito a cada uma, o que é sublinhado pelo coordenador.

A intervenção suscita polêmicas e o tema do endereçamento se coloca, com todas as suas variações.

Ida afirma que quando se faz uma escolha por alguém, para atender a alguém, o amor acaba virando ódio. Benedetta exclama, “é verdade!” E Rossana diz, “é assim!”

Chiara fala do que chama uma mudança em ato, que depende de cada uma, mas que não acontece sem a ajuda dos outros. Relata ao grupo um pouco de sua própria experiência e diz não saber explicitar o que exatamente aconteceu, mas se percebe de modo diferente, e afirma que “o que os outros possam esperar não é mais forte do que meu desejo de ter uma vida diferente”.

Loretta (recém chegada à comunidade) diz a Benedetta que ela deveria encontrar um modo de se sentir bem, de sentir prazer, de agradar a si mesma.

Benedetta afirma que ninguém pode fazer nada por ela, “nem mesmo a comunidade... nada me dá prazer...”

¹² Durante meu período de estágio em *La Vela*, participei semanalmente das reuniões do grupo terapêutico [*gruppo di parola*] coordenado por Domenico Cosenza, realizando posteriormente a transcrição dos encontros. Os nomes das pacientes são fictícios.

Circulam entre as participantes algumas falas sobre a dificuldade de conseguir vencer a batalha, já que se deve “começar lutando contra si mesmas...” e se perguntam “como seria possível lutar a favor de si mesmas?...”

O coordenador intervém, destacando que estar contra ou a favor não parece esclarecer muito do que realmente importa, e diz: “é tudo farinha do mesmo saco”.

Chiara é a única que escuta o equívoco significante, ri e repete: “ah, entre saco e saco... um outro caminho... (*beh, tra sacco e sacchetti... un'altra via...*)”

Nesse breve relato, podemos vislumbrar o modo como cada um pode se apropriar da palavra e pode ou não deslizar no uso do significante e de sua propriedade fundamental de não se apoiar em um referente, servindo mais como instrumento que reenvia o próprio sujeito a outro significante do que prestar-se à comunicação, como definido por Lacan. Esse aspecto nos permite identificar possibilidades diferentes de habitar a língua que se fala. Se, para alguns sujeitos, as fraturas do discurso permitem aberturas, como por exemplo, para Chiara, que pôde ouvir o equívoco significante, permitindo o advento de um significante novo, para outros, como Cristina, uma simples interjeição pode golpear quase como uma injúria. Partindo do ponto de encontro com a própria palavra, verificamos modos de subjetivação que se ancoram de maneiras particulares.

Desde Freud, o uso da palavra por parte do sujeito constitui o princípio fundamental de uma prática. Com Lacan, aprendemos a extrair da palavra algo mais e a incluir, para além do campo da fala e da linguagem, as nuances do que se insinua além da palavra. Outro aspecto que podemos recolher da fala de Chiara é a referência que faz ao papel dos outros nesse processo, em que busca saídas diante do grave sofrimento que a conduziu ao tratamento em condições tão especiais, uma internação em uma comunidade terapêutica¹³. Como destacamos a partir de

¹³ A perspectiva do coletivo aqui nos faz retomar o que Lacan (1966/1998) formulou nos termos do seu apólogo sobre o tempo lógico. Mais do que considerar as escansões entre o instante e ver, o tempo para compreender e o momento de concluir, que certamente compõem como tempos lógicos do percurso de tratamento na comunidade, destacamos aqui que se trata, no apólogo, de uma dinâmica entre três prisioneiros que precisam reconhecer algo de si a partir do que vêem nos outros dois para saber o momento justo de sair da prisão. À época de sua formulação, Lacan ainda estava atravessando o terreno da intersubjetividade, mas isso não torna seu texto menos importante. É a partir de uma relação com os outros que cada um encontrará seu próprio lugar. Mas como pensar isto para além de uma consideração puramente imaginária?

sua fala no grupo terapêutico, ela reconhece o papel que os outros desempenham no seu percurso de tratamento, mas não chega a formular algo além dos efeitos intersubjetivos que emergem no compartilhar cotidiano, na convivência. Vemos que na dinâmica comunitária trata-se sempre, sob orientação da psicanálise, de tomar um a um, mas a experiência também nos permite destacar que é como um entre outros que se esboçam os contornos, as determinações sob as quais podemos inscrever os efeitos de subjetivação que conjugarão sujeito e objeto.

Quando Lacan formula seu objeto *a*, já estamos distantes da ordem simbólica tal como ele a introduz com a concepção do Outro como lugar onde o sujeito encontraria sua consistência lógica, como afânise no discurso. O campo da fala e da linguagem já não representa o cerne das formulações que introduziram a psicanálise em sua justa formalização. Vemos em Lacan a substituição da leitura orientada a partir da bateria significante mínima $S_1 - S_2$ por uma composição que permitirá comportar significante e gozo. Trata-se de um deslocamento fundamental que calibrará a concepção de sujeito, que passa a comportar alguma consistência a partir de sua articulação com o corpo, com o gozo, a partir do objeto.

Sabemos que a clínica da psicose servirá a Lacan como um profícuo campo de investigação. A partir do caso paradigmático de Schreber, tratado a partir de sua escrita, seu livro de memórias, texto de onde Freud fez nascer as coordenadas clínicas para a leitura de fenômenos fundamentais. Lacan (2001/2003) destacará em sua “Apresentação das memórias de Schreber” que se trata de “calibrar” aquilo que em Schreber se desenrola entre “o sujeito do gozo e o sujeito que o significante representa para um significante que é sempre outro” (p. 221). O que está em jogo é a dimensão própria à libido. Trata-se de uma rara aparição no ensino de Lacan do sujeito designado dessa forma, mas que evidencia os impasses de sua elaboração, na direção de conjugar a dimensão do Outro e do objeto, significante e gozo.

Como sabemos, o sujeito como efeito lógico da articulação significante não responde pela vida que o efeito do encontro do vivo com a palavra também comporta. “Não se trata aí de nenhum acesso a uma ascese mística, nem tampouco de qualquer abertura efusiva para a vivência do doente, mas de uma posição na

qual somente a lógica do tratamento introduz” (*Ibid.* p. 223). A partir do ponto em que Lacan se apóia para nos orientar na leitura desse sujeito, que faz báscula entre a ciência e a psicanálise, a dimensão do gozo introduzirá em uma perspectiva refratária ao próprio significante.

Chiara nos dá mostras de como a partir da experiência com o objeto, promovida pelas condições em que se estrutura o dispositivo comunitário, sendo confrontada com os outros, é possível localizar um sujeito. Mas, vale destacar que se trata aqui de uma abertura de sua experiência de satisfação, originalmente fechada num circuito de gozo autístico, refratário ao circuito das trocas e à alienação simbólica estruturante. Diante de seu sintoma compulsivo, alheio à regulação simbólica, Chiara se encontra com a comunidade. Mais do que a orientação a partir de uma regulação externa, a dinâmica porta a marcada da incompletude, promovendo a desnaturalização de rituais, a partir das intervenções da equipe e das outras pacientes no cotidiano.

O gozo de absolutamente solitário passa a um nível de compartilhamento, pela identificação imaginária que faz grupo do coletivo, um mal necessário para fazer passar pela palavra o que não se pode formular. Veremos como o convite reiterado a passar pela palavra nas atividades coletivas e no atendimento individual constitui uma abertura frente ao circuito pulsional absolutamente congelado pela relação com a ingestão e o vômito, num circuito fechado sobre si mesmo.

Quando chega à comunidade, Chiara apresenta um peso corporal crítico, além de vários efeitos de um longo caminho percorrido, marcado por uma eleição de objeto que não singulariza a posição do sujeito. Sua entrada na comunidade se dá, como em geral, a partir de uma demanda alheia, no caso, do serviço médico de origem que a acompanha em sua cidade natal. Ela nos apresenta a manifestação de um sofrimento que não coloca qualquer enigma sobre o que se passa em sua vida. Ela acolhe a indicação de tratamento sem esperança ou expectativa, mas também sem recusa. Descreve este momento de chegada como “um caos”. Diz, durante os encontros no grupo, que “não conseguia pensar”, não conseguia sequer formular uma questão para colocar a si mesma ou aos demais. “Não sabia por que estava aqui, mas também não sabia se devia estar em outro lugar”.

Em certo encontro do grupo, quando a questão do peso corporal circulava, afirmou que nunca valorizou a “imagem da magreza”, até porque “tornava tudo mais visível para os outros”. É importante destacar aqui o que se mostra como singular na relação de Chiara com a imagem, uma certa invisibilidade parecia sustentar-se na sua impossibilidade de pensar, no “manter-se em segredo”, para que ninguém soubesse do que se passava com ela. Considera que entrou no tratamento, de fato, quando “uma nova maneira de perceber das coisas” se colocou. Efetivamente o olhar retornava em sua direção: “meu corpo tinha mudado de quando eu me lembrava... a pele envelhecida muito cedo, os cabelos e os dentes caíam, eu não podia mais sorrir...”. Seu corpo caía aos pedaços. A angústia dava sinais de que o objeto estava na cena – alguma cena, portanto, se montava.

Num dado momento afirma: “alguma coisa se perdeu e eu não vou mais encontrar”. Sua imagem só entra em cena com a mudança de perspectiva do olhar. É a mudança de posição subjetiva que permite ver a falta no meio de todas as imagens, de todos os objetos que vinham cobri-la. Chiara afirma que decidiu procurar outro modo de “viver com o corpo que tinha restado”. De fato, a incidência do olhar que emergiu de seu encontro com a comunidade expôs as condições depauperadas em que se encontrava e promoveu o início de um movimento de recuperação das condições para equilibrar-se, levando em consideração a vida do corpo. Um novo modo de se a ver com o objeto? Parece que sim.

Uma significativa recuperação do corpo enquanto imagem parece apresentar-se. A considerar, a partir de Lacan, que o ser falante adora seu corpo, é capturado pela imagem, podemos deduzir o valor de subjetivação desses efeitos. Vemos a emergência do efeito de estabilização da imagem a partir da composição da cena, onde algo fica de fora para sustentá-la. De fato algo novo se apresentava a Chiara, mas que estabilização para a superfície entrava em jogo nesse momento? Chiara afirma que passou a ter “fé na imagem”. É nesses termos que se constroem as condições de seu início de tratamento na comunidade.

Poderíamos inferir que a emergência do Outro institucional, encarnado nas presenças que sustentam essa prática clínica, tem o seu valor transferencial, já que

a permanência na comunidade é decisão de cada uma e Chiara consentiu em prosseguir. Encontramos algo da perspectiva de que “só o amor permite ao gozo condescender ao desejo” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 197). Podemos, ainda, considerar os efeitos de modalização na sua relação com o objeto, o que parece ter resultado neste olhar que retorna a reintegrar a vida ao corpo, um corpo que ganha consistência para ela, a consistência imaginária, a única consistência para o ser falante, como propõe Lacan no *Seminário 23*. No trabalho individual e nos espaços coletivos, ela prossegue em sua narrativa, fazendo surgir no informulável uma experiência com a palavra que vai dando lugar ao que apenas se apresentava na reiteração incessante do automatismo de gozo atrelado aos hábitos alimentares.

Segundo informações da equipe, poucos meses depois de ser admitida, Chiara não mostrava mais sinais dos sintomas alimentares, mas permanecia muito rígida em seu modo de estabelecer contato, demonstrando uma desafetação que intrigava a todos, juntamente com a aparente supressão dos sintomas. Prosseguia na comunidade, mantendo-se muito rígida e racional, sempre com argumentos bem elaborados para confrontar suas companheiras de percurso. No decorrer do tempo, começou a falar de uma expectativa de mudança para sua vida, passou a trazer alguns interesses que apontavam para a possibilidade de novas experiências fora da instituição.

Algo que se configurava como uma demanda que ganhava contornos de um projeto de vida começou a ganhar forma e chegou o momento, alguns meses depois, em que Chiara passou a ocupar um lugar no grupo apartamento¹⁴ para dar andamento às atividades que começava a desenvolver fora da instituição. Estava fazendo um estágio desenvolvendo atividades de restauração em madeira. No entanto, para surpresa da equipe, ainda que estivesse advertida desde o início diante da supressão dos sintomas alimentares em um tempo considerado precoce, Chiara iniciou após algumas semanas uma retomada dos sintomas iniciais que a levaram para *La Vela*.

¹⁴ O grupo apartamento constitui uma estrutura atrelada à comunidade, uma espécie de residência terapêutica, cujo funcionamento permite maior autonomia, com a gestão da vida diária, inclusive a alimentação, deixada a cargo das próprias moradoras.

Apresenta um sonho na sua análise a partir de um sonho: está de frente para seu analista, dentro da sala de atendimento na instituição, aproxima-se dele e retira a fita durex de sua testa. Parece que poderá, então, fazer o uso devido desta presença, desembrulhando-se. Parece que estamos diante de um novo começo, onde, à diferença de um arranjo supressivo da sintomatologia, Chiara não esconde mais suas mazelas e acolhe seu próprio enigma. No entanto, devastada pelos sintomas compulsivos, Chiara segue pondo em cheque o próprio dispositivo pensado a partir do Outro, do sujeito e do resto. Como podemos constatar a partir de nossa elaboração até o momento, para além dos efeitos de subjetivação, de estabilização da imagem, que permitiram um reposicionamento, inscrevendo um Outro, um corpo, Chiara é presa de um gozo que escapa ao que é possível circunscrever dentro da perspectiva da regulação fálica, como elaborada até aqui. Como circunscrever esse gozo? O que este gozo nos informa sobre aquilo de que se trata quanto ao sujeito?

3.7

Impasse da teoria do resto-zona erógena

Chiara nos apresenta com seu drama e seu percurso de tratamento, as manobras da constituição do sujeito. Ao alienar-se permitindo a emergência do Outro – do discurso que se revela por não dizer tudo, pois o sujeito é convocado a colocar algo de si – o sujeito consente com o convite à abertura a um sentido novo, como vemos nos seus ditos, deixando lugar para um efeito de discurso que seria seu próprio relevo, como indicará Lacan (1971/2009). Diferentemente da impossibilidade de pensar que se manifestava no início, quando da sua chegada à comunidade, sem qualquer formulação possível, agora se mostra capaz de dizer que “sei que não estou nem no sintoma [alimentar], nem nas palavras racionais”.

Não há nenhuma grande revelação, mas Chiara parece entrar por uma porta desconhecida até então, reagindo com entusiasmo à sua própria descoberta. Vimos com Chiara que seu corpo vai se vivificando na mesma medida em que entra a dimensão do olhar que as palavras fornecem pelo efeito de emergência do objeto *a* sustentando a cena. Ela fica entre efeitos da emergência do olhar: ora aparece a

angústia, revelando a presença do objeto onde deveria faltar; ora o objeto na cena não adere exatamente às manifestações de uma presença, permitindo entrever seu destino de causa, como enigma.

Um corpo se compõe entre a imagem especular e o furo, tomando uma substância inédita como matéria, ou seja, o gozo. Mas, ao interrogar os efeitos do tratamento sobre o gozo, no caso, esbarramos na reiteração dessa satisfação voraz que consome o próprio sujeito, aniquilando o próprio pensamento, como Chiara nos apresenta. Podemos afirmar que se trata, aqui, de sucesso e também de fracasso. Diante da perspectiva terapêutica, a recaída sintomática não deixa dúvidas quanto ao fracasso, pela devastação que insiste, mas o que sucederá este tempo de seu tratamento certamente se fará a partir de uma nova subjetivação, menos refratária, mas não menos resistente ao dispositivo clínico se a oferta girasse apenas em torno da perspectiva de localizar um sujeito e extrair o objeto.

Recolhemos no caso os efeitos de subjetivação que a dimensão do objeto olhar introduz na vida de Chiara. Mas o que faria obstáculo a uma moderação na voracidade que insiste no sintoma alimentar de Chiara? O caso aponta para o limite do tratamento do gozo pensado dentro da concepção de uma extração simbólica do objeto. A leitura a partir da castração não comporta a variedade de modalizações que a clínica evidencia, com destaque para as soluções psicóticas que interrogam a própria perspectiva do objeto cunhado como extração.

Lacan (1964/1988) nos dá uma pista, situando-nos frente ao limite que o objeto olhar introduz. O objeto olhar articula imaginário e simbólico, já que convoca o campo do Outro no dar-se a ver, onde o sujeito é recoberto pelo olhar que lhe concede uma imagem no ponto mesmo de sua vacilação como sujeito. Como destaca Lacan, a potência do olhar também responde pelo “efeito de fascinatório” (p. 114) que revela sua face de mau-olhado. “O mau-olhado é o fascinium, é o que tem por efeito parar o movimento e literalmente matar a vida” (*Ibid*).

Com Lacan, vemos que o objeto fica “engasgado na garganta do significante” (p. 255). No campo escópico o sujeito não resta inteiramente indeterminado, como lemos em Lacan. A captura fascinatória introduz uma cristalização onde a indeterminação não corrobora o sujeito como *fading*, mas,

como estamos introduzindo, algo da articulação entre sujeito e objeto fica fora dos efeitos produzidos pela alienação significante. Como localizar esse efeito no caso senão no automatismo encarnado no silêncio da pulsão? Podemos afirmar que o objeto que o caso de Chiara coloca em questão já não cabe nas bordas do corpo, escapando aos contornos que o Outro possa oferecer. Como pensar esse gozo sem perda?

Que direção para o tratamento? Terá sido a passagem para o grupo apartamento um *acting out* corroborado pela equipe? E aí podemos supor o lugar do *acting out* como demonstração desse efeito de gozo que não passa pela perda. Essa interrogação se coloca aqui por podermos circunscrever nesse episódio a possibilidade de que o acolhimento à demanda de Chiara, naquele momento, possa ter servido mais para desencadear o “apetite do olho”, que encarna uma voracidade que a pacificação do dar-se a ver não pacifica. Lacan é enfático discutindo a dimensão da imitação e do mimetismo para nos fazer ver que o olhar comporta riscos na captura imaginária, ainda que tão fundamental para o sujeito que, ao mesmo tempo em que aparelha o corpo pela imagem, porta a potência de um efeito devastador.

Toda essa dinâmica se passa no nível das identificações fundamentais do sujeito, o que nos faz incluir em nossa apreciação que talvez não houvesse outra saída para Chiara naquele momento. O olhar cai e ela consegue ver seu corpo em decadência. Nessa imagem, encontramos elementos em consonância com os recursos de Lacan, consoantes às elaborações do *Seminário II*, para referir-se a uma superfície que transita entre o corpo e o discurso, demonstrável somente pela superfície topológica que permite conexões antes articuláveis apenas por representações míticas.

Estivemos até o momento às voltas com uma montagem definida nos termos de uma superfície com seus furos, orientados pelo recolhimento dos efeitos desse furo fundamental que designamos sujeito. Dessa incisão que o simbólico faz sobre o real, recolhemos a própria condição para o advento da psicanálise, reconhecendo o movimento fundamental de colocar em jogo o que a ciência rechaça, e vimos o quanto esse caminho fundamenta o retorno de Lacan a Freud, restaurando o rigor da descoberta do inconsciente para a experiência na clínica.

Mas, ao elaborar seu objeto *a*, Lacan permite circunscrever algo mais nesse percurso, introduzindo na leitura da clínica uma dimensão de ilegibilidade, efeito do “encontro com alguma coisa do real na experiência do texto, portanto, com alguma coisa de imprevisto, de inaudito, de opaco, em relação ao qual não há garantia da validade para a própria leitura” (Cosenza, 2012, p. 53). A dimensão da satisfação do sujeito introduz essa derrapagem do sentido, introduzindo um limite ao legível, demonstrando que não podemos reduzir a operação analítica a uma decifração.

Com o caminho percorrido até o momento, poderíamos parear a psicanálise com a ciência, tomando-as como práticas de leitura. Com um passinho a mais, verificamos que há algo do efeito do próprio método de leitura que Freud inaugura, a partir do relato, que propõe uma leitura que inclua o que não se lê, o que escapa. Como Lacan nos ensina, será a própria operação de incidência do discurso a produzir o impossível de apreensão pelo discurso, o que levará Lacan a sustentar cada vez mais a dimensão do escrito, para além da própria leitura, a fim de circunscrever o que excede o significante, mas não se articula sem ele.

Como destaca Miller (2007), estaríamos num ponto de tensão entre a concepção de uma “armadura significante” que operaria na “domesticação do fundo informe do gozo”, e uma leitura que busca outra coisa. Veremos que é em torno da noção de escrita que Lacan avança (*Ibid.*, p. 16). Aquilo que se escreve para além, ou aquém do significante encontrará outra forma de abordagem, para além da leitura.

Entreato:

La Vela

1

A clínica interroga

Podemos afirmar que o sujeito lógico não nasce com o indivíduo, mas, quanto ao gozo, a entrada numa língua vai se encarregando de modular alguma coisa. As interrogações advindas da minha experiência com a psicossomática encontraram ressonâncias importantes nas questões suscitadas a partir da prática em *La Vela*. Trata-se de uma instituição de tratamento para casos graves de distúrbios alimentares que recebe mulheres a partir dos 18 anos, com lugar para algumas exceções. Acompanhar o cotidiano de *La Vela* relançou minhas interrogações, promovendo novas elaborações em torno das questões que estes casos colocam sobre o modo de satisfação, sobretudo por tratar-se de um traço comum entre casos de anorexia-bulimia, e na presença de fenômenos psicossomáticos, a dimensão de uma certa corporificação do objeto, ou nos termos de Miller (18989/2003) uma corporificação da libido, quando fala em psicossomática.

Diante da evidência dos limites clínico-teóricos do dispositivo pensado nos termos da lógica de extração do objeto *a*, na perspectiva da superfície, tal como propusemos, a se definir entre sujeito, Outro e resto, cabe uma abertura a um novo suporte. Aqui, nos deparamos com o fato de que qualquer construção encontra seus limites diante do real da clínica. Interrogando o corpo que está para além do estádio do espelho, abrem-se novas interrogações sobre o que poderia responder pela consistência imaginária do corpo, quando o caso nos leva a interrogar o corpo fora das coordenadas do estádio do espelho, para além da imagem e de seus furos. Os sujeitos aqui em questão experimentam de outro modo os efeitos do encontro das palavras com os corpos, evidenciando que a significação fálica pode falhar, e ainda assim algo pode sustentar um corpo.

Como vimos, na dimensão da superfície, o gozo da zona erógena circunscreve com o percurso da pulsão o vazio onde a satisfação se alojará sob o semblante de objetos destinados a cumprir sua função de causa, o objeto *a*. O gozo positivado ganha consistência no seu apoio corporal, concedendo substância ao gozo, chegando ao paroxismo que a afirmação de Lacan no *Seminário 20*, “o corpo é feito para gozar de si mesmo”, pode suscitar. A consistência vazia do objeto convoca o corpo, toma apoio em pedaços seus, promovendo-o entre a forma ortopédica e suas curvas, segredos e abismos.

A dimensão que a experiência com esses casos refratários à abordagem do sintoma como mensagem vem revelar não está dada por este ou aquele objeto, mas pela necessária retomada da interrogação sobre a libido (cf Miller *Ibid*). Que o objeto *a* nos apresente essa dimensão positivada da satisfação nem sempre responde pelas manifestações nas quais uma devastação consome a carne e algo mais. Isto que se apresenta nos termos de uma fixação de gozo, mas absolutamente fora de qualquer regulação, não nos pede nada, e coloca questões fundamentais sobre a ética que nos orienta.

A designação do sofrimento, do mal estar ou da dificuldade em termos de uma nomenclatura pré-estabelecida de sintomas não constitui em si um obstáculo a sua transformação em uma questão subjetiva. O fato de que o sujeito se auto-designe por um sintoma pode constituir, no caso da psicose, uma indicação favorável para o tratamento de um gozo já fora da dimensão significativa. E não esqueçamos que a referência a um sintoma na demanda de análise de um neurótico é uma condição que Lacan formula como exigência na entrada em análise, em suas conferências americanas. (Zenoni, 2005, p. 152 – tradução livre)

Vemos que se o monossintoma coloca problemas, será a resposta do clínico que permitirá não fazer desta prática comunitária uma resposta especializada, pois esta “fixa o sintoma em uma entidade clínica em si”. Além disso, vale destacar que “tampouco a resposta monoterapêutica é a resposta da psicanálise aplicada” (*Loc. cit.*). É isto que encontro em *La Vela*, como efeito do próprio dispositivo analítico operando, dentro de uma lógica coletiva que não impede que cada sujeito encontre lugar para sua própria elaboração. Vale destacar a ênfase dada por Zenoni no referido texto ao que ele chama de “neo-clínica dos sintomas sem estrutura” (*Ibid.*, p. 151).

Como orientar o trabalho na ausência da montagem subjetiva que oferece ao analista o sujeito dividido entre o ideal e a pulsão, cujo sofrimento, ao revelar a própria satisfação do sujeito, encontrava na manobra do analista a abertura ao endereçamento pela via do enigma? De experiências de satisfação que se configuram pelo rechaço do Outro designado pela operação significativa, reduzindo-o a um outro especular; aos efeitos do encontro com a palavra que pode permitir um encontro inaudito com seu próprio dizer, cada uma das pacientes é convidada a tomar seu lugar nesta travessia aberta a surpresas, novos encontros, muitos desencontros, mas sustentada na aposta de que o intratável do sintoma de cada um não precisa conduzir necessariamente ao desaparecimento, à morte.

A experiência clínica em *La Vela* produziu em mim os efeitos do encontro com a surpresa, uma verdadeira subversão de minha perspectiva frente ao dispositivo coletivo. Acompanhar a equipe e as pacientes na experiência de aplicação da psicanálise ao modelo de dispositivo clínico circunscrito pela lógica das comunidades terapêuticas, mas orientada pela psicanálise, reintroduziu para mim interrogações sobre a prática institucional a partir do que Lacan define como psicanálise em extensão. Na tensão entre o terapêutico e o analítico, entre a medicina e a psicanálise, *La Vela* navega, enfrentando mais tempestades do que calmarias, mas nem por isso mais angústia do que um particular *savoir-faire* no trabalho em equipe.

A partir da multiplicidade e do singular de saberes e filiações institucionais, recolho um traço que levarei comigo, o fato de os participantes da equipe não se furtarem a compartilhar suas angústias e profundas inquietações de forma nada dramática. Considero esta uma das virtudes e provavelmente uma das marcas decisivas desse Outro coletivo, que pode acolher as situações clínicas mais impressionantes sem render-se à fascinação da loucura levada às raias da morte física e psíquica. As instituições tendem a acolher, no limite da terapêutica, a gravidade e o risco pedindo ao praticante sua resposta frente ao intratável que a clínica expõe, sem véu.

Na psicanálise, a perspectiva do trabalho centrado no caso não impede de orientar regras gerais, como Freud nos ensina, mas não sem tratar o caso como exceção à regra. A posição metodológica de Freud que exclui a fixação de nossa

prática sob um método, ao mesmo tempo em que localiza balizas para uma ética particular, que encontra em Lacan o esforço de formalização que insiste em comportar uma não redução do lugar do real na experiência. Lacan promoveu os princípios em lugar do modelo e nos ofereceu coordenadas muito precisas ao circunscrever o discurso analítico como um modo de operar com o saber na clínica, o que nos permite ir além do enquadre da sessão analítica. Além disso, o saber ganha contornos de um trabalho em andamento, onde os conceitos se contorcem, se deformam, se reviram, um movimento impulsionado pela própria prática.

2

La Vela – uma superfície ad hoc

O trabalho orientado pela psicanálise em uma instituição como *La Vela*, com sua proposta de abordagem clínica dos casos, está em disjunção com a orientação tradicionalmente seguida no campo dos distúrbios alimentares, pelo menos dentro da experiência italiana. Como destinatária de situações graves, *La Vela* recebe casos que já fizeram em geral um percurso pelos serviços ambulatoriais, e até mesmo por internações clínicas, psiquiátricas e em outras comunidades, mas de orientação cognitivo-comportamental. Interrogo como a psicanálise pode orientar uma experiência clínica numa instituição que se caracteriza pelo afastamento radical da vida cotidiana, numa espécie de internação sob regras que coletivizam, mas também por uma abordagem que permite a emergência do mais singular em cada caso, o eixo do nosso trabalho na clínica. As estratégias de intervenção devem encontrar modos de acolher cada um em seu modo de apresentação particular, para trabalhar pelo início do tratamento, sem acolher as demandas alheias, a despeito do consentimento de cada paciente.

Vemos em *La Vela* a construção de uma comunidade de identificação, uma comunidade dirigida ao tratamento de uma modalidade de gozo, que agrupa sob fenômenos correspondentes a um tipo particular de identificação, como abordaremos no capítulo a seguir. A partir do sintagma *sintomi alimentari*, a comunidade *La Vela* promove um tratamento do gozo, dirigindo-se à sua singularização, fazendo contraponto com as comunidades virtuais que proliferam

na internet, mantendo o anonimato do gozo compartilhado. Ouso afirmar que se trata de um ponto de partida comum, o tratamento do gozo nos sintomas alimentares, mas o consentimento implicado em uma não corresponde àquilo a que se consente na outra perspectiva.

Não é a categoria de sujeito ou de objeto que serve nesse ponto, mas a de sintoma. O sintoma é a pedra de toque, o ponto que vai do universal ao singular (cf. Vieira, 2007). É curioso ver como pacientes e operadores, como se autodenominam aqueles que conduzem o trabalho, se referem ao sintoma de modo que parece encarnar uma entidade, *il sintomo*. Não é a recusa ou ingestão excessiva de alimento, nem são os hábitos de cada uma, mas o sintoma como um parceiro de gozo, frente a “quem” elas teriam que tomar uma posição: *estar contra, ou a favor*, como surge na fala do grupo. Mas, a direção me parece proporcionar a abertura a uma interrogação sobre como *La Vela* opera sobre o gozo para além da regulação que as regras coletivas introduzem. Ou melhor, o que a regulação coletiva pode permitir na direção de uma localização de sujeito, mas também de uma regulação do gozo?

Considero que o contraponto que vigora entre *il sintomo* e *l'équipe*, o “sujeito curante” (Cosenza, 2001) – que os operadores sustentam como alteridade para cada operador e para as pacientes – pode promover, ou não, uma regulação própria a partir desse enlace que pode fazer furo e possibilitar a emergência do sujeito, tomando o advento do sujeito como consequência da regulação possível do gozo, dentro de uma prática da psicanálise em extensão. Seguindo a própria orientação de Lacan, não se trata de domesticar o gozo, como pretendem as práticas pedagógicas e terapêuticas, que permitem uma rápida recuperação do peso corporal em função da manutenção de suas regras rígidas, da alimentação mecânica, ainda que, em geral, se perca o corpo adquirido pouco depois, nas “recaídas” recorrentes.

Em *La Vela* a exceção opera, a regra não vale por si mesma e não se está em busca da recuperação ou do alcance de parâmetros generalizantes. Interroga-se no fazer cotidiano o que cada uma das pacientes pode alcançar, ou o que seria o efeito possível do dispositivo sobre essa forma de satisfação tão devastadora em cada caso. Além disso, como acolher e construir a partir dos elementos de cada

caso o manejo da artificialização da vida na comunidade que constitui uma internação? É interessante que à dimensão do tempo cronológico introduz-se outro tempo, como, por exemplo, a fala de Rosa, que dizia, num determinado encontro do grupo, que era “estranho esse tempo que não dá pra saber bem qual é”.

O trabalho se dirige a permitir a emergência de efeitos de sujeito. Para tanto, além de surpresas introduzidas na rotina, deixa-se espaço vazio, sem nada determinado desde fora, o que em geral é fonte de angústia. Elas dizem não saber o que fazer com o tempo livre, com os intervalos, onde deverão colocar algo de si, fora de qualquer determinação do Outro. Na báscula entre coletivizar e singularizar, se conjuga a direção das atividades, como lemos nas palavras de Chiara quando falava sobre a percepção de “uma mudança em ato, que depende de cada uma, mas que não acontece sem a ajuda dos outros”¹⁵.

A entrada é escandida entre a admissão protocolar e o trabalho sobre a demanda realizado com a paciente, o serviço que envia e seus familiares, produz a possibilidade da entrada consentida. O momento da alta, por interrupção por decisão própria, ou pela impossibilidade de prorrogação, mesmo quando a paciente gostaria de prosseguir, dobra-se sobre o tempo de compreender, permitindo introduzir a elaboração *a posteriori*, circunscrevendo o percurso a partir da fala singular de cada uma. As escansões marcadas no percurso indicam reviramentos do próprio percurso, extraíndo do tempo a sua duração (cf. Santiago, 2004), permitem o advento de algo novo, novo ponto de partida no momento de concluir, promovendo o corte frente ao que poderia apenas configurar-se como um capricho do Outro institucional, diante, por exemplo, de uma impossibilidade de estender a duração da permanência em comunidade, devido a determinações do serviço de origem.

Cada uma chega com a deliberação de seu serviço de origem, para um prazo maior ou menor de permanência. Algumas das que conheci já se encontravam ali há mais de um ano, outras chegaram e partiram ao longo de minha permanência,

¹⁵ O apólogo dos três prisioneiros é retomado por Cosenza (2001) para situar os tempos que compõem o percurso: instante de ver, tempo para compreender, momento de concluir.

durante o estágio. Uma das coisas que chamou minha atenção foi como, em geral, os casos eram seguidos, mesmo à distância, pelos serviços de origem, que mantinham sua participação esporádica nas reuniões de equipe para trabalhar o caso, pensar estratégias clínicas, pós-comunidade. Isso produzia um efeito interessante que colocava *La Vela* num lugar a ser interrogado, pois a referência ao serviço de origem, em geral, permanecia para as pacientes, que não raramente falavam de seu médico e/ou terapeuta, quando havia transferências bem estabelecidas.

Em muitos casos, recolher-se em *La Vela* tinha efeito de corte; em outros, nem tanto. Assim, portanto, como nossas elaborações em torno do que chamamos superfície, nome dado ao corpo a partir da conjugação do estádio do espelho com a teoria da pulsão, encontra aqui uma face original. A superfície é corporal, mas, como a experiência em *La Vela* nos ensina, também pode se encarnar em um grupo. O caso de Chiara, porém, nos colocou propriamente diante do impasse frente à perspectiva do furo, revelando que a lógica da superfície não basta.

3

Novas parcerias

Com um percurso de mais de quinze anos, *La Vela* sustenta-se como resistência no cenário das práticas no campo dos distúrbios alimentares na Itália. Mas é a resistência fora da militância que me parece ser o que faz com que a comunidade renove sua inscrição na clínica contemporânea, onde a própria clínica fenece. A abertura à interlocução, mas, sobretudo, o modo de transmissão que portam, faz dos operadores de *La Vela* personagens de uma comédia, pelo tom com que contornam a angústia que o trabalho com casos tão graves suscita. Nas reuniões de equipe pude acompanhar discussões marcadas pela resposta coletiva ao horror, sempre temperadas pelo humor.

Como um coletivo de trabalho, a equipe deixa a marca de uma orientação que se diferencia da tragédia, com seus heróis e seu drama. Isto já me parece indicar que a prontidão para o trabalho não elimina a abertura necessária para inventar o que quer que sirva a cada caso. Lembro-me de uma paciente que fez

uma demanda inusitada: oferece-se para auxiliar as educadoras nas atividades de secretaria da comunidade. Foram várias as discussões nas reuniões de equipe e também nos encontros semanais para discutir com as pacientes a rotina da casa e os fatos da semana. Aí parece que podemos constatar que *La Vela* não está apenas focada na perspectiva de inserir o furo, mas está aberta para qualquer outra coisa que venha servir.

Dentro da dinâmica comunitária, recolhemos nos grupos *de parola* o funcionamento de uma dimensão de circulação do significante que se apóia numa transferência imaginária para introduzir a dissonância ao nível do discurso singular, como aponta Cosenza (2001), ao falar da prática com grupos. Vale lembrar que a prática em espaços coletivos se conjuga com o dispositivo de consulta que integra a dinâmica institucional como um modo especial de reintroduzir o singular do sujeito e sua própria interpretação acerca do que se passa em seu corpo, em sua vida e nas relações que estabelece, mas a partir de um passo a mais do sujeito dentro do percurso. Não é uma oferta entre outras, será fruto de uma demanda dirigida a um analista.

Vemos em *La Vela* que a instituição se constitui a cada caso. Como Chiara nos informa, a necessidade não detém a resposta da satisfação, pois, transmutada em demanda, exigirá o próprio signo do amor em resposta. Sempre mais ou menos inadequada, a resposta é fadada ao fracasso do encontro, diante do qual cada sujeito responde ao modo de um efeito. É como efeito de seu dizer, como resposta ao real, dirá Lacan nos anos 70, que o sujeito entra no mundo atrelado ao seu sintoma, seu modo de resposta à regulação universal inexistente.

No lugar de uma regulação instintiva, as paixões circunscrevem enredos onde a desregulação, o sem medida, também se apresenta, a despeito da regulação fálica que dá a medida que se erige como índice de compartilhamento do mundo. Na dialética das paixões, o *pathos* humano define um jogo em que se joga sozinho, mas não sem os outros, ainda que o sujeito ocupe uma posição de recusa. As dificuldades na condução do tratamento são inúmeras. A busca por um modo de responder às dificuldades intrínsecas à relação com o objeto que essa prática clínica expõe, conduz ao encontro com um além da terapêutica.

Podemos encontrar a dimensão analítica, que permite extrair a lógica singular que poderá nos permitir circunscrever cada caso, buscando localizar a direção do tratamento um a um. Com um caminho de êxitos e fracassos, a equipe de operadores de *La Vela* não recua de uma posição insistente. Orientados pela psicanálise e sustentados em suas próprias transferências ao saber que supõem ao discurso psicanalítico, encontram, cada um a seu modo, um enganche pragmático diante da insuficiência do próprio saber.

Dizer qualquer coisa, como é que isto poderia levar a algo, se já não tivesse determinado, no surgimento ao acaso dos significantes – não há nada que não se reporte àquele saber que não se saber, que na verdade é o que trabalha? Só que não há razão alguma para que ele não saiba um pouco mais sobre isto. Se o analista não toma a palavra, o que pode advir dessa produção fervilhante de S1? Certamente muitas coisas. [...] É do seu lado [do analista] que há S2, que há saber – quer adquira esse saber escutando seu analisante, quer seja um saber já adquirido, localizável, isto pode, em certo nível, ser limitado ao *savoir-faire* analítico. (Lacan 1969-1970/1992, p. 32-33)

Verifica-se no trabalho em instituição, a partir da orientação lacaniana, que a função analítica não se encarna apenas na presença de um analista. Mas é preciso que haja ao menos um analista para que a função compareça. Essa é uma forma de abordar o que se desenrola nas instituições orientadas pela psicanálise, mas não o único ângulo. Como Mattet (2009/2010) propõe, não há analistas em instituições, e sim efeitos analíticos. E o propõe afirmando que os efeitos fora da experiência propriamente dita analítica, que supõem um sintoma que demanda um saber que o sujeito supõe e que encontra o desejo do analista, serão deduzidos tomando empréstimos parciais do dispositivo, conduzindo a resultados parciais.

4

Para além da disciplina do caso

O valor da construção do caso para a prática e sua transmissão é inquestionável, mas não podemos ficar engessados aí. Como destaca Mattet (*Ibid.*), no Campo Freudiano a disciplina do caso clínico, através da Seção Clínica, encontra no exercício da apresentação de pacientes, na leitura e construção do caso, o recurso fundamental do ensino. Mas, trata-se de interrogar com Mattet o fato de que, senão em condições particulares, a prática em

instituição não é uma clínica sob transferência, no rigor de que se trata.

O caso define a posição metodológica do clínico na psicanálise, tal como aprendemos com Freud, mas a extensão da psicanálise coloca-nos novos problemas e pede novas soluções. “Se o caso na clínica é uma disciplina que se nutre da experiência analítica, entretanto não se confunde com ela, ao risco de barrar o acesso ao discurso analítico” (*Ibid.*, p. 82). Na ausência da transferência analítica, como podemos interrogar o que se passa nos espaços povoados por fazeres sustentados por praticantes cuja orientação se define pela transferência ao saber suposto à orientação analítica?

A distinção que Lacan propõe em seu “Ato de fundação” (2001/2003) entre a psicanálise pura e a psicanálise aplicada não pode reduzir-se a nenhum parâmetro *standard*, sobretudo porque sob a orientação lacaniana nos conduzimos pelos princípios que fundamentam um fazer que deve encontrar seu estilo. As instituições destinadas ao cuidado, ao tratamento evocam uma das contraindicações fundamentais para o exercício da psicanálise: o *furor sanandi*, como nos exorta Freud. Que lugar para a transferência analítica engendrar uma análise quando estamos entre o risco de morte e a exigência de prazo? Como sublinha Mattet (*Ibid.*), apenas porque não se trata de reduzir o alcance do dispositivo a uma prática sob transferência *stricto sensu* é que a psicanálise pode oferecer instrumentos para práticas institucionais. “O uso da transferência em instituição, incontestavelmente, faz parte dos instrumentos de uma gestão humana do próprio objeto, com a condição de não desempenhar o bom instrumento para todo uso, que cedo resultaria ser um uso de amor para a finalidade de coalizão” (*Ibid.*, 82).

Assim, a psicanálise, na sua definição pragmática, oscila entre a própria e legítima aspiração a um sucesso, quer seja terapêutico ou que diga respeito aos efeitos do seu discurso sobre a sociedade, e a referência necessária ao fracasso que pressupõe despertares periódicos, sem os quais os seus sucessos comprometem a própria existência. (*Ibid.*, p. 84)

A conclusão a que o autor nos conduz é simples, em termos conceituais, mas absolutamente radical se a tomamos ao pé da letra. Se a pragmática na psicanálise não se reduz à instauração da transferência, também não se trata de recuar frente às necessárias invenções a que uma prática convida, considerando

que a orientação dá o norte. Mesmo fora da transferência, os fenômenos suscitados pela prática da palavra produzirão seus efeitos mais ou menos analíticos de acordo com o modo de recolhê-los. A presença de praticantes capazes de acolher a descontinuidade, a surpresa, é o que pode realmente caracterizar uma abertura.

4

A letra deduzida de seus efeitos

Sou mais a palavra ao ponto de entulho.
Amo arrastar algumas no caco de vidro, envergá-las pro
chão corrompê-las, até que padeçam de mim e me sujem de branco.
Sonho exercer com elas o ofício de criado:
usá-las como quem usa brincos.
Manoel de Barros

4.1

No princípio era o Verbo

Sabemos que o nascimento da psicanálise é fruto da introdução de uma operação que se define como um modo original de recolhimento, de deciframento daquilo que emerge no campo da experiência clínica a partir do encontro de Freud com o corpo da histérica. O sintoma histérico destaca-se da cena, do espetáculo de suas manifestações, para ser reintroduzido a partir da perspectiva freudiana que dá lugar aos ditos. Com Freud, aquilo que faz obstáculo ao enquadre sob protocolos de tratamento reivindica um novo modo de operar que interroga o próprio saber na clínica.

Considerada do ponto de vista psicológico, a paralisia do braço consiste no fato de que a concepção do braço não consegue entrar em associação com as outras *idéias constituintes do ego, das quais o corpo da pessoa é parte importante*. A lesão, portanto, seria *a abolição da acessibilidade associativa* da concepção do braço. *O braço comporta-se como se não existisse para as operações das associações*. [Freud, 1888-1893/2006, p. 213 - grifos nossos]

A dimensão da lesão funcional, acolhida por Freud no encontro com manifestações que interrogavam o saber médico (Allouch, 1994) evidencia o próprio corpo tomado na rede significante, em suas partes. Como bem expõe Chatenay (2011), “[...] a lesão espera não por um significante na língua, como poderia fazer pensar a referência à *idéia*, à concepção do braço, mas a *associação* que leva a este significante: ou seja, a articulação entre significantes” (p. 21,

grifos do autor - tradução livre). O sintoma vem, portanto, aí onde algo não se articula. Responde onde falta estruturalmente a consistência que significaria a existência de modo pleno, que daria conta da inscrição do sujeito na existência de modo unívoco. A realidade sexual, como vimos, exige do vivente respostas singulares diante do efeito de subversão que a natureza linguística da experiência impõe. A satisfação constituirá o campo da experiência, balizando as ações humanas por uma determinação da qual recolheremos sempre os efeitos.

O corpo subtraído do saber “comporta-se como se não existisse”, mas é exatamente por atestar essa outra determinação em jogo que o braço, no exemplo acima, se subtrai do saber e instaura uma dimensão desconhecida para o discurso da ciência, a dimensão do gozo, tal como abordamos anteriormente. É exatamente isso que se evidencia no encontro com os corpos afetados pelo significante, de onde Freud extrairá a própria psicanálise ao recolher o que não cabe totalmente numa matriz de sentido prévia às formulações daquele que sofre. É então que Freud abordará a lesão funcional, revirando o próprio saber herdado de Charcot, no cruzamento das palavras com os corpos, exatamente neste ponto em que passa a ler nas entrelinhas do discurso sobre o sofrimento a dimensão de uma satisfação inaudita.

Do encontro com os corpos das histéricas, Freud extraiu universais para a leitura do sofrimento humano deduzidos de uma apreensão do próprio corpo sob os contornos do inconsciente. Por um lado, o sonho, paradigma das formações do inconsciente, oferece um texto cifrado à interpretação quando Freud interroga as imagens mais além do simbolismo, por outro, o corpo vai se fazendo presença no discurso, por se furtar às associações. Lacan (1966/1998), em uma homenagem a Ernest Jones, destaca o valor do símbolo que este foi capaz de resguardar no texto de Freud. Com sua crítica incisiva aos efeitos de desvio produzidos pelas leituras pós-freudianas, Lacan insiste no rigor de Freud quanto ao valor de linguagem atrelado à descoberta da psicanálise.

O símbolo pede passagem quanto àquilo que representa [...]. E não devemos nos enganar aqui expressamente pelo embaralhamento do código do sonho, efetuado por meio de uma camuflagem não menos expressamente designada como imaginária. A consideração dada por Freud ao fenômeno funcional o é em nome da elaboração secundária do sonho, o que, para nós, é o quanto basta dizer, uma vez que ele a define como imaginária. (Lacan, *Ibid*, p. 727)

O valor do símbolo em Freud encontra sua justa medida nas redes da linguagem, onde vai buscar o sentido que importa, ou seja, aquele que é dado pela palavra do sonhador. Sabemos que a descoberta do inconsciente está intimamente ligada à posição de Freud diante da histérica, entretanto, cabe ressaltar que se trata quanto ao inconsciente, de uma nova aposta que faz no encontro com o discurso que veicula a novidade de uma descoberta.

Como vimos no primeiro capítulo a estrutura de linguagem do inconsciente corrobora a existência discursiva do sujeito, mas o fator libidinal é o que vai dar densidade clínica e conceitual para esse registro determinante da experiência humana num universo de representações. Vimos que a dimensão da representação, como obra da ação da estrutura da linguagem, encontra a teoria do significante. E, com Lacan, os efeitos da linguagem que não podem ser apreendidos pela representação, presentes no discurso analítico desde Freud, encontrarão nos confins do simbólico a resposta lacaniana através de formulações que pretendemos desenvolver aqui.

A libido como borda ao furo no saber que a realidade sexual introduz conjuga uma dimensão que se faz de atravessamentos entre o significante e o corpo, tal como abordamos no capítulo anterior. A libido como resistência ao método instaura deslocamentos que, se não encontram em Freud exatamente uma técnica, orientarão fundamentalmente uma posição ética diante da clínica. Como circunscrevemos até aqui, a teoria do significante marca o sujeito pelo exílio em relação ao gozo, mas também confere uma recuperação de gozo que implica na concepção de superfície, tal como abordamos. Mas, como vimos, alguma coisa não resta e insiste, e nisso podemos destacar que:

A grande invenção de Freud foi aquela de descobrir que a insatisfação se reabsorvia através do uso do significante e que, portanto, a histérica não pedia outra coisa senão transformar através do significante – e, portanto, com o apoio do amor – aquilo que era seu gozo do corpo. (Guéguen, 2009, p. 123 - tradução livre)

Há uma satisfação alcançada pelo efeito do significante, e isto é patente desde Freud, que nos introduziu na magia das palavras que podem incidir sobre a satisfação do sujeito. Mas, como definir o trânsito entre dimensões tão heterogêneas, como pensar que o significante possa tocar o real do gozo? Vimos

que o corpo do estádio do espelho em sua articulação com o inconsciente encontra sua vivificação nas bordas, a partir do gozo que resta da metaforização do corpo sob a incidência da significação fálica. Trata-se, portanto, de uma operação que se encarrega de promover a...

[...] substituição de um gozo por outro, com um resto, o objeto pequeno *a*, que diz respeito sempre a uma borda erógena do corpo. É por isso que Jacques-Alain Miller precisa que na histeria há uma fantasia que introduz o corpo no significante e, no fundo, esta é a descoberta que Lacan sempre valorizou mais em relação a Freud. [...] Portanto, o corpo é assinalado por traços significantes e o simbólico é investido por um gozo que Freud chama libido. (*Ibid.*- tradução livre)

Servindo-se da sentença de São João, Lacan afirma: “*No princípio era o Verbo* quer dizer *No princípio é o traço unário*” (1962-1963/2005, p. 31) e destina ao sujeito uma origem no Outro, a linguagem que inscreve seu próprio apagamento enquanto sujeito. “O traço unário é anterior ao sujeito” e sua condição de simplicidade, a “singularidade do traço, é isso que introduzimos no real” (*Loc. cit.*).

O problema está na entrada do significante no real e em ver como disso nasce o sujeito. Será que isso quer dizer que nos encontramos como diante de uma espécie de espírito que baixa, de aparição de significantes alados? Significa que eles começariam sozinhos a cavar seus furos no real, e que no meio apareceria um furo que seria o sujeito? Penso que, quando introduzo a divisão real-imaginário-simbólico, ninguém me atribui tal intenção. Hoje trata-se de saber justamente o que permite que o significante se encarne. (*Ibid.*, p. 100)

A singularidade do traço nos introduz na perspectiva que permite pensar o traço como marcas primeiras a partir daquilo que restará para o sujeito como insígnias, restos do que foi visto e ouvido, como encontramos na clínica. Mas, como se daria essa inscrição do significante? Afinal, o corpo está diretamente implicado nas respostas sintomáticas do sujeito. Como sabemos, o sujeito será representado pelo significante unário, que o localizaria no Outro, para outro significante, mas como um traço estruturalmente apagado. À alienação corresponde um efeito de separação que, como destacamos anteriormente, impede a imagem do corpo de responder inteiramente pelo que do corpo se inscreve a partir do lugar do Outro. Ao fazer emergir a própria figura do Outro, ao introduzir no corte a queda do objeto, a operação significante encarrega-se de produzir no ponto de apagamento do sujeito a emergência do objeto, instaurando a superfície

que se monta com estes elementos a partir do próprio furo.

Como Lacan nos orienta a partir de sua investigação em torno da lógica do sujeito, a operação que o constitui tem no traço unário o suporte da alienação, a partir da qual o sujeito recebe do Outro as insígnias que o inscrevem, fora do registro do sentido, como apagamento, extrapolando as coordenadas do símbolo. É nisso que o significante opera como suporte da diferença, pura diferença, sem qualquer designação em jogo, o que introduz na teoria o sujeito como contável, como diferente de qualquer outro, operação anterior a qualquer combinatória. O que estaria em jogo aqui seria “um traço diferente de outro traço, enquanto não é o mesmo traço”, uma identidade fundada na pura diferença (Chatenay, 2011, p. 72), pelo que se conta. Ao sujeito, Lacan prescreve, portanto, sua inscrição como intervalo, vazio, como o determina a própria definição de significante que representa um sujeito para esse significante primeiro, do qual resta o traço sob a barra do recalque¹⁶.

4.2

Do sentido à significação

A clínica concebida como decifração, suportada pelo modo de leitura introduzido por Freud, nas entrelinhas do discurso, percorrerá um longo caminho, mas não sem se deter diante de rochedos, umbigos, que atestam um excesso num império montado em torno da falta. Mas, como sublinhamos a castração não responde pela presença daquele que fala, e sim, seu gozo, seu modo de satisfação. Podemos afirmar que o corpo em sua relação com o gozo, para além do que se

¹⁶ “Poderemos localizá-lo em nosso esquema dos mecanismos originais da alienação, esse *Vorstellungsrepräsentanz*, nesse primeiro acasalamento significativo que nos permite conceber que o sujeito aparece primeiro no campo do Outro, no que o primeiro significante, o significante unário, surge no campo do Outro, e no que ele representa o sujeito para outro significante [...] Este significante vem constituir-se o ponto central da *Urverdrängung* – daquilo que, a ser passado ao inconsciente será como indica Freud em sua teoria, o ponto de *Anziehung*, o ponto de atração por onde serão possíveis todos os outros recalques, todas as outras passagens similares ao lugar do *Unterdrückt*, do que é passado por baixo como significante. Aí está o de que se trata no termo *Vorstellungsrepräsentanz*.” (Lacan, 1964/1988, p. 207)

define em termos de combinatória significativa, encerra a dimensão fundamental da presença do vivo na linguagem, mas na medida em que não estamos mais num registro purificado do corpo, nos termos de Lacan em sua conferência “Psicanálise e medicina”, como apontamos no primeiro capítulo.

Ao destacar o gozo como aquilo que fica de fora do discurso da medicina científica, Lacan sublinha que, quanto ao corpo, estamos em outro registro. Podemos afirmar, portanto, a partir de nossa abordagem até o momento, que o corpo introduz rupturas nas bordas em que se articulam psicanálise e ciência. Temos então duas perspectivas: “O mesmo organismo deve suportar dois corpos distintos, dois corpos superpostos. De um lado, um corpo de saber, o corpo que sabe o que é preciso para sobreviver, o corpo epistêmico, o corpo que sabe o que lhe é necessário, e de outro o corpo libidinal” (Miller, 2004, p. 49).

A operação freudiana nos introduziu num universo em que a representação e o sentido não respondem por tudo que o significante veicula. Lacan (1964/1988), ao interrogar o que Freud propõe como *Vorstellungsrepräsentanz*, para tratar do ponto sobre o qual o recalçamento opera, destaca que “o que é recalçado não é o representado do desejo, a significação, mas o representante – traduzi literalmente – da representação” (*Ibid.*, p. 206). Separar do sentido a significação é o que vai nos mostrando a via precisa. Lacan dá ao traço unário o valor de um “lugar de emergência, como suporte da função do sujeito na linguagem”, como afirma Chatenay (*Ibid.*, p. 70). Mas vale destacar que “se o pegamos em seu nascimento no campo do Outro, a característica do sujeito do inconsciente é de estar, sob o significante que desenvolve suas redes, suas cadeias e sua história, num lugar indeterminado” (Lacan 1964/1988, p. 198).

[...] outra coisa é aquilo de que se trata em Freud, que é efetivamente um saber, mas um saber que não comporta o menor conhecimento, já que está inscrito num *discurso* do qual, à semelhança do grilhão de antigo uso, o sujeito que traz sob sua cabeleira o *codicilo* que o condena à morte não sabe nem o sentido nem o texto, nem em que língua ele está escrito, nem tampouco que foi *tatuado* em sua cabeça raspada enquanto ele dormia. (Lacan, 1966/1998, p. 818)

Assim, o traço unário não corresponderia a um ponto determinado de engendramento do sujeito pelo significante, pois, como a teoria do significante

define, um significante não efetua sua operação isoladamente, trata-se de tomá-lo pelo seu caráter binário, causa do apagamento do próprio sujeito, seu *fading*. Mas este traço encontra no corpo o lugar de inscrição, sem que o sujeito possa conhecer aquilo que o determina.

Examinaremos neste capítulo o estatuto desta inscrição que, como veremos, caracteriza-se por ser veiculada numa operação cuja incidência revela o habitat do vivente na língua que fala. Se com a linguagem Lacan promove o estatuto do significante como fonte da verdade do sujeito, a castração, sua falta-a-ser, a invenção do objeto *a* o conduziu a dar alguma positividade ao furo do simbólico no real, um lugar de destaque, ainda que não possamos circunscrever com estes elementos tudo o que diz respeito aos efeitos de traço que se evidenciam no encontro das palavras com os corpos.

O destaque dado à significação revela uma perspectiva na qual está em jogo acontecimentos, efeitos de discurso, que deixaram “traços desnaturalizantes, disfuncionais no corpo (*Ibid.*, p. 50). Como destaca Miller (2004) estes traços também podem ser encontrados no animal, como a experiência de Pavlov revela e que abordaremos neste capítulo. Veremos que “quando o prendemos [o rato] num aparelho, numa unidade, para lhe transmitir um saber de que não tem necessidade, mas que pode, eventualmente, satisfazer o experimentador, que é também observador, começamos a separar, lentamente, seu ser e seu corpo” (*Ibid.*, p. 51). Um efeito semelhante se dá experiência humana, o que só acessamos pelos efeitos que recolhemos e que atestam essa relação de desidentificação em relação ao corpo próprio, como estamos abordando.

O trajeto de Lacan inclui um curto-circuito na perspectiva da clínica orientada pelo simbólico, concebida a partir da combinatória que rege a lógica significante, onde a propriedade binária do significante deflagra o discurso, com a concepção de sujeito daí derivada. A psicanálise nos ensina que o inconsciente se encontra na defasagem entre o que se diz e o que se quer dizer, nos embaraços do falante em relação aos seus ditos e, por que não, seus agidos, para incluir aqui também os fenômenos que, na presença ou na ausência de palavras, evidenciam a autonomia da própria língua, falando no sujeito. Isso fala até mesmo quando faz calar.

Mas como podemos ouvir o que o sujeito não diz? Como, ao contrário, pensar que a palavra possa alcançar o sujeito neste ponto mais externamente íntimo de seu ser? Assim, na mesma medida em que Lacan sustenta as bases da teoria signifiante, em termos de combinatória para sustentar o rigor do pensamento freudiano, abre uma outra via pela qual visa recuperar essa dimensão do signifiante fora da cadeia, também presente em Freud. Lacan nos ensina que o que está em jogo neste campo só pode ser cernido por um fazer inédito, demonstrá-lo constitui nossa tarefa.

Como destacamos desde o início, Lacan, na mesma medida em que erige a dimensão da fala e da linguagem para dar conta da mortificação que o vivente experimenta como ser de linguagem, causa de sua defasagem frente à existência, também está às voltas com a interrogação sobre a dimensão do vivo engendrada com a própria operação signifiante, mas em que termos? Encontramos em Miller (2004) a elaboração de uma dupla ação da estrutura sobre o vivente, com seus efeitos de significantização e de corporização. Partindo do paradigma da significantização do órgão metaforizado no falo, ele nos exorta acerca do fato de Lacan tornar “lógica a estrutura da passagem ao signifiante [...] uma certa anulação da coisa inicial” (*Ibid.*, p. 64).

Como abordamos no capítulo anterior, a palavra mata a coisa, mas deixa um resto que se elabora nos termos do objeto *a* lacaniano. Ao corpo definido como “leito para o Outro” vimos agregar-se o que não é corpo, mas empresta a marca de vivo ao corpo deserto de gozo, sob efeito da linguagem. De modo correlato, encontramos o efeito chamado de corporização, definido em torno da entrada do signifiante no corpo, pois também se trata, em Lacan, de “corporizar a dialética do sujeito e do Outro” (*Ibid.*, p. 67).

A significação fálica já constitui um signifiante especial que, como vimos é capaz de articular a imagem sob as insígnias do Outro. Mas, mesmo dentro das coordenadas do recalque, como pensar isso que do corpo que não é transcrito nessa substituição de um gozo pelo outro? Por outro lado, como pensar o signifiante como capaz de alojar o corpo, para além da metáfora que isso possa suscitar? A interrogação sobre esse ponto de junção entre signifiante e corpo nos conduzirá às elaborações em torno das articulações daquilo que Lacan chama em

vários momentos de letra.

Como veremos neste capítulo, o tema da letra acompanha o percurso de Lacan pela teoria do significante que ele elabora desde o início de seu ensino dando lugar às duas dimensões que destacamos. Sublinhamos aqui a letra que abordaremos em sua articulação intrínseca ao gozo, como aquilo que não subjaz como efeito do apagamento engendrado pela operação significante e também não é subsumido pela teoria do objeto. A letra abre caminho para o que da linguagem não pode ser apreendido pela estrutura, atravessando as fronteiras da própria linguagem.

É a palavra a ponto de entulho, como nos ensina o poeta, a palavra desarticulada, nua e crua, uma dimensão em que as palavras não correspondem à estrutura que a gramática e o léxico lhes prescrevem. É pela interrogação do que faria função de materialidade para o significante que Lacan lançou as bases de uma investigação que percorreu praticamente todo o seu ensino, demonstrando que nem em Freud a psicanálise poderia ser reduzida a uma terapia da fala, ou a um mero hermetismo. A operação analítica conjuga-se num modo particular de recolher os efeitos do discurso sobre o vivente, no qual não se trata de tomar o paciente como objeto de uma intervenção, nem o clínico fora de seu campo de ação. O que opera no encontro das palavras com os corpos se reitera no espaço da sessão analítica.

Podemos afirmar, portanto, que juntamente com a teoria do significante, Lacan vai introduzindo e dando ênfase à dimensão da letra, no que revela a perspectiva do escrito que ganhará diversos matizes até se tornar relativamente independente da estrutura, lidando com a materialidade do significante mais do que com sua vertente envolvida nos processos do sentido. Como a clínica nos ensina, por um lado, cabe interpretar, por outro, trata-se de examinar as relações do sujeito com o real do gozo. Trata-se de uma direção que se aplica ao manejo da clínica prescrito pela psicanálise desde Freud, como mostra a fantasia, com os limites que impõe à decifração, oferecendo um cenário montado sobre um texto em que se apresenta o que é fundamental de um sujeito.

Pretendemos abordar a dimensão da letra, portanto, não por uma perspectiva acessória ou metafórica do que seria a escrita que interessa à psicanálise. Partimos

da matematização do universo para alcançar o que acreditamos ser uma acepção inédita da escrita, introduzida por Lacan no universo da clínica. Para além do traço unário com seus efeitos de insígnia veremos como cada sujeito é convocado a fazer algo a partir dos efeitos disso que resta fora do sentido, mas não sem promover uma significação que só pode ser apreendida a partir do gozo, do modo singular como cada um encontra para satisfazer-se. Lacan nos permite tocar no que efetivamente faz mundo para aquele que é exilado de si na linguagem e que habita os limites do sentido.

4.3

No princípio era o traço

4.3.1

Da materialidade do significante

Como afirma Laurent, “A estrutura localizada do significante lacaniano é a teoria do signo que ela implica, pela qual o vivo se une ao que não o é” (1995, p. 129). Decantar na linguagem o que é signo, símbolo, nos aproxima da dimensão que Lacan tratará como letra, ao destrincharmos a cadeia significante. Mas, como o próprio Lacan afirma em “Radiofonia”, buscou definir o significante como ninguém o fizera antes, ainda que fosse o signo o que lhe interessava, mas para tanto fora necessário todo o desvio, “não se vá imaginar que o signo não seja assunto meu! Muito pelo contrário, é o primeiro e será também o último” (Lacan 2001/2003, p. 410). Assim, “[...] o que faz sua entrada na matriz do discurso não é o sentido, mas o signo [...]” (Lacan, 2001/2003, p. 555).

A dimensão do signo expõe toda a ficção que o inconsciente definido como estruturado pela linguagem, como discurso do Outro nos oferece pelo seu trabalho de ciframento: “[...] o inconsciente trabalha sem pensar, nem calcular, nem tampouco julgar, e que, ainda assim, o fruto está aí: um saber que se trata apenas de decifrar, já que ele consiste num ciframento (*Ibid.*, p. 553). Vemos como a narrativa introduz uma temporalidade no discurso, que permitirá a construção da origem *a posteriori* e a escansão do tempo em presente, passado e futuro. Mas, se tudo o que o inconsciente produzisse fosse ficção, para que serviria efetivamente

esse ciframento? É o que pergunta Lacan, dando o passo decisivo que articulará o gozo ao trabalho do inconsciente, retirando qualquer sombra de uma utilidade como razão para o ciframento, pois “a parte aquilo que serve, existe o gozar” (*Ibid.*).

O que pensa, calcula e julga é o gozo, e, sendo o gozo do Outro, exige que o gozo do Um, aquele que exerce a função do sujeito, seja simplesmente castrado, isto é, simbolizado pela função imaginária que encarna a impotência – em outras palavras pelo falo. Digamos que a interpretação do signo dá sentido aos efeitos de significação que a bateria significante da linguagem instaura, em substituição à relação que ela não tem como cifrar. Mas o signo, em contrapartida, produz gozo pela cifra que os significantes permitem [...]. (*Ibid.*, p. 549)

Como destaca Lacan em “A instância da letra no inconsciente”, encontramos por toda parte na obra de Freud, partindo de sua *Interpretação dos sonhos*, elementos de uma “analítica languageira” cada vez mais “reforçada à medida que o inconsciente vai sendo mais diretamente implicado” (*Ibid.*, p. 513). Mas, ao mesmo tempo em que reafirma a vocação de linguagem do inconsciente, nos apresenta neste texto o que se definirá em seu ensino como a matéria do significante, veiculando o que se definirá nesta etapa de seu ensino como essa materialidade que responde pelo efeito de silêncio, pelo fora do sentido. “Assim é que, na *Ciência dos sonhos*, trata-se apenas, em todas as páginas, daquilo a que chamamos a letra do discurso, em sua textura, seus empregos e sua imanência na matéria em causa” (*Loc cit.*).

Como destaca Tarrab (2005), a abertura do ensino de Lacan, fundada na autonomia do simbólico, permitirá “formular o estatuto do eu e do corpo, articulados ao conceito de sujeito da palavra, do inconsciente como história e do sintoma como emergência da verdade” (*Ibid.*, p. 15 – tradução livre). Mas, como uma verdade “escrita em outra parte”, nos “monumentos”, onde vemos afirmar-se em Lacan (1966/1998), desde o início de seu ensino, uma referência fundamental ao corpo, que marcado pelo simbólico, não importa se esteja vivo ou morto, como afirma em “Função e campo da fala e da linguagem”, pois, como continuará a destacar Lacan (2001/2003) em “Radiofonia”, o corpo na espécie humana jamais se reduzirá à “carniça” (*Ibid.*, p. 407).

Lacan nos permite vislumbrar que os fundamentos conceituais da própria lógica significante comportam uma dimensão que não se basta como fala, pois a

verdade está inscrita em outro lugar, nos monumentos – o corpo –, nos documentos de arquivo – as lembranças infantis encobridoras, que, narradas, permitem recolher o sujeito do inconsciente. Encontramos com Lacan essa dimensão em que os “hieróglifos da histeria, brasões da fobia, labirintos da neurose obsessiva [...] que nossa invocação dissolve, os artifícios que nosso discurso absolve, numa liberação do sentido aprisionado que vai da revelação do palimpsesto à palavra [...]” (Lacan, 1966/1998, p.282).

Trata-se de apreender o que daria ao inconsciente a qualidade de texto, mas um texto particular que se compõe entre imagem e significante, como suscita o rébus freudiano, como Lacan retoma em “A instância da letra no inconsciente”, de 1957.

Freud exemplifica de todas as maneiras que esse *valor de significante da imagem* nada tem a ver com sua *significação*, e recorre aos hieróglifos do Egito, onde seria ridículo deduzir da frequência do abutre, que é um *Aleph*, ou do pintinho, que é um *vau* para assinalar uma forma do verbo ser e também os plurais, que o texto concerne minimamente a esses espécimes ornitológicos. Freud encontra meios de se orientar, nessa escrita, por certos empregos do significante [...] A *Entstellung*, traduzida por *transposição*, onde Freud mostra a precondição geral da função do sonho, é o que designamos anteriormente, com Saussure, como o *deslizamento do significado sob o significante*, sempre em ação (inconsciente, note-se) no discurso. (Lacan, 1966/1998, p. 514)

O que Freud destaca como precondição geral da função do sonho é uma espécie de tradução, ou transposição que, se oferece seus efeitos, não esclarece seus mecanismos, ainda que Freud se detenha longamente a tecer os fios de um tear, repleto de metáforas neurológicas, como veremos. O texto do sonho, sabemos, é hieroglífico, seu relato coloca em jogo, no deslizamento significante em ação no discurso, a possibilidade de significação sob coordenadas, cujo valor significante faz da máquina de sonhar o tear que cada sujeito manipulará na presença do analista.

É essa estrutura de linguagem que possibilita a operação de leitura que está no princípio da significação do sonho, na *Traumdeutung*. A orientação lacaniana percorrerá a via freudiana com uma formalização que oferecerá recursos para interrogar o que é furo na trama da linguagem e faz reverberar uma significação que não se detém no sentido, mas de onde se extrairá uma infinidade deles, na

experiência de cada um. Privilegiar no significante a letra implica em abrir a possibilidade de interrogar o que não se diz de outra maneira.

Lacan, ao enfatizar a letra, aponta para uma perspectiva que “tornará possível um estudo exato das ligações próprias do significante e da amplitude da função destas na gênese do significado” (Lacan, *Ibid.*, p. 500). E introduz com a dimensão do escrito uma ruptura em relação à fala, designando a letra, neste momento, como “o suporte material que o discurso concreto toma emprestado da linguagem” (*Ibid.*, p. 498). À categoria significante virá superpor-se uma dimensão que, se não corresponde cronologicamente ao seu ponto de partida, encontra a partir da posição lógica que ocupa, na abertura dos *Escritos*, seu lugar de origem.

A introdução do escrito se faz logicamente na teoria do significante e com o “Seminário sobre *A carta roubada*”, de 1956 (1966/1998), encontramos uma análise que Lacan faz do conto de Edgard Allan Poe, de mesmo nome, buscando coordenadas lógicas para abordar as peripécias de uma carta que, esquecida sobre a mesa é dada como perdida e mobiliza personagens em torno da busca pela sua localização, incluindo o recurso à polícia, já que se trata de figuras politicamente importantes envolvidas na trama. Da carta, sabe-se apenas que fora endereçada à Rainha pelo ministro. Seu conteúdo é ignorado, não se sabe se trata de um assunto político ou de segredos de alcova, mas sua mensagem pouco importa.

Acompanhamos no conto os efeitos dessa circulação do objeto-carta sob o apagamento do texto que possa conter, pois o que aparece ao leitor são os efeitos disso que circula como objeto, pela própria ausência de um objeto. A mensagem já nem conta. Mas é, sobretudo pelo equívoco que a língua francesa concede, permitindo a Lacan jogar com o significante carta/letra (*lettre*, em francês, guarda ambos os sentidos), designando ora o escrito como conteúdo, ora o escrito a partir do que ele irá propor como letra, circunscrita, que então, introduzirá uma dimensão de materialidade do significante.

Na análise do conto, Lacan destaca o efeito feminilizante para aquele que a detém. E isso deixa uma pista para pensarmos o que da letra encontramos nesse conto, pois se a carta expressa a dimensão do significante, por uma ocultação do sentido, resta este efeito estranho aos efeitos do significante tal como o

concebemos até o momento. Essa materialidade puramente tomada como gozo da matéria e não gozo do sentido se apresenta pelos efeitos desse deslocamento, promovendo a presença do gozo da matéria e não do sentido.

Lacan destaca ainda, que à carta falta sentido, o que não quer dizer que falte gozo. O que se apresenta como esta dimensão fora do sentido no conto encontra no efeito de feminilização a perspectiva que Lacan abre para interrogar o que do significante afeta o sujeito. Se um dos aspectos da letra é propriamente o que podemos circunscrever a partir do objeto *a*, Lacan nos indica com esse efeito estranho que o gozo da letra não se esgota no objeto, que pode ser cernido pela expressão que faz *letter* deslizar para *litter*.

Como destaca Mandil (2003) a carta, letra, lixo, encontra no texto de Lacan essa outra natureza que a função de mensagem não comporta. A carta roubada pelo ministro será recuperada por aquele que se revela capaz de tomá-la exatamente a partir de sua materialidade de “pedaço de papel escrito” (*Ibid.*, p. 27), no que pode passar por toda sorte de efeitos de sua manipulação até acabar na lixeira.

No entanto, como sugere Jacques-Alain Miller em “O escrito na palavra” [...], em ‘O seminário sobre ‘A carta roubada’ é ainda a dimensão do significante que determina as funções da *lettre*. Se Lacan lança mão do conto de Poe, é no sentido de estender suas teses a respeito do significante, como por exemplo na afirmação de que ‘o significante não é funcional [...], ou seja, o significante – incluindo-se aí a *lettre*, a carta/letra – não se limita à sua função de transporte da mensagem. (*Ibid.*, p. 29)

Muito bem, mas como destaca Stevens (2008), tanto a abertura da coletânea dos *Escritos* quanto dos *Outros Escritos* encontra na temática da letra seu fundamento, guardando a distância conceitual que separa a letra materialidade do significante no “Seminário sobre *A carta roubada*” e a formulação de “Lituraterra”, onde Lacan, a partir da natureza de semblante do significante, tratará dos efeitos de letra que não cabem no sentido, nem na dimensão do objeto (cf. Lacan, 2001/2003).

Essa distinção permite introduzir no universo matematizado uma questão sobre o estatuto do real, da literalização que a ciência proclama. “A articulação, digo a articulação algébrica do semblante – e, como tal, trata-se apenas de letras – e seus efeitos, esse é o único aparelho por meio do qual designamos o que é o real,

é com isso que, na física, visamos alguma coisa que é o real” (*Ibid.*, p. 27). Será em torno do que Lacan circunscreve desses efeitos da letra que conduziremos nossa abordagem neste capítulo, onde pretendemos circunscrever que quanto ao gozo, trata-se de algo que não cabe na decifração.

E, portanto, quanto à direção do tratamento, de onde operar com o que recolhemos para além do sentido e do objeto? O que esse além ou aquém da decifração introduz? E o que estamos chamando de escrito? Não sabemos.

Num primeiro momento, a instância da letra introduz uma perspectiva de materialidade para o significante, uma versão coerente com o passo inaugural da ciência. Separada de qualquer valor de sentido, a letra torna-se o suporte para o significante, ao modo de uma literalização, aqui a matemática e a lógica entram no coração da psicanálise (Milner, 1995/1996). Mas, se a matematização da psicanálise a partir de Lacan com o uso do matema introduziu uma profunda *desimaginarização* do pensamento freudiano, manteve aberta a perspectiva frente ao real.

O encontro com o real é de fato a suspensão estrutural de toda a teleologia, isto é, a introdução de alguma coisa que dá lugar ao *eteron*, à alteridade como imprevisto, a alguma coisa que não se esperava. Considero importante tomar este elemento, porque é o elemento que dá à paixão lacaniana pelo matema uma curvatura particular, que o impede de desembocar em uma forma de cientificismo ou de estruturalismo no sentido de um idealismo, introduzindo no coração da experiência do inconsciente o ponto de vazio [...] introduz o próprio inconsciente como um efeito de destotalização da experiência do sujeito. (Cosenza, 2012, p. 51)

Esta *destotalização* da experiência do sujeito não é compatível com a ciência, sem resto, ao mesmo tempo em que Lacan se serve do que a ciência introduz como ruptura imaginária para apoiar-se na dimensão da cifra matemática, esta dimensão mínima do simbólico. Se, por um lado, a cifra coloca questões quanto à pertinência do número ao real pela via da ciência, visando uma literalização da natureza, por outro, permite à psicanálise abordar o que não cabe na lógica significante, mesmo reduzida ao matema como uma escrita mínima. Como conceber a possibilidade de conjugar gozo e letra, se não estamos mais nos domínios da fala que carrega sua satisfação no dizer, como atesta Freud? Que abordagem frente ao que se revela como gozo em sua opacidade radical?

4.3.2

A via freudiana: o traço

Retomando a via freudiana para os primeiros fundamentos, encontramos um modo de acesso ao que se constitui como o funcionamento psíquico enquanto marcado pela articulação de diferentes registros, em estratos, onde se conjugam, sob a operação denominada “retranscrição”, os traços, as percepções e as representações verbais (Freud, 1896/2006, p. 281). Mas é propriamente partindo da análise dos sonhos que Freud se depara com um funcionamento que permite a formulação de leis gerais para introduzir sua concepção de um aparelho psíquico, encontrando nos elementos mais particulares das formações psíquicas o ciframento do que não cabe nas leis gerais.

Vale destacar que desde Freud o material ao qual o analista tem acesso já estaria submetido a um tratamento operado pela linguagem que permitiria extrações do real e não um acesso direto ao real como crê a ciência, que parece ignorar sua condição discursiva. Ressaltamos que chamar real o campo dos fenômenos é uma maneira simplificada de circunscrever a questão sem extrair as devidas consequências quanto à complexidade do campo da experiência que levou Lacan a distinguir os três registros, compondo diversas perspectivas de abordagem ao longo de seu ensino.

Na “Carta 52”, quando Freud (*Ibid.*, p. 282) está definindo o que seriam essas camadas, vai situar a partir de um sistema ordenado por uma sequência de neurônios, cada um designado como uma camada desta estratificação:

W [*Wahrnehmungen* (percepções)] são neurônios em que se original as percepções, às quais a consciência se liga, mas que, nelas mesmas, não conservam nenhum traço do que aconteceu. *Wz* [*Wahrnehmungszeichen*] (indicação da percepção) é o primeiro registro das percepções; é praticamente incapaz de assombrar a consciência e se dispõe conforme as associações por simultaneidade. *Ub* [*Unbewusstsein* (inconsciência)] é o segundo registro, disposto de acordo com outras relações (talvez causais). Os traços *Ub* talvez correspondam a lembranças conceituais; igualmente sem acesso à consciência. *Vb* [*Vorbewusstsein* (pré-consciência)] é a terceira transcrição, ligada às representações verbais e correspondendo ao nosso ego reconhecido como tal. (*Loc. cit.*)

Ao interrogarmos o que Freud introduz pela perspectiva do traço, da inscrição do traço como marcas psíquicas, nos deparamos com a necessidade de

destacar estes termos, a fim de tentar localizar a partir de seu valor semântico, o valor de uso no texto freudiano. Rennó Lima (2010) retoma a partir do texto original de Freud, em alemão, cotejando com as traduções em inglês e português, uma distinção de pelo menos três versões para a palavra traço em Freud: *Zeichen*, *Zug* e *Spur*. E destaca que “cada uma delas nos remete a recortes conceituais diferentes que, infelizmente, se perdem quando da tradução por uma única palavra em outras línguas.” (*Ibid.*, p. 4).

Afirma que encontramos a palavra *Zeichen* – traço, sinal; distintivo, insígnia, indício – principalmente no *Projeto para uma Psicologia Científica*, na “Carta 52”, na correspondência de Freud a Fliess, e na *Interpretação dos Sonhos*, textos considerados como a tríade que nos permitiria recolher em Freud suas formulações sobre a questão da escrita. Esses textos compõem em conjunto uma apresentação, a partir de sua construção esquemática, um desenho de como seria composto, em camadas, estratos, o aparelho psíquico, como nos apresenta Freud (1900/2006) em seu modelo do pente invertido. Freud se empenha em procurar demonstrar, com os recursos representativos de que dispõe, um funcionamento complexo, para circunscrever a estrutura e o modo de operar do aparelho psíquico.

Quanto à palavra *Zug* – traço, sulco, puxada, puxão –, Rennó Lima (*Ibid.*) destaca a referência clássica que Lacan retira da *Psicologia das massas e análise do Eu*, quando Freud trata da identificação, retomando-a em algumas passagens, onde destaca a dimensão do traço unário, sublinhando que se trata na identificação, da escolha de um único traço, tomado emprestado daquele que é objeto de amor para o sujeito. Assim, destaca o autor, *Zug* estaria fundamentalmente ligado aos conceitos de primário e unário, daí o valor do *Einzigiger Zug* freudiano, destacado por Lacan em sua formulação em torno do que funcionaria como suporte para um sujeito no campo da linguagem, do Outro.

Por fim, Rennó Lima (*Ibid.*) localiza *Spur* – traço, vestígio, pista, rastro – como a palavra para traço que Freud teria utilizado mais ao longo de sua obra. De um lado, Lacan destaca do traço em Freud a própria função que colocará em jogo com seu traço unário, e o que Freud vai chamar *Vorstellungsrepräsentanz* seria, como nos diz Lacan, “o significante que é recalcado, pois não há outro sentido a dar nesses textos a esta palavra” (Lacan, 1966/1998, p. 722). É, portanto, a

dimensão de apagamento que engendra o próprio registro do que a clínica psicanalítica nos dá acesso, a partir de Freud, o inconsciente. Logo, será entre o traço e a representação Lacan erguerá sua teoria do significante.

Lacan lê em Freud o que este não formulou e nos permite percorrer seu traçado sobre o texto freudiano, invocando o que repousa na sombra, trazendo para o primeiro plano aquilo que em Freud o distingue de si mesmo. Nessa perspectiva, insistimos no que em Lacan se apresenta como avesso das relações da psicanálise com a ciência, na medida em que o tratamento dado ao significante determinará modos de escrita diversos, instaurando a psicanálise como efeito de seu próprio discurso. Lacan (1971/2009) introduz a questão do escrito no universo instaurado pela psicanálise a partir da afirmação de que não se trata de pensar em termos de metalinguagem, pois é a própria linguagem que cria o universo das coisas e, por que não, introduz a própria hiância que nos informa sobre o que chamamos real. Como veremos, o estatuto do escrito adquire a partir de Lacan nuances que corroboram modos diversos de pensar o enlace das palavras com os corpos, dos efeitos da língua sobre o vivente. Vemos em Lacan um deslocamento da fala ao texto, da mensagem ao fora do sentido.

Podemos identificar em Freud que a dimensão do escrito já faz sua aparição na *Interpretação dos Sonhos*, onde a dimensão do *rébus* faz evidente a relação da imagem com o texto, o que demonstra um novo tratamento para o símbolo. Trata-se, portanto do encontro, na dimensão do escrito, com algo diferente de qualquer referência a um significado, a um sentido oculto, como vimos. Mas de que ciframento se trataria, então? Se a dimensão da palavra restituída por Freud àquele que sofre promove uma abertura e inaugura um campo desconhecido pelo discurso da ciência, não é porque Freud toma o sintoma histérico como uma maneira de dizer.

A afirmação de Freud de que se trata de um ciframento a operar nas formações do inconsciente a partir do sonho, depois incluindo o sintoma dentro desse modo de leitura, nos leva ao texto que, cifrado, se oferece à decifração, à leitura, mas não de um sentido oculto, pois se trata de escrita. Prosseguiremos insistindo no traçado do que se compõe como escrita em Freud. Lacan e Derrida constituem referências fundamentais sobre ler em Freud a questão do inconsciente

pela dimensão da escrita a partir do diálogo entre seus textos, ainda que não de forma explícita, como destaca Moraes Rego (2005).

Segundo Bonazzi (2012), Derrida faz notar em Freud, sobretudo na “Carta 52”, o primado do traço escrito em relação à marca e à percepção. Para Derrida, Freud teria colocado entre parênteses de maneira radical e definitiva o primado que a tradição metafísica sempre deu à noção de origem. A temporalidade que marca a própria descoberta do inconsciente promoveria esta desconstrução da origem. O efeito da *Nachträglichkeit*, do *après coup*, a retroação do tempo, é a produção de um efeito ilusório em torno da origem, a partir do que devemos considerar não algo originário, mas algo derivado, ou seja, efeito de nossa própria experiência. A temporalidade que evidencia a temporalidade inconsciente, marcada pela repetição, pelo retardo, pela precipitação, nos faz ver que somos atravessados por essa disjunção radical pela qual nos surpreendemos sempre atrasados ou em antecipação em relação a nós mesmos.

Em Derrida, afirma Bonazzi (*Ibid.*), a herança freudiana é tomada pelo fato de que se trata do primado da escrita, mas sem considerar que haja um texto escrito em alguma parte. Trata-se de tomar o inconsciente como um texto tecido de puros traços, onde a operação de transcrição produziria o texto, a cada vez. Seria a formulação do funcionamento inconsciente a partir de uma lógica temporal que age por retroação, promovendo uma contração que cria o passado, mas não a partir do nada, pois tudo é traço na experiência, conforme a leitura de Derrida. Segundo essa perspectiva, a escrita freudiana deve ser tomada como “produtora do espaço e do lugar de seu próprio acontecimento”. Não se trataria, portanto, de tradução. Em Freud, não estamos às voltas com uma escrita que traduziria um logos, podemos afirmar que se trata de uma escrita que produz um logos dentro desse processo de transcrição que Freud nos apresenta.

O inconsciente freudiano, ao modo como é repensado por Derrida, impõe uma retomada da temporalidade inconsciente através da categoria da *Nachträglichkeit*, e parece oferecer à escrita, na sua relação com o sentido, uma perspectiva nova, por engendrar, a partir do próprio jogo temporal, o aparelho psíquico como seu efeito. O traço em Freud, tomado para além da percepção, distingue uma incidência outra da experiência sobre a própria possibilidade de

registro a partir, por exemplo, do que Freud propõe em termos de alucinação do objeto perdido.

Como propõe Bonazzi (*Ibid.*), Derrida trabalha com a ideia de que um traço é sempre um suplemento, uma diferença suplementar que supre a própria presença na sua falta originária. Pensar o traço como um suplemento significa pensar duas coisas ao mesmo tempo: a retroação e a presença, pois a origem *après coup* introduz o traço como produtor de uma falta que vem suprir com a presença, enquanto localização temporária, na ficção de uma origem, a suplência daquilo que falta. Trata-se de uma transcrição produtiva e causal, onde o traço produziria um suplemento que adviria no ponto de incisão, ponto de sua própria queda.

O presente/a presença é este vibrar em si mesmo do traço no ponto em que acontece, a partir do qual se produz tanto a falta da qual provem quanto o suplemento que orienta o seu destino. [...] Os traços escritos que o produzem enquanto suplementos são estruturalmente finitos, portanto, produzem em cada ponto da estrutura aquele duplo movimento de subtração e acréscimo que torna em princípio aberta e não totalizável a própria estrutura. (*Ibid.*, p. 228)

Esse suplemento constituirá na leitura lacaniana o próprio suplemento de gozo que a letra derridiana não comporta. Lacan lerá nisso que é subtração e acréscimo a própria manifestação do gozo que é tributária da invenção de seu objeto *a*, fazendo vigorar uma perspectiva que introduzirá a relação da escrita com o inconsciente, pelo efeito de gozo que a operação inconsciente comporta. Pois, o que essas considerações nos permitem situar é que, quanto ao objeto de que se trata na psicanálise, não se trata de buscar uma correspondência na presença de um dado objeto no mundo, que produziria o efeito de uma impressão perceptiva que se faria no aparelho psíquico, cujo funcionamento deve ser entendido, portanto, diferente de uma reprodução do mundo externo.

Não se trata de pensar em termos de conversão de uma marca em percepção. É necessário pensar, pelo contrário, o traço em Freud como distante de qualquer ideia de reprodução de algo presente no mundo, fora do sujeito. O que podemos extrair da operação, tal como Freud a propõe, é que se trata de um efeito de registro que inaugura a origem *a posteriori* e instaura o próprio objeto percebido, implicando aí a dimensão de ficção inerente à experiência humana.

Retomando a “Carta 52”, na leitura de Rennó Lima (*Ibid.*), esquematicamente, vemos que se trata em Freud de dois níveis de registro, mas que não excluem algo que não se pode colocar na via registro. *W* (*Wahrnehmung*) constituem os neurônios nos quais a percepção se inicia, aos quais a consciência se liga, mas neles “nenhum traço (*Kein Spur*) do que acontece, permanece...”. Depois, temos *WZ* (*Wahrnehmungszeichen*), nível em que se dá o primeiro registro (*Niederschrift*) da percepção, mas ainda inacessível à consciência. Trata-se de um nível, no qual os elementos estariam organizados de acordo com associações por simultaneidade (*nach Gleichzeitigkeitssassoziation gefüt*).

Quanto a *UB* (*Inbewusst*) – o 2º registro (*Niederschrift*), estaria ordenado a partir de uma perspectiva causal, onde os traços (*Spuren*) de *UB* seriam equivalentes a algo, assim como lembranças conceituais (*Begriffserinnerun*) e, da mesma forma, inacessíveis à consciência. E, por fim, *VB* (*Vorbewusst*), a 3ª transcrição (*Umschrift*), estaria ligada à representação de palavra. Mas esses níveis de registro não configuram uma transcrição sem resto. Podemos ler em Freud (1896/2006) toda essa operação ao nível do que Lacan chamará letra, esse nível em que o significante nos informa sobre efeitos que não estão no plano da articulação da cadeia significante, com seu efeito lógico, o sujeito.

O que Freud nos apresenta nesse texto ultrapassa a ideia de uma transcrição como efeito de literalização, como a ciência prescreve. O sexual revela a face de satisfação que não é aparelhada pelo mecanismo de sucessivos registros. O próprio recalçamento é definido por Freud em termos de “falha na tradução” (*Ibid.*, p. 283), onde o sexual incidirá diretamente na regulação precária do mecanismo psíquico frente aos efeitos do fato “quantitativo” (*Ibid.*), que introduz obstáculos à regulação prazer-desprazer. O que nos interessa é destacar que esse jogo de transcrições e traduções encerra um gozo, e é disso que se trata quanto à noção de letra em Lacan, tal como estamos tentando circunscrever.

Partindo com Freud do universo perceptivo para instaurar o que não depende da própria percepção para configurar-se, encontramos um aparelhamento da experiência pela linguagem que não pode ser tomado fora da temporalidade que a fala inscreve para o vivente, com seu efeito radical da inscrição de uma impossibilidade de uma relação unívoca com o objeto. Vemos em Freud uma série

que, começando no universo perceptivo das imagens (*Zeichen*), chega ao ponto em que um traço (*Einziges Zeichen*), tomado de empréstimo do Outro, sustentaria, como proposto por Lacan, a própria armadura de um sujeito. Estaríamos aqui no ponto zero da identificação, suporte da alienação do sujeito ao Outro. Mas, trata-se de um ponto perdido para o próprio sujeito, sem memória e sem passado, pois como vimos, a origem será estabelecida no percurso de uma análise. Em Freud, portanto, não se trata de impressão, mas de traço que se traça numa superfície, ao que nossa superfície parece responder bem.

4.3.3

A indução significativa

Lacan destaca que não se trata de tentar reduzir a função do significante à uma “etiqueta colocada sobre uma coisa” (1964/1988, p. 224). Mas, trata-se de retomar nesse nível “a função do sujeito em seu estado original” (*Loc. cit.*). E, para abordar esse ponto, Lacan (*Ibid.*) nos conduz por uma leitura da experiência de Pavlov, que, além de desmascarar a neutralidade do experimentador, nos informa sobre a dimensão do signo, nesse ponto em que se está a um passo anterior ao significante.

Seguiremos seus passos, que nos conduzem a uma leitura do significante isolado, fora da cadeia, o que já coloca dificuldades para qualificá-lo como tal, além de abrir uma interrogação sobre o modo como o significante deixa sua marca no real. Será com a retomada da experiência de Pavlov sobre o reflexo condicionado que Lacan introduzirá a possibilidade de vislumbrarmos esse nível anterior à entrada do Outro no jogo, em que o sujeito, calibrado pelo gozo, virá introduzir o próprio campo do Outro. Aqui a pergunta seria: como a língua faz surgir a linguagem e as posições aí em jogo?

Lacan nos apresenta a experiência do reflexo condicionado a partir de uma perspectiva que antecipa o novo paradigma que será introduzido na década de 70, com o deslocamento da leitura em torno da função e campo da linguagem, passando seu enfoque aos atributos da língua, que permitem uma distribuição do gozo sob modalidades diversas, inclusive colocando em xeque a dissonância entre

significante e gozo. Lacan nos conduz para um nível em que o significante não comporta suas propriedades representativas. O que o animal experimenta é o efeito de corte do significante com relação à organização orgânica de suas funções, na medida em que as manobras significantes introduzem sobre o animal uma desorganização no nível da necessidade: o cão passa a responder com a salivação diante de uma frequência sonora.

Com Lacan, uma nova questão é introduzida com o que de fato opera no plano da experimentação, pois não se trata aí de poder dar pleno estatuto de significante ao que se passa no animal, a não ser pela posição que o pesquisador introduz. Mas, destaca Lacan, o animal não pode interrogar o desejo do experimentador, e isso evidencia que se trata aí da indução significativa num nível em que emerge uma manifestação que não põe em jogo o sujeito dividido. “O principal interesse dessa experiência é o de nos fazer ver qual é o leque diferencial no animal, no nível de uma percepção que nada tem de uma representação, forçosamente, pois não há aqui outro sujeito senão o do experimentador” (*Ibid.*, p. 216).

Essa espécie de equivalência nos permite apontar o problema do realismo do número [...] Aqui o número intervém a título de frequência pura, no que podemos chamar, para colocar as coisas em seus lugares, o sinal pavloviano. É para saber que um animal condicionado a cem incitações visuais por segundo reage a cem incitações auditivas por segundo. Uma questão nova é assim introduzida na experimentação. Não se trata ainda, sem dúvida, de algo ao qual pudéssemos dar pleno estatuto de significante, senão para nós que contamos as frequências. (*Ibid.*, p. 216-217)

Como propõe Lacan, a experiência de Pavlov nos permite tocar naquilo de que se trata quanto ao que se passa no efeito psicossomático (*Ibid.*, p. 225), ao nível do qual se trata de fenômenos em que uma função orgânica apresenta-se comprometida pelo efeito da indução significativa. É com essa concepção que Lacan nos conduz a um ponto de equivalência entre a função do significante neste plano em que deixa de ser significante, e o número, onde estaria em jogo um certo ponto zero do sujeito.

Vemos aqui insinuar-se a dimensão da letra nos termos do *Seminário 11*, com o acento que Lacan coloca ao interrogar o que seria esse ponto zero do sujeito no qual incidiria o significante puro, em sua dimensão mínima, tomado

como número, como a cifra que corresponderia a um nível primeiro no qual a letra afetaria o vivente, desvencilhado aqui de qualquer efeito de *fading*, tal como definimos dentro da lógica combinatória que promove o sujeito como apagamento sob o traço. Sua presença nesse nível não se faz pela manifestação de sua divisão, não se poderia “extraí-lo da dialética do sujeito e do Outro” (Lacan, 1964/1988, p. 214).

Vale retomar aqui uma das primeiras observações de Lacan (1954-1955/1985) em torno do fenômeno psicossomático, quando interroga a frequência de suas manifestações quando associadas a datas, aniversários, como variações da incidência do número, cujo valor intrínseco é circunscrito pela dimensão contábil que o próprio gozo introduz e que vai se introduzindo na teoria lacaniana de modo lateral, enquanto o foco de Lacan é fundamentar o sujeito lógico e seu enlace com o corpo a partir da experiência determinada sob as coordenadas do significante.

4.3.4

Holófrase

Da mesma maneira que Lacan nos conduz a partir das formulações no *Seminário 11* que consagram o esteio da psicanálise como uma prática concebida na tensão entre o inconsciente e a pulsão, entre o significante e o gozo, nos precipita no limite desta interface ao nos oferecer suas interrogações acerca do que dentro da linguagem não opera seguindo as leis do significante. É assim que nos deparamos com o termo *holófrase*, que nos adverte sobre esse campo dentro da linguagem que se furta às leis da própria linguagem, constituindo um campo particular, onde código e mensagem encontram-se intrinsecamente ligados, e que encontra na linguística uma via de investigação que faz remontar suas origens às próprias origens da linguagem.

Como se pode verificar nas diferentes correntes de pensamento que se dedicaram a esta investigação (cf. Stevens, 1986). Como não pretendemos efetuar aqui um estudo sobre a origem do termo, nos deteremos na sua ocorrência no ensino de Lacan, com destaque para o seminário em questão, já que se trata, para o propósito da investigação aqui em curso, de sublinhar esse campo que dentro da

linguagem não se inscreve pela via do sentido, evidenciando as relações da língua com algo mais.

Sublinhemos, no entanto, que a função da holófrase – como função de unidade da frase – sofreu, no texto de Lacan, um ligeiro deslizamento em relação aos lingüistas. Nos lingüistas [...] o que se destaca é um laço indissolúvel entre código e mensagem, Em Lacan, isto torna-se um monólito onde o sujeito se iguala à mensagem¹⁷. Nada surpreendente que alguns anos mais tarde, Lacan faça apelo à estrutura da holófrase para responder pela psicose, como veremos mais adiante. (Stevens, 1997, p. 76 – tradução livre)

Como destaca Stevens (*Ibid.*), nesse seminário, Lacan retoma o termo *holófrase* de modo diferente das outras aparições do termo em seu ensino, pois o faz dentro de uma referência à questão das estruturas clínicas. Por definição, a holófrase corresponde a um efeito de congelamento entre os significantes, impedindo que o intervalo apareça. Como destaca Lacan (1964/1988), encontramos na solidificação do primeiro par significante, que se holofraseia. “Chegaria até a formular que, quando não há intervalo entre S_1 e S_2 , quando a primeira dupla de significantes se solidifica, se holofraseia, temos o modelo de toda uma série de casos – ainda que em cada um, o sujeito não ocupe o mesmo lugar.” (*Ibid.*, p. 225)

Observamos inicialmente que a palavra ‘holófrase’ aparece sob uma forma verbal, o que é bastante incomum. É propriamente um neologismo. [...] O verbo reflexivo holofrasear-se jamais aparece. Se Lacan forja este verbo novo, isto já deve dar indicações sobre o uso que vai fazer disso. Por esta forma verbal ele descarta toda referência a qualquer holófrase concreta. (Stevens, *Ibid.*, p. 71)

Colocar a holófrase na estrutura concerne também ao estatuto do corpo na psicanálise. É o corpo na sua forma ortopédica, alçado a monólito a partir de certo modo de encontro com o significante. Se a holófrase, tomada como estrutura, já é esclarecida, falta interrogar a posição do sujeito a que Lacan se refere. Na série de casos que introduz, Lacan (1964/1988) conjuga o efeito psicossomático, a psicose

¹⁷ Esta perspectiva é elaborada por Lacan no *Seminário 6*, quando discute a dimensão monolítica a que o sujeito se reduz quando identificado a um significante, e nisto o sujeito não pode se contar, resta solidificado no significante holofrático, constituindo com ele um monólito (cf. Stevens, *Ibid.*).

e a criança débil, com destaque para o efeito psicotizante experimentado por ela.

Vemos com Lacan nesse seminário o efeito de congelamento sob a *holofraseação* do discurso que impede o sujeito de interrogar o desejo do Outro, ponto onde se instauraria a dialética na qual se sustenta a indeterminação operadora na relação do sujeito ao desejo a partir da falta. Diversamente de uma unificação sob a imagem unificadora, que requer o furo para estabilizar-se, como abordamos no capítulo anterior, a partir da unidade monolítica se compõe um corpo também submetido aos efeitos holofrásicos. A clínica nos informa sobre a rigidez desses corpos, que se manifesta em consonância com a suspensão do sujeito sob a captura imaginária, fora da dialética.

É assim que tomamos o termo destacado de qualquer referência fenomenológica para centrar a atenção no que Lacan tratará aí em termos de estrutura. A pontuação de Lacan sobre a holófrase nesse seminário não aparece isolada de uma discussão sobre a estrutura. Trata-se, no ponto em que a recolhemos, de uma passagem em que está elaborando a própria amarração do seminário. “Vou rearticular certo número de fórmulas a serem conservadas como pontos de amarração, na falta dos quais o pensamento só pode deslizar” (*Ibid.*, p. 223).

Trata-se de uma das lições em que ele está elaborando a dimensão da alienação, atestando que o sujeito só é cunhável na alienação. É também onde retoma suas observações acerca do experimento de Pavlov, destacando como a intervenção do experimentador pode provocar toda sorte de desordem nas funções orgânicas do animal, mas acentuando o fato de que ele não é um ser falante. E prossegue destacando que se o desvanecimento do sujeito é sua própria divisão, trata-se do efeito que abre espaço para a dialética inaugurada pela necessária articulação do sujeito ao Outro, na busca de sua significação a partir do Outro, fundando para o sujeito a dimensão da metáfora, a partir da não coincidência, na falha.

A solidificação do par significante que inauguraria a cadeia, não permite o advento do sujeito, como efeito da metáfora, efeito da articulação na qual o sujeito seria representado por um significante para outro significante. A holofraseação

impede a própria função do significante como tal, já que por definição não pode designar-se a si mesmo. “A psicossomática é algo que não é um significante, mas que, mesmo assim, só é concebível na medida em que a indução significante, no nível do sujeito, se passou de maneira que não põe em jogo a afânise do sujeito” (*Ibid.*, p. 215).

Como destaca Stevens (*Ibid.*), é importante distinguir a inscrição do significante sobre o corpo, como demonstram as conversões históricas, e essa outra inscrição de que se trata na psicossomática, pois não estamos no nível da articulação significante. Vemos, portanto, que a holófrase é o nome que a letra recebe em Lacan nesse seminário, mas tomada como efeito paradigmático da suspensão da articulação do sujeito no discurso. Por outro lado, veremos como a letra se conjuga com os efeitos de sujeito, para além dessas manifestações destacadas por Lacan com a série que nos apresenta.

Stevens (*Ibid.*) enfatiza a distinção necessária ente os fenômenos de conversão que encontramos na histeria e as somatizações que o fenômeno psicossomático evidencia. “É nisto que a solidificação da cadeia significante, a holófrase, não é uma condensação” (*Ibid.*, p. 73). Esta observação muito precisa lhe serve para promover uma crítica fundamental ao modo como a dimensão da holófrase é geralmente tomada, mais como fenômeno linguístico do que dentro da perspectiva da estrutura. Toma como exemplo Jean Guir, um nome de referência para as investigações sobre a psicossomática, que apontava como direção clínica na abordagem desses casos, a localização da holófrase e sua decomposição em seus significantes primordiais.

Longe de discutir a pertinência dessas interpretações – do ponto de vista clínico – já que em efeito elas parecem ter os melhores efeitos para o tratamento, nós não podemos, entretanto, considerar que trata-se aí da holófrase no sentido em que Lacan fala no seminário XI já que as interpretações demonstram no tratamento o caráter de condensação significante¹⁸. (*Ibid.*, p. 74)

¹⁸ “O que nós vemos nas análises de doentes psicossomáticos é a introdução, sobretudo, nos sonhos e na explicação natural de sua doença, é a aparição de holófrases particulares, cuja decomposição pelo analista terá valor de interjeição. Ex: Westminster: [*Où est ce mystère?*] Onde está o mistério? Winchester: [*Oui, la soeur à taire!*]”.

Se estivéssemos no campo da condensação, a metáfora operaria designando ao corpo o lugar de suporte de uma inscrição que permitira ao sujeito fazer a experiência do objeto como separado do corpo, localizando bordas numa superfície em que se articulariam sujeito, Outro e resto. Trata-se da construção abordada como a montagem que permite a emergência do sujeito como efeito do discurso, alienado ao desejo do Outro, deixando espaço para a operação analítica fundada sobre o endereçamento de uma mensagem a ser decifrada, uma perspectiva de leitura que nos coloca no campo da neurose. Mas, no registro da holófrase, tal como Lacan nos introduz, sublinhando a impossibilidade da metáfora operar, será a psicose a nos indicar a direção.

De Schreber a Joyce, Lacan nos exorta quanto ao modo particular de enfrentamento das dificuldades com o significante, quando não se está preservado pela metáfora, dos efeitos de um desamparo mais radical na junção íntima com o sentimento de vida, que expõe o que há de mais exterior ao próprio sujeito. Como destaca em sua “Questão preliminar ao tratamento possível da psicose”, Lacan (1966/1998) elabora a função da metáfora delirante como substituto da metáfora paterna como sua primeira formulação teórica para abordar a psicose, a via pela qual se poderia encontrar uma estabilização ainda calcada na via da neurose como modelo, pelo avesso. Mas, Joyce oferecerá a Lacan outros recursos para interrogar a clínica e permitir à teoria desvincular-se de seus pré-conceitos estruturalistas. No momento, porém, nos interessa retomar com Lacan a pista que ele mesmo deixa a partir da holófrase, ao colocar a dimensão psicótica como modelo de uma série.

Por que aí Lacan refere a psicose à holófrase e não à forclusão do Nome-do-pai? Digamos de saída, que este Seminário se dá sobre o fundo de um outro, que não teve lugar, ‘Os Nomes-do-pai’. [...] O Nome-do-pai não deixa de colocar um problema. Na ‘Questão preliminar [...]’, Lacan o situa em uma posição que não é sem evocar um Outro do Outro, já que aí forma o lugar da Lei no lugar do Outro do significante. A holófrase, enquanto ela não situa um Outro a mais, mas somente uma ausência de intervalo, é a respeito disso uma solução elegante. O que é certo é que o conceito de forclusão do Nome-do-pai está implicitamente presente na noção de holófrase tal como aparece aqui. (Stevens, 1987, p. 69 - tradução livre)

“A holófrase, enquanto ela não situa um Outro a mais, mas somente uma ausência de intervalo, é a respeito disso uma solução elegante” (*Ibid.*). Reiteramos esse ponto de abertura oferecido pela elaboração de Stevens acerca da proposição

da série que Lacan expõe. Quanto à posição do sujeito, já podemos inferir alguma coisa quanto à distinção entre: a estrutura clínica, a psicose; o fenômeno psicossomático; e a criança na posição de debilidade mental. Centrando nossa investigação nas duas primeiras, observamos a partir da experiência clínica que o fenômeno psicossomático pode manifestar-se em qualquer estrutura clínica, mas a cada caso cabe verificar a função que cumpre para o sujeito.

Stevens (*Ibid.*) ao destacar que a solidificação significativa em jogo na holófrase concerne ao tempo lógico da alienação ao significante, ao S_1 , o significante unário que surge no campo do Outro e que representa o sujeito para outro significante, nos faz retomar a dimensão da holófrase nos termos do *Seminário 6*, onde Lacan se apóia sobre a noção de unidade da frase, mas afastando-se da linguística para introduzir o sujeito como reduzido à própria mensagem, como demonstra a clínica a partir de fenômenos elementares na psicose, onde o sujeito monolítico na holófrase não é contado. Se o efeito da separação é a possibilidade do sujeito interrogar o desejo do Outro ao qual se aliena, introduzindo “o primeiro objeto que o sujeito propõe ao desejo parental [...] sua própria perda” (Lacan, 1964 /1988, p. 203), “a falta de intervalo entre S_1 e S_2 , a holófrase, significa que o desejo do Outro, não aparecendo para o sujeito na falha onde ele seria interrogável, não deixa ao sujeito nenhuma chance de aí modelar seu desejo” (*Ibid.*, p. 79).

Lacan prossegue neste ponto do *Seminário 11*, a respeito da holófrase, retomando o valor do *fort-da* para extrair da alienação mais do que simplesmente o valor de simbolização, pois “não é da oposição pura e simples do *fort* e do *da* que ele tira a força inaugural que sua essência repetitiva explica” (*Ibid.*, p. 226). E, sobretudo, destaca que não é de uma função de domínio que se trata por parte da criança que estaria simbolizando a ausência da mãe, coloca a articulação radical aí em jogo a partir do carretel, tomado como objeto *a*. “A função do exercício com esse objeto se refere a uma alienação, [...] a repetição indefinida de que se trata manifesta às claras a vacilação radical do sujeito” (*Ibid.*). Deparamos-nos como o objeto já na origem da constituição do sujeito. Podemos afirmar, o próprio gozo como fato decisivo, nesta montagem que designará ao sujeito sua posição.

Vemos como a letra encontra aqui também as raízes de sua formulação,

como este ponto de incidência do significante que mais do que fazer furo faz borda, conjugando os efeitos fora do sentido com efeitos de gozo. Estaríamos, portanto, num plano que não pode ser abordado pelas coordenadas do Outro e da dialética do desejo. E, mais ainda, trata-se de interrogar como se conjugaria essa porção do vivente que poderia estar sob o efeito de holofraseação, verificado nas manifestações psicossomáticas que se conjugam sob a estrutura metafórica do recalque.

Sabemos que o sujeito não ocupa no efeito psicossomático o mesmo lugar que na psicose, mas a psicose nos ensina que fora das referências à clínica da neurose – o sujeito em afânise, o Outro e ao significante – trata-se de interrogar o sujeito a partir do gozo. Como vimos, na psicose, é o conjunto das relações do sujeito ao significante e ao Outro que se encontra modificada, mas, por outro lado “se falamos de psicossomática é na medida em que deve aí intervir o desejo” (*Ibid.*, p. 215). De quem, interrogamos? Do Outro, por estrutura. Vemos que à medida que uma necessidade venha interferir no desejo, como destacamos com Lacan, estamos no avesso da operação que põe em jogo a afânise do sujeito, estamos aí no nível da indução significante, no nível de uma ausência de interrogação do desejo do Outro como Lacan nos revelou com sua leitura da experiência pavloviana.

Lacan nos oferece instrumentos para sustentar o que apresenta quanto à holófrase, a respeito das situações limite em que o sujeito se encontra suspenso, inarticulado, diríamos. Estamos aí, portanto, num nível em que o significante não opera com suas características, colocando novas dificuldades para definir o de que se trata nestes efeitos que conjugam um certo modo de manifestações somáticas articuladas a um modo particular de efeitos de sujeito no discurso. Sob a forma de algum tipo de traço particular vemos a presença de fenômenos somáticos que até podem responder de modo exemplar às intervenções na análise, como o caso que abordaremos no próximo capítulo, mas cabe continuar a interrogar o estatuto desta inscrição que faz marca no corpo e nos leva a interrogar o estatuto da própria letra.

4.3.5

Re-anunciar o corpo

4.3.5.1

Abertura ao escrito

Se a ciência se funda numa tradução absoluta de todo gozo em fórmulas, como atestam suas prescrições e protocolos universais, encontramos com Lacan a reintrodução de Outro gozo na teoria da clínica a partir de sua homologia com o inconsciente, que é pura pulsação, conferindo à forma o estatuto de suplemento de um corpo definido essencialmente pelos seus furos. Mas o corpo é testemunha de uma satisfação que não cabe no mundo, se o concebermos dentro das prerrogativas da ciência. O objeto *a* como resto da passagem pelo significante, já se trata de tomá-lo como “o núcleo elaborável do gozo” (Lacan, 1975), o que corresponde já a um efeito, não é o real.

De outra estrutura é o saber que circunscreve o real, tanto possível, como impossível. Essa é minha fórmula conhecida. Assim, o real se distingue da realidade. Isto, não para dizer que ele é incognoscível, mas sim que está fora de questão entender disso [*s’y connaît*], apenas demonstrá-lo. Via isenta de qualquer idealização. (Lacan, 2001/2003, p. 406)

A posição de Lacan introduz uma torção diante do ato inaugural da ciência e promove a perspectiva de que, quanto ao real, trata-se de encontrar um modo próprio de tocá-lo, a partir dos efeitos que encontramos na clínica. No que prescreve ao sujeito um corpo que se comporá mediante uma incidência fundamental do significante a “redistribuir corpo e carne” (*Ibid.*, p. 407), Lacan nos oferece um passo a mais com o objeto *a* concebido como efeito da metaforização do corpo, pelo que do corpo não passa pelo significante, mas não está fora dos efeitos da língua.

Lacan fará do limite do significante para responder pelo que se passa na clínica quanto ao gozo, um *corpus* teórico muito particular, introduzindo o corpo no limiar de uma perspectiva nova que encontrará num neologismo a possibilidade de circunscrever o *pathos* de que se trata na clínica da psicanálise. É uma hipótese de trabalho que mobiliza um aparato novo, a partir de conceitos não

tão novos assim, como resistência, repetição, insistência, pelo que apontam para o real que fura o próprio discurso, introduzindo a descontinuidade, fazendo vigorar aí uma dimensão internamente excluída.

Lacan atesta um outro modo do sujeito na linguagem, a partir deste privilégio, no escrito, da letra, como acrescenta no posfácio do *Seminário 11*. Se, por um lado, podemos reconhecer a perspectiva da materialidade do significante, a letra, presente desde o início do ensino; por outro, não podemos desconsiderar os avanços teóricos que vão permitir o refinamento da perspectiva do corpo depreendido da articulação entre letra e gozo, para além da dimensão do objeto concebido nos termos de sua extração na dialética sujeito-Outro.

Estamos no ano de 1970 entre dois escritos, de onde um significante novo vem reanunciar o corpo. Ao final de sua “Alocução sobre o ensino”, deparamos com a emergência de “corpóisificação [*corps(e)ification*]” (2001/2003, p. 310), modo pelo qual Lacan sustenta a tensão do corpo entre o ideal e o objeto *a*, com uma nota de tradução que faz menção ao fato de que este neologismo aponta para a “reificação¹⁹ do corpo”, anunciando que, tomado desta forma, o neologismo coloca em xeque a versão deste termo encontrada em “Radiofonia”, do mesmo ano, poucas páginas depois, no volume dos *Outros Escritos* em português. Lacan retoma em “Radiofonia” que “o corpo era habitado pela fala, que a linguagem *corpsificava*.” Aqui o neologismo é oriundo da palavra *corpse*, cadáver em inglês, da qual se serve para atualizar a concepção da mortificação operada pelo significante sobre o corpo vivo, o corpo do gozo.

Intriga-nos a distinção que se coloca a partir desses termos que comportam quase a mesma grafia, diferenciando-se mais pelo emprego dos termos. A que se prestaria essa dimensão que se vislumbra numa ultrapassagem sutil de um termo em relação ao outro? Para onde Lacan estaria apontando quando destaca em *corpóisificação*, algo que parece não poder se reduzir à *corpóisificação*? A

¹⁹ “Reificação. [Do lat. res, rei, ‘coisa’, + -ficar- + ção] S.f. Filos. No processo de alienação, o momento em que a característica de uma ‘coisa’ se torna típica da realidade objetiva. [Cf. *alienação* (5) e *objetificação*.]” (Dicionário da Língua Portuguesa Aurélio Buarque de Holanda)

modulação desse neologismo nos indica uma sutil, mas marcada distinção que se processa aqui entre o que se passa dentro da leitura estruturalista de Lacan sobre o corpo e o que virá como efeito da abertura de seu ensino a uma concepção que a extrapola. Mas como precisá-la? Ainda precisamos percorrer alguns passos para acolher devidamente a questão.

A abertura dos Escritos já evocava ‘o que se destaca, no fim desta coletânea, sob o nome de objeto *a* (a ser lido: pequeno *a*)’. Esse objeto, portanto, é o alfa dos Outros escritos. Mas não é seu ômega. O que se deixa entrever *in fine* aponta para mais além. Dito em termos sucintos: do gozo (conceito que reúne e desloca o que, em Freud, é denominado *Lust* e até *Lustgewinn*, Libido e *Befriedigung*, satisfação da pulsão) o pequeno *a* é apenas o núcleo elaborável de um discurso, ou seja, não é real, não passa de um semblante. (Miller, 2001/2003, p. 13)

Vemos com Miller que a definição do objeto *a* mais como núcleo elaborável do gozo, como destacamos anteriormente, é o que nos permite incluir que há uma parcela de gozo cuja opacidade não pode ser absorvida pelo objeto como perda. É nesse ponto que encontramos numa nova perspectiva quanto às relações do gozo com a letra, a palavra a ponto de entulho. Miller (2000) afirma que já não se trata mais de interrogar quem seria mais originário, se o gozo ou o próprio significante, pois trata-se de uma outra ordem de grandezas que nos conduzirão efetivamente à dimensão do escrito.

[...] só existe questão lógica a partir do escrito, na medida em que o escrito não é a linguagem. Foi nesse sentido que enunciei que não existe metalinguagem. O próprio escrito, na medida em que se distingue da linguagem, está aí para nos mostrar que, se é do escrito que se interroga a linguagem, é justamente porque o escrito não é linguagem, mas se constrói, só se fabrica por sua referência à linguagem. (Lacan, 1971/2009, p. 60)

Consideramos que se trata aqui de uma inversão importante de termos em que insistiremos buscando evitar uma oposição prosaica, pois a operação analítica comporta uma complexidade que não permite uma posição tacanha daquele que faz das interrogações suscitadas pela clínica objeto de investigação. Isto é válido para toda a descoberta freudiana, e não vale apenas para a abordagem do ensino de Lacan. Interrogar a linguagem a partir do escrito é o ponto a que Lacan será conduzido para além dos efeitos que comportam o sujeito lógico.

Além disso, é notório como no ensino de Lacan a letra foi imprimindo seu percurso, o que não pode ser separado de sua leitura de James Joyce, como sublinha Mandil (2003). Com a elaboração subsidiária da letra concebida como separada do significante, a autonomia da letra designará uma zona de transição entre o simbólico o real, o litoral capaz de abrigar o que a perspectiva do escrito condiciona como extimidade dentro da linguagem. O termo foi concebido por Lacan em “Lituraterra” (2001/2003) será examinado no decorrer do capítulo.

Lacan (1972-1973/1985) com o conceito de lalíngua, uma versão eficaz clínica e conceitualmente para pensar os efeitos do encontro das palavras com os corpos, nos conduz por fora da polarização negativização-positivação, mortificação-vivificação quanto às relações do corpo com as palavras. “Porque o poeta se produz por ser [...] devorado pelos versos/vermes [*vers*] que encontram entre si o seu arranjo, sem se incomodar, isso é patente, se o poeta sabe disso ou não” (Lacan, 2001/2003, p. 402). É, portanto, dos efeitos da língua que se trata, dessa mordida que mais do que castrar revela uma dimensão do corpo que não a do corpo vazio de gozo²⁰.

A relação indizível com o gozo foi efetivamente introduzida com a teoria da zona erógena e do resto, o objeto *a*, como abordamos no capítulo anterior. Mas, é com a concepção de lalíngua que Lacan (1972-1973/1985) faz do próprio indizível do gozo, língua, digamos, mas uma língua única, que marca o vivo pela operação com que um sujeito forja a língua que fala e o corpo que habita. Este significante novo aparece no escrito “O aturdito”, de 1973 (2001/2003) no contexto de suas interrogações acerca da distinção entre dito e dizer, que ressoa na distinção que buscamos circunscrever entre escrito e fala²¹. Por ora, chamaremos de escrito uma maneira de circunscrever a letra.

²⁰ Sobre esta torção, vale destacar o testemunho do passe de Marcus André Vieira, na Escola Brasileira de Psicanálise, Seção Rio, em 11/03/2013.

²¹ “Que se diga fica esquecido por trás do que se diz em o que se ouve” (Lacan, 2001/2003, p. 448). Vemos que “escutar toma parte na palavra” (*Ibid.*, 133). Será com esta proposição, certamente topologicamente concebida, que Lacan marcará um reviramento fundamental na trajetória que vimos buscando traçar e que nos introduz propriamente falando na orientação pelo real.

Da mesma forma que tomamos com Lacan a letra como parte material do significante, o escrito será tomado como a parte concreta da fala, o que não quer dizer que estejamos fundamentando nossa decisão na ideia de uma anterioridade de um em relação ao outro, ou mesmo da escrita como registro da fala. A letra reside na dimensão que podemos apreender a partir da maneira pela qual uma língua foi falada e também escutada, “a forma pela qual lhe foi instilado um modo de falar” (Lacan, 1975, p. 9), o que nos introduz no que Lacan chama *moterialisme*, termo em que “reside a tomada do inconsciente – quero dizer que o que faz com que cada um não tenha encontrado outros modos de sustentar” (*Ibid.*, p. 10), ou seja, no próprio sintoma, concluirá Lacan. Trata-se do ponto de enganche do inconsciente no corpo, ponto em que se revela a carnadura concreta da palavra (de Melo Neto, 2008).

Não se trata mais de pensar o Outro na origem do sujeito. Lalíngua é prévia a qualquer demanda, como uma composição única que é causa e efeito ao mesmo tempo, e que registra a primeira amarração do corpo com a vida.

Histórica, a palavra de Lacan é mesmo, ao menos por esse traço, autêntica. A palavra está aviltada desde o existencialismo. Mas não seria possível reavivar um pouco esse brilho embaçado? [...] Com as mesmas palavras de Lacan, arrancadas de seu discurso, roubadas, pilhadas, quem alguma vez já compôs algo que soe verdadeiro? Nós todos aqui somos meio gaios vestidos com penas de pavão. Mas os gaios permanecem gaios e o pavão, pavão. (Miller, 1996, p. 58)

O alcance da palavra não se reduz ao que a linguagem com suas regras permitem formular. Mais do que isso, nosso percurso em direção à letra e suas relações com o escrito nos conduz ao que cada um encontra como solução singular para formular aquilo que conduz sua própria existência. Trata-se no registro da língua de tomar as palavras pelo que são, no sentido da vida que as habita e que pode ser portadora de morte, como a psicose nos ensina²².

É de um saber-fazer que se trata no registro introduzindo com lalíngua (Lacan, 1972-1973) como as soluções psicóticas nos permitem conceber (cf.

²² O tratamento dado por Schreber às palavras impostas, ao efeito de retorno do significante no real, não é o mesmo que Joyce consegue realizar.

Miller, 2003). Assim, portanto, essa inédita acepção do termo saber se presta sensivelmente ao propósito de circunscrever a relação com a existência a partir do gozo, levando-nos para as fronteiras da satisfação com a significação. Ampliamos a margem de nossa perspectiva quanto à dimensão do escrito, já que se evidencia aqui que se a satisfação se passa fora do sentido, ela não abole a significação que possa portar.

Sabemos que o texto de Joyce joga o tempo todo com a dissociação entre escrito e fala: muitas vezes o que aparece escrito precisa ser pronunciado para que um dos sentidos seja capturado em uma outra língua de referência. A leitura de *Finnegans Wake* mobiliza, portanto, a dissociação entre escrever, falar e escutar, como se devêssemos estar atentos simultaneamente a esses três registros para apreender a multiplicidade de sentidos²³ (Mandil, 2003, p. 170).

A experiência nos mostra que não basta promover a escrita para que efeitos de escrita se dêem na clínica. O ato da escrita não se confunde com a dimensão de escrita que estamos buscando circunscrever, ainda que em alguns casos, como Joyce nos apresenta, trate-se propriamente do ato de escrever como razão de uma solução sintomática que porta o sujeito, ensinando-nos sobre sua modalidade de fazer corpo, como abordaremos no próximo capítulo. Para além da perspectiva do traço-unário, como interrogar o que se traça do encontro com a língua? Como o aparelhamento do corpo pelo gozo pode produzir efeitos sintomáticos portadores de alguma regulação? Ou devemos considerar que sempre se trata de uma regulação quanto ao que o sujeito revela de seu gozo, e que é preciso abdicar de pré-conceitos para chegar a cernir sua lógica?

²³ Mandil recolhe alguns exemplos dos quais destacamos um, que consideramos esclarecedor a respeito dessa encruzilhada entre escrever, falar e escutar: “*Who ails tongue coddeu, aspace of dumbillsilly?* A frase ganha sentido quando ‘escutada’ em francês, algo como *Où est ton cadeau, espèce d’imbécile?* [Onde está seu presente, seu imbecil?]. (Mandil, 2003).

4.5

Eloquência da letra

4.5.1

Da arte da caligrafia

Veremos com Lacan como a superfície decantada a partir de nossa investigação em torno da articulação entre sujeito, Outro e resto, no capítulo anterior, não dá conta do que pretendemos precisar como corpo, a partir da evidência que o fenômeno psicossomático, entre outras coisas, nos indica. Isto porque estes fenômenos que não cabem na matriz determinada pelas coordenadas da castração e do furo parecem traduzir ou transcrever algo do corpo que se apresenta fora do sentido e fora da estrutura. Mas, consideramos que podem ser abordados a partir da analogia com o escrito e a letra. Assim, prosseguiremos circunscrevendo a dimensão da letra, dando mais um passo, agora a partir da caligrafia.

No filme *The pillow book*, dirigido por Peter Greenaway (1997), a protagonista Nagiko Yujikino, uma bela modelo, jovem e rica japonesa, siderada pela caligrafia ideográfica, vive capturada por um rito compartilhado com seu pai na infância e o perpetua na sua busca pelo “amante calígrafo perfeito”, na sucessão de amantes que se perfilam nas primeiras cenas do filme, após o término de seu casamento arranjado. Transitando de um a outro numa metonímia de gozo, nada a detém, até que seu encontro com Jerome, um tradutor estrangeiro, poliglota, introduz uma ruptura na série.

Assim, encontramos essa mulher que porta a marca de um traçado indelével deixado por seu pai em sua face, deslizando o pincel até a assinatura de seu próprio nome na nuca da menina, autenticando sua obra, enquanto recita as palavras de um mito da Criação, cena que se repete a cada aniversário da filha, que o olha em silêncio: “Quando Deus criou a primeira imagem de argila de um ser humano, pintou os olhos, os lábios, o sexo e por fim o nome para que o seu possuidor não fosse esquecido. E, assinando na nuca da menina, acrescenta: E, se Deus estava satisfeito com sua criação, lhe dava vida, assinando-a.”

Nagiko é iniciada no universo feminino pelos escritos de Sei Shônagon²⁴ - nascida em 966, com o nome de Nagiko – cortesã do século IX, recitadas por sua tia enquanto se dedica a seus cuidados. São palavras que chegam de lugares desconhecidos para aquela menina, palavras que não querem dizer nada, prenes de significação, palavras que listam gozo: odores, cores, sons, texturas, palavras em que quase se pode tocar e que parecem acariciar quem as ouve. Evocação dos prazeres fundamentais – o sexo e a escrita – nas palavras da escritora do *Livro de cabeceira*, escrito mil anos antes. Nesta mesma esteira em que se transporta o que não se fixa exatamente pelo sentido, mas pelo gozo, uma cena fundamental marcará todos os desdobramento do filme e também a direção da construção sintomática de Nagiko.

Enquanto a tia lê para a menina algumas passagens do *Livro de cabeceira*, esta vê seu pai, um calígrafo exímio, numa cena íntima, na qual se submete ao seu editor. Essa cena, desenhada com fonemas, ruídos, sexo e um tanto mais, cujos traços se embaralham atravessando o tempo porta a potência de uma cena primária, que, atrelando escrita e gozo, prescreverá ao sujeito uma versão paterna que se fará a partir da escrita, como traço paterno, mas uma escrita que porta uma marca de gozo perverso, no sentido propriamente fetichista, afinal perverso adjetiva a satisfação que a pulsão substantiva. Encontramos os elementos que comporão o fantasma de Nagiko, reeditado doravante no sem número de amantes aos quais oferece sua pele, na busca pelo calígrafo perfeito, jamais encontrado, onde a nudez de suas formas femininas, deixada em segundo plano, nos adverte sobre o que está em causa.

Como o encontro com Jerome revela, tomar a posição do pincel e colocar-se a escrever sobre o corpo de seu amante revelará para Nagiko uma modalização de seu gozo diversa daquela que orientava a oferta desmedida de seu corpo, que gozava ao servir-se de superfície para a escrita, ao mesmo tempo em que pagava com seu sexo pela satisfação que recebia. “Agora quero meu pagamento”, disse

²⁴ Sei Shônagon, vinda de uma família envolvida com a poesia, teria nascido em 966, com o nome de Nagiko, como a protagonista de filme de Greenaway.

um dos inúmeros amantes, personagens anônimos que se sucediam de uma cena a outra. A subversão que Jerome introduz, além de convocar a uma posição nova diante da escrita, colocará Nagiko em contato com algo do enigma do desejo do Outro, encarnado no parceiro sexual. Nagiko revela para nós incidências do gozo fora e dentro da lógica fálica e nos permite registrar que a satisfação encontra a cada sujeito suas vias singulares fazendo consistir o corpo.

No desdobrar da trama, ainda que Jerome venha a se revelar um dos amantes do editor, terá cavado em Nagiko a falta que convida o amor a fazer-se parceiro. A escrita do pai faz traço e superfície, seu gozo recalcado faz furo e se constitui na dimensão em que se articula o par sujeito-objeto. Mas, algo insiste fora dessa trama, há um gozo a mais que é o gozo do calígrafo que insiste e determinará para Nagiko a dimensão do gozo que não o recalque não comporta. Algo insistirá na dimensão que o gozo paterno, o gozo do calígrafo, instilou nesse sujeito. Nisso vemos que a relação de Nagiko com a letra encontra na caligrafia uma relação com o escrito nada metafórica.

Num tempo subsequente à entrada do parceiro amoroso na cena, a caligrafia será articulada como um objeto recuperado através da arte da escrita, resguardando o traço de perversão primeiro, ao manter a homologia entre o papel e a pele humana. Nagiko, que havia sido rejeitada anteriormente como escritora pelo editor de seu pai, se fará publicar por ele, enviando-lhe seus livros animados. Ao tomar corpos masculinos como suporte de sua escrita, dos quais Jerome oferecerá o primeiro, Nagiko joga com o gozo do editor, apelando para seu fetiche, que conjuga caligrafia e sexo.

Vale destacar as cenas incidentais em que vemos restos de carne sendo descartados na porta do açougue que funciona próximo à editora. Parece uma explícita alusão ao que do corpo está em questão, ou, melhor dizendo, serve-nos de contexto para encarnar o corpo tal como vimos elaborando ao longo dessa escrita. Ou seja, um corpo absolutamente separado de qualquer referência à carne, ainda que as personagens se sirvam do órgão, que transcende o registro anatômico quando se trata do gozo.

Trata-se aqui da letra extraída do significante a partir da caligrafia, mas já distante da letra como caractere de impressão tipográfica, como algumas cenas do

filme fazem alusão, mostrando o maquinário artesanal, movido por mãos e precárias engrenagens, a executar a reprodução e a encadernação de livros. Em “A instância da letra...” (1966/1998), encontramos na primeira formulação da letra a partir de uma materialidade fixada nos caracteres de impressão, como as referidas cenas oferecem, mas o filme nos introduz em outro nível de discussão a respeito do tema.

É o gozo da caligrafia que nos dita a trajetória da protagonista e também nos introduz na paixão declarada de Lacan (1971) pelos ideogramas – por sua forma e por sua maneira engenhosa de sugerir o sentido – como o flagramos em meio a suas elucubrações acerca do modo como os caracteres chineses entram na língua japonesa, demonstrando como “uma escrita pode moldar uma língua” (*Ibid.*, p. 85). Nesse ponto, Lacan desenvolve sua leitura de como a língua japonesa constitui um desdobramento da escrita chinesa e situa para o público de seu seminário como “a língua japonesa se alimentou de sua escrita [chinesa]”²⁵, isto é, “no ponto em que a linguística afeta a língua, ou seja, sempre no escrito” (*Ibid.*).

Para nos localizarmos um pouco nesse percurso de Lacan pelo universo do pensamento chinês, tomamos como testemunha François Cheng (2000), que transmite suas impressões do encontro com Lacan a partir deste tema. Centramos nossa leitura naquilo que deste encontro se destaca como elaborações que atravessarão o ensino de Lacan, pois, como sabemos, o seu interesse pelo tema se demonstra em vários momentos de seu ensino, dos quais sublinharemos as elaborações que contribuem com Lacan na formulação de sua concepção de letra. Cheng (*Ibid.*) afirma que Lacan teria percorrido a partir de suas leituras pessoais os três níveis constitutivos do pensamento chinês: o cosmo-

²⁵ “Quando vocês houverem roçado um pouco mais uma língua como a que também estou aprendendo – e, quanto a isso, não estou absolutamente certo de que seja um efeito de supereu –, a língua japonesa, pois bem, vocês se darão conta de que uma escrita pode moldar uma língua, tal como ela é feita: essa língua melodiosa, de flexibilidade e engenhosidade maravilhosas. [...] E é uma línguua em que as flexões têm de absolutamente maravilhoso o fato de andarem sozinhas. O que é chamado de monema, ali no meio, esse vocês podem mudar. Vocês lhe dão uma pronúncia chinesa, totalmente diferente da japonesa, de modo que, quando ficam diante de um caractere chinês, pronunciam-no como *oniomo* [pronúncia à chinesa] ou *kuniomi* [pronúncia à japonesa], conforme os casos [...]” (Lacan, 2001/2003, p. 85).

ontológico, o nível ético, e por fim, o nível estético. Vale considerar que existem duas correntes maiores do pensamento chinês: a corrente taoísta, e a confucionista, mas não se trata de precisá-las, e sim de destacar os elementos que nos permitam reconhecer traços do pensamento chinês e interrogar sua influência para o pensamento lacaniano.

Conhecemos em Lacan seu interesse pelo vazio, dentro da doutrina do Tao que na origem designa o “vazio de onde emana o sopro primordial que é o Um” (*Ibid.*, p. 136), assim a própria ideia de sopro estará no fundamento do pensamento chinês que designa duas derivações deste Um, que se divide em dois sopros vitais: o Yang, correspondendo ao princípio da força ativa, e o Yin, do princípio da doçura receptiva. Mas ambos engendrariam todos os seres, exatamente porque não se trata de uma oposição estéril entre pólos opostos.

Os dois parceiros entram em um campo, por sua vez aberto, distanciado e interativo, e por sua interação, alcançam a transformação mútua. O sopro do Vazio-mediano é então o contrário de um lugar neutro e oco, terra de ninguém. É uma entidade dinâmica em si. Certamente ele nasce do Dois, quer dizer que ele não pode estar lá senão porque o Dois está lá. (*Ibid.*, p. 137)

Assim, nesse nível cosmo-ontológico, todos os seres portariam o sopro que transcende a natureza finita dos indivíduos quando se trata de pensá-los coletivamente, o que implica uma abertura ao infinito, pois o que se passa entre os seres vivos projeta o sujeito em direção ao inesperado, ou seja, o próprio infinito. Como destaca Cheng, há no pensamento chinês, como mais tarde se verificará na arte chinesa, uma preocupação constante em “religar o visível ao invisível, o finito ao infinito, ou inversamente introduzir o invisível no visível, o infinito no finito” (*Ibid.*, 138-139). Por outro lado, a tradição confuciana é fundada na concepção do destino do homem no seio do Universo sobre a tríade: Céu, Terra e Homem, o que conduz à afirmação de que o pensamento chinês é ternário. “Em suma, não é o Um que comanda o Dois, mas o Três que transcende o Dois, eu não esqueço este comentário de Lacan”. (*Ibid.*, p. 143)

“A arte caligráfica e pictural, tal como é praticada na China, é uma arte de vida. Coloca em prática justamente, todos os elementos da cosmo-ontologia que destacamos” (*Ibid.*, p. 147). Como sublinha Cheng, trata-se de assinalar a pertinência da escrita aos domínios da arte, para sermos mais precisos, caberia

concebê-los de modo indissociável. Ao destacar o tratado do grande pintor do século XVII, Shih-t'ao, o autor recorta dentre as inúmeras noções, as três categorias que julga pertinentes ao diálogo com Lacan: o Yin-yun, o Caos; o Traço Único do pincel e a noção de Receptividade. O Caos designaria “nada menos que a promessa de vida, um lugar aberto onde o élan do não-ser em direção ao ser é possível, mesmo iminente” (*Ibid.*). Com referência à pintura, corresponderia a um espaço primeiro do qual o desejo da forma poderia emergir, corresponderia ao ponto em que “o ato de figurar pode engajar-se.” (Idem.)

Mantendo uma conexão com a noção de caos, o autor prossegue apresentando-nos o Traço Único do pincel, destacado a partir deste tempo forado-tempo, deste espaço prenhe. Este Traço como “primeira afirmação do ser [...] na ordem do pictural é o equivalente do sopro, seu traço tangível” (*Ibid.*, p. 148). Como uma unidade de base, o Traço aqui engendraria a própria vida, enquanto potência significante, “significa sempre mais do que manifesta” (*Ibid.*).

Ele não cessa de chamar outros traços, como proclama Shih-t'ao: ‘ O Único Traço do Pincel contém nele os Dez Mil Traços.’ Assim, é em torno deste nó movente, equivalente ao sopro, por sua vez ao Um e ao Múltiplo, o traço e a transformação, que a tradição pictural chinesa, renovada por Shih-t'ao , forjou uma prática significante tendo uma coerência orgânica. (*Ibid.*)

À arte do traço não basta o exercício assíduo para aprimorá-la, pois se trata de uma “disciplina de vida”. O traçado dos signos engaja aquele que traça, de corpo e alma. Aí intervém a noção de Receptividade: “Um estado superior do Conhecimento”, que faz apelo à intuição por tratar-se de um modo de cernir o que não se sabe, mas que se revela, de certo modo, como já sabido. Como destaca Cheng, a caligrafia exalta o ser carnal dos signos, ao mesmo tempo em que, por causa dos ideogramas é considerada uma arte maior.

No filme do qual nos servimos para interrogar nosso argumento, a escrita como arte maior exerce todo o seu fascínio, embalada pelas imagens que não cessam de capturar aqui e ali a atenção do expectador, que vai junto com Nagiko em sua trajetória, que ganha ares de batalha silenciosa, travada empunhando os escritos que ganhavam vida e chegavam ao seu destino, conduzindo o editor ao paroxismo de seu gozo, à morte, um homicídio consentido, pela honra e não pela culpa. Depois da morte de Jerome, por suicídio – um erro de cálculo? –, Nagiko o

ama e declara seu amor preparando seu corpo para o sepultamento. Escreve sobre ele o seu livro de cabeceira que ganhará, pelas mãos do editor, sua forma final, pois este rouba o corpo de Jerome, extrai a pele e transforma-a em páginas de um objeto livro.

Nagiko empreende até o fim sua luta para recuperá-lo, enviando para o editor todos os livros prometidos em troca de seu livro de cabeceira. Como um escrito para não ser lido, recupera-o e o sepulta sob um bonsai. Trata-se de uma cena em que se conjuga esse apagamento, ocultação do escrito – como numa escrita em palimpsesto, onde somente a rasura permite novas escrituras –, com uma saída bastante freudiana para Nagiko, que se tornara mãe de um filho de Jerome. A escrita revela, portanto, seu destino radical nas palavras de Lacan: “um escrito, a meu ver, é feito para não se ler” (2001/2003, p. 263).

Ainda, como um detalhe, enquanto Nagiko amamenta seu filho, o olhar se dirige para o seu colo e revela de soslaio um corpo agora coberto por tatuagens, como uma segunda pele. Nagiko não está mais nua. Se a imagem de uma mulher apaziguada, amamentando seu bebê pode soar uma saída bastante freudiana para a posição histérica, o detalhe da segunda pele não se escreve sob o mesmo estatuto. A escrita que move a trama nos aproxima da discussão apresentada por Cheng (*Ibid.*) ao destacar a relação orgânica do traço do pincel, o traçado, com aquele que os traça, fazendo signo. Se as cenas se apresentam como uma bela metáfora desta relação da vida com a escrita, com a escrita da vida, o gozo que podemos depreender daí não é nenhuma metáfora.

4.5.2

Lituraterra

Como destaca Lacan (1971/2008) o engano da ciência é não reconhecer sua natureza de discurso, pois esquece a natureza de semblante que todo e qualquer discurso engendra. Como a psicanálise pode pretender uma abordagem orientada pelo real se, como discurso, não escapa do universo dos semblantes? Como tocar o real, incidir sobre o gozo se é do discurso que partimos? Essas são questões que encontram no texto de Lacan algumas respostas que, se não são definitivas,

definem uma orientação que, sem sombra de dúvidas, contemplam aquilo que a própria introdução da letra anunciava desde o início de seu ensino.

Com Laurent (1999), encontramos destaque para o que consideramos fundamental para compor a trajetória que vimos traçando. O escrito de Lacan é apresentado a partir de uma concepção de letra que comporta uma dupla dimensão: furo e objeto *a*. Diferentemente do significante, com sua vocação para a representação, a letra, tal como elaborada em “Lituraterra”, é fruto de uma desconstrução patente. Ele percorre o texto de Lacan, situando as coordenadas do que é apresentado, por um lado, como a tradição ocidental da escrita, fundada no alfabeto grego e, por outro, a oriental, circunscrita pelos ideogramas chineses. Como sublinha Laurent (*Ibid.*), Lacan fará corresponder ao apólogo da carta/letra roubada à escrita alfabética e, para a escrita ideográfica, oferecerá os efeitos de seu vôo sobre os rios da Sibéria.

Um vôo sobre um deserto, a Sibéria, rota que Lacan diz atravessar pela primeira vez, jogando com as rotas imprecisas de Derrida – ele passa então pela primeira vez por uma rota polar, recentemente aberta pelos russos que aceitaram que haja um percurso aéreo, uma rota desértica, pois os soviéticos queriam se assegurar de que nenhum avião espião pudesse fotografar suas instalações. Eis então uma rota impossível no deserto completo, a planície siberiana, verdadeiramente mais deserta que isso, não é mais possível uma planície totalmente plana, sem montanhas, mas feita de água e rios. (*Ibid.*, p. 37 - tradução livre)

Na descrição de Lacan, como faz notar Laurent, “é um francês sobre o qual é preciso verdadeiramente quebrar a cabeça para compreender a construção exata, onde estão os pronomes relativos, o sujeito esta em oposição, onde? como? É uma língua que trabalha” (*Ibid.*). Lacan nos conduz na via de uma espécie de traço que, pela abolição do imaginário, faz do traço esse evento, gesto que une o pintor e a tela, como na arte da caligrafia. O escrito se faz a partir da suspensão do sentido, deixando entrever uma língua que trabalha verificável na operação do analista, cujas manobras permitem revirar os ditos, isolando significantes, suspendendo seu sentido, ato que promove a precipitação de um saber como letra, perdido para o sujeito, mas localizável a partir do gozo.

Aquilo que não tem palavras para ser dito resolve-se logicamente e não mais se confunde com o inconfesso, o inefável. Como formula Miller (2005), o que chamamos ordem simbólica é em si mesma um nada, “na ordem simbólica não há

nada. Esta ordem se mantém muito bem como hieróglifo no deserto sem nada que o leia e permanece, conserva sua consistência” (*Ibid.*, p. 376). Disto depreende-se uma distinção fundamental a ser feita: “o sujeito do significante feito de lógica pura está fora da vida. Quando há alguém há signos. E na psicanálise não se discute reduzir o analisante ao sujeito do significante, uma vez que se é coerente com esta disposição; ali há alguém” (*Ibid.*).

A água da linguagem sulcando, ravinando o vivo deixa detritos. Com a letra, trata-se de um apagamento que não é anulação, mas rasura, pois das experiências primordiais de um sujeito restarão vestígios que continuarão a concorrer na inscrição de traços que designarão, sob o trabalho significante na análise, um nome para sua satisfação. “Rasura de traço algum que seja anterior, é isso que do litoral faz terra [...] Entre centro e ausência, entre saber e gozo, há litoral que só vira literal quando, essa virada, vocês podem tomá-la, a mesma, a todo instante” (Lacan, 2001/2003, p. 21-22). A dimensão do escrito ganha relevo, evocando o gozo pelo efeito de ravinamento que a letra promove sobre o vivente.

Tomamos apoio na experiência de Joyce com a escrita, sobretudo a partir da leitura de Mandil (2003), por Joyce demonstrar de modo paradigmático como sua manipulação da língua, no caso, das línguas, permite efeitos inusitados na linguagem, produzindo efeitos sobre a linguística ao introduzir-se no campo do saber como uma disciplina joyceana. As investigações de Lacan (*Ibid.*) em torno do ideograma, de como “uma escrita pode moldar uma língua” (*Ibid.*, p. 85), nos remeteriam a Joyce, mas pelo avesso, pois ele demonstra como uma escrita pode explodir uma língua e enxertá-la de tantas outras quanto for possível, esvaziando-a dela própria.

Tomar a via do escrito com Lacan nos permite reencontrar o sujeito determinado pela linguagem dentro dos contornos em que uma outra incidência da linguagem nos permite ter acesso à corporeidade de que se trata a partir da orientação psicanalítica. O estatuto do escrito separado da leitura responde pela autonomia da letra-precipitação que Lacan nos apresenta com “Lituraterra”, destacando que o que entra no jogo é, portanto, a dimensão de uma:

[...] ruptura [ruptura do significante/semblante que dissolve o que constituía forma, fenômeno, meteoro, [...] [onde] o que se evoca de gozo ao se romper um semblante, é isso que no real se apresenta como ravinamento das águas. É pelo mesmo efeito que a escrita é, no real, o ravinamento do significado, aquilo que choveu do semblante como aquilo que constitui o significante. A escrita não decalca este último, mas sim seus efeitos de língua, o que deles se forja por quem fala. (*Ibid.*, p. 22)

Como vimos com Nagiko, o ravinamento paterno se apresenta de modo diverso do Édipo, evidenciando uma dimensão, a do gozo do calígrafo, como aquilo que não está para ela sob o recalque. Como afirma Lacan, “a escrita [*écriture*] é no real, o ravinamento do significado” (*Ibid.*, p. 22), mas o importante é notar aqui que se trata na dimensão da letra que o escrito veicula, dos “efeitos de língua” (*Ibid.*) para o sujeito, nos quais a letra “é promovida como um referente tão essencial quanto qualquer outra coisa, e isso modifica o status do sujeito” (p. 24).

Singularmente, isso parece trazer como resultado que não há nada de recalcado a defender, já que o próprio recalcado se aloja pela referência à letra. Em outras palavras, o sujeito é dividido pela linguagem com em toda parte, mas um de seus registros pode satisfazer-se com a referência à escrita, e o outro, com a fala. [A escritura] é o godê sempre pronto a dar acolhida ao gozo, ou, pelo menos, a invocá-lo com seu artifício. (*Ibid.*, p. 24-25)

É na passagem ao significante que reside o ponto que a dimensão da letra vem fornecer a nossa abordagem na clínica. A letra acolhe o gozo, mas também serve de referente à operação significativa. É com isso que Nagiko tece seu sintoma, o artifício da escrita lhe permitirá conjugar o gozo da caligrafia no sintoma, mas tomado aqui como o mais singular, localizado na juntura mais íntima, e por isso mesmo êxtima, do sentimento de vida do sujeito, daquilo que o agita.

Se para a ciência a cifra, ao nível do número, é a própria encarnação do mundo, ao nível daquele que fala o que faz mundo é efeito da invocação do corpo pelo significante, na conjuntura em se configura o traço, pura rasura reiterada. Sendo apenas relação de diferença, o significante é sem positividade, mas a letra é de outra ordem. Além disso, não pode ser reduzida ao signo, pois “as letras são, não designam” (Lacan, 1972-1973/1982, p. 65), enquanto o signo “é captado como intencional” (Lacan, 1975, p. 135), o que o coloca no acesso ao gozo de que

se trata. O significante, sendo integralmente definido por seu lugar sistêmico, na estrutura, não é passível de ser deslocado; mas é possível deslocar uma letra e participar da mágica do discurso, como trataremos a partir de um caso clínico, que será colocado em discussão a partir dos efeitos de uma intervenção, no próximo capítulo.

Com a concepção da letra em “Lituraterra”, a tensão não estará mais na distribuição entre o sentido e o fora do sentido, mas situada a partir da oposição entre o efeito de significação e o lugar do gozo, pois o efeito fundamental da caligrafia para a abordagem da letra é a própria introdução do gozo, gozo da letra.

Como dar conta dos efeitos de sentido em face do real? É preciso, então, distinguir o registro da alienação, pelo que um sujeito se inscreve no Outro, onde os efeitos de sentido se produzem pela identificação primeira e a separação onde se inscreve o lugar do gozo, marcando o lugar do objeto perdido através dos efeitos de sentido. (*Ibid.*, p. 37)

Em vez de apagamento sob o traço unário, trata-se de efeitos de significação que vão revelar o lugar do gozo, na inscrição do sujeito. Aqui, parece que se trata da separação como instauração do próprio furo, em carne e osso, um novo modo de conceber o reservatório da libido. Uma operação que produz esse “gozar de um corpo, de um corpo que, Outro, o simboliza, e que comporta talvez algo de natureza a fazer pôr em função uma outra forma de substância, a substância gozante” (Lacan, 1972-1973/1985, p. 35).

A arte da caligrafia não guarda qualquer relação com a pintura renascentista, afirma Laurent (*Ibid.*), pois não se trata de descrever o mundo, mas de ordenar o caos interno por meio da própria operação do traço, pelo que une tela e pincel. “A partir desta distinção onde o real não está em oposição, não é exterior, se deduz um litoral, todo interior, entre o sentido, efeito de sentido, e o lugar do gozo” (*Ibid.*, p. 40). Não é sem referência à pintura chinesa que Lacan lê a Sibéria como uma caligrafia, como um “puro traço que opera sem indicar sem significar o que há ali, nada de humano, nenhum produto humano no horizonte, quer dizer nenhum lixo... é a pura operação da letra em vias de se efetuar” (*Ibid.*, p. 38).

Temos o efeito de coisa onde a escrita do real faz traço que é pura rasura. É nisso que nos parece que a transmissão que os testemunhos de passe²⁶ produzem é de reescrita para o próprio analista, que faz a travessia pelo que restou, a cada vez, de modo novo. O litoral é o próprio vazio:

Vejamos, então, no concreto, onde se situa o vazio. Como articular o vazio, é o que interessa a Lacan. O uso correto do vazio, deste Vazio-mediano que é um tipo de versão do litoral, ou seja, o que separa duas coisas que não têm entre elas nenhum meio de se manterem juntas, nem nenhum meio de passar uma a outra. (*Ibid.*, p. 42)

Um pouco ao modo como Lacan destaca os efeitos do escrito, o que se escreve, portanto, com os restos com os quais o sujeito pode fazer história, não está dado como origem, pois, como peças soltas, não pertencem a um plano efetivamente humano enquanto não ganham corpo. É no registro da letra que os testemunhos de passe nos permitem encontrar estes vestígios que, incrustados, fazem corpo, causa de sua desordem, mas que só fazem história a partir do traçado que um sujeito consegue fazer, rasurando o modo como foi determinado pelo gozo que, de suposto no Outro, encontra lugar no corpo como Outro.

Na modalidade própria a sua satisfação, o texto de um sujeito dirá do seu ser aquilo que, amarrando um corpo, permite identificar-se ao que esse corpo porta, restando na borda de seu discurso um habitat sempre a ser reificado²⁷, habitado, “corpo-reificado” (Lacan, 1975). Reencontramos o neologismo que havíamos sublinhado. *Corporeificar*: no dicionário, dar corpo às palavras. Mas, quanto ao estatuto da escrita, trata-se de fazer-se um corpo com os traços que se incorporam

²⁶ Em 1967, na “Proposição 9 de outubro”, Lacan introduz um dispositivo na perspectiva da formação do analista. “Essa sombra espessa que encobre a junção de que me ocupo aqui, aquela em que o psicanalisante passa a psicanalista, é ela que nossa Escola pode empenhar-se em dissipar” (p. 258). Através de testemunhos que proferirá, ao longo de um determinado período, o analista que fez a experiência do passe terá um compromisso de transmissão do que foi sua experiência de análise.

²⁷ Destacamos este neologismo lacaniano, em seu primeiro registro nos Outros Escritos.

às palavras, nas marcas deixadas por sua passagem pelo vivo. Estamos aqui numa perspectiva em que se trata dos traços feitos de gozo no próprio significante²⁸.

²⁸ A partir do primeiro testemunho de passe de Marcus André Vieira, podemos circunscrever a modulação do objeto voz que encontra no limite do próprio som, com os ruídos e gemidos, o mínimo que retorna no corpo sob a intervenção do analista – que aciona algo mais do que o sujeito do significante –, mas que, ao mesmo tempo, retorna escrevendo nos ditos aquilo que é possível cernir no final de uma análise.

5

A escrita do gozo

E como nasci? Por um quase.

Clarice Lispector

5.1

No princípio era o ato

A arte da caligrafia nos introduziu numa torção fundamental quanto à escrita, que estamos buscando circunscrever em nossa investigação. Como destaca Laurent (1999), “o gesto do pintor, o gesto de *Shih-t’ao* se encontra com o gesto da criança lançando o carretel para fazer *fort-da* [...]” (p. 38), gesto no qual Lacan (1964) nos ensina a ler o que se extrai para fazer o sujeito do inconsciente, mas não sem referência ao gozo, como estamos buscando circunscrever, para dar lugar a essa hipótese que se constitui como um operador na base do engendramento do próprio sujeito. Como prossegue Laurent, não é apenas a oposição fonemática *o-a*, *fort-da*, mas o próprio gesto que conta, “portador que ele é da inscrição deste traço” (p. 38). O traço se faz no gesto, como na repetição do jogo infantil que modela e remodela, através do gozo, o objeto que pode vir em socorro do vazio do sujeito, oferecendo morada para o que, de outro modo, estaria condenado a não ser.

À imagem do deserto de gozo, vemos substituir-se a tela retinta, como nas palavras do poeta que desenham a inversão fundamental, com o manuseio das palavras levadas ao limite, “até que padeçam de mim e me sujem de branco” (Barros, 1982/2007, p. 7). Temos, portanto, o efeito de coisa onde a escrita do real faz traço, que é pura rasura de nenhum traço anterior. Como abordamos a letra não é o real, ela faz borda ao real, nos informando sobre a literalidade em jogo na psicanálise. De modo diverso da operação galileana, que toma a matemática como a linguagem da natureza, com Lacan, a concepção de letra permite articular a real natureza que recortamos a partir da linguagem.

Simbólico e real se distinguem, mas não se trata de tomá-los isoladamente, parece ser este o ponto ao qual a concepção da letra em Lacan nos conduz, mas veremos que vai além. Sabemos que Lacan abriu seu ensino fazendo corresponder o simbólico à ordem que regula a estrutura, mas no decorrer de seu ensino, vimos que se tratava mais de uma estratégia do que de uma convicção teórica efetiva. Vimos, a partir das elaborações do terceiro capítulo que o simbólico pode incluir a letra que comporta efeitos que apresentam uma nova perspectiva. Se, por um lado, podemos reconhecer o esforço de Lacan para distinguir os registros, também nos deparamos com sua insistência para não se deter numa hierarquização.

Vimos como a concepção da letra nos conduz na direção de uma abertura nessa direção. Mas já encontramos em Lacan (1962-1963/2005), no ponto de interrogação sobre a falta irreduzível ao significante, a formulação de que “no ponto de onde surge a existência do significante” (p. 150), encontramos o Outro articulado a um “vício estrutural inserido no ser-no-mundo do sujeito com que lidamos” (p. 151). É neste ponto que Lacan situa o limite ao qual “a experiência analítica pode ser levada” (*Loc. cit.*), como veremos com os registros que apresentaremos do testemunho de passe de Silvia Salman (2011)²⁹.

Esse vício estrutural nos informa aqui, no ponto de emergência conceitual do objeto *a*, no *Seminário 10*, sobre os interstícios das articulações entre os registros que conduzirão Lacan a sua formulação do nó borromeano, que se configura a partir da amarração entre os registros³⁰. Vemos como outra escrita se

²⁹ Comunicação intitulada “O mistério do corpo que fala”, apresentada na sede da Seção Rio da Escola Brasileira de Psicanálise, em maio de 2011.

³⁰ “As suposições são incessantes e os elos que as sustentam na representação são indestrutíveis. Dizendo de outra forma, algo não cessa nunca de existir, algo não cessa nunca de se escrever – se ao menos, como se supõe, isso fala –, enfim, algo não cessa nunca de se representar [...] Ao que se acrescenta que eles estão enodados borromeamente. Sabe-se o que isto significa: que é impossível – isto é o real do nó – desfazer um destes elos sem que, ao mesmo tempo, os dois outros – eles são distinguíveis: isto é o simbólico do nó – sejam liberados. Daí se imagina pela representação – isto é o imaginário do nó – que nada existe como real que não deva, como tal, se escrever –, e se representar – ao ponto que inclua o irrepresentável. Nada escapa a esta necessidade borromeana que o nó representa, e nem mesmo o próprio nó que, quando vemos, é igualmente real (pois há um impossível marcando o desatamento), simbólico (pois os elos se distinguem em letras R, S e I), imaginário (pois os elos de barbante podem fazer realidade manejável). Mais ainda, cada elo, R, S ou I, é ele mesmo, como tal, real (pois é irreduzível), simbólico (pois faz *um*), imaginário (pois faz elo). De maneira que o nó tem em cada um de seus elementos as propriedades que, como

introduz aqui a partir da letra. A entrada do significante no mundo está atrelada a um ponto fundamental que não pode ser significado, o ponto de falta-a-ser. Como vimos, se “o lugar da falta é apontado pela introdução prévia do simbólico no real” (Lacan, *Ibid.*, p. 147), a “função do furo não é unívoca”, pois, como abordamos, “o furo pode encher-se e vir a se obturar” (*Ibid.*, p. 148), conforme circunscrevemos a partir da positividade que a libido freudiana porta, nos termos do capítulo dois, onde destacamos a função que o objeto *a* introduz na economia do sujeito do significante.

O passo que pretendemos dar aqui é verificar na clínica o que já sustentamos com a teoria quanto ao fato de que se a natureza do significante é justamente a de se esforçar por apagar um vestígio, tentar apagá-lo é também recuperá-lo, já que “no próprio esforço de contorná-lo só fazemos desenhar mais seu contorno” (*Ibid.*, p. 150). Vemos nisso a operação da letra em sua dupla vertente, de furo e de objeto, mas destacamos aqui uma terceira via, que como veremos introduz essa escrita que anunciamos.

Trata-se, na operação em jogo, de um vestígio que, quanto mais apagado, reinscreve-se como vestígio no significante, dessa presença reiterada, produzida no ponto em que entre as palavras e o corpo resta um furo intransponível, e por isso mesmo uma falta que o simbólico não supre, furo em torno do qual se constituirá a própria trama do nó. É no que “o vestígio insiste como significante” (*Ibid.*, p. 152) que a letra lacaniana faz seu anúncio, desde o início do ensino de Lacan, apontando para essa dimensão de uma outra escrita que não se define pelo traço.

Esta outra escrita se faz de rasura, guardando os traços subjacentes na reiteração, na repetição de que o gozo nos dá mostras. Ela é uma escrita em

conjunto, ele enuncia; mas, reciprocamente, cada um dos elementos nomeia uma propriedade que afeta o conjunto considerado coletivamente, e cada um dos outros elementos considerados distributivamente”. Tradução do texto *R, S, I*, (Milner, 1983), por Andréa Vilanova e Renata Gomes Martinez. Esta tradução foi fruto de uma leitura em cartel que compõe-se, além das tradutoras, de Verônica Schwartz, Maria Teresa Vargas e Marcus André Vieira (mais-um), entre 2000-2002.

palimpsesto³¹, trama tal como Lacan indica, desde “Função e Campo da fala e da linguagem”, 1953. Se, por um lado, a perspectiva da escrita nos conduz ao estatuto das vias de facilitação de que falava Freud no “Projeto para uma psicologia científica”, 1895, como um traçado fundamental, por outro, depreendemos com Lacan que a dimensão do traço se define como vazio que só pode ser apreendido no movimento reiterado dos circuitos desenhados pelo gozo.

Vimos com Lacan que desse choque das palavras com os corpos se constitui o campo no qual se reitera o puro traço que opera sem indicar, pois quanto à letra, sabemos que não estamos no nível do signo, mas é nos signos que recolhemos os efeitos de letra. Trata-se, como afirma Laurent (1999, p. 38), da “pura operação da letra em vias de se efetuar” nessa margem em que a língua se incorpora e o gozo toma corpo, fazendo um corpo que goza.

À imagem, primeiro suporte em que um sujeito pode localizar algo de si, diante do descentramento produzido pelo efeito do significante, se sobrepõe, portanto, o efeito da determinação languageira. Tal determinação faz de nossa entrada no mundo um ato que se reedita, renovando sempre o convite a tomar lugar na cena do mundo, na qual tomamos parte aceitando que nenhum *script* reservará escolhas tuteladas como garantia para o desfecho de cada ato. E, nisso, o corpo, essa espécie de simulacro de nós mesmos, só ganha densidade dentro de um certo modo de fazer, de conjugar as determinações que nos escapam com a indeterminação que comporta toda a margem de invenção possível, e que não é pouca, ainda que não seja toda.

O que faz de alguém ser o que é? O que faz com que alguém seja? Vimos que o modo de satisfazer-se, o modo como se goza do corpo, delineará o que há de mais fixo quanto à resposta possível. O que salta aos olhos é a constatação de que nenhuma resposta pode furtar-se a levar em conta o corpo, um certo modo de estar que circunscreve o que se é, sendo.

³¹ Tomamos a escrita do personagem como um exemplo do que estamos tratando nos termos de escrita em palimpsesto, uma modalidade de escrita que se faz de reescrituras sobre o mesmo papel, característica da Idade Média. Colocamos em anexo uma página do livro de Humberto Eco (2001).

5.2

Saber ler

Veremos aqui como a experiência analítica pode ser levada até o ponto em que o vício estrutural se revela aquém da falta “original”, que nos informa sobre a posição fundamental do sujeito, nosso sujeito calibrado pelo gozo. Como destacamos no capítulo anterior, a partir do neologismo lacaniano – corporeificação –, onde a reificação em jogo coloca em questão uma acepção da alienação que não aparece de modo tão obvio se tomamos o sujeito como efeito da alienação significativa que o produz como afânise. A alienação que a reificação põe em marcha é um processo ligado essencialmente à ação³², como abordamos a partir da caligrafia no capítulo anterior. O gesto comporta o movimento do corpo, que empresta sua dose de consistência aos domínios da letra³³.

Vimos no curso de nossa elaboração que, quanto ao ser, trata-se na psicanálise, sobretudo da falta-a-ser. O ser que nos interessa, portanto, aparece, comparece, de um modo ou de outro, nas malhas do discurso, quer seja por furta-se ou por petrificar-se na aderência aos seus significantes fundamentais. Foi do vazio do sujeito de onde partimos, mas também encontramos nisso o ponto de tensão fundamental que moveu Lacan a promover uma conjunção entre o furo do sujeito e vazio prenhe do objeto, onde Lacan alojou seu objeto pequeno *a*. Quanto mais nos permite destacar a dimensão ontológica de uma atmosfera inefável, ou mesmo mística, mais nos permite alojar, também, a perspectiva do gozo no cerne de nossas elaborações clínicas. Lacan (1964/1988) é enfático quando afirma que quanto ao sujeito, seu estatuto não é ontológico como propõe a filosofia, mas

³² Alienação: 5. Filos. Processo ligado essencialmente à ação, à consciência e à situação dos homens, e pelo qual se oculta ou se falsifica essa ligação de modo que apareça o processo (e seus produtos) como indiferente, independente ou superior aos homens seus criadores. [Cf. (nessa acepção): *objetivação* e *reificação*.] Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa.

³³ Uma vertigem se produz para os filósofos, que é a vertigem da dialética. Porque o ser é o oposto da aparência, mas também o ser não é outra coisa senão aparência, uma certa modalidade da aparência. Então, é esta fragilidade intrínseca ao ser, o que justifica a invenção de um termo que reúne o ser e a aparência, o termo semblante. O semblante é uma palavra que utilizamos na psicanálise e com a qual tratamos de cernir o que é, ao mesmo tempo, ser e aparência, de maneira indissociável (Miller, 2001).

trata-se de tomá-lo pelo estatuto ético, nos moldes que a própria psicanálise define a partir da prática que inaugura. Aqui entra um terceiro aspecto do ser ao qual nos introduz a letra, o *sinthoma*.

Vou sustentar com satisfação, que o bem dizer na psicanálise não é nada sem o saber ler, que o bem dizer próprio à psicanálise se funda sobre o saber ler. Se nos atemos ao bem dizer, não alcançamos mais que a metade daquilo de que se trata. (Miller, 2011)

Lacan inaugura seu ensino designando à psicanálise um estatuto ético em torno da palavra, pois será a ética do bem-dizer que o conduzirá em direção à formalização que, de um suporte a outro, proporcionará uma leitura que encontrará em Freud os fundamentos propostos acerca do discurso psicanalítico. “É o que faço: extrair de minha prática a ética do Bem-dizer, que já acentuei” (Lacan, 2001/2003, p. 539). Não por acaso reencontramos a dimensão do bem-dizer num tempo em que Lacan já terá nos conduzido à interrogação do estatuto do escrito. Como Miller (*Ibid.*) circunscreve, o estatuto do bem-dizer será elucidado pela sua conjugação com o saber ler.

Com Freud, o manejo do saber de que se trata na análise encontra na decifração do inconsciente o status de leitura, sem se reduzir a isso, como testemunham suas elaborações em torno do que resta da análise desde a *Traumdeutung*. Mas, como encontramos em Lacan, da própria leitura que faz de Freud, ele escreve um objeto inédito. Este nos parece o cerne do *Seminário 11*, onde encontramos a formalização do objeto que nos permite cernir o ponto em que a psicanálise toca o real.

De sua leitura, proposta em termos dos quatro conceitos fundamentais em Freud, ou seja, o inconsciente, a pulsão, a repetição e a transferência, Lacan escreve o pequeno *a* que alcança sua formulação em termos de uma dupla natureza: epistêmica e libidinal (cf. Miller, 1989/2008). E faz dele uma porta que se abre entre o real e o efeito da estrutura, sem fronteiras, mas com contornos. Encontramos o real da experiência que a psicanálise permite aceder, que circunscrevemos nesta tese como um corpo afetado pelo significante. Ele “é a sede de invenções que tendem a responder à questão: o que fazer de seu corpo?” (Miller, 2004, p. 66).

Como abordamos nos capítulos anteriores, a reinscrição do pulsional na orientação lacaniana, a partir do objeto formulado em sua intrínseca relação com o que resta de gozo no corpo, nos oferece um objeto inédito por situar um plano entre o significante e o gozo, dando à experiência que se processa numa análise o caráter de mobilização do gozo através do significante. Afinal, há satisfação na fala. Vimos também que a estrutura concebida nos termos de Outro, superfície e resto, permite circunscrever o que se define orientado pela escrita traço que faz furo, além de apreender como a castração organizaria o modo de gozo dentro de uma regulação circunscrita pelo falo.

A função paterna se revela, sobretudo, a partir das elaborações em torno da psicose, como um operador que pode falhar na inscrição da metáfora como estruturante na separação do corpo em relação ao gozo, mas a clínica evidencia outros modos de prover o corpo do aparelhamento necessário a um enganche eficaz³⁴ do vivo na existência. Como a doutrina psicanalítica nos orienta o aparelhamento sintomático da existência nos colocou a partir de Freud na perspectiva do que os efeitos da linguagem prescrevem, mas com a letra lacaniana esse aparelhamento circunscreve a sintomatização da existência a partir do gozo.

Aqui entra uma terceira dimensão, além de sujeito e do objeto que a letra nos permite circunscrever. Trata-se do gozo encerrado pelo sintoma, que conduzirá Lacan a propor o sintoma a partir do gozo, introduzindo o *sinthoma*. Esta torção permite reordenar os elementos em jogo na direção do tratamento o que torna mais elástico o nosso dispositivo de intervenção, como destacaremos com o caso que discutiremos neste capítulo.

Como destaca Miller (2005) Lacan teria efetuado com a introdução em “Lituraterra” de uma distinção efetiva entre o significante e a letra, uma abertura ao que será possível formular localizando essa separação na clínica, distinguindo

³⁴ A eficácia aqui suscitaria uma abertura a questionamentos que nos conduziriam à interrogação do lugar que a psicanálise ocupa na clínica contemporânea, com uma posição decidida de não orientação pela terapêutica, mas não sem recolher os efeitos terapêuticos de sua ação, a partir dos diversos modos de inserção do discurso psicanalítico no campo das práticas clínicas. Deixamos apenas assinalada esta complexidade que nos faz questão, mas que no contexto deste trabalho não será elemento de nossa discussão.

“dois modos do sintoma: o sintoma freudiano e o sintoma joyceano” (p. 5). Como é patente, o sintoma freudiano se ergueu a partir de sua legibilidade, não sem levar em conta o que do real do gozo, circunscrito pela libido freudiana, introduziu no que poderíamos designar como uma técnica de leitura do significante que requer coordenadas éticas. Podemos ler esta perspectiva nas recomendações de Freud (1912/1996) aos que exercem a psicanálise e, sobretudo, porque a clínica psicanalítica se define a partir de Freud como uma clínica sob transferência.

O “sintoma joyceano”, por outro lado, expõe com sua manipulação inédita da palavra um uso que permite revelar as articulações da letra, esse estado puro do significante, com o gozo, o que significa tratar a letra como um objeto desmontável, material em sua natureza determinada pela linguagem. “Esta função de ser sempre a mesma que faz com que possamos pensar em suas afinidades com o registro do real” (*Ibid.*, p. 6).

Finnegans Wake é para ele [Lacan] um discurso que não é semblante, onde o autor é levado ao limite para fazer da letra um uso que não seja ‘para que isso se leia’ para que isso se signifique. *Finnegans Wake* coloca em cena o significado, mas de uma maneira de tal modo transbordante – uma palavra explode em significados em todas as direções – que vemos como uma palavra normal, uma palavra ordinária, em seu uso cotidiano, é uma redução a um ou dois desta massa de significados [...] em estado livre uma palavra pode ter ressonâncias infinitas. (*Loc. cit.*)

A experiência de Joyce com a letra é reveladora dos efeitos de gozo que não têm nenhuma relação com a castração e a recuperação de gozo que comporta. Joyce ensina sobre seu modo de fazer com as palavras como uma solução singular para aparelhar-se frente à língua materna com seus efeitos parasitários, como Lacan desenvolve no seminário dedicado a investigar o sintoma joyceano, que também evidencia o valor da voz na modulação do gozo, o dizer como suporte para a própria operação joyceana. Como sublinha Mandil (2003), sua escrita é feita de fragmentos cuja articulação pode encontrar significação passando pela voz, depois, é claro, de superado o assombro frente a um emaranhado que à primeira vista não quer dizer nada, mas não permite a indiferença.

Aqui entra uma nova concepção do escrito. Trata-se de encontrar com Joyce as coordenadas do escrito que não é para ser lido como sentido, revelando sua radicalidade de escrito, mas que comporta o destinatário que permitirá à carta

joyceana chegar ao seu destino: aqueles que se debruçarem sobre seu enigma. Deslocando a destinação da origem, encontramos com Lacan leitor de Joyce, uma outra orientação para o lugar do analista frente à opacidade do gozo. Lacan leitor de Joyce escreve, formula, reformula e submete à orientação do real o próprio dispositivo analítico traçado em Freud.

Quando Lacan nos conduziu à noção de um discurso que não seria semblante, ele passou antes pela formulação de que os discursos eram condenados a não ser mais do que semblantes. Lacan avança na direção da construção de um discurso que não seria semblante. O que floresce no sem 23. Onde faz da letra um uso que não é um uso de semblante, que não é um uso de significante e que leva o significante à letra que é borda. (Miller, 2011)

Nossa investigação encontra o momento de fazer de toda a elaboração conceitual depositada nas páginas precedentes algo diferente de tentar encaixar a clínica na teoria. A orientação lacaniana detém a virtude de manter aberta a porta de entrada pelo real da clínica, e é nisso que pretendemos continuar nos apoiando aqui. O percurso que, partindo da teoria do significante, nos conduziu à teoria da letra, serve bem ao propósito de explicitar que em Lacan a letra é solidária à condição discursiva inerente a qualquer definição que se queira promover acerca do humano e de sua relação com o corpo, que de próprio não tem nada que o garanta.

Lacan (1962-1963/2005) chegou a afirmar, como já citamos, que o corpo é aquilo que temos para nos fazermos presentes uns aos outros, mas não basta tomarmos a imagem fixada pela forma para fundamentar isso. Pois “a forma só libera o saco, ou se vocês quiserem, a bolha” (Lacan, 1975-1976/2007, p. 19) e trata-se de incluir nessa discussão o que de mais impressionante a presença do corpo porta, como abordamos com Freud e Lacan no segundo capítulo, em torno da pulsão e do apoio somático que toma, ou seja, de onde partimos para chegar com Lacan à formulação das pulsões como “eco no corpo de que há um dizer” (*Ibid.*, p. 18).

O corpo no espaço se faz presença no significante porque o que sai da boca do homem não o faz sem ter atravessado a fonte em que a pulsão faz vibrar uma vida que não cabendo nas palavras faz traço do “choque puro da linguagem com o corpo” (Miller, *Ibid.*). Mas de que espaço se trata aqui? Lacan (*Ibid.*, p. 83) nos

adverte: “não há nenhum espaço real. Trata-se de uma construção puramente verbal soletrada em três dimensões, segundo as leis da chamada geometria, e que são aquelas do balão ou da bola, imaginado cinestesticamente, isto é, oral-analmente” (*Loc. cit.*).

A experiência do espaço se dá no humano, portanto, a partir do modo como o vivente incorpora na imagem os efeitos do furo corporal, que é fundamentalmente furo no sentido, abertura à intuição. Esse modo quase místico de transitar onde o sentido é opaco “duplica o que é chamado de espaço na imagem” (*Loc. cit.*). Este espaço duplicado encontra abrigo na formulação do litoral da letra, conforme anunciamos em termos de espaço de transição, de passagens.

À medida que avançamos com Lacan na perspectiva da letra, constatamos que quanto à satisfação, o gozo não é endereçado a ninguém, é o gozo do Um, e se apresenta como a insistência reiterada do gozo que faz do próprio sintoma marca. Se o sintoma comporta esta margem de marca de gozo, no ponto de reiteração em que se forja o objeto, vemos que é a inadequação do próprio objeto a revigorar a inconsistência que impede que o real seja subsumido pela incessante operação de produção de sentido que define a experiência na linguagem. No ponto em que, do lado do Outro, Lacan formaliza a inconsistência do significante, interroga o que, do lado do sujeito, lhe concede sua consistência.

É exatamente com o gozo, cuja ausência tornaria vão o universo, se reduzido ao puro semblante, que Lacan responde não com uma formulação sobre o ser, mas em torno daquilo concede existência ao próprio sujeito. Como Lacan destaca nesta articulação, a noção de substância gozante será formulada no *Seminário 20*. Trata-se de uma formulação onde o gozo como referente parece constituir a solução lacaniana diante da existência puramente lógica atribuída ao sujeito do inconsciente, submetido à mortificação operada pelo aparelhamento do vivente na linguagem. É nisso também que podemos ver o acento colocado no real para a orientação diante da clínica.

5.3

O aparelhamento do dito pelo escrito e vice versa³⁵

Como destacou Cocoz (2011), Joyce nos envia ao avesso do que chamamos leitura a partir de sua escrita de ressonâncias, onde o eco semântico retorna sobre o significante. “É a escrita como o que serve, servindo para se poder falar a partir dela, para retomar o que da fala se escreve no corpo e empurra em direção à palavra” (Cocoz, *Ibid.*). Vemos que a palavra em Joyce faz vibrar a língua, permitindo um acesso às ondas sonoras que fazem reverberar sua escrita. Ela destaca ainda, a descontinuidade que o seminário *O Sinthoma* introduz e que diz respeito ao que “se diz sem dizer, deixando sombras, opacidades, fios soltos” (*Ibid.*). Trata-se, portanto, de uma nova maneira de falar, de pensar.

Vislumbramos o abandono do pensamento referido à forma, ao corpo da imagem. “Provar o real mediante o nó, segundo Miller, é uma experiência dolorosa para o olho, pelo que introduz como forçamento do pensamento moldado pelo corpo-esfera” (*Ibid.*). Vimos que a introdução do conceito de letra no ensino de Lacan acompanha suas elaborações em torno do significante, revela desde o início de seu ensino que a linguagem comporta uma dimensão que escapa ao sentido, que nem tudo do significante passa pelo dizer, ainda que seja o veículo privilegiado para circunscrever o que não se define pelo dito, e sim no escrito, mas que reenvia ao que do dito foi escutado.

O *laspus*, como formação do inconsciente, se revela portador de uma determinação que atravessa as próprias leis da linguagem, revelando no “isso fala” um “está escrito”, mas à condição de fazer passar o escrito pela fala, modo pelo qual se garantiria uma legibilidade ao escrito, tratado por Freud como inscrição de

³⁵ Utilizaremos aqui uma fonte pouco canônica dentre as referências que marcam a elaboração desta tese. Durante meu estágio de doutorado na Itália, participei da Seção Clínica de Milão da *Scuola Lacaniana di Psicoanalisi*, no período de agosto de 2011 a junho de 2012. O tema de trabalho foi a insistência do sintoma, centrado da polissemia de leituras em torno do *Seminário 23* de Lacan, *O Sinthoma*. Nos encontros, a cada vez um analista trazia sua contribuição a partir de seu ângulo de leitura do seminário, como destacaremos aqui nas comunicações de Vilma Cocoz, “A insistência do sintoma e a invenção do tratamento” e de Pierre Naveau, intitulada “O exílio de Joyce”.

traços legíveis no modo de articulação das palavras no discurso que revelaria a particular estrutura de linguagem do inconsciente, onde o símbolo dá lugar ao efeito produzido pelo relato que põe em marcha o próprio dispositivo.

Aqui se trata, portanto, de outra dimensão do escrito, sem passar pela perspectiva da leitura de sentido, definindo-se apenas sustentação de uma existência. Lacan fez do traço freudiano, como vimos com o traço unário, a base de uma outra perspectiva para pensar o escrito de que se trata. Situar o traço em sua disjunção com a palavra, reduz o escrito a determinações que se repercutirão na perspectiva de que, quanto ao traço, trata-se da letra no que ela comporta o objeto, como abordamos com a leitura do jogo do *fort da* dentro da elaboração da holófrase³⁶.

Esta abertura nos lança na reformulação que se processa em Lacan, que vai esvaziar o Outro definido originalmente como alteridade da linguagem sobre o vivo. Nesse Outro, o falante deveria encontrar sua consistência de sujeito dividido, figurando apenas como sujeito lógico. É então que o gozo ganha na teoria um lugar compatível com os efeitos que recolhemos na clínica, que o colocam em primeiro plano na experiência subjetiva, indicando-nos que abordar “o mistério do corpo que fala”, como assinala Lacan no *Seminário 20*, implica em reconhecer que são as palavras que fazem corpo, mas não sem levar em consideração o traço que o corpo deixa nas palavras.

Vemos, com a teoria da letra, a emergência do objeto *a* como semblante, a ser produzido como efeito da extração que a operação analítica pode engendrar, fazendo incidir sobre o gozo opaco, em seu circuito fechado, aberturas que reverterão sobre o próprio modo de gozo, incluindo aí novos traçados que possibilitem arranjos em que o gozo não se limite a um esgotamento entrópico

³⁶ A estrutura da holófrase, tomada como um modo de não articulação da cadeia significante, como vimos, encontra em Lacan uma acepção própria, destinada a localizar no próprio congelamento da cadeia um efeito de sujeito que se revela como efeito de gozo, diante da impossibilidade de referenciar-se no lugar do Outro, a partir da falta. Trata-se aí de um efeito de suspensão do sujeito na alienação que, por suas raízes imaginárias, submete o sujeito a uma captura que não põe em tensão a distinção lógica que o separaria em alguma medida (a boa medida) do seu gozo. Na impossibilidade de interrogar o desejo do Outro, o sujeito permanece fixado no que se revela em Lacan como o gozo do Outro, o gozo do experimentador como no experimento de Pavlov.

fadado a dissolver-se em si mesmo. Mas o *a* só encontrará a formulação justa ao encarnar esse saber de que se goza, ao ser mobilizado na contingência pelos efeitos de interpretação, que fora ou dentro da análise operam pela produção de sentido.

Na clínica, com casos em que a posição de gozo faz obstáculo ao significante, parece que se trata de promover o *start* da produção de significantes. Essa máquina de escrever, “no trabalho que ele [o inconsciente] produz às cegas” (Lacan, 2001/2003, p. 535) promove sentido, produzido com a matéria da própria opacidade do gozo. Esta pode ser uma perspectiva para nossa leitura, mas não a única. Como veremos, esses casos nos convocam a promover curtos-circuitos na própria estase do gozo. O caso que constitui o ponto de partida para esta tese nos permitirá ler nos efeitos provocados a partir de um certo modo de recolher os ditos, o ponto em que a letra pode ser manipulada, deslocada, triturada, como demonstra Joyce.

Como Joyce nos mostra, é preciso o equívoco para explodir as significações absolutas, base de sustentação da fantasia fundamental na neurose. Joyce nos faz ver que a língua é viva em sua criação a cada instante, na medida em que cada um dá um retoque à língua que fala: “O que damos à língua sem saber para criar nosso sintoma” (Coco, *Ibid.*). Veremos como aqui o nó borromeano se configura para Lacan como o modo de apresentar um laço que se sustenta sem passar por um vazio inaugural. Essa sustentação é contingente, não se escreve de uma vez por todas, é mais como alguma coisa viva que se deforma. É estritamente ligado ao acaso, e a contingência é filtrada nos ravinaamentos que deixaram uma matriz de leitura pautada pelo gozo, onde encontramos os signos do sujeito.

Esse nó, qualificável de borromeano, é insolúvel sem que se dissolva o mito do sujeito – do sujeito como não suposto, isto é, como real – que ele não torna mais diverso do que cada corpo que assinala o falasser, cujo corpo só tem estatuto respeitável, no sentido comum da palavra, graças a esse nó (Lacan, *Ibid.*, p. 37).

Os imbróglios da relação do corpo com as palavras ganha com a concepção de letra a margem que permite à psicanálise sair dos domínios do inefável, da magia, quanto à relação das palavras com o corpo, quanto aos efeitos do discurso psicanalítico sobre o corpo. Desde a primeira formulação de letra em

termos de materialidade do significante, até o refinamento de seus contornos em “Lituraterra” como litoral, ou seja, ao longo de praticamente todo o ensino de Lacan, vemos como a concepção de corpo exige uma formulação que dê conta dos registros com os quais Lacan circunscreve a realidade do falante, uma experiência sempre singular ancorada num modo de gozo que é único.

O gozo [*jouissance*] do ouço sentido [*j'oui sens*] é o pequeno *a*, então Lacan nos explica no seminário Mais Ainda, que ele destaca apenas o nó elaborável do gozo, quer dizer o nó que pode perfeitamente circular com os significantes e o sujeito do significante [...] É o gozo enquanto versado no lugar que lhe prescreve o significante. [...] É um furo, mas um furo que contém. Tentem fazer a mesma coisa com os anéis de barbante! É uma outra espécie de furo. Lacan é aqui obrigado a sair com um J, do qual não fará uso, para marcar o que não se conforma ao molde. [...] É preciso que haja em alguma parte uma quantidade *x*, informe, que faremos entrar no molde preparado com os restos. O pequeno *a* é, em relação a este grande J, o que o analista extrai para fazer disso um semblante [...] (Miller, 2005, p. 6-7)

Joyce, com seu modo de ser escritor, abriu um vão incomensurável na língua inglesa, fazendo seu artesanato com a letra, manuseando as palavras, fez brotar um nascedouro de sentido que revela o aparelhamento do escrito pelo dito e vice versa. Com sua marchetaria feita de fragmentos de outras línguas, fonemas e invenção, Joyce ensina o que Lacan apresenta com o *Seminário 23*³⁷, nos fazendo notar como a relação única de Joyce com a letra constitui seu próprio habitat. O tratamento da língua demonstra em Joyce a via pela qual é possível ao sujeito forjar-se nos interstícios que separam a vida do corpo, inapreensível, e a vida que a palavra prescreve, para além da perda de vida que se esvai com a coisa. O que está em jogo aqui é uma inversão que põe a vida da língua em primeiro plano, confrontando a existência que só se subjetiva pela modulação através do gozo encarnado no objeto, a partir do significante.

Vemos em Joyce que o tratamento dado à matéria do mundo repousa na substância que extrai da metamorfose que opera na língua, uma transformação que vivifica o próprio mundo. Joyce extrai daí a escrita, a substância de seu gozo,

³⁷ Gostaria de destacar a importância do trabalho de cartel em torno do Seminário 23 de Lacan, como porta de entrada na seara joyceana, que realizei com Cristina Frederico, Carla Sá Freire, Raymundo Reis, tendo como mais um, Stella Jimenez, entre 2008 e 2010.

como destaca Mandil (*Ibid.*). Vimos que o nascimento do sujeito se celebra no nascimento reiterado do objeto que renova sem cessar o ‘quase’, esse átimo no qual o gozo a cada vez renovado em semblantes confere consistência ao corpo, “que assinala o falasser” (Lacan, 1975-1976/2007, p. 37), nosso sujeito calibrado pelo gozo, como circunscrevemos.

Literalmente como uma prática da letra, o objeto joyceano faz seu circuito pulsional moldado pela substância que é sua escrita. É nisso que vemos o real da escrita, revelado na relação de Joyce com a língua. Ele nos oferece com seu objeto uma leitura nos permite circunscrever que o traumatismo de que se trata na psicanálise não é a ameaça de castração, ou a observação de uma cena sexual. O verdadeiro nó traumático é a relação com a língua, como revela Lacan com mais um de seus neologismos, o *troumatisme* (Lacan 1975-1976/2007).

A escrita em Joyce é sua resposta ao *Urverdrängung*, “um recalçamento que jamais é anulado. É da natureza do simbólico comportar esse furo. É esse furo que viso” (Lacan, *Ibid.*, p. 41). Aos três registros, Lacan vai agregar neste seminário um quarto termo, o *sinthoma*, cuja grafia pretende introduzir esse ponto que é o próprio estilo do homem, seu gozo, recolhido apenas no um-a-um, como a resposta possível ao sem sentido essencial. Pois, quanto a Joyce, “o que ele escreve é a consequência do que ele é” (*Ibid.*, p. 77).

Em todo caso, é a partir de Joyce que abordarei esse quarto termo, uma vez que ele completa o nó do imaginário, do simbólico e do real. O problema todo reside nisto – como uma arte pode pretender de maneira divinatória substancializar o *sinthoma* em sua consistência, mas também em sua ex-sistência e em seu furo? (Lacan 1975-1976/2007, p. 38)

É a inconsistência do real recuperada no discurso psicanalítico, a partir do gozo de que o objeto nos dá notícias, que a operação do significante não apaga, não metaforiza e que encontrará outros modos de escrever-se, reescrevendo sem cessar o *sinthoma* de um sujeito. Não há uma escrita definitiva que faça a relação sexual existir, que garanta a harmonia no corpo que habita as bordas do discurso. Mas o sujeito pode descobrir que é feliz, nas palavras de Lacan em “Televisão”, como os testemunhos de passe nos dão mostras. Afinal, toda a atribuição de gozo dirigida ao Outro retorna na elaboração forçada de um gozo que constitui a própria marca do sujeito, com seu *sinthoma*.

Indubitavelmente, a ciência interroga ao real com a suposição galileana de que a natureza fala em linguagem matemática, de que o real responde em significantes matemáticos. Interrogado a partir do discurso da ciência enquanto se elabora a partir do simbólico, o real responde diretamente ao simbólico. Porém para nós, os analistas, o real que interrogamos – chamemos real do gozo –, sua resposta, é sentido. Nós mesmos o atestamos na interpretação. [...] Quer dizer que o sintoma é uma função que transporta do simbólico ao real, não há para nós caminho direto que nos faça ir do real ao simbólico e nos faz falta uma mediação imaginária: a do sentido. (Miller, 2003a, p. 171)

Na “Conferencia de Genebra sobre o sintoma”, de 1975, encontramos o que parece revelar uma amarração teórica fundamental que permite circunscrever a partir da articulação das palavras com o corpo o gozo que não pode ser circunscrito como o furo do simbólico no real, como mortificação da coisa, como a libido freudiana já nos informara. Se em alguma medida o sujeito responde pela sua condição de vivente a partir da palavra é porque a língua que fala o habita³⁸. A língua falada deixa suas marcas, traços, mas também detritos, restos. Carregamos impregnados em nós o modo como as primeiras palavras foram escutadas e faladas, afirma Lacan nesta conferência.

Os pais modelam o sujeito nessa função que intitulei de simbolismo. O que quer dizer, estritamente, não que a criança seja, de algum modo, o princípio de um símbolo, mas que a forma pela qual lhe foi instilado um modo de falar só pode levar a marca do modo como os pais a aceitaram. Sei que há nisso toda uma espécie de variações e de aventuras. (Lacan, 1975/2001, p. 9)

Nessas variações encontramos a experiência da psicose que revela o próprio parasitismo das palavras pelo modo como retornam no real, no fenômeno da alucinação. Os fenômenos psicossomáticos, por outro lado, encarnam um outro

³⁸ Uma língua não se aprende, incorpora-se. Para além de toda a pedagogia que orienta a transmissão da sintaxe de uma língua com suas regras, a semântica coloca em jogo um passo a mais, solitário por certo, ainda que, podendo ser compartilhado numa certa medida. Em meu percurso de investigação de tese experimentei os efeitos de construir, com os recursos e obstáculos de uma nova língua, pontes de acesso ao que, da experiência clínica da psicanálise, se decanta no cotidiano da experiência. Isto a partir de meu trabalho de registro escrito dos grupos em La Vela. A experiência de entrada em uma língua estrangeira não nos exime do sacrifício exigido a todo ser falante em seu momento mítico de entrada no universo da linguagem. Por certo não se pode crer tocar em algo deste momento inaugural orientado pela perspectiva de uma origem. O efeito de encontro com a língua materna em outra língua, estrangeira, parece trazer sempre um quê de experiência inaugural. Esbarramos sempre nos fragmentos que compõem e recompõem sem cessar nossa experiência de ser falante, naquilo que insiste em não se escrever, sob contornos próprios a cada um.

modo desse retorno pelo efeito lesivo que se manifesta, mas ambos indicam o que não passa pelo aparelhamento da linguagem, com seu efeito de metaforização, no choque das palavras com os corpos. Como Lacan destaca, a partir das questões dirigidas a ele sobre o mistério do fenômeno psicossomático nessa conferência, vai afirmar que não se trata aí de um fenômeno pré-verbal, da ordem do grito, ou qualquer coisa que o valha. O fenômeno psicossomático está fora da linguagem tomada como aparelhamento do sujeito no discurso, mas como este aparelhamento parece estar determinado, como a clínica demonstra, pelos efeitos da letra, podemos afirmar que o fenômeno psicossomático habita os confins da linguagem.

Encontramos na manifestação dos fenômenos psicossomáticos uma desregulação das funções orgânicas que vem sobrepor-se ao que é contingente, ou trata-se de uma forma de regulação? A clínica nos ensina que mesmo neste campo não há uma univocidade quanto às relações do fenômeno com sua função. Na disfunção radical que manifesta, ou seja, a cada caso, é preciso verificar a função que cumpre uma fixação de gozo no corpo, que pode funcionar como fixação de um corpo, estabilização da imagem de si, na ausência de outros recursos, ou pode funcionar como um efeito da encarnação da libido, nos termos em que propõem Miller (2003b) em “Algumas reflexões sobre o fenômeno psicossomático”.

Vemos nesses fenômenos, com os efeitos de coagulação do gozo, manifestações que se, por um lado guardam alguma relação com a dimensão da letra a partir da perspectiva simbólica, por outro parecem introduzir um aspecto mais imaginário. Podemos mesmo estabelecer aqui uma homologia entre a operação galileana e seu efeito de hipostaziar o real em fórmulas (cf. primeiro capítulo), com a coagulação do gozo na fixidez que recolheremos com a apresentação do caso que faremos a seguir.

Tomamos com Miller (*Ibid.*) o fenômeno psicossomático como paradigmático da dimensão do gozo do Um que não se endereça ao Outro como lugar de um saber suposto. Não há enigma a partir do gozo, mas há sentidos fixos. “Assim poderemos delimitar na experiência analítica não apenas as metáforas do

sujeito, mas definitivamente as metáforas do gozo³⁹” (Miller, 2003a, p. 172). Como vimos com Chiara e Nagiko, nos capítulos precedentes, o gozo do Um só se abre a alguma interrogação a partir da contingência do encontro, forçado no caso de Chiara, mas não menos eficaz em sua função fazer de furo, ruptura no circuito fechado da satisfação pulsional, abrindo a boca cozida, a boca flechada (cf. capítulo 2), que se beija a si mesma, a partir da própria língua que se fala.

Quem é o *partenaire* do sujeito? O Outro, o grande Outro, onde ele se constitui como tal e de onde se fala até ser falado? Ou o *a* de onde se goza? Se abordamos o inconsciente por suas formações, podemos dizer que o *partenaire* do sujeito é o Outro. Porém, se o abordamos pelo sintoma, seu *partenaire* é *a*. Quer dizer que, desde este ponto de vista, o Outro está sustentado pelo objeto *a*. Então a questão é saber como chega o Outro a substituir-se ao objeto *a*, quer dizer, como se converte em sua metáfora; não a metáfora do sujeito, mas como a letra [*lettre*] chega a substituir o ser [*l'être*] (Miller, *Ibid.*, p. 171).

Veremos com Linda, o caso que abordaremos neste capítulo, como a experiência da análise permite esse encontro com um parceiro, *partenaire*, o analista, que suportando “a solidão do gozo do sintoma” (*Ibid.*) se fez de rogado, acrescentando algo que parece ter produzido efeito de corte na suspensão do furo do inconsciente, reiterada no discurso sem resto que alimentou o primeiro ano de seu tratamento. Consideramos o caso que abordaremos como paradigmático para interrogar na clínica contemporânea o modo de apresentação dos pacientes que nos obriga a operar a partir da reversão de perspectiva que coloca o gozo na porta de entrada da clínica.

Como pretendemos demonstrar com o caso, não nos encontramos com sentidos consolidados a serem esvaziados de sua consistência de fantasia na análise. O sentido que o gozo encarna é de outra ordem, em sua opacidade não o alcançamos, mas podemos chegar a extrair pedaços elaboráveis. Como destaca

³⁹ Aqui Miller destaca os modos dessa metaforização do gozo a partir das estruturas clínicas: “No histérico o que há aí é não fixação, e sim ficção, o que funda sua presença é a *ausentificação* [...] E quanto ao perverso, não direi *petrificação* [designado ao obsessivo] [...] direi sua *saberificação*. E quanto ao psicótico, sem desenvolvê-lo mais, evocarei sua *odioficação*. [...] O sintoma como interpretável [...] deixa um núcleo elaborável. A este núcleo podemos chamá-lo incurável” (1988/2003, p. 172 - grifos nossos). É este incurável que constitui a mola do da reiteração do gozo como vimos abordando.

Miller, “o grande Outro se faz a partir do gozo do sujeito. Porém não de todo o gozo pode nascer um Outro” (*Ibid.*, p. 171). Trata-se de encontrar uma brecha no autismo do gozo do sujeito, onde podemos colher a repetição, a reiteração do próprio gozo no circuito pulsional.

Não estamos, portanto, às voltas com sentidos orientados pelo desejo e pela fantasia que respondem à metáfora paterna. Pelo contrário, nos encontramos com a opacidade do sentido, ainda que seja de um sentido rudimentar para a existência, como podemos recolher na fala de Chiara no momento de sua chegada à comunidade, imersa no “caos”, sem conseguir pensar. É aí onde em lugar de interpretar orientado pelo esvaziamento de sentido, trata-se de mobilizar o sentido, diante do curto-circuito do gozo fechado em uma satisfação acéfala. Mas não sem balizas.

“O real como mistério do corpo falante, mistério do inconsciente” (Lacan, 1972-1973/1982, p. 178) orienta um certo modo de conceber as relações do corpo com as palavras, como desenvolvemos. O real como efeito de perda do encontro do vivo com a palavra engendra esse registro em que se reitera a impossibilidade de uma escrita que permita ler a relação sexual, a complementariedade entre os parceiros, ou a univocidade entre objeto e satisfação. Introduzimos com Joyce o passo que lemos em Lacan ao avançar do mistério da encarnação do sintoma no corpo ao enigma do gozo que encarna o sintoma como um acontecimento que faz corpo.

Como destaca Cocoz (*Ibid.*) “real, corpo e inconsciente condensam todo o ensinamento de Lacan em torno do *trou-man* [*troumatisme*]”, pois Lacan revela que a função de furo do simbólico não é mais importante do que a consistência imaginária do corpo, diante dos quais o real da língua é o parasita cuja intrusão permite distinguir simbólico e imaginário (cf. Lacan 1975-1976/2007). No coração do nó não há hierarquia entre os registros que mantêm o mesmo estatuto de consistências definidas a partir de propriedades específicas, *ex-sistência*, furo e consistência, respectivamente, real, simbólico e imaginário (cf. Pierre Naveau, 2011). A partir do modo de apreensão do que se trata quanto à realidade psíquica concebida a partir do enodamento destas dimensões, podemos sublinhar que a

lógica do nó é diversa da lógica significante, trata-se, portanto, de duas escritas diferentes.

A escrita joyceana revela o que é a única coisa do seu texto que se pode pegar, ou seja, seu gozo. “Ai está seu sintoma” (Lacan, *Ibid.*, p. 143). No nó não há relação entre dois. Isto implica em uma nova distribuição, definida a partir de uma variedade quanto à posição dos registros, que pode ser escrita de diversos modos. “O que sei é que, em O sinthoma, os nós são uma escrita, e o nó é uma letra. Aliás, Lacan pensava ter inaugurado ‘essa questão da escrita’ (*Ibid.*, p. 141) pelo papel que, desde seu *Seminário 9*, conferia ao ‘traço unário’” (Miller, 2005, p. 235).

O acento de Lacan em Joyce consiste na elaboração de um gozo que não diz respeito ao Outro, é o gozo do Um, “um gozo egoísta” (Coco, *Ibid.*) que sustenta sua ideia de si, para além da imagem do corpo (cf. Lacan, *Ibid.*). É por isso que o corpo de Joyce pode se destacar e cair como pele de uma fruta madura, porque o corpo de que se trata aqui é propriamente falando uma apreensão possível a partir do sintoma, do gozo que fixa um sinthoma, no caso de Joyce sua escrita articulada ao seu nome próprio.

Joyce permite, com sua “escrita do ego”, retomar em novos termos a fórmula freudiana de que haveria entre o ego e o corpo uma relação projetiva, o ego como projeção de uma superfície não se define pela forma do corpo, o que recoloca a dimensão de superfície tal como destacamos. Ter um corpo implica para o ser falante incorporar um modo de satisfação que se marcará de seu encontro fundamental com as palavras. Os fenômenos de corpo revelam que o eu-imagem não vai sem comportar a afetação derivada da linguagem, no caso de Joyce os afetos se destacam, se separam dele.

O lugar da imagem de si, Joyce compõe com sua escrita o seu ego, revelando que a ideia de si como corpo apóia-se em outro suporte que não a estrita relação com a imagem, tal como situamos com o estádio do espelho. O ego circunscrito pela escrita edita a articulação do sujeito com o corpo, como Joyce encarna.

Alguma coisa lhe aconteceu e faz com que, nele, o que chamamos correntemente de ego tenha um papel muito diferente do simples papel – que imaginamos simples – que ele tem para o que chamamos, de modo apropriado, mortais. O ego cumpre nele uma função da qual só posso dar conta pelo meu modo de escrita. O que me colocou nessa via vale a pena ser assinalado. É que a escrita é essencial a seu ego. (Lacan, *Ibid.*, p. 143)

Da falência do imaginário em Joyce, com seu efeito de perda do corpo como imagem, passamos a uma articulação operada a partir do encontro da língua com o corpo, que parece nos revelar uma outra perspectiva para o próprio imaginário, ou um refinamento do que já fora introduzido⁴⁰. Sua escrita constitui um corpo fora dos limites do corpo, a partir dos contornos de sua ideia de si, revelando que um corpo também se faz de nome e gozo, operação que parece colocar a imagem criada como consequência, afinal uma imagem também é feita de sentido.

5.4

A experiência do passe

5.4.1

Análise: uma experiência de corpo

A partir do testemunho de passe de Silvia Salman⁴¹, intitulado *El reverso del amor*, ela nos informa sobre o percurso de uma experiência de análise levada até seu osso, “o *ossobjeto* ” (Lacan 1975-1976/2007, p. 141) sustentado no enodamento dos registros a partir do *sinthoma*. Reduzindo esse *ossobjeto* ao

⁴⁰ Como abordamos no segundo capítulo, a superfície corporal circunscrita como imagem para o sujeito, a partir das elaborações em torno do estágio do espelho não constitui a única via de abordagem da superfície que o corpo sustenta em sua homologia com o significante, onde os furos do corpo e as hiências do discurso se atravessam. É, portanto em termos de superfície de inscrição, tal como abordamos, que se estabelecem as “afinidades epistêmicas do inconsciente e do corpo” (Miller, 1989/2008, p. 10). O que nos interessa é destacar aqui que “um e outro são o lugar do Outro” (*Ibid.*, p. 11).

⁴¹ O quarto testemunho de Silvia Salman foi apresentado na Seção Rio da Escola Brasileira de Psicanálise, em 2011, tendo como ponto de partida o testemunho anterior (2010).

pequeno *a*, Lacan (*Ibid.*) destaca “a letra como testemunha da intrusão de uma escrita [...] [que] vem de um lugar diferente daquele do significante” (*Loc. cit.*). A escrita que a letra introduz é de outra natureza, comportando as propriedades de furo e gozo, pelos efeitos de reiteração do gozo que localizamos na origem do próprio sujeito. “Para dizer a verdade, o nó borromeano muda completamente o sentido da escrita. Ele dá a tal escrita, aquela que resulta do que poderia ser chamado de uma precipitação do significante” (*Ibid.*, p. 140).

Encontramos aqui o que a operação da análise promove de uma escrita a outra, conjugando efeitos de sentido e de gozo. Destacaremos a partir de seu testemunho, especificamente de seu quarto testemunho, o recorte que permite afirmar com ela que “uma psicanálise é uma experiência de corpo” na qual reconhecemos que a função da palavra transcende a estrutura da linguagem. Salman (*Ibid.*) destaca que atravessar uma análise é deparar-se com os “efeitos impressionantes que as palavras provocam no corpo”.

Desses efeitos impressionantes das palavras sobre o corpo, a angústia constitui para Lacan (*Ibid.*) o afeto que não engana. Sabemos que o corpo de que se trata na psicanálise entra na teoria a partir do objeto *a*, mas o objeto *a* não faz corpo, ainda que não se faça corpo sem ele. Como abordamos no segundo capítulo, a lógica significante encontra na geometria de superfície e traço seu suporte, levando-nos a circunscrever com Lacan que a fala não é a última palavra do que se pode dizer quanto à prática da psicanálise. E nisso os fenômenos que atestam a presença da angústia corroboram para a leitura da presença do objeto, cuja função de suporte da satisfação opera sob os semblantes que se perfilam nesse ponto para um sujeito.

É notório, a partir da orientação lacaniana, que uma experiência de análise não se define como acumulação de saber, progressivamente alcançado. O sujeito, passando a limpo suas identificações se depara com abismos diante dos quais deve decidir. “Agir é arrancar da angústia a própria certeza” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 88). É nisso que o significante não constitui a garantia da verdade, na mesma medida em que o real só se deixa cernir passando pelo embrulhar e desembrulhar da verdade.

5.4.2

Desenho animado

Salman nos informa com seu testemunho, conforme o caminho que estamos percorrendo nesta tese, que “a função da palavra não se encontra apenas articulada à estrutura da linguagem. Ela está especialmente enganchada ao corpo, que seguindo os ensinamentos de Lacan, aprendemos a considerar como a sede do gozo”. Como abordamos, é nesse contexto em que se articula o gozo e a letra que podemos afirmar que as palavras fazem corpo. É pelos efeitos da palavra sobre o corpo recolhidos pela experiência da análise que Salman nos apresenta a operação analítica como determinada pela presença do analista como o que permite circunscrever como é possível fazer ressoar o eco das pulsões que causam o dizer.

O sujeito que vai à análise é um sujeito que sofre por coisas que lhe foram ditas. É um sujeito que está doente das palavras do Outro, de certos enunciados. Estes encontros iniciais com as palavras fazem escrita e instalam um modo de gozar que deixam o sujeito enganchado em uma repetição. Tem-se aqui a relação inseparável entre o corpo que goza e a palavra, o corpo que goza com a condição de corporizá-lo de maneira significante. Então, um corpo fala (Salman, *Ibid*).

Reconhecemos neste testemunho um traço da histeria que, dentre as neuroses, se apresenta exatamente por uma espécie de desordem na relação com o corpo, “sempre um pouco além ou aquém da cena”. O testemunho de Salman (*Ibid*) nos informa especialmente sobre o que ela chama de “defeito de identificação corporal” fazendo eco sobre o que recolhemos desde a origem da prática psicanalítica como uma experiência de corpo que se funda numa subtração de partes do corpo.

Esta via corrobora o que destacamos em termos de uma certa perda de funções ao nível do corpo, ou mesmo o comprometimento das mesmas, o que nos franqueou a entrada no discurso do inconsciente com Freud (Cf. capítulo 1). Como destacamos com Lacan (*Ibid.*) quanto ao corpo, estamos às voltas com o corpo que não se é, e não se tem, mas que só se pode experimentar. “É desta falha de identificação entre o ser e o corpo que a psicanálise encontra seu lugar para poder operar sobre os diferentes modos de ter o corpo”, destaca Salman (*Ibid*).

No seu testemunho sublinha a ausência de lembranças, fotos, ou histórias contadas quanto ao seu primeiro ano de vida, com exceção de uma certa doença que no curso de sua análise chegou a nomear como anorexia. Este sintoma a teria acompanhado durante boa parte da infância, fazendo-se presente também em suas interrogações sobre o fato de tratar-se de uma manifestação tão radical e tão precoce. Interrogava-se sobre o modo como teria sido deixada cair, por fora do desejo materno, o que a levou à hipótese de que o rechaço materno teria sido efeito de algo experimentado pela mãe em relação ao seu marido, um ponto melancólico que seu nascimento parece não ter amortecido.

É só quando a palavra do pai recupera sua potência e anima o corpo da menina, que o significante paterno ‘desenho animado’ enlaça o corpo e a palavra, como expliquei no meu primeiro testemunho. Um pouco atrasado, como ocorre em relação ao padecimento do gozo do Outro materno, porém exatamente a tempo para que o significante que ali emergiu permitisse à neurose ordenar-se. (Salman, *Ibid.*)

Vemos aqui a vivificação que a palavra do pai porta para esse sujeito amortecido sob a melancolia materna que a impedia de tomar corpo. Agarrada pelo olhar paterno, vemos como a menina ganha corpo na tensão entre a vivificação e a mortificação que o “desenho animado” lhe confere. Esse corpo como Outro ganha os contornos da imagem da outra no espelho. Numa lembrança infantil, a menina se olha no espelho deixando entrever seus genitais e um homem a olha através do espelho. “O olhar do Outro, ao qual atribui um gozo, não deixa escapar o próprio gozo do olhar da menina que olha fascinada a outra no espelho [...] o objeto olhar revestido dos espelhamentos da imagem fálica” (*Ibid.*). Colocando seu gozo na cena esse sujeito encontrará tratamento para o gozo do Outro, suporte do fantasma, gozo do qual a análise permitirá separar-se.

Um sonho, no transcurso da segunda análise mostra o lugar da outra que necessita para obter o gozo: “Há uma mulher ruiva de um lado, eu me encontro do lado, em frente, um homem olha uma e outra”. O desdobramento das duas mulheres e o gozo que o sonho atribui ao olhar do homem se coloca em série com a cena infantil que mostra a fixidez do circuito pulsional que mantém enlaçado ao sujeito o olhar e o Outro. Aqui se destaca a presença da outra mulher através da qual se coloca em jogo a pergunta pelo gozo feminino. (*Ibid.*)

No curso de uma terceira análise, a última, outro sonho cifrará o deslocamento do circuito pulsional que lhe permitirá experimentar uma nova

distribuição libidinal. “Há uma mulher que olha uma menina e há um homem na cena ao qual a mulher abraça”. A mulher que olha separada da menina, essa posição infantil marcada pela identificação fálica, põe o olhar do lado do sujeito. E o abraço indica seu novo lugar no laço com o parceiro amoroso, “uma nova maneira de estar [...] mais dentro do que fora, traçando outra borda entre o padecimento e o funcionamento” (*Ibid.*).

5.4.3

Encarnada

Falamos com o corpo, destaca Salman (*Ibid.*), a partir do *Seminário 20* de Lacan, e introduz uma questão a partir dessa dimensão de presença do corpo na análise, interrogando o lugar do analista nesse modo de conceber o tratamento. O analista também “porta seu corpo e sua presença *em-corpo* [fazendo alusão ao nome do referido seminário], é a condição necessária para todo tratamento possível do gozo na análise” (Salman, *Ibid.*). Ao redor da fórmula “desenho animado” constituiu tanto o sintoma nomeando-o “fugidia”, quanto o fantasma que toma a forma do “sentir-me agarrada pelo Outro”. “Assim, o sintoma histérico animado pelo fantasma, havia se construído segundo a lógica do pai. O ‘ser fugidia’ facilitava a subtração do corpo que mantinha a consistência escorregadia e inapreensível do desenho” (*Ibid.*).

A virada fundamental vem quando de fugidia e de sentir-se agarrada pelo Outro ela formula o “fazer-se agarrar para fugir”. Há um momento em que a analisante chega a nomear esse gozo, exatamente na balança que a torna “analista de seu próprio inconsciente” (cf. testemunho de Marcus André Vieira, 2013), ponto que Silvia encontra com o significante novo: “encarnada”. O “desenho animado” havia lhe dado vida, enganche do corpo com a língua, numa dialética entre o animado e o desanimado, outorgando-lhe um corpo sintomatizado pelo pai, o corpo da histeria. Mas é o “encarnada” que, de modo diagonal a toda a série de significantes perfilados em sua análise, advém efetivamente como novo.

Por sua posição de estar fora da cadeia significativa [...] opera como crítica à função fálica. Desta maneira escreve a passagem do gozo sempre masoquista do fantasma à posição de objeto causa de desejo. (*Ibid.*)

Inaugura-se também um novo lugar para habitar na relação com o homem, uma nova satisfação, como assinala Salman (*Ibid*). É nisso que ela insiste, nesta nova satisfação, apresentando sua experiência de análise como uma experiência de corpo, mas o faz interrogando a própria teoria a partir de sua experiência. Silvia destaca que para ela a relação com o corpo próprio esteve sempre marcada por um “sentimento de estranheza, por certo inquietante”. Reconhecemos aqui um traço da histeria que dentre as neuroses se apresenta exatamente por uma espécie de desordem na relação com o corpo, “sempre um pouco além ou aquém da cena, sempre com esta maneira de estar e não estar ao mesmo tempo”, a histérica se subtrai fazendo-se enigma para o Outro. Ela destaca que ainda carrega em si “as marcas de certo modo de ausentar-se” (*Ibid*), cujos vestígios recupera nos efeitos de seus encontros/desencontros na vida amorosa.

5.4.4

Um caso na porta de entrada⁴²

Linda⁴³, 40 anos, apresenta-se à porta de entrada do ambulatório. Trata-se aqui da porta de entrada do ambulatório do Instituto de Psiquiatria da UFRJ, instituição na qual venho desenvolvendo minhas atividades clínicas e docentes há cerca de onze anos. Cabe um preâmbulo ao caso que abordaremos, por tratar-se de uma experiência de tratamento orientado pela psicanálise dentro de uma instituição psiquiátrica. Como uma instituição universitária, o IPUB abriga a polissemia que vigora no campo da clínica com seu vasto leque de respostas ao sofrimento. E a psicanálise ocupa, neste contexto, um lugar bastante particular,

⁴² O caso em questão constitui o coração da tese. A versão que inaugura a própria escrita foi apresentada na Seção Clínica da *Scuola Lacaniana di Psicoanalisi*, em abril 2012, e publicada (Vilanova, 2012). Texto em anexo.

⁴³ A escolha do nome para a construção do caso refere-se ao seu modo evocar a lembrança que guarda de sua irmã mais velha, que encarna bem o lugar da outra para a histérica, no confronto do amor do pai.

sustentado pela transmissão que dá forma ao curso de especialização em clínica psicanalítica.

Para além de qualquer dispositivo em particular, o traço que a psicanálise parece inscrever nesta prática institucional é o de manter aberto o lugar da interrogação acerca dos limites da terapêutica num cenário de medicalização e protocolos. Mas, não apenas para fazer vigorar a impotência do discurso do mestre, e sim para abrigar as pequenas e grandes invenções que a orientação psicanalítica permite no cotidiano da clínica.

Por outro lado, vale ressaltar o que se pode circunscrever em termos dos efeitos desta prática para a própria condução dos casos, que não raro demandam costuras, alinhavando saberes sobre o esgarçamento radical em que se encontram muitos dos que ali chegam. De um modo geral, o ambulatório recebe casos graves, endereçados ao IPUB, uma sigla que poucos sabem ler por extenso, mas que todos reconhecem como um lugar de produção de saber e de respostas terapêuticas.

É assim que Linda se apresenta, encaminhada pelo serviço de gastroenterologia do hospital integrante da UFRJ, onde faz acompanhamento clínico desde o início de sua doença, onde também havia realizado um tratamento psicoterápico, com resultados modestos sobre sua ansiedade, como relata nas entrevistas. Por fim, fora encaminhada para o IPUB com recomendação expressa de tratamento. Apresenta-se para além das intervenções clínico-cirúrgicas que fundamentaram a abordagem do caso até então.

É a partir desse encaminhamento que Linda se apresenta para a entrevista de triagem, realizada na instituição por um psiquiatra e uma psicóloga. A marca de uma abordagem que inclua algo mais do que a orientação estritamente médico-psiquiátrica desde a porta de entrada constitui um objetivo sempre relançado pelos praticantes mais experientes, que sustentam tanto o funcionamento do curso quanto o acompanhamento dos casos, quer seja sob supervisão, quer seja sustentando a condução da clínica. A prática clínica a partir da psicanálise constitui o campo no qual se reiteram nossas interrogações acerca dos limites de nossa ação, num ambiente que não se presta a uma reprodução do *standard* do consultório, no qual prosseguimos sustentando os princípios que nos orientam.

No momento da entrevista de triagem, entre lágrimas e acusações, Linda queixa-se da conduta dos médicos frente ao tratamento de sua “doença intestinal inflamatória”, uma “inflamação do cólon”. A partir de minha oferta de *escutá-la um pouco mais* acolhendo sua recusa à prescrição de antidepressivos e ansiolíticos, proposta pelo psiquiatra, segue-se uma série de entrevistas, tendo como foco o fato de ter sofrido uma cirurgia há cerca de cinco anos que a “amputou”: “retiraram meu intestino”.

Ao longo das entrevistas temáticas, que duraram pouco mais de um ano, depois de muito falar sobre as características dos alimentos, sobre seu modo de preparo e de todas as relações da alimentação com os quadros inflamatórios decorrentes da doença, expondo variações de tudo que entra pela boca, Linda traz uma cena: ela estava sentada no colo do pai, enquanto este cortava a carne e lhe dava comida na boca. Ao escutá-la, intervenho imediatamente destacando: *cólon [intervalo] colo*. E, pela primeira vez, um dito de Linda adquire estatuto de enunciação: “É... fiquei mocinha e perdi o colo do meu pai”. A dimensão de uma perda que deixa resto introduz Linda na experiência da análise.

Linda segue falando nas sessões subsequentes sobre o aparecimento dos sinais da puberdade como algo que provocou a repulsa do pai, que deixou de tratá-la como a “filhinha querida”. Linda é caçula de quatro irmãos. É a primeira vez que fala do corpo sem referir-se aos órgãos, ou às vísceras. O corpo aparece, então, como imagem, desenhado pelos contornos do corpo púbere, que ela consegue circunscrever pelas formas femininas que começam a se esboçar.

Vale lembrar que a puberdade se caracteriza exatamente pela explosão de manifestações hormonais que remodelam a forma do corpo diante da inundação desse real do organismo, que sempre convoca a um trabalho de recomposição subjetiva, diante do afrouxamento de identificações que fundamentaram o lugar inaugural para o sujeito. A irrupção do real do corpo nunca é sem consequências para o sujeito. E Linda constrói em torno dessa recusa do pai às suas “formas de mocinha... peitinhos nascendo” o que formulará como “um pai que temia a sexualidade da filha”, ao referir-se ao conservadorismo que sua família tentava impor-lhe.

Vemos a entrada do sexual, frente ao qual a resposta inicial foi o corte na carne, a irrupção de uma lesão intestinal que se mantinha inflamada, sangrando. Consideramos essa resposta do sujeito um modo de recusa aos efeitos de negatização do gozo, à perda de gozo em jogo na própria subjetivação. Mas o caso nos revela, de fato, o que a operação edipiana não é capaz de negatizar. O sexual é impossível de negatizar. Na contingência desse encontro, o choque com a reposta/recusa do pai faz marca sobre o corpo de Linda.

À saída da infância com o revestimento fálico que as identificações oferecem ao sujeito, Linda se depara com uma ruptura, diante da qual responde com o que chamaremos aqui de ‘blindagem fálica’, um aprisionamento imaginário. Diante da irrupção de gozo de que o relato da cena dá testemunho, vemos uma impossibilidade de integrar o encontro com esse gozo, atribuindo-o ao Outro da dialética do desejo. O Outro que vigora é o corpo, produzindo uma miragem consistente demais no lugar em que a inconsistência da falta-a-ser abriria a outros caminhos.

Cava-se para ela uma impossibilidade na experiência de seu ser, onde ancorar-se, então? Linda corporeificará um gozo anônimo, nome de doença, inflamação no cólon. Mas a raiz de seu gozo continuará a trabalhar no tratamento. Entre cólon e colo não se trata de pensar em repetição significativa, mas de reiteração do gozo que nos indica um lugar fixo. Não é a superfície no corpo dada imaginariamente, mesmo se tomamos aí também suas entranhas, como uma superfície interna, o que seria um exagero anatômico. O corpo libidinal, esse corpo definido em termos de corporização, como vimos (Cf. capítulo 3) nos dá a dimensão dessa espacialização que encontra suporte na trama do nó. Veremos como o colo dará outro destino ao gozo.

Vemos como da formulação da *recusa do pai ao corpo da mocinha*, Linda passa a falar de suas experiências amorosas, dos desencontros, da experiência da maternidade. Ela tem um filho cujo nascimento é contemporâneo à manifestação mais grave de sua doença, que levou à “amputação” do intestino, embora convivesse com os primeiros sinais da doença desde os vinte anos de idade, depois de “romper com a família” e passar a viver sozinha. Linda deixara a casa de seus pais no subúrbio logo depois de fazer 18 anos. “Não cabia naquele

mundo”, afirma referindo-se ao conservadorismo dos pais, definindo a mãe como “dona de casa” e ao pai, como “operário”. Seu irmão mais velho, homossexual que “reprimiu seu desejo casando-se com uma mulher”, como quem “tinha algum trânsito”, morreu de câncer na garganta pouco depois dos quarenta anos. Além dele, “o casal de irmãos”, ambos casados e com suas vidas financeiras estáveis, representavam para ela a imagem da burguesia, “apegados ao dinheiro e sem afeto”.

Depois da morte de seu pai por um problema cardíaco que “decidiu não tratar”, sua mãe ficou circulando entre a casa dos outros filhos até que, durante o tratamento, Linda apostou “no resgate dessa relação”, reaproximando-se dela. Evitava visitá-la porque inevitavelmente deveria ir à casa de um dos irmãos, passou, então, a levar sua mãe para sua casa, um conjugado onde vivia com o filho pequeno. Neste momento, passa a interrogar o que julgava um desinvestimento da mãe sobre ela, sempre distante, deixando que os filhos mais velhos controlassem sua vida na adolescência, quando não se “enquadrava”, fumava maconha e transava com os namorados. “Sempre fui livre”. Passa a limpo a “mágoa do descaso” materno com uma formulação nova diante da fragilidade materna. Sua mãe vem a falecer e Linda pode enfrentar sua perda, sem qualquer dano para além das lágrimas e da saudade.

Nas sessões que se seguiram à interpretação que destacamos, Linda passou, então, a uma pródiga produção significativa, em torno do impossível de fazer Um com o Outro sexo. Vale ressaltar que não fez qualquer comentário referido à intervenção da analista que parece ter tido efeitos de interpretação. Podemos verificar pelos efeitos de discurso que ela passou da fixação de gozo à associação livre, mas não fora da perspectiva do gozo. que, como sabemos, comporta gozo e não é livre das determinações primeiras sob as quais um sujeito deve arranjar-se, ao seu modo.

Revela-se no caso um novo modo de experimentar os efeitos do significativo. Podemos identificar nisso uma mudança fundamental. De uma fala sem sujeito, sem resto, a uma abertura à associação livre, com todos os efeitos que isso comporta, Linda passa a um outro modo de presença no discurso, passa a uma abertura ao discurso inconsciente, revelando-nos um efeito de interpretação da

intervenção que, ao mesmo tempo em que nos indica a partir do modo como ela passa a se endereçar a um saber suporte, coloca uma questão fundamental sobre o estatuto da própria intervenção. Arriscamos uma hipótese quanto à intervenção. Por alguma razão ela se localizou na perda estrutural, na falta, a partir da interpretação.

A interpretação, seguindo a tradição freudiana corresponderia a um efeito de decifração que abriria o discurso aos efeitos do inconsciente. Mas o que vemos no caso? Parece-nos que a intervenção produziu um ingresso na dimensão da decifração, construindo ficções sobre si mesmo. Estas ficções não parecem ter a mesma sustentação que aquela do fenômeno psicossomático. Havia em curso efeitos holofrásicos, de um discurso congelado, sem subjetivação. Colocar em série *cólon [intervalo] colo* parece ter produzido o efeito de ciframento sobre um gozo que apenas reiterava-se no circuito de uma satisfação devastadora, com a manifestação incontrolável de um quadro inflamatório que resultara na amputação de boa parte de um órgão do corpo. Na mesma medida em que o *colo do pai*, fora da série, parece reivindicar o estatuto de S_1 para esse sujeito que parece consentir com um novo modo de enlace com a vida.

Mas vale destacar que o caso nos revela uma perspectiva diferente quanto ao passe que apresentamos. É de um vetor contrário que se trata. Vemos como Linda parte de um certo osso que precisa ganhar corpo para que um tratamento se inicie, entrando na via da decifração. Salman, por outro lado, demonstra o osso como efeito da decantação a que a experiência da análise a conduz. Dois vetores. Vimos no caso de Linda, como a interpretação parece ter incidido com o efeito de perda que o simbólico introduz, abrindo espaço para que uma fatia do gozo possa tornar-se elaborável como objeto *a*, colocando em causa o próprio sujeito.

A interpretação pode surtir efeito, mas não porque os analistas sejam sábios ou adivinhos, “pois mesmo que ela seja precisa, seus efeitos são incalculáveis. Ela não atesta saber algum, visto que, tomando-o em sua definição clássica, o saber se verifica por uma possível previsão” (Lacan, 2001/2003, p. 555), e não é exatamente disso que se trata quanto ao saber na psicanálise. Podemos dizer que há algum cálculo prévio à intervenção, orientado pela teoria do significante, mas seus efeitos, surpresa.

No fenômeno psicossomático, trata-se de uma dimensão de causa em relação à linguagem, que comporta uma certa aberração, como circunscrevemos pelo efeito de congelamento do discurso. A linguagem, primeiro corpo, que faz o segundo ao incorporar-se, ensina Lacan em “Radiofonia”, não opera de modo a produzir o *corpse*, o corpo marcado por uma extração de gozo, esvaziado de gozo, fazendo-se leito para o Outro, o corpo dócil que só a teoria circunscreve. A mordida da linguagem não leva à *corpsificação*, encarnando também para a teoria uma dimensão de acesso ao que a letra vela em vias de escrever-se⁴⁴. Com a letra, avançamos para um novo alcance da teoria que nos expõe uma dimensão da vida que excede à vida do corpo e que constitui tarefa impossível fazer caber nos limites do corpo.

Na série do *Seminário 11*, estabelecida a partir dos efeitos de indução significante, o fenômeno psicossomático corresponde a uma manifestação que se serve da não formulação do sujeito suposto ao inconsciente. Fora da divisão que permite ao sujeito interrogar o enigma do desejo do Outro, introduzindo uma formulação relançada em torno do saber, produz-se uma composição marcada pela rigidez, onde palavra e coisa parecem corresponder, mas em pontos determinados. Isto diferencia a dimensão da psicose com seus efeitos globais de congelamento do discurso para um sujeito, frente aos efeitos localizados desse curto-circuito que se manifesta em pontos determinados na presença do fenômeno psicossomático num caso de neurose, como estamos examinando.

Na psicose encontramos a divisão do sujeito suprimida, a impossível articulação de um discurso a partir da falta que lhe permitiria endereçar ao analista sua falta-a-ser, como a demanda neurótica o permite. Para além dos parâmetros da clínica tradicionalmente orientada pela castração e seus efeitos de extração do gozo, a psicose nos informa sobre o sujeito calibrado por seu gozo ao modo de uma não extração do objeto, o que, como indicamos, nos revela novas perspectivas quanto à abordagem do gozo.

⁴⁴ Consideramos aqui a dimensão do ponto zero do sujeito, que estaria hipoteticamente no nível do animal, tal como abordamos no terceiro capítulo, a partir do experimento de Pavlov discutido por Lacan no *Seminário 11*.

A partir da introdução e sustentação de uma abordagem pela via do discurso, sustentada pelo praticante, possibilitamos o acesso do sujeito a novos modos de fazer com seu gozo através da sintomatização possível, a partir dos recursos que o próprio sujeito porta. Invariavelmente experimentará o corpo com toda a sua realidade estrangeira, invasiva, exigindo invenções para fazer consistir um corpo, a partir de contornos que serão sempre singulares.

E como nos informa Lacan no referido texto de sua “Conferência de Genebra”, é pela via da revelação do gozo específico que há em sua fixação que o fenômeno psicossomático deve ser abordado. Destacamos aqui na especificidade do gozo, o gozo forjado ao nível do número, suposto ponto zero do sujeito, de origem construída e “nisto podemos esperar que o inconsciente possa servir para algo” (Lacan, *Ibid*) como o caso nos dá mostras. De fato, localizamos no curso deste tratamento a entrada da Outra cena no jogo libidinal, usando o termo freudiano, uma abertura ao inconsciente, o que não nos exime de verificar os efeitos sobre a relação de Linda com o corpo próprio, já que podemos situar, a partir deste ponto do tratamento, efeitos notórios do que podemos chamar uma rearticulação entre gozo e corpo.

Verificamos, no caso, provas efetivas da instauração de novas modalidades de gozo, com seus desdobramentos em novas inserções na vida. O que teria se passado aí, como a intervenção poderia relacionar-se aos efeitos observados na fala desse sujeito, e no novo arranjo sintomático? As soluções do sujeito são sempre calibradas por um ter de se a ver com a existência encarnada no corpo, ao mesmo tempo em que essa presença também produz seus efeitos sobre aquele que fala.

Do significante *cólon* como signo sem fazer cadeia, colado na coisa, na carne, ao significante *colo* uma metaforização parece operar. Interrogamos a que conduz esta abertura que se produz? Alguma coisa se desprende do corpo de Linda e toma corpo e lhe permite um novo corpo, seria uma nova amarração? Pelos efeitos de fala que se instauram, mas também pelos efeitos que recolhemos no modo de habitar o discurso, a partir de uma nova posição subjetiva, encontramos efeitos terapêuticos e analíticos.

Poderíamos pensar que a condução do tratamento contribuiu para a conexão da inscrição isolada de uma experiência de gozo à cadeia significante? Ou seria mais algo da ordem de uma rearticulação do gozo com o corpo, um novo modo de enlace? Abriu-se para Linda uma dimensão que o amor franqueia, fazendo suplência ao impossível da relação sexual: amor ao pai/perda do amor do pai, amor aos homens, amor ao inconsciente sob transferência, interrogando o saber, fazendo vigorar que há saber no que não se sabe que se sabe, há inconsciente.

O caso parece nos apresentar um modo de fazer que conjuga na dimensão do sintoma a trama que vigora como uma outra escrita, que apenas toca a do Édipo, funcionando segundo outras regras, como estamos buscando circunscrever. Vemos que segundo a articulação de Lacan no seminário *O Sinthoma*, a dimensão do ter um corpo que não se é define a relação possível com o corpo. “É desta falha de identificação entre o ser e o corpo que a psicanálise encontra lugar para poder operar sobre os diferentes modos de ter um corpo”, como bem expôs Salman (*Ibid.*).

Interrogamos como teria se instaurado a articulação que permitiu um deslocamento fundamental em relação ao gozo autístico, marca do fenômeno psicossomático. Como a intervenção pode ter operado de modo a descristalizar o gozo, promovendo novos giros, para além da manutenção do circuito que o mantinha coagulado na afetação do órgão, no real do corpo? Algum tempo depois, Linda iniciou uma relação amorosa, a primeira depois da cirurgia sofrida quase cinco anos antes, e pôs-se em busca de uma nova ocupação profissional, dado que estava aposentada por invalidez.

Linda parece ter encontrado a via que uma análise pode oferecer, segundo Freud, “amar e trabalhar”. Um acesso à infelicidade banal em seu enlace com a alegria de viver. O “colo perdido do pai” relança a cadeia significante. Da pura marca de gozo, sem desejo e sem memória, Linda se abre ao enigma e ao endereçamento via inconsciente transferencial, fazendo vigorar o “colo perdido” como origem. Ela parece ter encontrado uma abertura que não se faz sem a instauração de um sintoma, no sentido analítico, onde um menos de saber se inscreve. Passa a interroga-se sobre suas escolhas amorosas, sobre o pai que deu

ao seu filho, “um pai que não comparece”. Se no nascimento do filho acreditava na opção voluntariosa de “deixar o pai de fora”, agora recorre à lei para reconhecimento da paternidade de seu filho, não se diz mais “pai e mãe” como uma entidade única.

Que, da inconsistência dos ditos amorosos antigos, a análise tenha a tarefa de fazer a crítica, eis o que resulta da própria idéia do inconsciente como algo que se revela como o saber. O que nos traz a experiência disposta pela análise é que o menor viés do texto dos ditos do analisante nos fornece, quanto a isso, uma captação mais direta do que o mito. (Lacan, 2001/2003, p. 546)

Deitava no divã, fazia no ar, sobre seu corpo, o desenho de um percurso que ia da boca até o ânus e dizia “tem uma coisa interrompida” ao passar pela colostomia. Após a cirurgia que a fez portadora desta interrupção sobre a superfície do corpo, Linda precisava manter cuidados permanentes com o orifício da colostomia, e também com um fragmento do intestino, sem funcionalidade fisiológica, mas que mantinha o reto e o ânus preservados, denotando a função que encarna os órgãos fazendo corpo com a forma, narcisicamente.

Trazia para as sessões um assombro diante do risco de ter que “fechar o ânus”, pois as manifestações inflamatórias características da doença a ameaçavam permanentemente com o risco de ter que retirar este fragmento. O risco de fechamento do ânus era uma imagem que a aterrorizava. Uma zona erógena poderia ser apagada? Qual o estatuto de um buraco cirúrgico no real do corpo, interrompendo a superfície definida em torno do furo que nos dá acesso à superfície de que se trata quanto ao corpo?

5.4.5

O imaginário do corpo: o furo e a trama

O imaginário encontra seu limite, se o tomarmos pela referência à forma do corpo, na mesma medida em que nos informa sobre o real que não se prende ao real do corpo inacessível. Linda é levada a vislumbrar o que parece representar o paroxismo de seu gozo, com a intervenção na carne que obstrui furos e abre buracos, exigindo todo um trabalho para subjetivar esse corpo. Nas sessões, conta sobre os encontros sexuais, sobre a solução de um “obturador”, uma espécie de

tampão que obstrui o buraco da colostomia e “sob a faixa parece não existir nada”. No momento que começa a falar dessa nova experiência com o Outro sexo, portando seu novo corpo, Linda conta um sonho: “Ela está diante do mar, de pé, vestindo seu traje de banho de corpo inteiro, tendo sob a veste o obturador”.

Temos, então, uma mulher olhando para além dos contornos de um corpo de que pode gozar de novo, a partir de novas parcerias. Estamos diante da elucubração de saber que só se faz possível aí nas soluções que um sujeito pode encontrar calibrando seu gozo, sob novas modalizações. Este caso nos permite circunscrever como a intervenção parece introduzi-la no circuito edipiano, mas apresenta, ao mesmo tempo, um fazer com a dimensão própria do sintoma. Como trama, como outra escrita, para além do Pai, prescindindo dele é que apenas tocando a dimensão do Édipo e da castração, nos introduz em outro funcionamento, segundo outras regras.

No decorrer de nosso trabalho, o quadro inflamatório residual que insistia no fragmento do órgão também é atravessado pelos efeitos de um novo modo de amarrar corpo e gozo. Um novo modo de enlace através da modulação do gozo, outrora devastador, começa a ganhar corpo, nos termos de uma nova possibilidade de fazer com o corpo de mulher. Os efeitos de seu encontro com o discurso analítico se fazem sentir também trazendo a perspectiva da palavra que pode ressoar sobre o corpo que lhe é sensível.

Linda conta um novo sonho: “Está às voltas com um parceiro em busca de um lugar para fazer amor, mas nos espaços em que circulam há muitas crianças e não encontram o lugar adequado. Durante essa busca, num dado momento seu ‘colar’ arrebenta, se rompe e se dispersam as inúmeras contas coloridas que se espalham pelo chão. Sabe que não conseguirá recuperar todas. O impossível da relação sexual se apresenta, mas em lugar de “arrebentar” em seu corpo, como já havia se referido à doença, a ruptura que anuncia aqui parece estar mais no nível semblante.

Seu corpo não está mais por fora da sua solução. Paradoxalmente é disso que se trata no sintoma histórico, como Linda anuncia. A manifestação do fenômeno psicossomático vem, nesse caso, responder ao modo da relação da histórica com a castração. O corpo sai de cena para dar lugar ao organismo

desregulado que interroga o saber do mestre, ao ponto de sua impotência. O quadro inflamatório persistente durante tantos anos, reiterando a constante ameaça de dissolução da forma, encontra apaziguamento.

Linda encontra-se com seu corpo de mulher em novo arranjo, às voltas com um quadro inflamatório no “colo do útero”, o que a inscreve não toda no universo feminino a que consente em alienar-se incorporando novas formas de gozar, agora parcialmente, desse corpo. Prossegue com suas interrogações acerca do modo como pode ser mulher para um homem, retomando em diversos momentos sua expectativa de “receber colo”, mas sabe que não é mais uma “menininha”. O colo perdido do pai e o colo do útero inscrevem duas séries.

Como ponto de partida, sabemos que as possíveis conexões podem se produzir a partir do estatuto que as marcas significantes têm para um determinado sujeito. Lacan (2001/2003) destaca os “efeitos de linguagem prévios à significância do sujeito, mas que a fazem presente por não estarem ainda fazendo-se de representante” (*Ibid.*, p. 415). É a dimensão da letra em sua opacidade frente ao discurso. Não há saber prescritivo ou sugestão do analista que possa operar aí. Há que se levar em conta o saber do sujeito. O que permitiu neste caso passar ao simbólico algo destas marcas de caráter imaginário, em sua íntima articulação ao real? Como estabelecer os parâmetros das conexões que possibilitaram o enodamento do simbólico ao enlace entre imaginário e real no caso?

Como afirma Lacan em “Radiofonia”: “[...] o psicanalista, ao interpretar, produz a intrusão do significante [...]” (*Ibid.*, p. 411). Não se trata, portanto, de tomar apenas os efeitos de interpretação pela ruptura, pelo que o corte, a suspensão de sentido introduz. Parece que trata-se de corte, mas também algo mais. O caso parece permitir uma leitura do modo de intervir numa análise, como uma operação que incide no próprio modo de enodamento dos registros. Elevar *cólon*, o órgão, à categoria de significante ao colocá-lo em série com *colo*, também destacado da cena, parece ter permitido uma nova possibilidade de escrita do corpo que entra em série como significação em torno de um corpo de mulher, onde o *colo do útero* indica uma anatomia vivificada, como vimos nas ressonâncias que o sonho porta.

E o colar, adorno de um corpo feminino, metonímia do corpo de Linda, faz metáfora nas contas do que se perde. Ela faz entre o colo do útero e o colar, um novo passo. Mas isso não foi pelo colo perdido do pai, que apenas permite sua entrada na relação com a analista. A dimensão da letra com a escrita trama que o nó revela nos permite conceber que o pai não basta, é preciso prescindir da garantia hipotética do pai para encontrar um modo de servir-se.

No tempo, emergiu um sujeito na narrativa de seu mito individual, com deslocamentos importantes no modo de enganche no corpo no significante, a partir do enganche da letra no corpo que se revelou a partir do fenômeno psicossomático. No ponto em que chegamos com o trabalho, Linda apresentava uma remissão importante do quadro inflamatório persistente, levando os médicos a interrogarem a possibilidade de uma “reconstrução do intestino”. Mas Linda experimentava sua voz, isso a comovia, pensava em cantar em um coral. “Quem sabe como cantora profissional... com o tempo?” dizia.

Fato é que a operação analítica promoveu para Linda uma reinserção no laço fora das amarras de uma posição blindada diante do mestre encarnado nos médicos, “os melhores do Brasil”. Não se apresenta mais com o corpo em riste fazendo da impotência do mestre seu triunfo, como prova do limite do saber da medicina, o lugar de onde se apresentara já na primeira entrevista, mas que só foi possível circunscrever no curso do tratamento. Além disso, a reconstrução do corpo já estava em processo e não estava mais nas mãos dos médicos, era uma invenção sua.

5.4.6

O corpo e a trama

“O corpo, a levá-lo a sério, é, para começar, aquilo que pode portar a marca adequada para situá-lo numa seqüência de significantes” (Lacan, 2001/2003, p. 407). Se a escrita do real permite pensarmos no modo como o corpo também faz traço no significante, é pela letra que somos informados. A letra nos apresenta, portanto, o acesso àquilo que os testemunhos de passe dos analistas transmitem sobre o modo em torno do qual se estrutura sua arquitetura subjetiva,

incluindo aí os efeitos de gozo, com o sentido fundamental que comportam.

Como interrogar os fenômenos psicossomáticos, considerando que nos apresentam um sujeito refém do sentido que atribuí ao gozo do Outro, desse Outro encarnado como corpo? Estamos no nível da palavra como coisa, como Freud (1915/1996) nos adverte, situando a especificidade da resposta psicótica, no que concerne ao corpo, diferenciando-a da conversão histérica. Para interrogá-lo no ponto em que toca o corpo, trata-se de compreender em que ele o toca de uma maneira que difere do sintoma histérico, como buscamos circunscrever com o caso abordado.

A hipótese que nos orienta é de que no fenômeno psicossomático o sujeito molda um corpo de modo consoante com a estrutura clínica na qual se inscreve. Trata-se de pensar na relação inseparável do corpo que goza e a palavra, o corpo que goza sob o efeito de corporização do significante, como destaca Silvia Salman em seu testemunho de passe, como abordamos. Mas como Linda nos apresenta, nos pontos onde o fenômeno se produz, as regiões do corpo onde uma lesão orgânica aparece, onde o real do corpo também está em jogo.

Enquanto Joyce prescinde da imagem fazendo corpo a partir do nome e da escrita, Linda se apresentou inicialmente aderida ao corpo que a medicina lhe prescrevera com a amputação de seu intestino, fazendo coincidir o que deve restar como hiância. Vale destacar que ela perde efetivamente seu corpo com a maternidade, pois desde o nascimento de seu filho a doença se torna devastadora. Que relação poderíamos estabelecer entre o puerpério e a cirurgia mutiladora? A mutilação fálica no mesmo ponto da blindagem que destacamos anteriormente, vivida imaginariamente, parece se reiterar com o nascimento do filho. Quando solicitada a recontar o que se passara naquele momento de sua vida, Linda insistia com o “medo de perder meu filho”, sob a ameaça presente nas palavras de seu irmão que afirmava que ela não poderia dar conta de uma criança. Linda tem horror à perda.

E habitar um corpo exige saber fazer com isso, é o que a dimensão do sinthoma nos ensina. Mas o que é um corpo investido pelo fenômeno psicossomático? Definir um corpo pelo caráter de vivo é problemático, como tentamos situar com nossa discussão. A definição de corpo a partir da substância

gozante, nos termos de Lacan no *Seminário 20* nos informa que não se trata realmente da mesma coisa que a vida. Um corpo goza dele mesmo, e como sabemos, goza bem e também mal. Como destacado neste capítulo, tomar o corpo a partir do gozo implica em conjugar nisso a dimensão de uma dialética com outros termos para que se sustente para um sujeito o nó, a trama na qual se configura um modo de estar no mundo. Não se trata de tomar a dimensão do gozo de um corpo como se bastando a si mesmo, nisso a entropia é devastadora, como vimos com Chiara, e também com Linda.

Faremos aqui um último esforço para avançar algum passo em relação ao modo como a transferência opera na perspectiva pulsional, orientados a partir do caso. Fora da perspectiva de uma suposição de saber dirigida ao inconsciente, como Linda se apresenta à porta de entrada, engolfada pelo seu modo de gozo, trata-se de tomar que parâmetros para pensar a transferência? De sua chegada até o momento em que o sujeito do inconsciente foi acionado, temos o espaço de mais de um ano pontuado por encontros semanais nos quais o *fazer-se de rogada*⁴⁵, posição sustentada pela praticante, parece ter produzido seus efeitos. De qualquer modo, podemos destacar que os tempos de um tratamento são marcados por escansões que nos informam sobre os modos diversos de resposta de um sujeito, acionado pelo trabalho preliminar, frente ao encontro com o discurso analítico, que opera encarnado.

Como bem destacou Silvia Salman com seu testemunho de passe, o amor recobre a dimensão pulsional presente na transferência e é nesse nível que a análise deverá operar as transformações quanto ao modo de satisfação do sujeito. Como destaca Lacan (1962-1963/2005) o manejo da relação transferencial não obedece a um protocolo, ainda que possamos nos orientar pelo que as estruturas clínicas nos informam sobre os modos de relação do sujeito ao Outro, mas para

⁴⁵ A expressão que destacamos para tentar circunscrever a posição estratégica do analista no caso apóia-se nas primeiras manobras efetuadas na entrevista de triagem, quando, diante da recusa aos protocolos médicos, a analista praticante se oferece para ouvi-la um pouco mais, supondo algo para além da queixa quanto à perda do intestino, tomada como sintoma depressivo pelo psiquiatra. A oferta cria uma demanda onde não havia endereçamento, pois ela estava ali seguindo a prescrição dos especialistas do hospital universitário. Destacamos aqui a expressão *fazer-se de rogado*, no sentido de fazer-se lugar de rogo, de endereçamento.

podermos extrair daí a posição do sujeito em relação ao seu gozo, sua resposta singular à existência.

Fazer borda ao incurável do furo que a condição de falantes nos impõe é tarefa para todos. Mas, na direção do tratamento, não estamos na lógica do para todos, senão no manejo do um-a-um, a cada vez. É com o *a* que devemos lidar “num certo nível do manejo da transferência” (*Ibid.*, p. 154), o nível que nos interessa aqui.

Toda vez que se leva suficientemente longe um discurso sobre a relação que mantemos, como Outro, com aquele que temos em análise, coloca-se a questão do que deve ser nossa relação com esse *a*. Convém reconhecer isso, e vocês sempre o encontram. Aí, mais uma vez, é patente a hiância entre duas faces do discurso analítico. (Idem)

Os testemunhos de passe nos colocam nessa direção, a partir de um longo trajeto percorrido. Mas como pensar nossa posição a partir de casos como o de Linda? Ela aceita ser escutada em lugar de receber uma prescrição de medicamentos, mas o que isso significa? O fato é que algo novo entra em cena.

Estamos destacando aqui os dois vetores que apontamos, É importante notar aqui o que parece passar por uma torção, pois Linda, ao consentir com os novos encontros, separa-se da prescrição de seu médico e toma uma posição frente ao tratamento. Tratava-se de uma aposta da analista praticante que não partia de nenhuma suposição. Fazê-la falar um pouco mais, essa era a direção. A oferta foi um ato, assim definido pelos efeitos que foram recolhidos depois. Nenhuma prescrição, apenas a marcação de um novo encontro, a cada vez, ancorando nas mínimas brechas de seu relato descritivo, entre os alimentos e os procedimentos que faziam parte de seu tratamento.

Como afirma Miller (2003b), no fenômeno psicossomático trata-se de uma “consistência diferente do sintoma” (p. 174). Ao referir a dimensão de transposição contida na operação sintomática, destaca o que quanto à lesão parece indicar o que “de certa forma estaria inscrito diretamente” (*Ibid.*), fora dessa transposição que a estrutura da linguagem mobiliza. Como já destacamos, o “mecanismo da representação não funciona” (p. 175) aqui, falta a descontinuidade que alojaria o vazio do sujeito. Como efeito de um certo “*imprimatur*” (*Loc. cit.* grifo do autor) o fenômeno psicossomático encarna “um modo específico de

retorno do gozo no corpo [...] temos uma localização deslocada, um atentado localizado no corpo” (*Loc. cit.*). E Miller chega a afirmar que este fenômeno seria efeito de uma “imaginarização do simbólico culminando em uma forma de impotência” (*Ibid.*, p. 181), “o sintoma no museu”, onde o sujeito está impedido (Lacan, 1962-1963/2005, p. 19).

Com nossa elaboração em torno da letra, alcançamos o que Lacan circunscreve em termos de número, como abordamos no capítulo anterior. O modo de retorno do gozo no real parece nos indicar o efeito da indução significante, esse nível zero, onde encontramos o sujeito impedido de acontecer. Estamos aqui no nível da frequência, do número, que só encontra o desejo no experimentador, mas que não pode ser posto a serviço de nenhuma subjetivação ali no experimento. Em sua “Conferência de Genebra”, a partir das interrogações do auditório sobre a temática da psicossomática, Lacan circunscreve o fenômeno a partir da perspectiva do número. Letra e número não se confundem, segundo Miller (*Ibid.*). Frente ao congelamento holofrásico “o inconsciente não pode servir mais que para transformar o fenômeno psicossomático em sintoma, trabalhando de tal modo que o Outro em questão já não seja aí somente o corpo próprio” (*Loc. cit.*).

Para dizer as coisas sumariamente, quando se trata do perverso ou do psicótico, a relação da fantasia ($\$ \Leftrightarrow a$) institui-se de tal modo que o a fica em seu lugar do lado de $i(a)$. Nesse caso, para manejar a relação transferencial, de fato temos que tomar a nós o a de que se trata, à maneira de um corpo estranho, de uma incorporação da qual somos o paciente, porque o objeto como causa de sua falta é absolutamente estranho ao sujeito que nos fala. (Lacan, *Ibid.*, p. 154 - grifos nossos)

Consideramos que Lacan nos dá uma pista importante para pensarmos o manejo da transferência a partir da perspectiva pulsional, já no *Seminário 10*. Ao destacar a psicose e a perversão, já nos adianta sobre um certo modo de fazer com o objeto que não corresponde à perspectiva da extração do objeto tal como nos deparamos na neurose. Além do fato de que se trata de reconhecer na posição de objeto, quanto ao lugar do analista, a efetiva manifestação que pode colocar em movimento a cena da sessão. O analista não sustenta sua função como sujeito dividido, mas na posição de causa, extraindo sua certeza do ato. Não temos outras coordenadas, senão aquelas que nos oferecem aqueles, de cujos ditos nos

ocupamos, mas a bússola se calibra na posição analisante do próprio analista. Colocar o objeto na dialética, como destaca Lacan, “à maneira de um corpo estranho”, parece apontar para a direção de promover algum efeito disruptivo na indiferenciação frente ao objeto, já que esses sujeitos não experimentam o objeto como causa de sua falta.

Lacan define como abordamos no segundo capítulo, na montagem do estádio do espelho a distinção entre $i(a)$, a superfície real, diferente do que se formula em termos de superfície especular, e a superfície definida sob o efeito da linguagem, de furo, $i'(a)$, a imagem virtual. No nível de $i(a)$, estamos, portanto, às voltas com uma consistência diferente da superfície definida em relação ao Outro, ao furo e ao resto. No caso vimos como algo da relação de Linda com o corpo fica de fora da metaforização do corpo que a superfície definida pela lógica do furo circunscreve. Ainda que esta operação esteja atrelada ao pai, vemos no caso a incidência de algo como uma falha na sintomatização operada pelo pai, celebrada nas recorrentes manifestações inflamatórias, que faziam da presença do fenômeno psicossomático a blindagem fálica que não deixava espaço para outro parceiro que não seja a face de devastação do gozo.

Como Lacan (1975) destaca na referida conferência em que nos apresenta suas últimas formulações sobre o fenômeno psicossomático, passar o gozo ao inconsciente constitui a direção indicada. Miller (1989/2008) reitera a perspectiva lacaniana destacando que se trata de distinguir um aquém e um além da inscrição do inconsciente para podermos apreender o fenômeno psicossomático, o que corrobora o caminho que viemos percorrendo pela letra que nos reenviou ao número, como abordamos. E ao colocar o fenômeno psicossomático em tensão com o sintoma, faz um recorte importante ao destacar uma possível “analogia com o fantasma” (*Ibid.*, p. 11). E nisso avança numa formulação que dá todo o peso estrutural à discussão que estamos propondo, fazendo da superfície do corpo o

“envelope do lugar do Outro” (*Ibid.*, p. 12)⁴⁶, recuperado a partir das elaborações em torno do fenômeno que interrogamos.

Diante do corpo como envelope do lugar do Outro, vemos como a consistência imaginária, que chamaremos aqui radical, com seus efeitos de *imprimatur*, inscrição direta do gozo, faz corpo no caso Linda. Mas o caso também nos informa sobre a perspectiva diante da qual a direção recolhida informa sobre um forçamento das palavras que chega a “produzir as aparas com que faço o (*a*)”, como afirma Lacan (2001/2003, p. 547). Na passagem do que é impresso no corpo à entrada da escrita, circunscrita pela letra, vemos a palavra operar diante da estase de gozo. Frente à opacidade dessa satisfação, o significante pode parecer inócuo, mas da nossa presença podemos extrair algo mais do que a dimensão da linguagem permite.

A presença do analista *em-corpo*, temperada pela opacidade de seu desejo, faz emergir uma outra dimensão de enigma. Propomos aqui a abertura à transferência como efeito da elucubração em torno da opacidade do analista, por parte do sujeito. Em vários momentos do tratamento, Linda fazia comparações do novo tratamento com as duas experiências anteriores e sempre lhe faltavam palavras para definir o que se passava ali na sessão. Movida pelo que nos parece um efeito de perda de consistência do objeto, transposto pelos efeitos de letra, o nível em que a operação analítica toca a satisfação, toca o gozo. Na balança entre o objeto e o furo, Linda consente com o trabalho a que o dispositivo convida, tecendo com o discurso a trama que sustenta seu ser.

Parece ser nisso que a dimensão de opacidade a que o analista é incitado a sustentar encontra sua função frente à opacidade do próprio gozo. No ponto em que na análise comparece o lugar da falta, verifica-se a inserção de um “enxerto, esse transplante [que] abre uma dimensão” nova (Lacan, 1962-1963/2005, p. 159)

⁴⁶ Este é um aspecto que encontra ressonâncias importantes na elaboração que Lacan tece em sua Conferência de Genebra, ao destacar o corpo como cartucho do nome próprio. Esta perspectiva, além de dar ao imaginário do corpo funções que transcendem os efeitos da forma, nos introduz nas elaborações em torno do nome próprio, temática fundamental para a abordagem da escrita do nó borromeano, mas que não cabe no escopo deste trabalho.

em que o objeto comparece de outro modo, fora de suas atribuições imaginárias. Constituir um Outro para além do envelope do corpo, como a abertura à dimensão amorosa pode introduzir a dimensão analítica sob o manejo da transferência tomada como amor ao saber endereçado ao próprio inconsciente, dimensão presente no segundo tempo do tratamento de Linda. Mas a dimensão pulsional já estava mobilizada na porta de entrada, pela posição a partir da qual foi acolhido o que não passou pela formulação de um pedido.

O caso nos abre uma perspectiva de investigação, seguindo mesmo a exortação de Lacan na Conferencia de Genebra, quando aponta a dimensão psicossomática como uma via a ser explorada. Trata-se de prosseguir investigando a articulação teórica presente nesta tese que aponta para as duas séries que a letra desenha nesse tratamento, claramente distintas, ao mesmo tempo interligadas. Aqui julgamos, portanto, que é a teoria da letra que permite a releitura do dispositivo, necessária para a inclusão de casos em que a dimensão de holofraseação nos apresenta modalizações do gozo, a princípio impermeáveis. Na pratica só uma casuística importante e documentada poderá nos fazer avançar.

Considerações finais

Escrever é uma ocupação bastante comum.

Todavia é uma ocupação muito preciosa.

Sei Shônagon

À margem da operação lógica da qual Lacan extraiu conceitualmente o sujeito foracluído pelo mesmo ato que o engendrou, no nascimento da ciência moderna, Freud introduziu um saber novo. Capaz de ler nas entrelinhas, Freud ouviu o que não estava acostumado a ver como médico e circunscreveu uma dimensão de saber, paradoxalmente manifesto como um não saber que se sabe. Dentro dos contornos desenhados por este saber barrado à consciência, encontramos com Freud uma dimensão que faz obstáculo à leitura da clínica em termos de pura decifração. Insistem, a cada caso, pontos imantados por uma significação que não se reduz ao sentido das palavras, “pontos de umbilicação do próprio sujeito nos cortes significantes” (Lacan 1966/1998, p. 717).

Esse saber novo na clínica, que restitui o sujeito ao próprio discurso, não se basta nas formulações lógicas. O conceito, sempre na defasagem em relação ao real, encontra em Freud possibilidades novas. A invenção da pulsão, uma noção circunscrita entre contornos míticos e biológicos, sempre um pouco incompletos, vem nomear um campo da experiência que só é possível circunscrever. A noção de pulsão comporta o furo que o próprio sexual cava na arquitetura das representações do mundo e do corpo. No furo lógico do sujeito do inconsciente, Freud nos revelará esse outro furo que vem redobrar a inconsistência como marca do real. Não há formulação conceitual que venha nomear o furo engendrado na experiência de si a partir de um corpo sexuado. O caminho será sempre singular, como abordamos a partir das experiências de passe. Ao revelar o limite da palavra como representação, o corpo vai sustentar uma relação com o significante que não pode ser circunscrita pelos contornos dados pelo sujeito vazio.

Ao efeito fundamental da inscrição de uma natureza linguística para o falante vem sobrepor-se o próprio corte produzido por essa metaforização fundamental do universo. Diante do vazio do sujeito, o objeto que é furo e

também satisfação, extrapola as coordenadas de qualquer tentativa de redução do discurso analítico a uma hermenêutica. O discurso analítico é vivo, informando-nos sobre uma vida que comporta a morte, ao mesmo tempo em que só operando lugar à vida que arde sem explicação, sem tentar hipostasiá-la em fórmulas, como o faz a ciência. Nisso podemos afirmar que o ineditismo da psicanálise na aurora de seu nascimento se reitera nas soluções sempre inéditas, sempre singulares, invenções que se dão a cada caso.

Partimos do *Einzigster Zug* freudiano, destacado por Lacan para elevá-lo ao efeito fundamental da entrada do sujeito na linguagem. O traço essencial definido por seu apagamento engendra a leitura dos efeitos de significação experimentados pelo vivente lançado na linguagem. Condenado à experiência de sua falta-a-ser o sujeito deverá inventar a vida com os restos que a palavra também lhe designa. Assim, à castração, efeito mortificante da linguagem sobre o vivo, fundamental para a formulação do inconsciente como efeito da operação de transposição da vida na linguagem, agrega-se um passo conceitual em Lacan que permite fazer uma reinterpretação desse ato inaugural do engendramento do vivo pela linguagem, comportando efeitos de furo, de resto e de reiteração.

Aí Lacan nos introduzirá pelas vias de uma noção com a qual propõe o contorno para fenômenos que evidenciam que ao universo infinito da ciência Freud responde com um outro infinito que requer o limite, a finitude para esboçar-se. A dimensão do gozo condicionada pela língua que se fala, impede qualquer tentativa de aproximação do gozo de uma natureza anterior à linguagem. Tendo o objeto *a* como pano de fundo exatamente por sustentar-se numa dupla natureza: epistêmica e libidinal, buscamos circunscrever com Lacan a especificidade do corpo dentro da leitura que a psicanálise propõe. Recolhemos as coordenadas que encontramos em Freud e Lacan como vias de facilitação teórica sobre as quais construímos, a partir dos exemplos clínicos em que nos apoiamos, a concepção do corpo como uma invenção soletrada nos três registros da experiência, que só se articulam como vida a partir do *sinthoma*. Uma trama que nunca é perfeita, sempre falha, inacabada, passível de novas amarrações.

A mágica que Freud operou em sua leitura do sintoma foi o que permitiu a leitura de todo um campo inaudito da experiência humana, a partir da inscrição do

próprio analista em seu campo de intervenção. Não há atitude metodológica precedente que se aproxime do ato de Freud que soube, sobretudo, extrair as consequências de seu próprio ato, inaugurando mais do que um novo método de tratamento, uma nova perspectiva ética no campo da clínica. Para além das recomendações aos que exercem a psicanálise, Freud deixou como maior herança o seu próprio confronto com a experiência de que também era objeto. Com Lacan esta herança ganhará contornos da formalização a partir da introdução do objeto *a*, que na sucessão de suas reformulações torna-se capaz de encarnar o saber que não pode ser totalmente escrito pela teoria e que depende do que cada analista coloque de seu, nas análises que conduz, a partir de sua própria experiência de analisante como os testemunhos de passe nos ensinam.

Recolhemos nas situações clínicas abordadas, o próprio limite da análise tomada pela via do inconsciente. Com o ensinamento que os testemunhos de passe inscrevem na prática analítica, fizemos a experiência de leitura que esta nova perspectiva nos informa frente os impasses colocados pelos casos que interrogam o dispositivo fundado na teoria do sujeito, Outro e resto. Não há dúvidas de que o corpo está presente desde o nascimento da psicanálise, mas o novo ângulo que a concepção da letra introduz permite um novo giro em torno da problemática do corpo para além dos pressupostos estabelecidos em Freud, dos quais Lacan serviu-se a ponto de chegar a introduzir algo novo, seu objeto pequeno *a*.

O que vimos, a partir da clínica, é a formulação sintomática como a elucubração que permite ao sujeito integrar essa experiência sempre mais ou menos aquém ou além de si mesmo. Uma vez que a existência na linguagem introduz na espécie humana a defasagem entre o vivido e o que se pode transmitir, Freud encontrou um modo particular de recolher e tratar o irrepresentável, o furo que insiste para cada sujeito como sua própria possibilidade de formular-se para além de qualquer enquadre definitivo. Nessa margem de vida que o discurso analítico porta, ancoramos nossa prática, mas não sem levar em conta o que devemos colocar de nosso aí, o que comporta a margem de invenção que encontramos na experiência.

Do traço em Freud, que inscreve o vazio do sujeito fazendo do corpo superfície, a partir de seus furos, mas também por instaurar a hiância que separa o

ser do corpo. Vimos como Lacan nos conduziu a partir dessa hiância até o ponto que lança mão de uma nova grafia do sintoma para circunscrever sua concepção daquilo que funciona para o sujeito calibrado pelo gozo como sutura, tecida com os fios de sua experiência na linguagem. Joyce, como paradigma dessa perspectiva clínico-teórica, a partir da escrita e do uso próprio que faz das línguas, se constrói um ego de artista, forjando algo que permite operar onde o imaginário, a consistência da imagem do corpo sustentada na boa forma, vacilava. Sua escrita é o seu sinthoma, o que lhe permite dar os contornos a um corpo, por meio da invenção de si como artista. Vemos, portanto, que a existência de pontos de passagem entre campos aparentemente heterogêneos é efeito do trabalho de subjetivação de cada um.

Mas, o que se inventa senão o próprio modo de estar no mundo? É a partir de nossos corpos que experimentamos nossa própria presença no mundo. Da forma, aos fragmentos, com o quê de imagem que também comportam, encarna-se a substância da vida que nos habita, para além da vida que a ciência define com suas fórmulas, cadaverizando a vida que agita nossos corpos. Percorremos nossa investigação tomando o corpo como estrada. Tivemos como ponto de partida o caso de Linda, que com sua experiência singular de habitar um corpo nos ofereceu a possibilidade de interrogar o corpo a partir das modalizações do gozo, informando-nos sobre as diferentes faces dos efeitos do choque das palavras com o corpo, mas interrogando-o a partir do dispositivo analítico, diferentemente de Joyce.

Como apresentamos no segundo e terceiro capítulos a verdade inscrita no corpo toma a forma de hiância, na descontinuidade que o próprio inconsciente representa ressoando nos furos do corpo. Nessas zonas marcadas pelo encontro com a demanda e o desejo do Outro subvertem a necessidade, no caráter contingente que a linguagem introduz. Fazer corpo não depende da extração do objeto, mas da localização do sujeito e do aparelhamento do gozo. O órgão fora do corpo, o falo, faz ponto de basta a partir da significação fálica para a neurose, mas Chiara, Nagiko e Linda nos dão mostras do que mesmo nesta perspectiva algo passa por fora da metáfora. Elas não são desabonadas do inconsciente como Joyce que nos apresenta seu modo de elucubrar pela modalização de seu gozo o choque das palavras com o corpo e nos revela uma outra face do gozo que não

articula-se ao furo, mas à rasura.

A centelha que fixa num sintoma sua dimensão de gozo nos convoca a pensar que não podemos mais separar saber e gozo. Sabemos que o significante não se presta a esta conjunção, pelos efeitos de afânise que a articulação da cadeia prescreve ao sujeito. Trabalhando com a concepção do que Lacan chama, desde o início de seu ensino como a dimensão material do significante, aparelhamos nossa discussão sobre o tema, a partir do terceiro capítulo. A nova tensão que se estabelecerá abolirá a questão da temporalidade fundada na retroação do tempo, *Nachträglichkeit*. Ao inaugurar uma zona que chamará litoral da letra, cujos efeitos não estão dados numa origem, mesmo constituída *a posteriori*, a letra, tomada pela perspectiva da rasura, como abordamos, introduz na temporalidade a contingência do encontro.

A letra virá em Lacan ampliar a matriz com a qual operamos nossa leitura acerca do que se passa na clínica, permitindo recolher o duplo efeito de mortificação e vivificação, uma retomada em outros moldes, da dupla operação de alienação e separação, na origem do sujeito. Do furo lógico ao sujeito calibrado pelo gozo, tal como formulamos, introduz-se a perspectiva da satisfação possível, nos termos da positivação que a libido assegura ao sujeito do inconsciente ancorado em seu corpo, como abordamos. Vimos a partir das vicissitudes narradas por Linda como o fenômeno psicossomático, reduzindo aqui ao efeito de lesão nos órgãos do corpo e a suspensão do lugar do sujeito no discurso, nos permitiu lançar a interrogação sobre o estatuto do corpo e circunscrever nossa resposta a partir da introdução de uma interrogação acerca da escrita na leitura que a operação analítica introduz na clínica.

Lacan em muitos momentos aproxima o psicanalista do artesão ao afirmar que se trata na clínica de um saber precário por definição. Sua matéria prima é a palavra, mas não podemos reduzir a psicanálise a uma prática da palavra. Acreditamos que esta tese nos permitiu demonstrar isso. Assim, longe do saber conhecimento, da garantia de verdades universais, o psicanalista funciona na experiência onde o discurso que sustenta sua prática é criador de um dispositivo único onde “o real toca no real” (Lacan, 2001/2003, p. 545), mas não por um passe de mágica e sim pelo que passa na posição do daquele que se coloca na

posição de analisante na condução dos casos. Trata-se, portanto, da construção de um outro caminho com Lacan.

Partimos com Freud da invenção do inconsciente que “não é ambiguidade de condutas, futuro saber que já se sabe por não se saber, mas lacuna, corte, ruptura que se inscreve em certa falta” (Lacan, 1964/1988, p. 146) para investigarmos o que do texto do sujeito nos revela um para além da análise do próprio inconsciente. E nos apoiamos na clínica, a partir da experiência de analistas que, alcançando os limites de sua própria análise, podem transmitir o ineditismo de suas próprias invenções, a partir dos restos inalisáveis de seu gozo. Como analista de seu próprio inconsciente, como destacamos a partir do testemunho de passe de Marcus André Vieira e desenvolvemos com o testemunho de Silvia Salman, o analista encontra o limite diante do qual apenas a invenção pode ampará-lo. A posição decidida que tomamos permite que uma análise seja levada a termo, ao encontro com os restos sintomáticos que ravinaram o leito de uma existência, no qual vem habitar o sujeito, sustentando esse desejo inédito como causa para outros sujeitos.

O corpo como tema central de nossa investigação foi se enunciado no traçado entre a retomada de referências conceituais e a experiência clínica. Circunscrito, mas não definido, o corpo constitui esse operador que nos interrogou e ao mesmo tempo nos conduziu pelas veredas da própria prática analítica. Mas nossa investigação sobre o corpo foi fruto do efeito do encontro, na clínica, com manifestações que extrapolavam as coordenadas da castração freudiana. A contundência dos efeitos do tratamento na direção dos casos não fala por si. E por isso mesmo convoca a elaboração, da qual esta tese constitui uma versão.

Nesta operação nos servimos de referências clínicas que conjugam a experiência feminina e a psicose. Sabemos como Lacan promove deslocamentos importantes nos anos 70, a partir de sua investigação em torno do que vai se formulando como uma teoria sobre a feminilidade fundada sobre uma doutrina diferencial do gozo, também acessada a partir da clínica da psicose. Nossa elaboração não chega a tratar esta perspectiva de modo exaustivo, mas com pinceladas experimentais deixamos ao longo do trabalho várias indicações que podem servir como introdução ao tema.

A clínica nos introduziu a partir do tratamento de casos refratários ao dispositivo orientado pelo aparelhamento do inconsciente, na elaboração que nos conduziu à reiteração do gozo como uma noção capaz de alojar a conjugação teórica entre corpo, gozo e subjetivação. Apoiados no campo conceitual que a letra nos fornece a partir da Lacan, desde o seminário da “Carta Roubada”, circunscrevemos as duas vias pelas quais a dimensão da escrita se apresenta nas séries que destacamos como: escrita traço – sujeito, Outro e resto – e escrita trama – nó, gozo e letra. Acreditamos que isto constitui uma abertura que permite conjugar na clínica a variedade de manifestações com as quais nos deparamos estendendo nossos conceitos para ampararmos a transmissão com a qual a própria psicanálise consente.

Referências bibliográficas

ALLOUCH, J. **Letra a letra**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1994.

BARROS, M. de. **Arranjos para assobio**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

BONAZZI, M. “La scrittura e l’inconscio. Dalla lettera rubata alla lettera velata”. In: COSENZA, D. E D’ALESSANDRO, P. *L’inconscio dopo Lacan*. Milano: Edizioni Universitarie di Lettere Economia Diritto, 2012.

CHATENAY, G. **Symptôme nous tient**. Psychanalyse, science, politique. France : Éditions Cécile Default, 2011.

CHENG, F. “Lacan et la pensée chinoise”. In: **Lacan – L’Écrit, L’Image**. Paris: Flammarion, 2000.

COSENZA, D. “L’inconscio tra matema e reale”. In: COSENZA, D. E D’ALESSANDRO, P. *L’inconscio dopo Lacan*. Milano: Edizioni Universitarie di Lettere Economia Diritto, 2012.

_____. “La comunità terapeutica come luogo della cura”. In: COLOMBO, D; COSENZA, A.; COZZI, A. *Villa La cura della malattia mentale – Il trattamento*. Milano: Mondatori Editori, 2001.

FOCCHI, M. “Lettera/Numero. In: COSENZA, D. E D’ALESSANDRO, P. *L’inconscio dopo Lacan*. Milano: Edizioni Universitarie di Lettere Economia Diritto, 2012.

FOUCAULT, M. [1977] **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1980.

FREUD, S. [1888-1893] “Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas”. In: **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. I.

_____. [1895] “Projeto para uma psicologia científica”. In: **ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. I.

- _____. [1896] “Carta 52”. : **ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. I.
- _____. [1900] “Interpretação dos sonhos” (Parte I). In: **ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. IV.
- _____. [1900] “Interpretação dos sonhos” (Parte II). In: **ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. V.
- _____. [1905] “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. In: **ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. VII.
- _____. [1910] “A perturbação psicogênica da visão”. In: **ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v.
- _____. [1912] “Uma nota sobre o inconsciente na psicanálise”. In: **ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. XII.
- _____. [1914] “Sobre o narcisismo: uma introdução”. In: **ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. XIV.
- _____. [1915] “O inconsciente”. In: **ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. XIV.
- _____. [1915] “Os institutos e suas vicissitudes”. In: **ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. XIV.
- _____. [1917] “As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal”. In: **ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. XVII.
- _____. [1920] “Além do princípio do prazer”. In: **ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. XVIII.
- _____. [1923] “O ego e o id”. In: **ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. XIX.
- _____. (1924[1923]) “Neurose e psicose”. In: **ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. XIX.
- _____. [1925] “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos”. In: **ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. XIX.

GUÉGUEN, P.-G. “Eventi di corpo e interpretazione”. In: *La Psicoanalisi – Studi internazionali del Campo freudiano – Rivista italiana della scuola europea di Psicoanalisi*, n. 45, 2009.

_____. “Che cosa chiamiamo Il nostro corpo?”. In: *La Psicoanalisi – Studi internazionali del Campo freudiano – Rivista italiana della scuola europea di Psicoanalisi*, n. 28, 2000.

KOYRÉ, A. [1953] **Estudos do pensamento científico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.

_____. [1973] **Do mundo fechado ao universo infinito**. Rio de Janeiro: Forense Universitária/EDUSP, 1979.

LACADÉE P. (1990) **Ce qui fait discord**. Séries de la Découverte freudienne, n. 10, 1994.

LACAN, J. [1953-1954] **O Seminário – livro 1**: os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1983.

_____. [1954-1955] **O Seminário – livro 2**: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

_____. [1959-1960] **O Seminário – livro 6**: o desejo e sua interpretação. **Inédito**.

_____. [1959-1960] **O Seminário – livro 7**: a ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991.

_____. [1962-1963] **O Seminário – livro 10**: a angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____. [1964] **O Seminário – livro 11**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.

_____. [1966] **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. [1966] “Psicanálise e Medicina”. In: *Intervenciones y Textos*. Buenos Aires: Manantial, 1988.

_____. [1968-1969] **O Seminário – livro 16**: de um Outro ao outro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

_____. [1969-1970] **O Seminário – livro 17**: o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

_____. [1971] **O Seminário – livro 18**: de um discurso que não fosse semblante. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

_____. [1972-1973] **O Seminário – livro 20**: mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

_____. [1975]. “Conferência de Genebra sobre o sintoma”. In: *Opção Lacaniana*, n. 32. Escola Brasileira de Psicanálise, 2001.

_____. [1974-1975] **O Seminário – livro 22**. Inédito.

_____. [1975-1976] **O Seminário – livro 23**: O sinthoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

_____. [2001] **Outros Escritos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003.

LAURENT, E. **Versões da clínica psicanalítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

_____. “La lettre volée et le vol sur la lettre”. In : *La Cause freudienne*, n. 43. Paris: Navarin-Seuil, 1999.

MANDIL, R. *Os efeitos da letra: Lacan leitor de Joyce*. Rio de Janeiro: Contra Capa Ed./Faculdade de Letras da UFMG, 2003.

_____. “Joyce a e a ideia de si como corpo”. In: *Tessituras, Interações, Convergências*, XI Congresso Internacional da ABRALIC. São Paulo: USP, 2008.

MARTY, P. *Mentalização e psicossomática*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

MATTET, D. (2009) Non ci sono analisti in istituzioni ma effetti analitici. In: *Attualità Lacaniana – Rivista della Scuola Lacaniana di Psicoanalisi*, Milano, nov/2010.

MELLO FILHO, J. et al. **Psicossomática hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2010.

MELLO NETO, J. C. **Educação pela pedra**. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2008.

MILLER, J.-A. **Lacan Elucidado**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

_____. “Prólogo aos *Outros Escritos*”. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. “Biologia lacaniana”. In *Opção Lacaniana*, n. 41. São Paulo: Ed. Eólia, 2004.

_____. “A topologia no ensino de Lacan”. In **Matemas I**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

_____. “Os seis paradigmas do gozo”. In *Opção Lacaniana*, n. 26/27. São Paulo: Ed. Eólia, 2000.

_____. *E(x)* In: *Matemas II*. Buenos Aires: Manantial 2003. p.p. 165-172. **a**

_____. Algunas reflexiones sobre el fenómeno psicossomático. In *Ibid.* p. p. 173-181. **b**

_____. **Los usos del lapso**. Buenos Aires: Paidós, 2005. **a**

_____. “Deux modes de l’écriture, deux jouissances”. In: *Lettre mensuelle*, n. 240. Paris: École de la Cause freudienne, 2005. **b**

_____. “Uma leitura do Seminário: De um Outro ao outro”. In *Opção Lacaniana*, n. 49. São Paulo: Ed. Eólia, 2007.

_____. “Ler o sintoma”. Blog da AMP, 2011.

MILNER, J.-C. **A obra clara**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar Ed., 1996.

_____. **El periplo estructural: figuras y paradimas**. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

____. **Les noms indistinct**. Paris: Seuil, 1983.

MONDAZIN, M.-J. *Il commercio degli sguardi*. Milano: Edizione Medusa, 2011.

MORAES REGO, C. “Traço, letra e escrita na barra da psicanálise”. Tese de Doutorado PUC, 2005.

RENNÓ, C.L. (2010) <http://pt.scribd.com/doc/111119968/Celso-Renno-Sobre-o-Traco>

SAUTOY, M. **A musica dos números primos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

SALMAN, S. *El reverso del amor*. In: *El Caldero de la Escuela-Nuova*, n.14, 2010.

____. “El misterio del cuerpo que habla”. Testemunho de passe apresentado na Seção Rio-EBP, 2011.

SANTIAGO, J. “A sessão lógica”. In: *Opção Lacaniana online – Revista Brasileira da Escola Internacional de Psicanálise*, 2004.

STEVENS, A. “Clinique de la lettre”. In: *Quarto*, n. 92, 2008.

____. “Remarques sur l’usage du terme holophrase dans l’enseignement de Jacques Lacan”. DEA. Paris VIII, 1986.

____. “L’holophrase, entre psychose et psychosomatique”. In: *Ornicar ?*, n. 42. Paris : Editeur Navarin, 1987.

TARRAB, M. **En las huellas del síntoma**. Argentina: Grama, 2005.

VIEIRA, M. A. *A Ética da Paixão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

____. *Restos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

____. *Seminário A política do sintoma*, 2007. www.litura.com.br

____. “Mordidavida”. In *Opção Lacaniana* - Revista Brasileira da Escola Internacional de Psicanálise, nro 65, Abril 2013.

VILANOVA, A. “Do corpo finito ao infinito no corpo – considerações sobre a psicanálise e a medicina” 2000. PROPSAM – Psicanálise. IPUB-UFRJ.

____. “Fé na imagem”. In: **Latusa**, n. 17. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012.

____. **Rivista Appunti** – Scuola di Psicoanalisi del Campo Freudiano. Ottobre, 2012.

ZENONI, A. (1999/2000). “Fuori corpo e anima”. In: **La psicoanalisi**, n. 28. Roma: Casa Editrice Astrolabio.

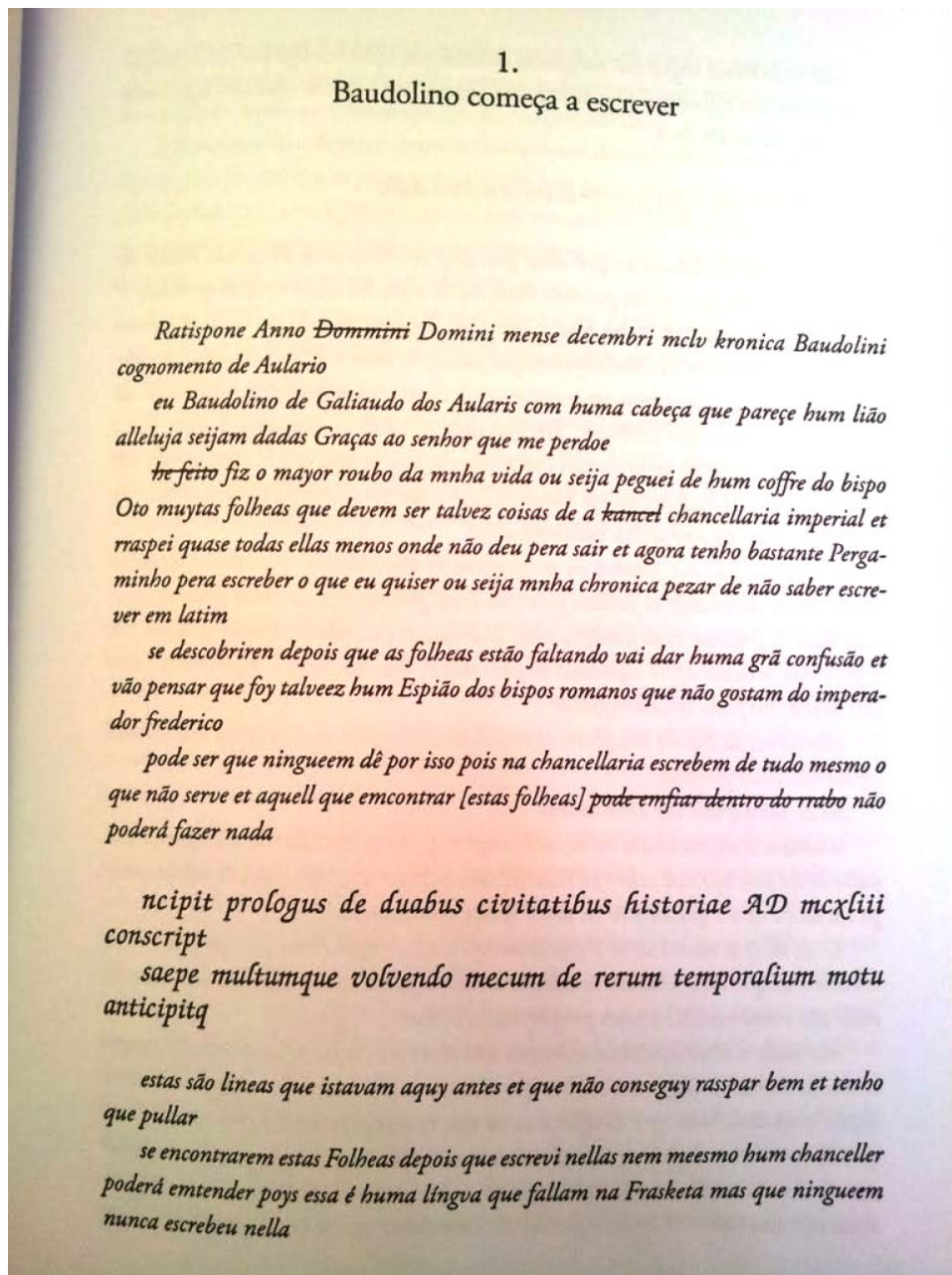
____. “Qué respuesta al monosíntoma?”. In: GLAZE, A. (Org.) **Una práctica de la época**: el psicoanálisis em lo contemporâneo. Buenos Aires: Gramma, 2005.

8

Anexos

8.1

Escrita em palimpsesto, Eco (2001)



8.2

Artigo “Fé na imagem”⁴⁷

Andréa Vilanova

Resumo

A prática clínica que a psicanálise orienta pode desdobrar-se em dispositivos variados. Trata-se aqui de interrogar a tensão que se estabelece numa prática institucional que coletiviza para viabilizar a emergência de efeitos de sujeito. O caso apresentado orienta a discussão, situando as relações entre corpo e sublimação na clínica dos distúrbios alimentares. Desta experiência extrai-se o valor do objeto *a* para a consistência imaginária do ser falante (parlêtre).

Abstract

The psychoanalytically oriented clinical practice can unfold into different devices. The point here is to question the tension which takes place in the collective institutional practice in order to give way to the emergence of the subject's effects. The case we present here guides the discussion locating the relation between the body and sublimation in the clinical approach to eating disorders. Through this experience we take from the object *a* its value for the imaginary consistency of the speaker (parlêtre).

Palavras-chave

Instituição, distúrbios alimentares, sublimação, imagem e objeto *a*.

⁴⁷ Publicado na Revista Latusa, 2012.

Ao longo de alguns meses de permanência na comunidade terapêutica⁴⁸, onde está em acompanhamento, Chiara fala pela primeira vez, no grupo que acompanho, de sua experiência de entrada no tratamento, o que não corresponde efetivamente à data de sua admissão na comunidade. Convivendo há vários anos, desde a adolescência, com manifestações de uma grave anorexia associada a episódios de bulimia e ingestão excessiva de álcool, refere-se a um momento em que passou a “perceber alguma coisa que não percebia antes”. Esta mudança de percepção é a manifestação de um novo modo de conceber seu próprio corpo.

O convite de *Latusa* encontrou eco imediato na minha experiência atual. Há cerca de seis meses estou vivendo uma experiência muito particular, acompanhando as atividades desenvolvidas em uma comunidade terapêutica de orientação psicanalítica voltada para o tratamento de casos graves dentro da categoria dos quadros de transtornos alimentares. O adjetivo grave aqui toma como referência o fato de que se trata de casos que já fizeram certo percurso pelas instituições especializadas dentro da estrutura de saúde mental na Itália: ambulatórios, hospitais da rede pública e, também, em muitos casos, comunidades terapêuticas de orientação cognitivo-comportamental.

Para começar, considero importante destacar que o trabalho orientado pela psicanálise em uma instituição como La Vela, com sua proposta de abordagem clínica dos casos, está em disjunção com a orientação tradicionalmente seguida no campo dos distúrbios alimentares. Interrogo como a psicanálise pode orientar uma experiência clínica numa instituição que se caracteriza pelo afastamento radical da vida cotidiana, numa espécie de internação sob regras que coletivizam, mas também por uma abordagem que permite a emergência do mais singular em cada caso, o eixo do nosso trabalho na clínica.

A estratégia de construção de uma comunidade de identificação, uma comunidade de gozo, a partir do sintagma *distúrbios alimentares* é o ponto de

⁴⁸ Comunità Terapeutica La Vela – Moncrivello - Itália. O trabalho desenvolvido na instituição é orientado pela psicanálise, sob a direção científica de Domenico Cosenza, psicanalista da Scuola Lacaniana di Psicoanalisi – AMP.

partida para operar com casos diante dos quais somos impotentes se nos orientamos pelas referências de uma clínica orientada pela perspectiva do simbólico, onde o sintoma se apresenta como endereçamento, ou as manifestações do inconsciente indiquem a presença de um sujeito em afânise, o sujeito assujeitado à linguagem. Os sujeitos aqui em questão experimentam de outro modo os efeitos do encontro das palavras com os corpos.

Seguindo a própria orientação de Lacan, não se trata, portanto, de domesticar o gozo, como pretendem as práticas pedagógicas e terapêuticas que permitem uma rápida recuperação do peso corporal em função da manutenção de suas regras rígidas, da alimentação mecânica, ainda que, em geral, se perca o corpo adquirido pouco depois, nas “recaídas” recorrentes. Em La Vela a exceção opera, a regra não vale por si mesma e não se está em busca da recuperação ou do alcance de parâmetros generalizantes. Interroga-se no fazer cotidiano o que cada uma das pacientes pode alcançar, ou, o que seria a cura em cada caso e, portanto, como acolher e construir a partir dos elementos de cada caso, o manejo da artificialização da vida que constitui uma internação. Lembremos que Freud aponta esta dimensão de uma relação artificial, ainda que fale em amor verdadeiro, quando se refere ao que se configura numa experiência de análise. É, portanto, numa certa suspensão que se desenrola nossa prática, mas que se engendra a partir do real da existência. É isto que encontro em La Vela como efeito do próprio dispositivo analítico operando a partir de uma lógica coletiva.

Sabemos que a experiência da pulsão é crucial para os desdobramentos operados nas construções teóricas que conduziram Freud e também Lacan, que circunscreveu esta dimensão pela categoria do real. Na primeira formulação das pulsões que compreende especialmente os *Três Ensaio*s (1905), a *Perturbação psicogênica da visão* (1910) e *As pulsões e seus destinos* (1915), Freud estabelece uma concepção dualista da pulsão, numa oposição de forças entre a tendência sexual e as forças egóicas. Mais especialmente, no texto de 1915, nos apresenta quatro possibilidades de resposta frente à exigência pulsional, ao que define como vicissitudes ou destinos das pulsões, soluções que parecem demonstrar uma conjugação destes pólos antagônicos em modulações distintas: recalque, sublimação, retorno sobre o próprio eu e reversão (atividade-pasividade e amor – ódio).

A propósito da discussão incitada pelos editores, tomaremos a sublimação, privilegiando aqui este modo de ciframento do gozo pulsional para propor algumas considerações acerca de uma peculiar prática institucional com casos que apresentam o traço diferencial de uma satisfação que privilegia a dimensão oral do objeto, encarnada no alimento, quer seja pela ingestão excessiva, pela recusa ou pela ingestão seguida da expulsão. Se, em Freud a pulsão implica uma forma de defesa contra a própria pulsão, fica evidente que, nestes casos, não se trata de intervir de modo a reeducar, pela perspectiva de restaurar uma hipotética relação natural com a alimentação, na via de manutenção da vida. A dimensão da pulsão nos ensina sobre a vida que não cabe dentro da vida. Mas o que nos indica o título proposto para esta publicação? “Um corpo que cai”, que mesmo longe das telas do cinema não deixa de ser enigmático. E é pelo enigma que o corpo apresenta ao seu portador, que escolho interrogar as relações do corpo próprio com um dos destinos na pulsão, a modalidade de satisfação que Freud nomeou sublimação, destacando a dessexualização neste procedimento, em oposição ao recalque.

Prosseguindo na trilha da sublimação, vale destacar que antes mesmo de propor a formulação de 1915, Freud apresenta em seu texto de 1914, *Sobre o Narcisismo: uma introdução*, uma formulação em que a dualidade pulsional sofrera uma reformulação, a tensão está, então, entre o eu e o objeto e a sublimação é afirmada como um processo que diz respeito ao investimento no objeto e consiste no fato de a pulsão se dirigir no sentido de uma finalidade diferente e afastada da finalidade da satisfação sexual. O campo da sublimação ganha novos contornos: a sublimação se articula como um processo que diz respeito à libido objetual e, por outro lado, a formação de um ideal torna-se central, na medida em que nesta operação o sujeito constitui para si uma miragem que o condena, como propõe Lacan na lição 7 do Seminário 7, onde aborda pela primeira vez o conceito de sublimação.

Para Lacan o narcisismo em Freud amplifica a problemática da relação com o objeto que se torna intercambiável com o amor que o sujeito tem por sua própria imagem. Se é nesta tensão que o sujeito se constitui, em torno da falta e da miragem que aí se apresenta, a concepção de sublimação comporta uma dimensão que, avessa à sintomatização, encontra-se articulada a efeitos sociais, como propõe Freud nos *Três Ensaio*s. O caráter social que comporta suscita uma

reflexão em torno dos discursos coletivizantes, das categorizações que tanto caracterizam nossa vida cotidiana. Como propõe Miller, em *A salvação pelos dejetos*, a sublimação aponta para uma socialização, pois “[...] efetua uma socialização do gozo. O gozo é socializado, quer dizer, integrado ao laço social, ao circuito das trocas. Ele é colocado a trabalho no discurso do Outro e para o seu gozo.” (2010, p. 2)

Podemos dizer que se trata de uma aparelhagem do gozo que não deixa espaço para o enigma que a satisfação alcançada pelo sujeito, com todo o mal estar aí incluído, por definição, possa produzir. O gozo do sujeito colocado a trabalho no discurso do Outro, do gozo do Outro, promove a consistência em torno do objeto, fazendo obstáculo ao trabalho do sujeito com relação ao seu próprio gozo. Este modo de fazer laço corrobora ao obstáculo a que, deste encontro, se possa se extrair o objeto *a*, operador fundamental, cujo efeito de separação instaura o corte entre sujeito e Outro.

Como avança Miller, no referido texto:

Observo o caráter problemático do que se designa como gozo do Outro, de que falei há pouco. Quando esse Outro se encarna sob o modo de outro corpo, o gozo que ele suscita no corpo de um permanece evidentemente separado do gozo que esse outro corpo experimenta. Quando o Outro designa o corpo social, se posso dizer, seu gozo, o gozo desse Outro, mantém-se como uma abstração. (p.3)

Reconhecemos esta tensão na orientação do trabalho realizado em La Vela, como um eixo em que se conjugam a produção deste Outro que se sustenta pelo discurso que faz existir a própria concepção de uma clínica dos distúrbios alimentares. Mas, ao mesmo tempo, se descompleta no saber que aí se produz, na prática, no corpo a corpo que os operadores sustentam, uma presença cotidiana a incitar novos encontros e confrontar as soluções já estabelecidas, desnaturalizando modos de funcionamento e de laço com o Outro e com os outros. O dispositivo de consulta também integra a dinâmica institucional, como um modo especial de reintroduzir o singular do sujeito e sua própria interpretação acerca do que se passa em seu corpo, em sua vida e nas relações que estabelece.

Identificar-se ao “sintoma anoréxico-bulímico”⁴⁹ vem sustentando o laço possível de Chiara com o mundo ao longo de muitos anos, mas Chiara, onde estaria nesta solução que, pelo que se pode recolher, vem conduzindo-a por uma via demissionária diante da própria vida. Lauren, em *Styles di vie*, 1993, indica que em relação aos ideais a psicanálise deve ir além deles, mas isto só o faz servindo-se dos mesmos. A meu ver, é exatamente o que opera na instituição, possibilitando o advento de novos enlaces diante da vida e da morte.

Chiara nos apresenta seu modo de gozo, uma modalidade sustentada em manifestações que fixam o sujeito de um modo particular, no qual o objeto é elevado à própria Coisa. “Quando o gozo é elevado à dignidade de Coisa, ou seja, quando ele não é rebaixado a indignidade do dejetivo, ele é sublimado, ou seja socializado.” (Miller, 2010 p. 2) O caso, bem enquadrado dentro do campo dos distúrbios alimentares, nos apresenta uma manifestação sofrimento que não coloca qualquer enigma sobre o que se passa em sua vida. Quando chega à comunidade apresenta um peso corporal crítico, além de vários efeitos de um longo caminho percorrido, marcado por uma eleição do objeto que não singulariza a posição do sujeito.

Sua entrada na comunidade se dá, como em geral, a partir de uma demanda alheia, no caso, do serviço de origem que a acompanha em sua cidade natal. Ela acolhe a indicação de tratamento sem esperança ou expectativa, mas também sem recusa. Descreve este momento de chegada como “um caos”. Diz, durante os encontros no grupo, que “não conseguia pensar”, não conseguia sequer formular uma questão para colocar a si mesma ou aos demais. “Não sabia por que estava aqui, mas também não sabia se devia estar em outro lugar”. Em certo encontro do grupo, quando a questão do peso corporal circulava, afirmou que nunca valorizou a “imagem da magreza”, até porque “tornava tudo mais visível para os outros”.

É importante destacar aqui o que se mostra como singular na relação de Chiara com a imagem, uma certa invisibilidade parecia sustentar-se na sua

⁴⁹ É em termos de sintoma, no sentido médico, que na comunidade todos se referem às manifestações alimentares.

impossibilidade de pensar, no “manter-se em segredo”, para que ninguém soubesse do que se passava com ela. Considera que entrou no tratamento, de fato, quando “uma nova maneira de perceber das coisas” se colocou. Efetivamente o olhar retornava em sua direção: “meu corpo tinha mudado de quando eu me lembrava... a pele envelhecida muito cedo, os cabelos e os dentes caíam, eu não podia mais sorrir...” Seu corpo caía aos pedaços.

Num dado momento afirma: “alguma coisa tinha se perdido e eu não vou mais encontrar”. Afirma que decidiu procurar um outro modo de “viver com o corpo que tinha restado”. De fato, a incidência do olhar que emergiu de seu encontro com a comunidade expôs as condições depauperadas em que se encontrava e promoveu o início de um movimento de recuperação das condições para equilibrar-se, levando em consideração a vida do corpo. Um novo modo de se a ver com o objeto? Parece que sim. Uma significativa recuperação do corpo enquanto imagem parece apresentar-se. A considerar, a partir de Lacan, que o ser falante adora seu corpo, é capturado pela imagem, podemos deduzir o valor de subjetivação destes efeitos.

Chiara afirma que passou a ter “fé na imagem”. É nestes termos que se constroem as condições de seu início de tratamento na comunidade. Poderíamos inferir que a emergência do Outro institucional encarnado nas presenças que sustentam essa prática clínica tem o seu valor transferencial, já que a permanência na comunidade é decisão de cada uma e Chiara consentiu em prosseguir. Encontramos algo da perspectiva de que “só o amor permite ao gozo condescender ao desejo” (Lacan 1962-63, p. 197). Podemos, ainda, considerar os efeitos de modalização na sua relação com o objeto, o que parece ter resultado neste olhar que retorna a reintegrar a vida ao corpo, um corpo que ganha consistência para ela, a consistência imaginária, a única consistência para o ser falante, como propõe Lacan no Seminário 23.

Segundo informações da equipe, poucos meses depois de ser admitida, Chiara não mostrava mais sinais dos sintomas alimentares, mas permanecia muito rígida em seu modo de estabelecer contato, demonstrando uma desafetação que intrigava a todos, juntamente com a aparente supressão dos sintomas. Prosseguia

na comunidade, mantendo-se muito rígida e racional, sempre com argumentos bem elaborados para confrontar suas companheiras de percurso.

No decorrer do tempo, começou a falar de uma expectativa de mudança para sua vida, passou a trazer alguns interesses que apontavam para a possibilidade de novas experiências fora da instituição. Algo que se configurava como uma demanda que ganhava contornos de um projeto de vida começou a ganhar forma e chegou o momento, alguns meses depois, em que Chiara passou a ocupar um lugar no grupo apartamento⁵⁰ para dar andamento às atividades que começava a desenvolver fora da instituição. Estava fazendo um estágio desenvolvendo atividades de restauração em madeira.

Para surpresa da equipe, ainda que estivesse advertida desde o início diante da supressão dos sintomas alimentares em um tempo considerado precoce, Chiara iniciou após algumas semanas uma retomada dos sintomas iniciais que a levaram para La Vela. Mas, diferentemente de sua ausência sem qualquer formulação possível, agora é capaz de dizer que “sei que não estou nem no sintoma”, referindo-se ao quadro alimentar e à ingestão alcoólica que se manifesta com toda sua virulência, “nem nas palavras racionais” que é capaz de proferir. Parece que estamos diante de um novo começo, onde, à diferença de um arranjo supressivo da sintomatologia, Chiara não esconde mais suas mazelas e acolhe seu próprio enigma. Na última sessão de análise leva um sonho: está de frente para seu analista, dentro da sala de atendimento na instituição, aproxima-se dele e retira a fita durex de sua testa. Parece que poderá, então, fazer o uso devido desta presença, desembrulhando-se.

⁵⁰ O grupo apartamento constitui uma estrutura atrelada à comunidade, uma espécie de residência terapêutica, cujo funcionamento permite maior autonomia, com a gestão da vida diária, inclusive a alimentação, deixada a cargo das próprias moradoras.

Referências

- FREUD, S. (1905) Três Ensaio. In ESB. Rio de Janeiro: Imago,
..... (1910) Perturbação psicogênica da visão. In Op cit.
..... (1914) Sobre o narcisismo: uma introdução. In Op cit.
..... (1915) As pulsões e seus destinos. In Op cit.
- LACAN, J. (1959-60) O seminário: livro 7. Rio de Janeiro: Zahar,
..... (1962-63) O seminário: livro 10 Rio de Janeiro: zahar, 2005.
..... (1975) O seminário: livro 23. Rio de Janeiro: Zahar,
- LAURENT, Éric. “Styles de vie”. In *La Cause Freudienne*, Revue de psychanalyse, n.25, sep. 1993
- MILLER, J.A. A salvação pelos dejetos.
http://www.ebp.org.br/enapol/09/pt/textos_online/jam.pdf

8.3

Texto apresentado na Seção Clínica de Milão**Dalla presentazione di una lesione all'enunciazione:****un'esperienza clinica****Andréa Vilanova**

Anna 40 anni, arriva al primo colloquio nell' ambulatorio dell' Istituto di Psichiatria dell'Università Federale di Rio de Janeiro, nella primavera del 2007. È stata seguita dall'Ospedale Universitário dall' inizio della sua malattia e poi è stata inviata da noi con la diagnosi di una supposta depressione che avrebbe reso più difficili le sue condizioni di salute. Tra le lacrime e le accuse, la ragazza si lamenta della condotta dei medici nel trattamento della sua “malattia intestinale infiammatoria”, una “malattia del colon”. A partire dall'offerta dell'analista di ascoltarla un po' di più, anche accogliendo il suo rifiuto di assumere gli antidepressivi e gli ansiolitici che lo psichiatra le aveva prescritto, do inizio ai colloqui nei quali potrà parlare dell'operazione chirurgica subita cinque anni prima: “mi hanno amputato!”

Nel corso dei colloqui tematici che sono durati un anno circa, dopo molto aver parlato della sua meticolosa attenzione rivolta alla scelta e alla preparazione del cibo, Anna racconta una scena: seduta sulle gambe di suo padre (sul suo *colo*⁵¹) mentre lui tagliava la carne e l'imboccava. Intervengo sottolineando l'assonanza *colon* e *colo*. Allora, per la prima volta, la parola di Anna acquisisce lo status di enunciazione: "Eh... sono diventata una ragazza e ho perso il *colo* di mio padre".

⁵¹ La parola *colo* nella língua portoghese vuol dire gambá. Sottolineasi qui l'evidente assonanza tra *colo* (del padre) e *colon* (parte dell'intestino, l'organo del corpo)

Prosegue parlando dei segni della pubertà come di una cosa che ha provocato il rifiuto di suo padre verso di lei, non sarebbe stata più la “bambina preferita”. Anna è la più giovane di quattro fratelli. È la prima volta che parla del suo corpo senza riferimento alle viscere, agli organi interni. Il corpo appare come immagine, unificato, disegnato sotto i contorni del corpo della pubertà, nonostante sia un momento di piena esplosione delle trasformazioni organiche.

Anzi il sessuale si presenta nella sua impossibilità di farsi rappresentare, nell'impossibilità del rapporto sessuale, nel senso in cui ne parla Lacan. Dal rifiuto del padre del corpo della ragazza, Anna passa a parlare delle sue esperienze amorose, della mancanza di corrispondenze nei rapporti, della sua angoscia nell'esperienza di maternità. Lei ha un bambino nato all'epoca della più grave manifestazione della sua malattia che l'avrebbe portata all'operazione chirurgica e quindi all' “amputazione”. I segni della malattia si erano presentati dopo che lei aveva “rotto con la famiglia”, all'età di vent'anni circa.

Nelle sedute Anna ha cominciato una intensa produzione significativa intorno all'impossibile di fare Uno con l'Altro sesso. È importante sottolineare che lei non ha fatto nessun commento sul mio intervento riguardante l'assonanza significativa. Però gli effetti dimostrano che si è trattato proprio di un'interpretazione. Lei è passata dalla fissazione del godimento all'associazione libera, un modo nuovo di sperimentazione della parola. Possiamo identificare un cambiamento di discorso, un'apertura che ha permesso l'avvento del soggetto stesso. Quindi in lei c'è un passaggio da una parola senza scarto, senza la falla che può alloggiare il soggetto, al discorso dell'inconscio, sostenuta dal transfert.

Nel fenomeno psicosomatico la dimensione del linguaggio come causa, porta un'aberrazione. Il linguaggio, primo corpo che fa il secondo nell'atto d'incorporazione, come insegna Lacan nel suo testo *Radiofonia*, non opera in modo da produrre il *corpse*, il corpo marcato dall'estrazione di godimento che lo fa diventare letto dall'Altro. Il morso del linguaggio non conduce alla *corpificazione*, mortificazione necessaria all'avvento della vita stessa.

“Nessuno ignora il punto critico da cui datiamo, nell'uomo, l'essere parlante: la sepoltura, ossia dove, di una specie, si afferma che al contrario di qualunque altra, il corpo morto mantiene in essa quanto conferiva al vivo il

carattere di corpo [corps]. Cadavere [corpse] resta, non diventa carogna, il corpo che la parola abitava, che il linguaggio corp[se]ificava.”⁵²

Nei punti dove il fenomeno si produce, dove le lesioni appaiono, il reale del corpo è in gioco. Nella lezione del 10 giugno del 1964 di suo *Seminario: libro 11*, Lacan nel 1964 mette in serie, il fenômeno psicosomatico, la debilità mentale e la psicosi, casi nei quali l’induzione significativa non mette in gioco l’*afanisis* del soggetto. Sono casi in cui l’alienazione significativa, concepita da Lacan come la “condanna [nella quale] il soggetto appare da un lato come senso, prodotto dal significante, dall’altro appare come afanisi”⁵³, non si fa oppure rimane precaria.

Possiamo localizzare la specificità per quanto riguarda il fenômeno psicosomatico nella Conferenza di Ginevra⁵⁴, testo in cui Lacan sottolinea il godimento specifico in questione, nè fallico, nè venuto dall’Altro come nella psicosi. Quel fenomeno presenta una sorta di manifestazione nella quale gli organi del corpo dimostrano l’effetto radicale dell’iscrizione del linguaggio sulla carne. È radicale nel senso che le disfunzioni gravi compromettono proprio la vita, in molti casi.

Lacan prosegue nel testo ed afferma che è attraverso la rivelazione del godimento specifico presente come fissazione che il fenômeno deve essere confrontato. Ed afferma che è in questo che possiamo aspettarci che l’inconscio possa servire a qualcosa. Infatti, abbiamo potuto localizzare nel percorso di questa cura l’entrata dell’altra scena nel gioco libidico, per usare le parole di Freud, un’apertura all’inconscio che ci invita a cercare gli effetti sul nuovo legame che si stabilisce tra godimento e corpo. Troviamo, nel caso in questione, dei tratti delle nuove modalità di godimento del soggetto a partire dalle sue nuove possibilità di inserimento nella vita e anche negli effetti di miglioramento della sua malattia.

⁵² J. Lacan, *Radiofonia*, in AA VV, *Scilicet*. Feltrinelli, Milano, 1977, p 159.

⁵³ J. Lacan, *Il Seminario, Libro XI, I quattro concetti fondamentali della psicoanalisi*, 1964, Einaudi, Torino 2003, p. 206.

⁵⁴ In *La Psicoanalisi. Studi internazionali del campo Freudiano*, n. 2, 1987, pp. 16 -34.

Come ha potuto il mio intervento promuovere gli effetti capitati, sentiti nelle parole della paziente, adesso analizzante? Cosa sarebbe accaduto a questo punto? Dal significante *colon* come segno che non fa catena, attaccato alla Cosa, nella carne, al significante *colo* come avvento di un significante metafórico, possiamo cogliere l'apertura alla simbolizzazione. Sembra che l'intervento in questione abbia contribuito alla connessione dell'iscrizione isolata di un'esperienza di godimento, alla catena significante. S'inaugura per Anna una dimensione più simbolica attraverso la via dell'amore: amore verso il padre/perdita dell'amore del padre, amore verso gli uomini, amore verso l'inconscio sotto transfert.

Come si è istaurata l'articolazione significante che ha permesso il cambiamento fondamentale del godimento, dal godimento autistico alla possibilità di un nuovo rapporto con il suo corpo e con gli altri? Qualche tempo dopo lei ha cominciato un rapporto amoroso con un ragazzo, il primo dopo l'intervento chirurgico. Tra l'altro ha trovato un'occupazione, nonostante avesse ottenuto da poco tempo una pensione d'invalidità. Sembra aver trovato la possibilità che un'analisi può offrire, come dice Freud, "amare e lavorare", un accesso all'infelicità banale nel suo legame con la gioia di vivere.

Il *colo perso* sembra inaugurare la catena significante. Dalla traccia di godimento, senza una possibilità di destinazione, Anna ha trovato un'apertura a cui non si può accedere senza un sintomo, nel senso analítico, cioè una sottrazione di godimento che si iscrive nel sapere stesso. Adesso si chiede come ha scelto il padre di suo figlio visto che è un "uomo assente" che "non risce ad essere padre".

Gli effetti del suo incontro con il discorso analítico possono essere percepiti anche sugli effetti di risonanza della parola sul corpo. Dopo l'intervento chirurgico che l'ha resa portatrice di una colostomia, Anna aveva bisogno di sottoporsi a una cura permanente del frammento dell'intestino rimasto, senza più funzione fisiologica, ma mantiene il retto e l'ano preservati. Tuttavia, le manifestazioni infiammatorie, caratteristiche della malattia la minacciavano con il rischio di essere forzata a estrarre quel frammento dell'organo e chiudere l'ano, una immagine che l'atterriva.

Nel percorso del nostro lavoro quel processo infiammatorio è cessato sotto gli effetti di un nuovo e sorprendente rapporto tra il corpo e il significante che si

manifesta anche nel miglioramento delle sue condizioni di salute. Anna non si sente più minacciata. Adesso i medici valutano la possibilità di un intervento chirurgico per la ricostruzione dell'intestino.

Come punto di partenza delle nostre riflessioni cliniche, sappiamo che delle nuove connessioni possono prodursi a partire dal lavoro che si riesce a fare al livello della lettera. Non abbiamo un sapere prescrittivo che possa operare in questo campo, il campo della lettera. Dobbiamo partire dal sapere del soggetto stesso. Cosa può aver permesso, nel caso di Anna, il passaggio al simbolico di alcune elementi di carattere immaginario nel loro intimo legame con il reale? Come stabilire le connessioni che hanno permesso l'annodamento del simbolico al legame tra l'immaginario e il reale nel caso?

Lacan afferma in *Radiofonia*⁵⁵ che l'interpretazione produce l'intrusione del significante stesso. Non parliamo qui di prendere gli effetti di interpretazione a partire dalla prospettiva di aggiungere senso, l'interpretazione va in altre direzioni, la direzione di promuovere uno svuotamento di senso attraverso il taglio. Il caso sembra aver proprio permesso di capire che l'operazione di taglio ha un effetto nel modo di annodamento dei registri, l'interpretazione si rivela essere un'operazione che può cambiare il nodo stesso.

Lacan nello stesso testo sottolinea che ci sono degli effetti del linguaggio precedenti alla significazione del soggetto, sarebbero degli effetti che si producono senza promuovere il soggetto attraverso la rappresentazione. Credo che lui parli della dimensione della lettera nella sua opacità davanti al discorso. Nel caso clinico in questione, elevare il *colon*, l'organo, alla categoria di significante, mettendolo insieme a colo, staccato della scena, sembra promuovere una serie, un'articolazione tra i significanti.

Lacan, come sappiamo, in molti momenti del suo insegnamento fa riferimento all'analista come a un artigiano che lavora con i materiali che si presentano. Così la sua materia è la parola, ma non possiamo ridurre la psicanalisi

⁵⁵ Op. cit..

a una pratica della parola. Allontanato dal sapere inteso come conoscenza, dalla garanzia delle verità universale, lo psicanalista funziona nell'esperienza, attraverso il discorso che sostiene la sua pratica, il discorso analitico, creatore di un dispositivo singolare che, come si può imparare nella esperienza clinica stessa ci permette di toccare il reale del godimento con il reale della parola.

D'ora in poi, catturata dal discorso analitico, Anna prosegue sperimentando gli effetti di una nuova cartografia della pulsione che fa il suo percorso, adesso attorno al vuoto, facendo posto ad un nuovo rapporto con l' oggetto. Con Lacan possiamo capire che si tratta di un effetto di presenza della funzione dell'oggetto come causa incarnata nella presenza dello psicanalista, però non senza il consenso del soggetto stesso.